

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PELOTAS  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS – MESTRADO E DOUTORADO

NARA WIDHOLZER

**GÊNERO EM *CARTA CAPITAL* E *VEJA*:**  
PROPOSTA PARA A TEORIZAÇÃO DO PARAGÊNERO TEXTUAL

PELOTAS, 2013

Nara Widholzer

**GÊNERO EM *CARTA CAPITAL E VEJA*:**  
**PROPOSTA PARA A TEORIZAÇÃO DO PARAGÊNERO TEXTUAL**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação  
em Letras da Universidade Católica de Pelotas,  
como requisito parcial à obtenção do título de  
Doutora em Letras.

Área de Concentração: Linguística Aplicada

Orientadora: Dra. Eliane T. A. Campello  
Universidade Católica de Pelotas

Pelotas  
2013

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

W639g Widholzer, Nara

**Gênero em *Carta Capital e Veja* : proposta para a teorização do  
paragênero textual** / Nara Widholzer . – Pelotas: UCPEL, 2013.

250f.

Tese (doutorado) – Universidade Católica de Pelotas , Programa de Pós-  
Graduação em Letras, Pelotas, BR-RS, 2013. Orientadora: Eliane  
T.A.Campello.

1.gêneros discursivos. 2.gênero. 3.paragênero. 4.Análise Crítica do  
Discurso. 5. revistas semanais . I.Campello, Eliane T.A., or. II.Título.

CDD 401.41

Nara Widholzer

**GÊNERO EM *CARTA CAPITAL E VEJA*:  
PROPOSTA PARA A TEORIZAÇÃO DO PARAGÊNERO TEXTUAL**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Católica de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Letras. Área de Concentração: Linguística Aplicada. Aprovada em 5 de dezembro de 2013 pela **banca examinadora** composta por:

---

Profa. Dra. Aracy Ernst Pereira  
Universidade Católica de Pelotas

---

Profa. Dra. Eliane T. A. Campello  
Universidade Católica de Pelotas

---

Profa. Dra. Márcia Ondina Vieira Ferreira  
Universidade Federal de Pelotas

---

Profa. Dra. Susana Bornéo Funck  
Universidade Federal de Santa Catarina

---

Prof. Dr. Vilson José Leffa  
Universidade Católica de Pelotas

*Para  
Maria e Fernanda, que ficaram junto.*

*To  
Gary, my coach.*

## **AGRADECIMENTOS**

Ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Católica de Pelotas – UCPel –, pela oportunidade de realizar estudos em nível de Doutorado e, sobretudo, pela sólida formação intelectual propiciada ao longo dos seminários e da convivência com seu corpo docente. Agradecimento especial à Profa. Dra. Carmen Lúcia Matzenauer, cujo apoio foi determinante para a conclusão desta tese.

À Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, pela liberação parcial de minhas atividades profissionais com vistas ao aperfeiçoamento acadêmico. Agradeço, em particular, à Profa. Dra. Ondina Fachel Leal, Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais, pela leitura dos capítulos introdutórios da tese, por suas qualificadas sugestões e pelo estímulo à conclusão de meu curso de Doutorado. Agradeço também ao Prof. Dr. Enrique Serra Padrós, Coordenador-Substituto do Programa, cujo incentivo foi igualmente importante. Por fim, às bolsistas PROPG Nara Márcia Tavares Rech e Rita de Cássia Inácio, por terem assumido parte de minhas atividades profissionais durante meus afastamentos.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela concessão de bolsa para realização de estágio de pesquisa na Universidade de Birmingham, mediante o Programa de Doutorando no Brasil com Estágio no Exterior (PDEE).

À Universidade de Birmingham, por ter me recebido como pesquisadora visitante, disponibilizando acesso ao Center for Corpus Research, à Biblioteca da Universidade, a seminários e a outras atividades acadêmicas. Em especial, agradeço à Profa. Dra. Carmen Rosa Caldas-Coulthard, por suas sugestões a esta tese desde o exame de qualificação, as quais foram decisivas para que o trabalho se redimensionasse em termos teóricos e do tratamento dos dados. Igualmente, agradeço a ela, juntamente com o Prof. Dr. Malcolm Coulthard, pela amável acolhida em sua residência na Inglaterra e por seu auxílio quanto às providências relativas à minha estada naquele país.

À Profa. Dra. Eliane T. A. Campello (UCPel), por ter assumido a orientação desta tese, pela confiança depositada no trabalho e pela gentileza que sempre se fez presente em todos os contatos que mantivemos, desde nosso primeiro encontro. Este texto foi organizado e desenvolvido a partir de sua competente orientação metodológica, a qual conferiu consistência e objetividade à estrutura da tese.

À Profa. Dra. Susana Bornéo Funck (UFSC), minha orientadora de gênero e gênero desde o ingresso no curso de Mestrado da UCPel. Guiada por seu incentivo, exemplo e produção acadêmica, produzi não apenas a dissertação de mestrado, mas também diversos outros escritos na área de gênero, em uma relação que foi além da convivência acadêmica. Esta tese iniciou-se sob sua orientação e, se assim não se concluiu, foi por motivos completamente alheios à sua competência. A exemplo de alguns livros, certas pessoas podem nos transformar intelectual e pessoalmente, neste caso, para o melhor. Agradeço também à honra concedida ao ter aceitado participar da banca examinadora desta tese.

À Profa. Dra. Aracy Ernst Pereira (UCPel), pelas sugestões metodológicas quando de sua participação na banca de qualificação desta tese, por seu exemplo como intelectual que prima pelo rigor acadêmico e por ter aceitado integrar a banca examinadora deste trabalho.

Ao Prof. Dr. Vilson José Leffa (UCPel), por ter ensinado que devemos escrever como “um leão que rugir, não como um rato que chia”, e por ter aceitado o convite para integrar a banca examinadora desta tese.

À Profa. Dra. Márcia Ondina Vieira Ferreira (UFPe), por ter aceitado o convite para integrar a banca examinadora desta tese. Foi uma agradável surpresa saber que iríamos nos reencontrar após tantos anos, e sob diferentes circunstâncias.

À Profa. Dra. Maria da Glória Corrêa di Fanti (PUCRS), pela orientação nas leituras das obras de Mikhail Bakhtin e de Dominique Maingueneau, no decorrer do seminário *Trabalho e Subjetividade*, oferecido pelo PPG em Letras da UCPel.

Para minha mãe, Maria Costa da Silva, e para minha irmã, Fernanda Costa da Silva, por terem sempre ficado a meu lado e pelo apoio logístico durante a escritura desta tese.

Aos Johnstons, de Coventry, pela gentil acolhida desde o primeiro Natal que passamos juntos. Em especial, a Bob e Margaret, por terem me sentido fazer parte de sua família, por compartilharem suas ricas histórias de vida e por todos os chás para os quais me convidaram. Esta tese é também dedicada a Gary, o *enfant terrible* com quem aprendi mais sobre igualdade de gênero do que qualquer livro poderia me ensinar. Gary sempre confiou em minha competência, e cada capítulo desta tese foi concluído sob seu incentivo via Skype.

Por fim, mas não menos importante, a Ana Lídia Weber Bisol (UCS) Denise Regina Jesien Farias (UFRGS), Denize Nobre Oliveira (IFSC), Márcia Rodrigues Gonçalves (UFRGS) e Renata Kabke Pinheiro (UFPe), pela amizade e pelo incentivo à conclusão da tese.

## ACKNOWLEDGEMENTS

To the Graduate Program in Linguistics of Universidade Católica de Pelotas – UCPel –, for granting the opportunity to accomplish the Doctoral degree studies and, first and foremost, for the solid intellectual education provided by seminars and companionship with its faculty. I am especially grateful to Professor Carmen Lúcia Matzenauer, PhD., whose support was decisive to the completion of this dissertation.

To Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS –, for the partial release of my professional activities in light of my academic improvement. I am particularly grateful to Professor Ondina Fachel Leal, PhD., Coordinator of International Relations Graduate Program, for reading the introductory chapters of this dissertation, for her suggestions and for the incentive to the completion of my Doctoral degree program. I also thank Professor Enrique Serra Padrós, PhD., Deputy Coordinator of the Program, whose incentive was also important. At last, I thank Nara Márcia Tavares Rech and Rita de Cássia Inácio, fellowships of the PROPG Program, for assuming part of my professional activities during my leave of absences.

To Coordination for the Improvement of Higher Education Personnel (CAPES), for granting a scholarship to the accomplishment of research internship at University of Birmingham, upon the Doctoral Student in Brazil with Internship Abroad Program (PDEE).

To University of Birmingham, for hosting me as a visiting researcher, for providing access to the Center for Corpus Research, to the University Library, to seminars and other academic activities. I would like to especially thank Professor Carmen Rosa Caldas-Coulthard, PhD., for her suggestions to this dissertation since the qualification examination, which were decisive to the re-dimensioning to this paper in theoretical terms and data treatment. Likewise, I thank her, along with Professor Malcolm Coulthard, PhD., for the warm reception in their house in England and for their support to the providences concerning my stay in that country.

To Professor Eliane T. A. Campello, PhD. (UCPel), for assuming the advisory of this dissertation, for the trust she deposited in this paper and for the kindness always present in all the contact we have had since the first time we met. This text has been organized and developed under her competent methodological advisory, which conferred consistence and objectivity to the dissertation structure.

To Professor Susana Bornéo Funck, PhD. (UFSC), my genre and gender advisor since my entrance in the Master's degree program at UCPel. Since I have been guided by her

incentive, logistical support, example and academic production, I have produced not only the Master's degree thesis, but also several other papers in the gender field, in a relation that was beyond the academic companionship. This dissertation began under her advisory and, if it has not gone until the end, it was due to reasons not related to her competence. Just like some books, some people can change us intellectual and personally, in this case, for the better. I also thank her for the honour granted to me when she accepted to participate on the examining board of this dissertation.

To Professor Aracy Ernst Pereira, PhD. (UCPel), for the methodological suggestions when she took part on the examining board of this dissertation qualification, for her example as an intellectual who is notable for her academic rigor, and for accepting to participate on the examining board of this paper.

To Professor Vilson José Leffa, PhD. (UCPel), for having taught we must write as “a lion that roars, not as a rat that squeaks”, and for accepting the invitation to participate on the examining board of this dissertation.

To Professor Márcia Ondina Vieira Ferreira, PhD. (UFPe), for accepting the invitation to participate on the examining board of this dissertation. It was a great surprise to know we would meet again after so many years and under different circumstances.

To Professor Maria da Glória Corrêa di Fanti, PhD. (PUCRS), for the guidance in reading the writings of Mikhail Bakhtin and Dominique Maingueneau, during the seminar *Trabalho e Subjetividade*, offered by Graduate Program in Linguistics at UCPel.

To my mother, Maria Costa da Silva, and my sister, Fernanda Costa da Silva, for always being by my side and for their logistical support during the writing of this dissertation.

To the Johnstons, of Coventry, for their kind reception since the first Christmas we spent together. Especially to Bob and Margaret, for making me feel part of their family, for sharing their rich lifetime stories and for the tea invitations. This dissertation is also dedicated to Gary, the *enfant terrible* with whom I have learnt more about gender equality than any book could teach me. Gary always trusted in my competence, and each chapter of this dissertation was completed under his incentive through Skype.

At last, but not less important, to Ana Lúcia Weber Bisol (UCS), Denise Regina Jesien Farias (UFRGS), Denize Nobre Oliveira (IFSC), Márcia Rodrigues Gonçalves (UFRGS) and Renata Kabke Pinheiro (UFPe), for their friendship and incentive to the completion of this dissertation.

I understand a fury in your words.  
But not the words.

William Shakespeare, *Othello*, Act 4, scene 2

## RESUMO

Nesta tese, analisam-se representações de gênero nas revistas *Carta Capital* e *Veja*. Propõe-se a hipótese de haver um *paragênero* que coloniza *ad hoc* textos jornalísticos produzidos para/sobre mulheres, sendo o objetivo principal deste trabalho descrever-se esse gênero do discurso. O *corpus* é integrado por matérias publicadas nessas revistas em março de 2009 e março de 2013, visando-se compararem dados de períodos distintos. A opção por março deveu-se a ser esse o mês de comemoração do Dia Internacional da Mulher, quando as revistas tradicionalmente produzem matérias “especiais” para o público feminino, veiculando discursos exemplares ou “típicos” (cf. FAIRCLOUGH, 2001). Quanto à linha editorial, as revistas selecionadas localizam-se em campos opostos da ideologia no cenário midiático brasileiro, o que configura outra variável relevante a um estudo comparativo. O exame do *corpus* baliza-se pela Análise Crítica do Discurso (ACD), teoria multidisciplinar que se alinha a outras interpretações pós-modernas para os fenômenos sociais. Na ACD, a descrição de gêneros do discurso não necessita pormenorizar os aspectos da materialidade linguística, mas aqueles relacionados às condições sócio-históricas e ideológicas peculiares a uma produção, pois os gêneros não são estáveis, fixos ou homogêneos, podendo mesmo apresentar um alto grau de abstração (cf. FAIRCLOUGH, 2006). O traço básico para identificá-los reside, destarte, em sua correlação com uma prática social específica, ou uma rede de práticas. Para tanto, o estudo de Theo van Leeuwen (1997) acerca da representação dos atores sociais no discurso apresenta-se como um dos aportes teóricos inscritos na ACD, norteador o exame dos textos nesta tese. Ele se coaduna ainda com as definições de gênero aqui adotadas, quais sejam, uma construção sociocultural e um aparato semiótico, representação e autorrepresentação produto de tecnologias sociais, epistemologias institucionalizadas e práticas da vida cotidiana (cf. LAURETIS, 1994). Os resultados da pesquisa indicam ser a hipótese consistente, pois concluiu-se haver constantes assimetrias quanto à representação entre homens e mulheres nos mais diversos gêneros que compõem a revista, manifestando-se como sentidos acionais (texto), representacionais (discurso) e ideacionais (estilos) do paragênero (cf. FAIRCLOUGH, 2006, p.67). Trata-se de um gênero discursivo de alta abstração, ancorado em subgêneros e em práticas sociais que sustentam representações assimétricas de gênero.

Palavras-chave: Gêneros do discurso. Gênero. Paragênero. Análise Crítica do Discurso. Revistas semanais de informação geral. Revista *Carta Capital*. Revista *Veja*.

## ABSTRACT

In this dissertation, gender representations in *Carta Capital* and *Veja* magazines are analyzed. It is presented the hypothesis of a paragenre, a genre of discourse that colonizes *ad hoc* journalistic texts produced to and/or about women. The main purpose of this study is to describe the paragenre. The *corpus* is integrated by features published in these magazines in March of 2009 and in March of 2013, aiming at data comparison of different periods. March was chosen because International Women's Day is celebrated in this month, when magazines usually publish "special" features for the female public, introducing thus exemplar or "typical" discourses (acc. FAIRCLOUGH, 2001). Concerning the editorial line, selected magazines are in opposite fields of ideology in Brazilian media scenery, which represents other relevant variable to a comparative study. The *corpus* examination is limited by Critical Discourse Analysis (CDA) principles, multidisciplinary theory that is aligned with other post-modern interpretations to social phenomena. Upon the CDA perspective, description of genres does not aim to describe them in detailed aspects of linguistic materiality, but those related to peculiar social-historical and ideological conditions to a production, since the genres are not stable, fixed or homogeneous and they can even present a high level of abstraction (acc. FAIRCLOUGH, 2006). The basic feature to identify them is thus in their correlation with a specific social practice or a network of practices. Therefore the study of Theo van Leeuwen (1997) on representation of social actors in discourse is presented as one of the theoretical contributions registered in CDA, guiding the text examination in this dissertation. It is also linked to the definitions of gender adopted herein, that means a social-cultural construction and a semiotic apparatus, representation and self-representation which is a result of social technologies, institutionalized epistemologies and daily life practices (acc. LAURETIS, 1994). Research results indicate that the hypothesis is consistent, once it was verified that there are constant asymmetries regarding the representation between men and women in different genres that compose the magazines, demonstrating with actional (text), representational (discourse) and ideational (styles) senses of paragenre (acc. FAIRCLOUGH, 2006, p.67). This is a high abstraction genre, supported by subgenres and in social practices that support asymmetrical representations of genders.

Key words: Genre. Gender. Paragenre. Critical Discourse Analysis. Weekly magazines. *Carta Capital* magazine. *Veja* magazine.

## LISTA DE GRÁFICOS

|                                                                                                                       |     |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Gráfico 1 – Número de títulos de revistas de consumo em circulação no Brasil – 2001/2012 (milhões de exemplares)..... | 101 |
| Gráfico 2 – Participação das mídias no faturamento geral da publicidade – janeiro-março/2013 (%) .....                | 101 |
| Gráfico 3 – Percentual de leitoras e leitores de revistas no Brasil, 2013. ....                                       | 102 |
| Gráfico 4 – Hábitos de leitura por classes de rendimento familiar mensal, em salários mínimos, 2010. ....             | 103 |
| Gráfico 5 – Hábitos de leitura por nível de escolaridade, 2010. ....                                                  | 103 |
| Gráfico 6 – Revistas mais lidas no Brasil, 2010.....                                                                  | 104 |
| Gráfico 7 – Representação dos atores em <i>Carta Capital</i> , 2009, mulheres e homens. ....                          | 144 |
| Gráfico 8 – Representação dos atores em <i>Carta Capital</i> , 2013, mulheres e homens. ....                          | 164 |
| Gráfico 9 – Representação dos atores em <i>Carta Capital</i> , 2009 e 2013, mulheres e homens. ....                   | 168 |
| Gráfico 10 – Representação dos atores em <i>Veja</i> , 2009, mulheres e homens. ....                                  | 175 |
| Gráfico 11 – Representação dos atores em <i>Veja</i> , 2013, mulheres e homens. ....                                  | 190 |
| Gráfico 12 – Representação dos atores em <i>Veja</i> , 2009 e 2013, mulheres e homens.....                            | 200 |
| Gráfico 13 – Representação de mulheres em <i>Carta Capital</i> e <i>Veja</i> , 2009 e 2013 (média %). ....            | 201 |

## LISTA DE FIGURAS

|                                                                                                      |     |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Figura 1 – Estratos da língua conforme a Gramática Sistêmico-Funcional. ....                         | 59  |
| Figura 2 – Modelo tridimensional de análise desenvolvido para a Análise Crítica do<br>Discurso. .... | 61  |
| Figura 3 – Sátira à esquematização dos gêneros discursivos. ....                                     | 71  |
| Figura 4 – Mulheres na Revista do Globo. ....                                                        | 93  |
| Figura 5 – Primeira edição de <i>Realidade</i> . ....                                                | 95  |
| Figura 6 – Sumário de <i>Carta Capital</i> , ano XV, n. 535, p.4, 4 mar. 2009. ....                  | 117 |
| Figura 7 – Sumário de <i>Carta Capital</i> , ano XVIII, n. 738, p.4, 6 mar. 2013. ....               | 118 |
| Figura 8 – Sumário de <i>Veja</i> , ed. 2102, ano 42, n.9, p.8-9, 4 mar. 2009. ....                  | 119 |
| Figura 9 – Sumário de <i>Veja</i> , ed. 2311, ano 46, n.10, p.8-9, 6 mar. 2013. ....                 | 120 |
| Figura 10 – Níveis de análise da ACD. ....                                                           | 124 |
| Figura 11 – Categorias de representação dos atores sociais no discurso. ....                         | 134 |
| Figura 12 – Categorias selecionadas para análise. ....                                               | 135 |
| Figura 13 – Corpo atrai corpo. ....                                                                  | 149 |
| Figura 14 – Fora da redoma. ....                                                                     | 166 |
| Figura 15 – A economista. ....                                                                       | 177 |
| Figura 16 – A bela. ....                                                                             | 180 |
| Figura 17 – A feia. ....                                                                             | 181 |
| Figura 18 – A mãe. ....                                                                              | 184 |
| Figura 19 – O pai. ....                                                                              | 184 |
| Figura 20 – O galã. ....                                                                             | 185 |
| Figura 21 – A desbocada. ....                                                                        | 194 |
| Figura 22 – A odiada. ....                                                                           | 197 |
| Figura 23 – O estilo realismo socialite. ....                                                        | 198 |

## LISTA DE QUADROS

|                                                                                                                |     |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Quadro 1 – Revistas semanais de informação geral – Brasil, 2012/2013 .....                                     | 106 |
| Quadro 2 – Perfil das leitoras e dos leitores das revistas semanais de informação geral –<br>Brasil, 2012..... | 106 |
| Quadro 3 – Segunda seleção de textos para o <i>corpus</i> .....                                                | 114 |
| Quadro 4 – Equivalência entre seções de <i>Carta Capital</i> e de <i>Veja</i> – 2009 .....                     | 121 |
| Quadro 5 – Equivalência entre seções de <i>Carta Capital</i> e de <i>Veja</i> – 2013 .....                     | 121 |
| Quadro 6 – Textos selecionados para análise – <i>Carta Capital</i> , 4 de março de 2009 .....                  | 122 |
| Quadro 7 – Textos selecionados para análise – <i>Veja</i> , 4 de março de 2009 .....                           | 122 |
| Quadro 8 – Textos selecionados para análise – <i>Carta Capital</i> , 6 de março de 2013 .....                  | 123 |
| Quadro 9 – Textos selecionados para análise – <i>Veja</i> , 6 de março de 2013 .....                           | 123 |
| Quadro 10 – Representação de mulheres em <i>Carta Capital</i> , 2009 .....                                     | 136 |
| Quadro 11 – Representação de homens em <i>Carta Capital</i> , 2009 .....                                       | 138 |
| Quadro 12 – Representação de mulheres em <i>Carta Capital</i> , 2013 .....                                     | 159 |
| Quadro 13 – Representação de homens em <i>Carta Capital</i> , 2013 .....                                       | 160 |
| Quadro 14 – Representação de mulheres em <i>Veja</i> , 2009 .....                                              | 170 |
| Quadro 15 – Representação de homens em <i>Veja</i> , 2009 .....                                                | 171 |
| Quadro 16 – Representação de mulheres em <i>Veja</i> , 2013 .....                                              | 186 |
| Quadro 17 – Representação de homens em <i>Veja</i> , 2013 .....                                                | 187 |

## LISTA DE TABELAS

|                                                                                                    |     |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Tabela 1 – Total de textos selecionados, por ano e publicação .....                                | 123 |
| Tabela 2 – Total de referências a atores femininos e masculinos em <i>Carta Capital</i> , 2009 ... | 142 |
| Tabela 3 – Representação dos atores em <i>Carta Capital</i> , 2009, mulheres e homens .....        | 143 |
| Tabela 4 – Total de referências a atores femininos e masculinos em <i>Carta Capital</i> , 2013 ... | 162 |
| Tabela 5 – Representação dos atores em <i>Carta Capital</i> , 2013, mulheres e homens .....        | 163 |
| Tabela 6 – Médias das formas de representação dos atores em <i>Carta Capital</i> , 2009 e 2013     | 168 |
| Tabela 7 – Total de referências a atores femininos e masculinos em <i>Veja</i> , 2009 .....        | 173 |
| Tabela 8 – Representação dos atores em <i>Veja</i> , 2009, mulheres e homens .....                 | 174 |
| Tabela 9 – Total de referências a atores masculinos e femininos em <i>Veja</i> , 2013 .....        | 188 |
| Tabela 10 – Representação dos atores em <i>Veja</i> , 2013, mulheres e homens .....                | 189 |
| Tabela 11 – Médias das formas de representação dos atores em <i>Veja</i> , 2009 e 2013 .....       | 200 |

## LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E PALAVRAS LATINAS<sup>1</sup>

|          |                                                                                                                                                                                                                                     |
|----------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| ABEP     | – Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa.                                                                                                                                                                                    |
| ACD      | – Análise Crítica do Discurso.                                                                                                                                                                                                      |
| acc.     | – According (to)                                                                                                                                                                                                                    |
| AEC      | – Antes da Era Comum: indica os séculos anteriores ao ano 1 do calendário gregoriano; o mesmo que a. C. (antes de Cristo). Abreviatura utilizada para se evitarem conotações religiosas no registro dos séculos.                    |
| AIEs     | – Aparelhos Ideológicos de Estado.                                                                                                                                                                                                  |
| ANER     | – Associação Nacional de Editores de Revistas.                                                                                                                                                                                      |
| Art.     | – Artigo. Cada uma das partes de uma lei.                                                                                                                                                                                           |
| CAPES    | – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.                                                                                                                                                                      |
| CC       | – Revista <i>Carta Capital</i>                                                                                                                                                                                                      |
| Cf.      | – Confira, confronte: indica citação indireta de uma obra consultada (cf. NBR 10520).                                                                                                                                               |
| e.g.     | – Do latim <i>exempli gratia</i> (graças ao exemplo): por exemplo.                                                                                                                                                                  |
| FGV      | – Fundação Getúlio Vargas.                                                                                                                                                                                                          |
| Fig.     | – Figura.                                                                                                                                                                                                                           |
| GGT      | – Gramática Gerativa Transformacional.                                                                                                                                                                                              |
| GN       | – Gramática Normativa.                                                                                                                                                                                                              |
| GSF      | – Gramática Sistemico-Funcional.                                                                                                                                                                                                    |
| IBGE     | – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.                                                                                                                                                                                  |
| ibid.    | – Do latim <i>ibidem</i> : “no mesmo lugar”. Indica citações diretas ou indiretas de um texto do mesmo autor e da mesma obra já citado proximamente: “na mesma obra”.                                                               |
| id.      | – Abreviatura de <i>idem</i> , palavra com origem no latim que significa “o mesmo”, “igual” ou “da mesma maneira”. Termo utilizado em citações bibliográficas para se evitar a repetição do nome do autor: “mesmo autor”.           |
| IVC      | – Instituto Verificador de Circulação.                                                                                                                                                                                              |
| op. cit. | – Do latim: <i>opus citatum/opere citato</i> , que significa “a obra citada/da obra citada”; termo usado para se referir a uma obra citada anteriormente no texto.                                                                  |
| p.       | – Página: indica número de página de obra consultada.                                                                                                                                                                               |
| passim   | – Do latim: advérbio que significa “aqui e ali”; “por toda parte”; “neste lugar e noutros”. Em citações indiretas, indica que uma informação sobre determinado assunto pode ser encontrada em diversas passagens do texto referido. |
| PCNs     | – Parâmetros Curriculares Nacionais.                                                                                                                                                                                                |
| PIB      | – Produto Interno Bruto.                                                                                                                                                                                                            |
| pos.     | – Indica posição consultada em obra formatada para <i>kindle book</i> .                                                                                                                                                             |
| RM       | – Recursos dos membros. No marco da Análise Crítica do Discurso, compreendem a cadeia na qual se situam os processos de produção e interpretação de discursos pelos usuários da língua.                                             |
| séc.     | – Século.                                                                                                                                                                                                                           |
| UCPel    | – Universidade Católica de Pelotas.                                                                                                                                                                                                 |
| UFRGS    | – Universidade Federal do Rio Grande do Sul.                                                                                                                                                                                        |
| VJ       | – Revista <i>Veja</i>                                                                                                                                                                                                               |
| WWW      | – Do inglês: sigla para World Wide Web, “rede de alcance mundial”.                                                                                                                                                                  |

---

<sup>1</sup> As expressões latinas são definidas conforme: ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 10520: informação e documentação: citações em documentos: apresentação. Rio de Janeiro, 2002.

## SUMÁRIO

|                                                                   |     |
|-------------------------------------------------------------------|-----|
| 1 INTRODUÇÃO.....                                                 | 20  |
| 2 REFERENCIAL TEÓRICO.....                                        | 35  |
| 2.1 Gênero e família em cadeias discursivas.....                  | 35  |
| 2.2 A Análise Crítica do Discurso em cadeias do conhecimento..... | 52  |
| 2.3 Gêneros discursivos na Análise Crítica do Discurso.....       | 67  |
| 2.4 Cultura de massa, capitalismo e as revistas de consumo.....   | 82  |
| 3 METODOLOGIA.....                                                | 99  |
| 4 ANÁLISE DOS DADOS .....                                         | 130 |
| 4.1 Os atores em <i>Carta Capital</i> .....                       | 135 |
| 4.2 Os atores em <i>Veja</i> .....                                | 169 |
| 4.3 O paragênero.....                                             | 201 |
| 5 SÍNTESE .....                                                   | 208 |
| REFERÊNCIAS .....                                                 | 211 |
| ANEXOS.....                                                       | 226 |
| ANEXO A – A ANER e as revistas semanais de informação geral.....  | 227 |
| ANEXO B – Os Estudos MARPLAN.....                                 | 232 |
| ANEXO C – O Critério de Classificação Econômica Brasil.....       | 241 |
| ANEXO D – Corpus Linguistics and the AntConc.....                 | 245 |

## TABLE OF CONTENTS

|                                                                   |     |
|-------------------------------------------------------------------|-----|
| 1 INTRODUCTION .....                                              | 20  |
| 2 THEORETICAL FRAME .....                                         | 35  |
| 2.1 Gender and family in discursive chains .....                  | 35  |
| 2.2 Critical Discourse Analysis in knowledge chains .....         | 52  |
| 2.3 Genres in Critical Discourse Analysis .....                   | 67  |
| 2.4 Mass culture, capitalism and the consumption magazines .....  | 82  |
| 3 METHODOLOGY .....                                               | 99  |
| 4 DATA ANALYSIS .....                                             | 130 |
| 4.1 The actors in <i>Carta Capital</i> magazine .....             | 135 |
| 4.2 The actors in <i>Veja</i> magazine .....                      | 169 |
| 4.3 The paragenre .....                                           | 201 |
| 5 SYNTHESIS.....                                                  | 208 |
| REFERENCES .....                                                  | 211 |
| ANNEXES .....                                                     | 226 |
| ANNEX A – ANER and the general information weekly magazines ..... | 227 |
| ANNEX B – The MARPLAN Studies .....                               | 232 |
| ANNEX C – Brazilian Criteria for Economic Classification .....    | 241 |
| ANEXO D – Corpus Linguistics and the AntConc .....                | 245 |

# 1 INTRODUÇÃO

A importância dos gêneros no campo da pesquisa e do ensino pode ser constatada não apenas por meio do volume e diversidade da produção acadêmica acerca do tema. Esse reconhecimento ocorre inclusive no âmbito de órgãos governamentais responsáveis pelas políticas de educação no País, como a Secretaria de Educação Básica, organizadora dos *Parâmetros Curriculares Nacionais* – PCNs (BRASIL, 1998, 2000). Nos documentos dedicados ao ensino de língua portuguesa e de linguagens, assinala-se a relevância social dos textos, pois “Todo texto se organiza dentro de determinado gênero em função das intenções comunicativas, como parte das condições de produção dos discursos, as quais geram usos sociais que os determinam.” (BRASIL, 1998, p.21). Especificamente na área de linguagens, códigos e suas tecnologias no ensino médio (BRASIL, 2000, p.8), inscreve-se, entre os objetivos desses campos, “Analisar, interpretar e aplicar os recursos expressivos das linguagens, relacionando textos com seus contextos [...]”. Nesse sentido, “O estudo dos gêneros discursivos e dos modos como se articulam proporciona uma visão ampla das possibilidades de uso da linguagem [...]”.

Esses excertos ilustram a ascendência, sobre os PCNs, do pensamento de autores situados na área de estudos sobre o discurso, o que é confirmado nas referências das obras consultadas para a redação dos documentos. Nada obstante, prestigiosas gramáticas normativas da língua portuguesa mantêm silêncio sobre os gêneros discursivos, contemplando, no máximo, questões de estilo, com raras e breves referências à enunciação e/ou ao discurso (e.g. BECHARA, 2007; CEGALLA, 2008; CUNHA; CINTRA, 2007; LUFT, 1989; ROCHA LIMA, 2008). Classificada como uma disciplina pedagógica, a gramática normativa (GN) visa “[...] elencar os fatos recomendados como modelares da exemplaridade idiomática para serem utilizados em circunstâncias especiais do convívio social.” (BECHARA, 2007, p.52).

Em outra direção, situa-se a gramática sistêmico-funcional (GSF), proposta por M. A. K. Halliday (1970), constituindo tanto uma teoria da linguagem, como um método de análise de textos e de seus contextos de uso. A GSF concebe a língua como uma realidade fundamentalmente social, concretizada na materialidade linguística. Conforme o autor, são os usos que dão forma ao sistema da língua, nesses termos, a GSF distancia-se também da Gramática Gerativa Transformacional (GGT) de Noam Chomsky, segundo a qual o caráter da

língua é sobretudo cognitivo. Para Halliday (ibid., p.141), “A natureza da língua está intimamente relacionada com as necessidades que lhe impomos, com as funções às quais deve servir” (trad. minha).<sup>2</sup> Essas funções expressam os significados potenciais da linguagem, dividindo-se em *função ideacional*, *função interpessoal* e *função textual*.

A fusão em unidades linguísticas dessas três formas de significados (metafunções) torna-se possível porque a língua é concebida como um sistema semiótico, organizado sob conjuntos de escolhas, em dado contexto (cf. EGGINS, 2004, p.3), daí a proposição de a língua não prescrever significados, mas constituir um *potencial* de significados. Em sentido amplo, a GSF busca explicar essa forma de estruturação da língua e seus diferentes usos, mediante o modelo dos estratos linguísticos e níveis de análise. Essa disposição abrange desde as unidades mínimas da língua até seus condicionantes sociais, a saber: a) texto – fonologia/grafologia, léxico-semântica e semântica do discurso; e b) contexto – registro e gênero (cf. ibid., p.19). Aqui se encontra outra diferença entre as gramáticas anteriores e a GSF, por sua proposta analítico-descritiva contemplar o discurso e o gênero, este entendido como o “contexto da cultura” expresso no texto (cf. ibid., p.54). Nessa acepção, a GSF é também paradigmática, ao passo que a GN é sintagmática.

As unidades textuais encadeiam-se progressivamente, criando expectativas com relação ao desdobramento do sentido. Para a GSF, essas probabilidades semânticas relacionam-se também ao contexto, formado tanto por condições materiais de existência, como pelas ideologias, convenções e instituições. Membros de dada cultura constroem e mantêm gêneros, com vistas a facilitar a comunicação em situações recorrentes.

É inegável a ascendência do pensamento de Mikhail Bakhtin (1997) sobre tais concepções, sendo mesmo o autor citado por diversas vezes na obra de Suzanne Eggins (2004, Cap. 3). Nada obstante, a conhecida definição de Bakhtin (1997, p.279) para os gêneros como “tipos relativamente estáveis de enunciados” é traduzida pela autora como **estruturas** “relativamente consistentes” utilizadas nos contextos de cultura, propondo Eggins uma análise linguística sob o marco da *teoria do registro*. O gênero seria resultante da coocorrência regular de três principais dimensões (variáveis) da situação ou contexto: o *campo*, compreendendo a atividade social e o assunto; as *relações* (ou *tenor*, cf. MARTIN; WHITE, 2005, p.27), os papéis e *status* atribuídos e/ou assumidos pelos interlocutores;<sup>3</sup> e o

<sup>2</sup> “The nature of language is closely related to the demands that we make on it, the functions it has to serve.”

<sup>3</sup> Para fins de simplificação da escrita e da leitura, nesta tese, flexiono os substantivos e adjetivos de acordo com as regras de gênero gramatical da língua portuguesa, não constituindo essa, portanto, uma opção sexista.

*modo*, o meio pelo qual se dá a comunicação, podendo ser oral, escrito, visual etc. Essas variáveis organizam-se segundo as três macrofunções da língua.

Jim Martin e Peter White (2005, p.32) baseiam-se nessas macrofunções para definir o gênero como “[...] um sistema abrangendo configurações de campo, modo e escolhas de tenor, que se desdobram em estágios recorrentes do discurso – em outras palavras, um padrão de padrões de registro”. Para fins analíticos, os autores conceituam gênero como “[...] um processo social orientado por objetivos específicos, formado por estágios” (id.) (trad. minha).<sup>4</sup> Nessa visão, variáveis de natureza estrutural são adicionadas ao conceito dos gêneros segundo Bakhtin.

Há muitos outros modelos oferecidos para análise dos gêneros, assim como definições que podem se aproximar ou se distanciar de Bakhtin. No geral, a literatura mais divulgada no Brasil agrupa seus autores e obras sob três principais vertentes, ou escolas (e.g. MEURER; BONINI; MOTTA-ROTH, 2005; RAMALHO, 2008): a de Genebra, a norte-americana e a australiana. A escola de Genebra adota a perspectiva do interacionismo sociodiscursivo, tendo Jean-Paul Bronckart entre seus mais destacados idealizadores. A escola norte-americana, também conhecida como nova retórica, respalda-se no enfoque sociorretórico, cultural e sociológico da linguagem. Seus principais autores são John M. Swales, Carolyn Miller, Charles Bazerman e Vijay Bhatia. Por sua vez, a escola australiana, ou escola de Sidney, reúne-se em torno da perspectiva sistêmico-funcional da linguagem, concebendo-a como um sistema sociossemiótico, conforme acima referido. Aos autores já citados, somam-se, entre outros, Ruqayia Hasan e Christian Matthiessen. Uma vez que a GSF encontra-se também entre os antecedentes da Análise Crítica do Discurso (ACD), é comum incluir-se, na escola de Sidney, Norman Fairclough e Teun van Dijk, entre outros que têm trabalhado para o desenvolvimento da ACD. Nada obstante, aqui a GSF não ocupa a mesma centralidade observada nos estudos do grupo australiano, sendo discutível a inserção da ACD nesse conjunto. Ademais, questões de ideologia e de poder são fundamentais às análises norteadas pela ACD, o que não se verifica quanto às propostas da GSF.

A Análise Crítica do Discurso constitui uma teoria social da linguagem de orientação marxista, cujos textos fundadores começaram a ser produzidos nas últimas décadas do século XX. A teoria formou-se a partir, por uma via, dos estudos de Michel Foucault, Louis Althusser e Michel Pêcheux, e, por outra, da Pragmática e da Linguística Crítica, esta

---

<sup>4</sup> “[...] genre is a system comprising configurations of Field, mode and tenor selections which unfold in recurring stages of discourse – a pattern of register patterns in other words. In our applied work we adopted a working definition of genre as a staged, goal oriented social process [...]” (MARTIN; WHITE, 2005, p.32).

embasada na linguística sistêmica de M. A. K. Halliday. Nesses termos, a ACD apresenta-se como uma área interdisciplinar e transdisciplinar de estudos, propondo-se a investigar o significado da linguagem, em suas variadas manifestações, na produção, manutenção e mudança das relações sociais de poder.

Sendo a proposta da ACD emancipadora, as pesquisas desenvolvidas sob sua orientação voltam-se em especial às minorias sociais, a exemplo daquelas sujeitas a relações opressoras de gênero. Teun A. van Dijk (2011, p.18-19) avalia que os estudos em ACD têm obtido sucesso justamente por mostrarem “[...] a importância fundamental do texto e da conversação na reprodução do poder e da dominação na sociedade [...]”, bem como por evidenciarem o desafio que se apresenta ao discurso dissidente. O mesmo autor (van DIJK, 2012) considera a investigação feminista da linguagem como outro importante antecedente da ACD, por examinar também a questão das desigualdades sociais expressas e, dialeticamente, reiteradas por meio dos textos. O principal objetivo da ACD é contribuir para a conscientização acerca do papel da linguagem nessa dinâmica (cf. FAIRCLOUGH, 1989, p.1, 24).

O conjunto de posições de sujeito – socialmente constituídas e reconhecidas em função de certa atividade – mantém estreita relação com os gêneros em uso (cf. FAIRCLOUGH, 2001, p.161-162). Os gêneros organizam os discursos, articulam, hibridizam e os transformam, constituindo diversas formas de ação, de produção da vida social no modo semiótico (cf. FAIRCLOUGH, 2002, p.123, 2007, p.4). Nessa direção, define-se gênero como uma reunião de convenções que situam um tipo de texto (anúncios, poemas, artigos etc.), atividade social (conversas informais, entrevistas etc.), estilo, registro, finalidades, intenções e formas de organização dos sujeitos (cf. PEDRO, 1997, p.33; FAIRCLOUGH, 2001, p.161). Tais variáveis concernem a processos de produção, distribuição e consumo de textos, os quais se inscrevem no interior da disputa hegemônica, podendo operar tanto na manutenção das convenções sociais, como na sua mudança (cf. FAIRCLOUGH, 2001, p.135). Sob essa concepção, os gêneros ganham relevo no processo de atualização dos discursos, que se transformam dialeticamente na relação com as estruturas sociais.

Particularmente em relação ao ensino, José Luiz Meurer (2005, p.106) enfatiza a sintonia entre as propostas da ACD, quanto aos gêneros, e sua aplicação em sala de aula. Segundo o autor, essa teoria permite “[...] observar que tipos de texto precedem e seguem o uso de determinado gênero específico e como ‘põem em ação’ formas de ‘ver’ o mundo, identidades, relações, maneiras de construir e distribuir textos, refletindo ideologias e formas de poder”. Cabe lembrar que, nos PCNs (BRASIL, 1998, p.21), é igualmente assinalada a organização dos textos dentro de gêneros, de acordo com certa intenção comunicativa.

A vida social estabelece-se mediante a interconexão de práticas sociais de diversas ordens (econômica, política, social, cultural etc.), e cada uma dessas práticas possui um elemento semiótico, multiplicando-se assim os tipos de linguagem pelas quais pode se dar o ato comunicativo. Nessa direção, Fairclough (2008a, p.2) concebe qualquer forma de significação como parte indissociável do processo social material, estendendo sua perspectiva de linguagem aos domínios da *semiose*. Esta abrange todas as formas de significação, como imagens visuais, linguagem verbal ou linguagem corporal etc.

A natureza multimodal do discurso é assinalada, igualmente, por van Dijk (2011, p.17), o que é reconhecido pela maioria dos estudos atualmente desenvolvidos na área. Especificamente quanto à linguagem construída por meio de imagens, Gunther Kress e Theo van Leeuwen (2010) teorizaram a “gramática do design visual”, tendo os autores, entre as principais referências, M. Halliday e sua concepção de língua como “potencial de significados”. Essa gramática, a exemplo das estruturas linguísticas, traduz sentidos elaborados de acordo com a experiência e formas de interação social dos integrantes de uma cultura.

Ao propor as categorias para análise dos atores sociais, van Leeuwen (1997, p.171) informa que elas deveriam denominar-se “pan-semióticas”, pois a representação do mundo social varia nas culturas, em um contexto de cultura e nos momentos históricos, tanto quanto nos meios, que podem ser verbais ou visuais. A representação estabelece ainda uma interpretação ou produção de mundo mediante estratégias diversas, que dão sentido à existência dos indivíduos, permeando, logo, todas as práticas humanas (cf. ANTELO, 1994, p.10). Aqui, cabe mencionar-se a diferença entre *identidade* e *papéis* analisada por Manuel Castells (2008, p.22-23). A *identidade* resulta da construção de significados a partir de atributos culturais, prevalecendo sobre outras fontes de significados e tornando-se, ela mesma, origem de significado para um povo ou atores sociais. Já os *papéis* são definidos “de fora”, pelas normas emanadas das instituições. Somente quando são internalizados pelos atores sociais, esses papéis tornam-se parte da identidade individual, a qual implica um processo de autoconstrução e individuação. “Em termos mais genéricos, pode-se dizer que identidades organizam significados, enquanto papéis organizam funções.” (ibid., p.23).

Como parte das instituições, os “fabricantes de signos” (*makers of signs*) encontram-se entre os agentes que exercem influência sobre a configuração de identidades, pois, centrando-se em dado contexto, constroem objetos ou entidades, física ou semioticamente (cf. KREES; VAN LEEUWEN, 2010, p.7). Para tanto, a comunicação opera-se via uma multiplicidade de formas, o que se reflete na conformação dos gêneros,

apresentando estes uma faceta semiótica, além de elementos linguísticos, históricos e socioculturais. Com essa configuração híbrida, os gêneros transcendem materialidades, localizando-se “[...] entre a língua, o discurso e as estruturas sociais.” (MEURER; BONINI; MOTTA-ROTH, 2005, p.8). De acordo com Gunther Kress, os elementos não verbais são também constitutivos dos gêneros, devendo ser considerados para seu estudo, juntamente com a linguagem verbal (cf. BALOCCO, 2005, p.64).

Igualmente, o gênero social<sup>5</sup> compõe-se ao mesmo tempo por elementos materiais – a sociedade e o corpo biológico de pessoas – e por instâncias discursivas. Tal afirmação baseia-se em escritos de Teresa de Lauretis (1994, p.212), para quem o gênero é “tanto uma construção sociocultural quanto um aparato semiótico”. Essa representação e autorrepresentação “[...] é produto de diferentes tecnologias sociais, como o cinema, por exemplo, e de discursos, epistemologias e práticas críticas institucionalizadas, bem como das práticas da vida cotidiana.” (ibid., p.212, 220). Adotando-se o entendimento de que os gêneros do discurso integrem práticas da vida cotidiana, fazendo parte, logo, da disputa hegemônica, pode-se afirmar que desempenham papel importante na constituição dos gêneros sociais.

Gêneros midiáticos, em particular, podem ser considerados tecnologias de gênero social, entre outros fatores, por prescreverem condutas e reiterarem assimetrias e preconceitos (cf. e.g. CALDAS-COULTHARD, 2000). Especificamente quanto às “revistas femininas”, essas já eram populares no Brasil desde a metade do séc. XIX, tendo por ênfase informar sobre comportamentos adequados para mulheres dentro e fora do lar, além de trazerem ensinamentos acerca de assuntos de “interesse” feminino, a exemplo de tarefas domésticas, roupa e beleza, oferecendo como bônus histórias românticas adocicadas. A *Revista Feminina*, publicada entre 1914 e 1936, chegou a ter uma tiragem de trinta mil exemplares. No espírito de construir-se uma identidade de nação para o Brasil, alguns fortes títulos estabeleceram-se nacionalmente, acompanhando o que já vinha acontecendo para as revistas “sérias”. Entre eles, firmaram-se *A Cigarra*, *Grande Hotel*, *Manequim*, *Joia*, *Capricho*, *Ilusão*, *Noturno* e *Contigo*, as quatro últimas do gênero fotonovela. Em 1961, *Claudia* foi lançada como a primeira revista de jornalismo para as mulheres, ousando incluir temas como sexualidade e mercado de trabalho em sua pauta (cf. MARTINS; LUCA, 2012, pos. 1937-1942, 3568-3603).

---

<sup>5</sup> A autora da tese reconhece que o termo “gênero social” constitui um pleonismo, por conceituar uma construção eminente social, como se verá a seguir. Nada obstante, ele será aqui empregado sempre que for necessário haver desambiguação quanto aos gêneros do discurso.

Antecedido pela difusão dos periódicos de informação geral, o fenômeno das revistas femininas adquiriu dimensões planetárias quando a operação integrada da mídia converteu-se em uma das características da comunicação de massa, e grandes revistas estrangeiras passaram a rivalizar com publicações nacionais. A norte-americana *Cosmopolitan*, publicada desde 1886, chegou ao País em 1973 como *Nova*; a francesa *Marie Clair*, de 1937, ganhou versão brasileira somente em 1991, e sua conterrânea *Elle*, do Pós-Guerra (1945), dera-se a conhecer um pouco antes, em 1988 (cf. SCALZO, 2011, pos. 172-177). No cenário de capitalismo globalizado, ou *novo capitalismo*<sup>6</sup> (cf. FAIRCLOUGH, 2003, 2006; HALL, 2000, p.69), passou a ser necessário projetar-se uma consumidora cosmopolita, moldada aos produtos dos oligopólios. Representações de gênero social operam então sob a forma de *commodities* em revistas femininas, vendidas no interior das mais diversas culturas. David Machin e Theo van Leeuwen (2004), por exemplo, examinaram o fenômeno na revista *Cosmopolitan*, descrevendo o gênero *problema-solução* adotado como modelo para anúncios publicados em distintos países.

A articulação de veículos e técnicas em torno de projetos comuns converge, no geral, para interesses de grupos dominantes (cf. COSTA LIMA, 2000). Um exemplo dessa sintonia é a concentração das notícias internacionais em quatro grandes agências privadas, a Agence France-Presse (AFP), as norte-americanas Associated Press (AP) e United Press International (UPI) e a inglesa Reuters, que controlam entre 70% e 90% das notícias veiculadas no mundo (cf. BOYD-BARRETT, 1998). Também a linguagem visual passou ao domínio dos impérios dos meios de comunicação de massa, os quais vêm normalizando esse código via disseminação de bancos de imagens e técnicas para manipulação de imagens, entre outras (cf. KRESS; VAN LEEUWEN, 2010, p.5).

Especialmente Norman Fairclough (2006) destaca o papel da linguagem na reestruturação global recente. As principais transformações sociais são acompanhadas por mudanças nas práticas de linguagem, ao mesmo tempo em que a linguagem é “sobredeterminada” por outros elementos sociais. Em obra pregressa (FAIRCLOUGH, 2001), o autor analisara a *colonização*, pela linguagem do *marketing*, de setores até então não identificados com o campo econômico, mediante a “tecnologização do discurso”. O conceito de *colonização*, desenvolvido por Fairclough (2001, p.258), traduz-se pela aplicação, a um

---

<sup>6</sup> Fairclough (2003) emprega o termo *novo capitalismo* para se referir à reestruturação global ocorrida a partir da segunda metade do século XX, pela qual o capitalismo tem se perpetuado, havendo implicações não apenas econômicas, mas em diversos setores sociais: “[...] using the term ‘new capitalism’ does not imply an exclusive focus on economic issues: transformations in capitalism have ramifications throughout social life, and ‘new capitalism’ as a research theme should be interpreted broadly as a concern with how these transformations impact on politics, education, artistic production, and many other areas of social life”.

texto, de recursos de linguagem identificados com um gênero distinto, a fim de se estabelecerem formas de interdiscursividade.

Karl Marx havia percebido os efeitos da comodificação sobre a língua, processo exemplificado pela nomeação dos trabalhadores como mão de obra, metonímia empregada para reduzi-los à condição de mercadorias (cf. *ibid.*, p.255). Posteriormente, Fairclough (2002, p.127) apontou ser a reestruturação do capitalismo também um processo semiótico “de ordens do discurso, envolvendo novas relações estruturais e escalares entre gêneros, discursos e estilos.”<sup>7</sup> (trad. minha). Na esteira do pensamento marxista, Zygmunt Bauman (2008, p.14-15) informa que Jürgen Habermas já indicara a comodificação do capital e do trabalho na sociedade dos produtores, ocorrida desde a ascensão do capitalismo. Bauman segue analisando que, com o acirramento da competição capitalista no mercado globalizado, a comodificação extrapolou a relação entre trabalhadores, chegando a outras esferas da vida em sociedade, inclusive a privada. Criam-se gêneros discursivos e estilos, ao mesmo tempo em que se diluem as fronteiras daqueles já existentes, para se operacionalizarem novos discursos e identidades.

Essa *colonização* entre os gêneros, conotando uma afluência de interesses, replica-se no interior de revistas de consumo, podendo-se constatar, não raro, formas de intertextualidade entre os anúncios publicitários e as matérias que lhes precedem ou sucedem. Gêneros diversos são invadidos pela linguagem do mercado, assim como a publicidade dialoga com matérias jornalísticas a fim de legitimar produtos de consumo ou formas de comportamento, o que se pôde constatar em pesquisa anterior (WIDHOLZER, 2003). Tal ocorrência foi novamente verificada por ocasião da escrita do trabalho de qualificação desta tese de doutorado. Em caráter exploratório, foram examinadas três revistas de consumo direcionadas a mulheres trabalhadoras, da classe econômica A/B, contemplando temas diversos. Essa análise indicou haver interessantes recorrências discursivas, entre elas, a construção de um *ethos* que inferioriza as leitoras, a exaltação ao acúmulo de papéis para mulheres, a preeminência de emoções sobre a razão, a mitigação da participação feminina no mercado de trabalho e a supremacia da esfera privada sobre a pública, com destaque à maternidade, à domesticidade e à manutenção de relações sociais.

---

<sup>7</sup> “The restructuring and re-scaling of capitalism is partly a semiotic process – the restructuring and re-scaling of orders of discourse, involving new structural and scalar relationships between genres, discourses and styles.”

Tais dados apontam que, quando o foco recai sobre mulheres, independente do *target*,<sup>8</sup> estereótipos de gênero social são acionados nos distintos gêneros que compõem as revistas, demonstrando ser relevante, aos objetivos dessa mídia impressa, a forma dicotômica de organização dos sujeitos em sociedade. Gêneros midiáticos parecem comportar-se de forma peculiar em face de representações de gênero social, especialmente em matérias nas quais figuram mulheres trabalhadoras. Na literatura consultada, não foi encontrada proposta de modelo analítico que desse conta dessas regularidades irregulares, mesmo se considerando as “formas de organização dos sujeitos” previstas por Fairclough (2001, p.161) e Pedro (1997, p.33) como integrantes dos gêneros do discurso.

De início, figurou ser pertinente examinarem-se os achados com base na definição de *macrogênero*, termo empregado por Jim Martin para analisar textos mais extensos, complexos, abrigando textos menores, pertencentes a gêneros distintos (cf. EGGINS, 2004, p.70). Pode-se perceber que, à proposta de Martin, subjaz a distinção entre gênero de discurso primário e gênero de discurso secundário estabelecida por Bakhtin (1997). Ainda nessa direção, com base nas categorias gramaticais das relações lógico-semânticas teorizadas por Halliday, Martin desenvolve os escritos do autor russo, ao examinar a forma como os gêneros incluídos contribuem para a organização geral do texto maior. O pensamento de Martin apresenta variações em estudos de outros autores. Robin Woodward-Kron (2005), por exemplo, emprega o termo *macrogênero* para se referir ao gênero dominante, tomando por referente a finalidade social primeira do texto em estudo. De qualquer sorte, essas elaborações parecem não se aplicar a esta pesquisa, pois, nesse caso, o conjunto de revistas analisadas, conforme a seguir descrito, teria de ser examinado como um macrogênero cuja finalidade seria essencialmente sexista, hipótese essa de difícil sustentação.

O conceito de *gênero híbrido* constitui alternativa oferecida pela literatura consultada. De acordo com Eggins (2004, p.81), a ficção pós-moderna é caracterizada por textos que combinam diferentes gêneros, os quais são desse modo ressignificados. Tal proposta igualmente mostra-se inadequada a este estudo, pois, mesmo quando há essa agregação de gêneros, é possível reconhecerem-se os gêneros originais, os quais são intencionalmente combinados para se obter determinado efeito estético. O romance reportagem e o romance histórico, por exemplo, podem ser considerados formas de gênero híbrido.

---

<sup>8</sup> *Target*: “Alvo, em inglês. Expressão utilizada para definir o público-alvo de um plano de marketing, campanha ou peça de comunicação. Grupo (segmento) de consumidores ou prospects aos quais é dirigida, prioritariamente, uma peça ou campanha de propaganda, bem como quaisquer outras ações de comunicação ou marketing.” (BRITO, 2007, p.12).

As regularidades irregulares identificadas no estudo exploratório parecem ir mais ao encontro das noções de *acontecimento* e de *série* desenvolvidas por Michel Foucault (2006, p.56-58), a partir das quais o autor expõe sua proposta de análise do discurso. Para Foucault, os discursos consistem conjuntos de acontecimentos discursivos, estes situados entre a substância e o imaterial. Embora não pertençam à ordem dos corpos, os acontecimentos efetivam-se no âmbito da materialidade, estando ligados à “regularidade, causalidade, descontinuidade, dependência, transformação” (ibid., p.57).

Essas formulações vão ao encontro também de definição de gênero social adotada neste trabalho, conforme exposto anteriormente. Além de analisar o gênero como produto de tecnologias sociais, Teresa de Lauretis (1994, p.236-237) discute a dificuldade de se teorizar a construção da subjetividade na textualidade, sobretudo nos termos de um discurso hegemônico preexistente, no caso, sobre gênero e sexualidade. A autora propõe a criação de “novos espaços de discurso”, de onde possam surgir narrativas alternativas, a partir dos “pontos cegos” do discurso. Esse *space-off* existiria às “margens dos discursos hegemônicos, espaços sociais entalhados nos interstícios das instituições e nas fendas e brechas dos aparelhos de poder-conhecimento.” (ibid., p.237). No caso das revistas mencionadas neste trabalho, os *space-off* existentes às margens do discurso hegemônico permitem emergir um discurso não emancipador, mas sexista, descontínua mas regularmente, por entre “brechas” de gêneros discursivos já tradicionalmente constituídos. A estrutura desse discurso não estaria ancorada apenas no sistema linguístico, conforme Martin tem descrito para os gêneros do discurso, mas também nas condições de possibilidades apontadas por Foucault, traduzidas em práticas linguísticas identificadas com gêneros distintos. A esse respeito, é importante retomar a ideia de *dispersão* trazida pelo autor francês (FOUCAULT, 1995), segundo a qual enunciados aparentemente dispersos mantêm uma relação dialógica entre si, integrando-se a uma cadeia textual bastante extensa em nossa sociedade.

Foram sobretudo essas noções que permitiram formular a hipótese deste estudo. Em pesquisa anterior (WIDHOLZER, 2003), ao examinar anúncios publicitários veiculados na revista *Claudia*, foi possível observar que seu discurso era ambivalente, ao mesmo tempo enaltecendo a figura da mulher “moderna”, inserida no mercado de trabalho, por um lado, e lembrando-lhe de suas obrigações enquanto dona de casa e destacando as características de sua natureza “feminina”, por outro. Certamente, essas ocorrências não se faziam presentes em todos os anúncios da revista, contudo, ainda que *dispersos*, constituíam um *discurso* relacionado a determinada *prática social*. Na ocasião, tal “costura” (cf. FAIRCLOUGH, 1989, p.170) foi atribuída ao embate hegemônico que se travava entre os discursos de

liberação feminina e aqueles da sociedade de base patriarcal, ainda presentes na memória discursiva da sociedade brasileira.

Em outro antecedente a esta tese (WIDHOLZER, 2004), analisou-se o emprego anafórico de nomes próprios de mulheres e de homens no jornal *Correio do Povo*, de Porto Alegre, observando-se que os homens eram sobretudo referidos pelo sobrenome, prevalecendo o uso do prenome para as mulheres. Considerando que a escolha das formas de designação relaciona-se a distância social, ligações afetivas, poder, imposições legais ou diferenças sexuais, os resultados da pesquisa indicaram haver tratamento assimétrico dispensado a homens e mulheres no periódico. Ao se investigarem textos em outras publicações de mesma natureza, foi constatada não apenas a permanência dessa desigualdade, mas também observadas regularidades de formas linguísticas, estilo, finalidades e modos de organização dos sujeitos representados (WIDHOLZER, 2006). Essas reincidências convergem para as principais características que definem um gênero discursivo no marco da Análise Crítica do Discurso (cf. PEDRO, 1997, p.33; FAIRCLOUGH, 2001, p.161).

Segundo Viviane Heberle (2004, p.86), os textos que compõem especificamente revistas para mulheres apresentam características em comum, independente do gênero a que pertençam. Contemplando temas como beleza, saúde, sexo e relacionamento, eles formam um “sistema semiótico multimodal”, servindo como “guias ou manuais para a resolução de problemas femininos”. Inscrevendo esse *sistema semiótico* no âmbito da *semiose*, aqui se propõe ser mais abrangente o significado desses textos, bem como sua amplitude na sociedade. Eles não constituem apenas “guias para a resolução de problemas”, mas conectam-se a outros elementos das práticas sociais, traduzindo valores e prescrevendo comportamentos desejáveis para a manutenção do *status quo*.

Essas “formas de autoajuda” integram as modernas técnicas de poder, as quais têm se utilizado de gêneros em destaque na sociedade ocidental contemporânea, como a entrevista, o aconselhamento e a publicidade, a fim de permitir que instituições e organizações explorem subjetividades e falsamente deem voz ao “eu” dos indivíduos (cf. FAIRCLOUGH, 2001, p.80). Ademais, o intento de servirem como “guias” comportamentais não se restringe às revistas voltadas especialmente para o público feminino, mas faz-se presente em grande parte das produções midiáticas, não importando o *campo* (a atividade social ou o assunto). A forma de se estabelecerem as *relações* entre os participantes do discurso, os papéis e o *status* a eles atribuídos, ou assumidos pelos interlocutores, também são recorrentes, e aí temos duas das principais dimensões cuja coocorrência dá forma a um gênero (*campo* e *relações*), para se retomar Suzanne Eggins (2004).

Considerando o desenvolvimento teórico aqui apresentado e o levantamento dos dados para análise no Capítulo 4 da tese, propõe-se a hipótese de haver um *paragênero*,<sup>9</sup> o qual coloniza *ad hoc* textos jornalísticos produzidos para/sobre mulheres, independente do gênero discursivo. A esse respeito, cabe registrar que, segundo Fairclough (2006, p.66), os gêneros variam consideravelmente quanto à estabilização, fixidez e homogeneização, podendo, logo, ser fluidos. No caso do gênero referido nesta tese, ele articularia discursivamente gêneros diversos, construindo significações comuns ao longo das publicações em que se fizesse presente. Na literatura consultada, conceitos como *gênero híbrido* (cf. BALOCCO, 2005, p.67; EGGINS, 2004, p.81), *macrogênero* (cf. EGGINS, 2004, p.70; WOODWARD-KRON, 2005) ou *gênero secundário* (cf. BAKHTIN, 1997) não dão conta dessa formulação, conforme será desenvolvido adiante.

Os gêneros normalmente presentes em jornais ou revistas de informação geral têm sido objeto de estudos de vários autores (e.g. BALTAR, 2004; BONINI, 2002; CARVALHO, 2010; KARWOSKI et al., 2006; MARCUSCHI, 2008), não sendo a mesma a finalidade desta tese. Aqui, o principal objetivo é analisarem-se regularidades linguístico-discursivas em matérias jornalísticas nas quais sejam mencionados atores femininos, com vistas a testar a hipótese de haver um *paragênero*, que, por não estar conectado a uma rede específica de práticas sociais, apresenta alta abstração, tendo assim a propriedade de colonizar outros gêneros. Entre seus possíveis constituintes, encontram-se representações de gênero social análogas a diversas práticas sociais que lhe dão sustentação, aspecto esse que será ilustrado e desenvolvido no Capítulo 4 desta tese. Na literatura, não foi encontrada tal proposição, mesmo se considerarem-se as “formas de organização dos sujeitos” previstas por Emilia Pedro (1997, p.33) e Norman Fairclough (2001, p.161), ou as *relações* entre os participantes do discurso, conforme Suzanne Eggins (2004).

Os textos integrantes do *corpus* foram publicados nas revistas *Carta Capital* e *Veja*, em março de 2009 e de 2013, sendo que o detalhamento quanto aos critérios utilizados

---

<sup>9</sup> Do grego *pará* – “ao lado de”, “ao longo de”. (Cf. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio Século XXI*: o dicionário da língua portuguesa: dicionário eletrônico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000. 1 CD-ROM). Somente em agosto de 2013, a autora desta tese tomou conhecimento de que Maria Ignez Teixeira França já havia empregado o termo *paragênero*, em seu artigo *Os Travestis Sagrados do Sulawesi*, para designar um dos cinco gêneros de pessoas pertencentes à cultura dos bugis, povo que habita essa ilha da Indonésia. Segundo França, os bissu são sacerdotes que apresentam características masculinas e femininas, constituindo um “paragênero”. Eles são, simultaneamente, machos/fêmeas, deuses/mortais, tendo livre acesso a espaços reservados exclusivamente a homens ou a mulheres. O artigo foi publicado na edição de março de 2005 da revista *Planeta*, tendo sido reproduzido no *site* de Letícia Lanz, dedicado à defesa dos direitos dos transgêneros (disponível em: <<http://www.leticialanz.org/os-travestis-sagrados-do-sulawesi/>>. Acesso em: 23 ago. 2013). O conceito apresentado nesta tese, embora seja homônimo, tem caráter distinto, pois não se reveste dessa natureza de dualidade descrita por França.

para essa escolha é exposto na Metodologia, Capítulo 3 deste trabalho. Neste momento, cabe apenas destacar que a opção por revistas semanais de informação geral, em vez de revistas direcionadas especificamente ao *target* feminino, deveu-se ao fato de estas, normalmente, já constituírem “guias ou manuais” para as mulheres, conforme escreve Heberle (2004, p.86). Nesse sentido, é previsível que, nessas revistas, se encontrem amostras de discurso “típicas ou representativas de certa prática” (FAIRCLOUGH, 2001, p.57).

As revistas selecionadas são exemplares em outro sentido, quanto à linha editorial e inserção no cenário midiático brasileiro. No que respeita ao público-alvo, ainda que ambas se direcionem às classes econômicas A e B, seus discursos e propostas distanciam-se bastante ideologicamente. A revista *Veja* é quarta do mundo em sua categoria (cf. MARTINS; LUCA, 2012, pos. 3699) e a publicação de maior tiragem e circulação da Editora Abril, por sua vez, a maior editora de revistas do Brasil e um dos maiores conglomerados de comunicação da América Latina. Desde setembro de 2011, a Presidência Executiva da Abril S/A, *holding* que comanda as operações de mídia, gráfica e distribuição do Grupo Abril, foi assumida por Fábio Barbosa, ex-presidente do Conselho de Administração do Santander Brasil e membro do Conselho da Petrobras desde 2002, além de ter outras inserções importantes no cenário econômico nacional e internacional. Já *Carta Capital* é editada pela modesta Editora Confiança, cujos sócios são os próprios jornalistas da revista, ao lado de pequenos investidores. Seu editor-chefe é o conhecido jornalista Mino Carta, curiosamente, também um dos fundadores da revista *Veja*. Esta segue abertamente os ideários do Estado neoliberal, ao qual *Carta Capital* opõe-se sistematicamente.

Essas breves informações a respeito das revistas prestam-se tanto para evidenciar os contrastes entre ambas, como para informar acerca das ideologias que norteiam sua produção, o que integra o quadro de preocupações da Análise Crítica do Discurso. Ao conjugar elementos de análises social e linguística, o modelo proposto pela ACD implica um exame multidisciplinar dos discursos (cf. PEDRO, 1997, p.28-29), perspectiva que envolve a produção, distribuição, o consumo e a interpretação dos textos, os processos sociocognitivos, as práticas sociais e os projetos hegemônicos (cf. FAIRCLOUGH, 2001, p.276).

Sob essa ótica, no Capítulo 2 deste trabalho, é discutida a formação de cadeias discursivas. Analisa-se essa dinâmica para a realidade brasileira e o modo pelo qual discursos “fundadores” podem servir aos propósitos da mídia conservadora. Nesse projeto, incluem-se prescrições de gênero social, manifestas nos mais diversos gêneros midiáticos. Na sequência, é desenvolvida a articulação entre as principais vertentes teóricas que nortearão a análise dos dados, é contextualizada a revista de consumo no âmbito da cultura de massa no Brasil e é

discutida a atual reestruturação discursiva em função do novo capitalismo, ou globalização. Para tanto, o modelo da família tradicional brasileira é situado nesse modo de produção, sendo também relacionado à sua forma de representação em revistas de consumo.

No Capítulo 3, são apresentadas mais características que distinguem as revistas *Carta Capital* e *Veja*, detalhando-se os critérios utilizados para a seleção desses periódicos e expondo-se o método norteador das análises que compõem o Capítulo 4. As conclusões do estudo encontram-se no Capítulo 5, denominado *Síntese*, seguido pelas Referências. Nesta seção, são listadas as publicações, em suporte físico ou de diferentes plataformas, que deram aporte teórico e metodológico ao trabalho e de onde foram extraídos os textos analisados. As publicações das quais somente foram utilizadas informações muito pontuais, com vistas a esclarecer ou ilustrar passagens do texto, estão referenciadas em notas de rodapé. As citações de páginas contidas em obras formatadas para *kindle* são indicadas pela abreviatura “pos.” (posição), em vez de “p.” (número da página), considerando-se que, nesse suporte, os textos ocupam “posições” nos arquivos. Nas obras de língua inglesa, a denominação utilizada é “loc.” (*location*), contudo, aqui essas referências foram padronizadas utilizando-se a abreviatura em língua portuguesa. Por último, os Anexos contêm documentos mencionados no Capítulo 3 e a listagem de alguns arquivos baixados de *sites* cujos dados foram utilizados nos Capítulos 3 e 4. Esses arquivos foram anexados porque poderiam vir a ser excluídos dos *sites*, dificultando uma posterior consulta.

A relevância desta tese reside no objetivo de ser elaborada inédita descrição para um fato linguístico/discursivo, o que também converge à prática docente, pois, conforme dispõem os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 2000, p.8), “O estudo dos gêneros discursivos e dos modos como se articulam proporciona uma visão ampla das possibilidades de usos da linguagem [...]”. No mesmo documento, lê-se que “Toda e qualquer análise gramatical, estilística, textual deve considerar a dimensão dialógica da linguagem como ponto de partida.” (ibid., p.21), incluindo-se nessa análise os gêneros e sua importância para a conformação dos gêneros sociais.



Esta tese é o resultado não apenas de meus estudos acadêmicos, ou de minha atuação profissional em diversos campos relacionados às Letras, ou ainda de minhas convicções políticas, mas também de minha trajetória pessoal, a qual inclui longo aprendizado sobre as relações de gênero, em dois continentes. Com a literatura e minhas orientadoras, pude constatar que “outro mundo é possível”, no qual desigualdades de gênero não são

utilizadas e naturalizadas pela mídia como forma de contribuírem para a manutenção das mulheres em condições sociais inferiores. Por meio do estágio de pesquisa na Inglaterra que me foi viabilizado pela Universidade Católica de Pelotas (UCPel) e pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pude testemunhar que esse mundo está bem perto da realidade. Esse olhar “de fora” trouxe mais convicção às análises desenvolvidas neste trabalho e às mudanças que realizei em minha vida pessoal e profissional. Baseando-me na Análise Crítica do Discurso, sinto-me à vontade para escrever essas considerações um tanto subjetivas, já que essa teoria admite ser a análise também uma forma de interpretação, pois nela interferem a sensibilidade do analista, suas tendências e motivações sociais (cf. FAIRCLOUGH, 2001, p.57).

Desejo a todas/os boa leitura.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 Gênero e família em cadeias discursivas

Algumas obras são consideradas “fundadoras” de certas áreas do conhecimento, do imaginário de uma civilização ou da fortuna analítica de determinada cultura. No primeiro caso, podemos citar o *Curso de Linguística Geral*, compilação das aulas de Ferdinand de Saussure (1993) organizada por alguns de seus discípulos, os quais imputaram a autoria da obra ao mestre. Muitos foram os desdobramentos consecutivos à publicação, em múltiplas tendências, seguindo-a, contestando-a, ressignificando-a ou simplesmente ignorando-a, como foi o caso, a princípio, da Linguística norte-americana. De qualquer sorte, a obra ainda é, no mínimo, considerada “o ponto de partida de uma problemática que continua na ordem do dia” (cf. SALUM, 1993, p.XV), ou, no máximo, o marco fundador da ciência Linguística.

Entre as produções basilares do imaginário de um povo, podemos lembrar a *Odisseia*, poema épico atribuído ao escritor grego Homero (séc. IX AEC). As aventuras de Odisseu apresentavam o mundo grego como o único civilizado; fora dele, havia as feras, as criaturas sobre-humanas, as forças arrasadoras da natureza, a morte sempre iminente. A transposição das imemoriais aventuras de Odisseu para a obra em versos sempre “esteve nas mãos” de grandes mestres da literatura universal, conforme escreve Donaldo Schüller (2007, p.7). Qualquer analista pode, facilmente, identificar o legado de Homero não apenas em obras literárias contemporâneas, mas também em outras formas de representações artísticas, como o cinema.

Por fim, se pode citar *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda (1995), e *Casa Grande e Senzala*, de Gilberto Freyre (2003), como exemplos das pioneiras obras que tentaram explicar a cultura e a civilização brasileiras como um todo. Um dos principais motivos pelos quais *Raízes do Brasil*, publicado originalmente em 1936, ficou tão conhecido, fazendo ainda parte da bibliografia básica de muitos cursos universitários, foi a formulação do conceito de *homem cordial*. Segundo seu autor, a hospitalidade e a generosidade comumente atribuídas ao povo brasileiro não podem ser confundidas com civilidade ou polidez, pois, neste caso, as primeiras constituem exatamente o oposto das segundas. Particularmente a polidez seria um modo de o cidadão preservar suas emoções e sua individualidade ante a esfera pública; trata-se, em suma, do triunfo do indivíduo, não do individualismo. Já o *homem cordial* carrega o pavor de apoiar-se em si mesmo, necessitando amparar-se na vida social a

tudo o momento, o que implica abdicar de significativa parcela de sua individualidade. Linguisticamente, esse comportamento do brasileiro traduz-se no emprego abundante de formas de reverência, herança lusitana adaptada aos trópicos, e no peculiar uso de diminutivos, visando trazer o *alocutário* para o círculo familiar do *locutor*. Esse movimento representa um interesse individualista, diverso daquele que busca resguardar a individualidade.

Aqui, se tomam emprestados os conceitos apresentados por Émile Benveniste em *O Aparelho Formal da Enunciação* (1989, p.81-90) – posteriormente recuperados e desenvolvidos por Oswald Ducrot – por serem adequados ao que expõe Holanda, sem se entrar ainda na questão ideológica dos discursos. No “quadro figurativo” teorizado por Benveniste, o *locutor*, aquele que se apropria do aparelho formal da língua, *postula e implanta* diante de si um *alocutário*. Esse parceiro na interação verbal é, destarte, parcialmente determinado pela imagem que o locutor constrói de si próprio. Na mesma direção, Mikhail Bakhtin (1997, p.290-291) analisa que, ao enunciar, o locutor espera haver, por parte do ouvinte, certa *atitude responsiva ativa*, seja ela imediata ou não. Nesses termos, o locutor antecipa o que o ouvinte poderá dizer, o qual faz o mesmo ao tornar-se locutor. A constituição de subjetividades a partir de formações imaginárias foi bem exemplificada por Aracy Ernst Pereira (2007) ao examinar os “diálogos” sobre o corpo registrados em portas e paredes de banheiros de escolas públicas, espaços nos quais a imagem do “eu” está preservada em face da ausência física de um coenunciador.

Pode-se ainda aproximar o *alocutário* do *coenunciador* descrito por Dominique Maingueneau (2005). Ao expor sua concepção de *ethos*, o autor escreve haver representações sociais que precedem o enunciado, permitindo, ao coenunciador, construir uma imagem mental de atributos físicos e psíquicos do orador mesmo antes da enunciação. Essa instância subjetiva encarna-se, exercendo o papel de *fiador*, membro da mesma comunidade imaginária da qual participa o coenunciador. Ora, se tanto o locutor, quanto o alocutário ou ouvinte, possuem representações mentais que precedem a enunciação, melhor se pode entender o estranhamento que a linguagem informal utilizada por brasileiros possa causar a estrangeiros, quando os participantes da conversação não compartilham o mesmo *ethos*, conforme registrado por Holanda (1995).

A importância das construções de significados sociais, ou categorias sociológicas, é enfatizada por Theo van Leeuwen (1997) ao propor seu método para analisar a representação de atores sociais em um discurso. Por meio do conceito de *ator social*, van Leeuwen teoriza o modo pelo qual indivíduos situados socialmente são textualizados, exprimindo assim a forma como sua interação em sociedade é interpretada por outros atores

(cf. *ibid.*, *passim*). No marco da Análise Crítica do Discurso, pode-se depreender que também, dialeticamente, essa representação influa a própria construção da realidade, pois os indivíduos, tornados atores, consomem os mesmos textos sobre eles produzidos. Nessa dinâmica, os textos passam a construir discursos, porquanto, na concepção de van Leeuwen (*ibid.*, p.172), as práticas sociais são constitutivas das representações dos atores sociais, visando a uma finalidade específica.

O *homem cordial* analisado por Holanda (1995, p.81-83), no caso, o “eu” da enunciação, postula o “tu”, o *alocutário*, tendo por finalidade movê-lo da esfera pública para o círculo das relações pessoais. Para o autor, essa prática encontra suas origens na formação rural do Brasil, quando a família patriarcal organizava-se ainda segundo as normas clássicas do direito romano-canônico. O pátrio poder, de vida e morte, exercia-se sobre toda a unidade produtiva, abrangendo o núcleo familiar, os escravos, artesãos, agregados e outros, sendo refratário a qualquer forma de interferência externa, incluída a do Estado. “O resultado era predominarem, em toda a vida social, sentimentos próprios à comunidade doméstica, naturalmente particularista e antipolítica, uma invasão do público pelo privado, do Estado pela família.” (*ibid.*, p.82).

Para esse autor, assim como para Freyre, o patriarcado foi um elemento central na formação da sociedade brasileira. A casa-grande, símbolo das vastas propriedades coloniais, expressaria também o modo de organização social e política do País, centrado em um patriarca, cujos interesses particulares mais tarde se confundiriam com as necessidades do próprio Estado. Resguardada essa aproximação entre as duas obras, ambas se distanciam quanto à linguagem empregada e aos eventos eleitos para explicarem a cultura brasileira. Enquanto a linguagem de Holanda é mais acadêmica, a escrita de Freyre é atravessada por um vocabulário muitas vezes chulo ou escatológico, empregado para descrever os personagens que habitam seu universo polarizado. Por outra via, enquanto Holanda escolhe a sociedade portuguesa medieval para explicar as idiossincrasias brasileiras, Freyre parece ter especial predileção por explorar a sexualidade no Brasil Colônia, sob diversas manifestações, pois, segundo ele, a economia e a organização social brasileiras “[...] às vezes contrariaram não só a moral sexual católica como as tendências semitas do português aventureiro para a mercancia e o tráfico.” (FREYRE, 2003, p.34).

Na análise de Josélia Gomes Neves (2003), Freyre deslocou o relato histórico dos grandes personagens, ou atores tradicionalmente centrais, para os acontecimentos do dia a dia, das “pessoas comuns”. Aqui importa o modo como Freyre representou essas “pessoas comuns”, principalmente as mulheres, o que constituiu objeto de estudo de Neves (*op. cit.*) ao

examinar questões de gênero em *Casa Grande & Senzala*. A autora efetuou um levantamento, ainda que não exaustivo, de formas de nomeação de mulheres e meninas, assim como das ações que as caracterizavam:

[...] índia, negra, mulher brasileira (forma de designar a mulher branca europeia), mulata, menina-moça, mãe-benta, filhas de Maria, comadre parteira, bruxas portuguesas, ama-de-leite, escrava enredeira, iaiá solteirona, mãe-preta, mucama e sinhá-moça.

[...]

[...] contraste entre a sua conduta moral na Corte e nas cidades e no interior, p.501-502; fala estridente e desagradável, p.392; preferência erótica do português, 84-85; tipo anormal de superexcitada genésica, p.425; agentes de depravação precoce dos meninos patriarcais, p.424-425; alcoviteiras, p.478; sensualidade exaltada, p.479 - 480; seleção das mais belas para amantes dos senhores, p.499; nuas nas casas-grandes dos séculos XVI e XVII, p.236-237. (NEVES, 2003, p.3).

Neves conclui que se destaca a contenção do feminino ao espaço privado, e ressalta-se, àquele que pode ser o mais privado dos espaços, a alcova, o que, para a autora, contraria outros importantes registros acerca do papel das mulheres na história ocidental. Pode-se observar que, em *Casa Grande & Senzala*, a ação das mulheres centra-se no corpo, em oposição ao “português aventureiro”, ou seja, aquele que “faz”. Nas palavras de Freyre (2003, p.32) – ele mesmo descendente de senhores de engenho –, foi somente por meio da procriação que as mulheres interferiram no modo de produção econômica colonial:

A índia e a negra-mina a princípio, depois a mulata, a cabrocha, a quadrarona, a oitavona, tornando-se caseiras, concubinas e até esposas legítimas dos senhores brancos, agiram poderosamente no sentido de democratização social no Brasil. Entre os filhos mestiços, legítimos e mesmo ilegítimos, havidos delas pelos senhores brancos, subdividiu-se parte considerável das grandes propriedades, quebrando-se assim a força das sesmarias feudais e dos latifúndios do tamanho de reinos.

Nesta tese, a menção às obras de Freyre e de Holanda não se deve apenas ao fato de esses textos constituírem exemplos de análises acerca de nossa cultura, mas de eles serem exemplares, ainda se encontrando entre aqueles considerados os fundadores do pensamento brasileiro. Quanto a *Casa Grande & Senzala*, Darcy Ribeiro (2000, p.11)<sup>10</sup> chegou a escrever

<sup>10</sup> Em maio de 2013, Antonio Candido de Mello e Souza publicou, no *blog* da Editora Boitempo, a lista dos dez melhores livros para “se conhecer o Brasil”. Os dois primeiros foram *O Povo Brasileiro* (1995), de Darcy Ribeiro, e *Raízes do Brasil* (1936), de Sérgio Buarque de Holanda. Para entender “[...] as características da sociedade que eles [português, índio e negro] constituíram no Brasil, sob a liderança absoluta do português”, Antonio Candido indica *Casa Grande e Senzala* (1933), de Gilberto Freyre. Esse artigo foi lido muito após ter sido finalizado este capítulo da tese, contudo, a nota reitera a linha de raciocínio aqui desenvolvida. Disponível em: <<http://blogdaboitempo.com.br/2013/05/17/antonio-candido-indica-10-livros-para-conhecer-o-brasil/>>. Acesso em: 29 set. 2013.

“que se trata do maior dos livros brasileiros e é o mais brasileiro de todos os ensaios que escrevemos”. Ademais, essas obras podem ser inscritas entre os “grandes relatos do período moderno” (cf. LYOTARD, 1988, p.69), nos quais a linguagem é concebida como algo transparente, meio de representação da realidade; em seus discursos, *verdade* e *realidade* são equivalentes, porquanto as análises contidas nessas grandes obras “fundadoras” têm *status* documental. Elevadas à condição de *documento*, os escritos de Holanda e Freyre situam-se entre aqueles que têm contribuído, dialeticamente, para a manutenção do mito da família patriarcal como o modelo para a sociedade brasileira, apesar de todas as transformações pelas quais passou a nação, sobretudo com a chegada do século XX.

Para Holanda (1995), embora o sistema econômico de base patriarcal tenha perdido terreno diante da expansão do sistema urbano, o imaginário a ele característico foi transposto à burocracia estatal e continuou permeando as relações pessoais, mesmo porque os burocratas que passaram a comandar a República, aberta ou implicitamente, tinham suas origens bem enraizadas nos latifúndios de estrutura feudal. Tal modelo político dos “donos do poder” é analisado criticamente por Raymundo Faoro (2001), autor do estudo considerado o melhor “[...] sobre o caráter histórico da reprodução do poder patrimonialista e oligárquico favorecida pelos vínculos burocráticos do aparelho de Estado [...]” (CATTANI, 2013, p.131).

Segundo Faoro (2001, p.199), o Brasil Colônia era concebido como parte do patrimônio da Coroa portuguesa. Para cá, o rei mandava nobres que exerciam a administração de forma ilimitada, acumulando os poderes legislativo, executivo e judiciário, podendo inclusive vender seus cargos ou deixá-los como herança: “O funcionário é o outro eu do rei, um outro eu muitas vezes extraviado da fonte de seu poder”. Já desde então, confundiam-se interesses públicos e privados, o que se perpetuou mediante a prática coronelista de governar.

Tornados grandes senhores de terras e, posteriormente, os administradores da República, esses atores sociais não permitiram que, aqui, se conformasse um Estado legitimamente moderno, tendo entre suas funções impor limites aos interesses individuais por meio de regras. Em agosto de 1995, a revista *Carta Capital* publicou um dossiê sob o mesmo título do livro de Faoro, no qual informava sobre a permanência do poder político contemporâneo no controle de grupos familiares oligárquicos com mais de duzentos anos de tradição. Outros autores têm comprovado que esse poder remonta, em alguns estados, ao século XVIII, “manifestando-se de forma coronelística e clientelista em pleno século XXI” (cf. CATTANI, 2013, p.132).

O exercício de poder na esfera pública análogo àquele praticado no ambiente doméstico brasileiro não pode ser confundido com o modelo instalado mundialmente, durante

a globalização econômica da segunda metade do século XX. Neste caso, o que se busca é a reestruturação de relações sociais nos termos da demanda do capitalismo global, quando discursos objetivam mitigar os impactos negativos dessas mudanças sobre diversas áreas da vida social, como política, educação e produção artística, entre outras (cf. FAIRCLOUGH, 2003). Para tanto, faz-se uso da *personalização sintética*, artifício pelo qual se visa criar uma ilusão de democratização dos discursos (cf. FAIRCLOUGH, 2001). A migração da lógica patriarcal para a nascente economia capitalista no Brasil originou-se anteriormente, em outro contexto, conforme explica Faoro (2001) em *Os Donos do Poder*.

A figura do pátrio poder permaneceu como herança de Portugal tanto na administração do Estado, como no ordenamento jurídico da vida cotidiana. Desde início da colonização do Brasil, houve a tentativa de se “implantar uma moral e uma ordem onde o casamento tinha importante papel, ainda que simbólico” (CORRÊA, 1982, p.28). Para cá, inicialmente se transplantou um modelo de família semelhante ao português, este patriarcal e com tendências conservadoras. No Brasil, porém, em face da economia colonial de base agrária, latifundiária e escravocrata, essa família assumiu contornos peculiares. Nas propriedades agrárias do período colonial brasileiro, a ela também se ligavam diversos elementos periféricos, por laços de parentesco, política, trabalho, amizade ou dívidas, apenas para se citarem alguns exemplos. Essa família possuía, então, uma estrutura dupla, composta por um núcleo central e uma camada periférica. O núcleo central era formado pelo casal, filhos legítimos, cônjuges e descendentes. Ao lado dele, se estabelecia um círculo, integrado por concubinas, filhos ilegítimos, afilhados, parentes, escravos, agregados e amigos. Aos outros grupos que orbitavam em torno dessa família, pertenciam vizinhos (roceiros, sitiantes e lavradores) e trabalhadores livres e migrantes. Sobre todos esses elementos, pairava a ordem paternalista (cf. SAMARA, 1993, p.10-15).

A divisão de tarefas era prescrita entre os sexos, sendo o homem o provedor e o tomador de decisões, e a mulher, a responsável pela casa e pela “assistência moral à família”. Somente sob forte justificativa jurídica, a mulher poderia desempenhar o papel de “cabeça do casal” (cf. *ibid.*, p.59-60); contudo, na prática, mulheres assumiam seguidamente o comando da família, por diversos motivos (guerras, revoluções, abandono, viuvez ou separações). Entre as classes mais abastadas, há inclusive registros de mulheres chefiando famílias permanentemente e administrando sua vida de forma autônoma.

Em termos econômicos, a substituição do modelo produtivo com base na família patriarcal deu-se em função da decadência do engenho e do café, sendo ela substituída pela “família conjugal moderna”. Com o avanço da urbanização, a vasta família, aos poucos,

reduziu-se ao casal e aos filhos, e o casamento passou a ter por finalidade não “mais principalmente a manutenção de uma propriedade comum ou dos interesses políticos de um grupo, mas sim a satisfação de impulsos sexuais e afetivos que na família patriarcal eram satisfeitos fora de seu círculo imediato” (CORRÊA, 1982, p.14). A partir da segunda metade do século XX, pesquisas realizadas em fontes primárias, como listas nominais de moradores das cidades, listas de inventários, códices, assentamentos de batismos e uniões matrimoniais, revelaram haver ainda outros arranjos familiares.

Não foi por coincidência que a publicação de estudos dessa natureza iniciou na década de 1980, quando o movimento feminista contemporâneo inscreveu o *gênero* como categoria de análise no âmbito acadêmico (cf. FUNCK, 1994, p.44). Ainda que, inicialmente, autoras como Daborah Cameron e Jennifer Coates acabassem “[...] por essencializar a mulher em um feminino determinista e monolítico [...], ao mesmo tempo revelaram importantes formas de poder e dominação sustentadas pela linguagem nas relações de gênero” (FUNCK, 2008a, p.185). Tal dinâmica não decorre de características imanentes à linguagem, mas “[...] é efeito da hegemonia masculina nas práticas socioculturais vigentes.” (ibid., p.186).

Conforme Maria Izilda Matos (2007, p.279), no intuito de rever e ampliar seus paradigmas, a História abriu-se aos excluídos, ao “outro”, descobrindo assim o “político no âmbito do cotidiano”. Tal relativismo “destrói a tradicional distinção entre o central e o periférico na História”, o que colocou as mulheres no cenário dos estudos na área e propiciou a emergência do *gênero* como importante categoria também para a análise histórica. Essa mudança de foco atende à necessidade de se recuperarem e de se reescreverem não só as histórias das mulheres, mas também os relatos que as próprias culturas podem revelar a seu respeito, conforme analisa Jane Flax (1991, p.247). Por sua vez, Pierre Bourdieu (1999, p.101) aponta a necessidade de haver “uma história das mulheres” para que se examine o modo como elas foram des-historicizadas, podendo-se investigar, assim, os agentes e as instituições que contribuíram para a manutenção das relações de dominação masculina. A existência de uma dominação masculina *a priori* não é consenso entre autoras feministas, contudo, o pensamento de Bourdieu é aqui trazido por ele integrar grande parte das produções que examinam as relações de gênero e poder em sociedades contemporâneas.

Diversos estudos historiográficos têm apresentado evidências que permitem questionar-se também o pensamento de Gilberto Freyre. De acordo com Mariza Corrêa (1982, p.15-16), esse foi um dos principais autores responsáveis por a historiografia tradicional ter reduzido a família brasileira a **um** modelo, o do engenho, ignorando todas as tensões existentes no País desde a sociedade colonial. Escreve Eni de Mesquita Samara (1993, p.17-

20) que, a despeito de o termo “família patriarcal” ter se difundido quase como sinônimo de família brasileira, o modelo a ele correspondente não se instalou em todo o Brasil Colônia. Desde o século XVIII, era grande a presença de mulheres pobres, brancas, escravas e forras sem marido, desempenhando atividades econômicas remuneradas em São Paulo e desfrutando da “relativa autonomia dos desclassificados sociais” (DIAS, 1984, p.19, 11). Nos séculos XVIII e XIX, em 74% das casas paulistanas, por exemplo, as famílias eram menores e compostas de outras maneiras. Nessas variações, encontravam-se homens e mulheres solteiros vivendo com seus filhos ilegítimos, escravos, criados ou parentes. De 1804 a 1836, cerca de 40% dos fogos<sup>11</sup> urbanos eram habitados por mulheres chefes de família (cf. *ibid.*, p.20), e 46,4% dos homens chefes de domicílio não tinham filhos naquele último ano (cf. SAMARA, 1993, p.27). Entre os brancos pobres, os pardos e os negros, prevaleciam o celibato e as uniões ilegais (cf. *ibid.*, p.55-56). O que se verifica é que embora, nas cidades, os arranjos familiares não fossem idênticos àqueles estabelecidos nos latifúndios, os atores que detinham o poder econômico também exerciam controle sobre os discursos que disciplinavam a sociedade.

Já no século XXI, em 2006 as mulheres eram responsáveis por 24,9% dos domicílios particulares permanentes (cf. IBGE, 2006). Em 2011, esse índice havia se elevado para 37,4%, conforme dados obtidos por meio da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (cf. IBGE, 2011). Esses números têm inserido, em discursos oficiais, o reconhecimento de haver distintas práticas sociais no que diz respeito à composição da família, o que não significa ter havido o desaparecimento da clivagem entre norma e desvio.

A importância da multiplicidade de modelos familiares e de arranjos de coabitação tem sido mitigada em estudos canônicos devido a uma série de fatores. Por uma via, há os claros interesses de ordens social, política e econômica, para os quais as relações de compadrio e o casamento tradicional desempenham papel importante na manutenção de famílias influentes e, por conseguinte, na concentração do capital e do poder político em certas camadas sociais. Relacionado a isso, tem permanecido sólido o ideário de se situarem os sexos nas esferas pública e privada de acordo com atribuições de gênero, reservando-se aos homens, de modo geral, as tarefas mais bem remuneradas e onerando-se as mulheres com a responsabilidade pela administração da casa, não raro acumulando jornadas de trabalho.

Mudanças sociais demandam novos dispositivos que atuam não apenas sobre representações contemporâneas, mas também sobre as mais antigas, pois o domínio do social situa-se ao longo de uma linha do tempo, conforme analisa Gilles Deleuze (1980, p.2-3). No

---

<sup>11</sup> Os *fogos* constituíam moradias urbanas, ou mesmo famílias nelas residentes no período colonial brasileiro (cf. FERREIRA, 2005).

tocante à família contemporânea, uma de suas linhas de mutação situa-se no fato de ela tender a se desvencilhar da “autoridade paterna ou marital do chefe de família” (ibid., p.4). Essa autoridade funda-se na estrutura do patriarcalismo, ainda a base de todas as sociedades contemporâneas, não apenas a brasileira. Nessa estrutura, a autoridade paterna é imposta não somente aos demais membros no âmbito familiar, mas permeia toda a organização social; ainda assim, o que dá sustentação ao patriarcalismo e viabiliza sua perpetuação é a família (cf. CASTELLS, 2008, p.169).

Elisabeth Roudinesco (2003, p.37-38) analisa que essa família ainda se caracteriza como uma comunidade de trabalhadores, homens, mulheres e crianças, na qual a figura paterna permanece como referência tanto na empresa, quanto no “coração do lar”. Jane Flax (1991, p.243-244) critica esse tipo de entendimento, o qual reduz a família a “uma economia política em miniatura com sua própria divisão de trabalho”, desconsiderando a diversidade de arranjos familiares existentes ou as diferentes experiências associadas a um lar. Para a autora, esse seria parte dos dilemas, ou “armadilhas”, da teoria feminista, a qual, em muitos momentos, pode reproduzir as dicotomias público x privado, corpo x mente, natural x social, entre outras. Embora aqui se concorde com Flax, a definição de “família econômica” elaborada por Roudinesco (op. cit.) é transcrita por ela se aplicar às representações que, comumente, são veiculadas pela mídia (e.g. GASTALDO, 2005). Nessa família, o homem é

[...] senhor de sua domesticidade apenas no sentido de que sabe impor limites ao exercício da onipotência do feminino, sejam mães ou mulheres misturadas. A ordem familiar econômico-burguesa repousa portanto em três fundamentos: a autoridade do marido, a subordinação das mulheres, a dependência dos filhos. Mas, ao se outorgar à mãe e à maternidade um lugar considerável, proporcionam-se meios de controlar aquilo que, no imaginário da sociedade, corre o risco de desembocar em uma perigosa irrupção do feminino, isto é, na força de uma sexualidade julgada tanto mais selvagem ou devastadora na medida em que não estaria mais colada à função materna. A mulher deve acima de tudo ser mãe, a fim de que o corpo social esteja em condições de resistir à tirania de um gozo feminino capaz, pensa-se, de eliminar a diferença dos sexos. (ROUDINESCO, 2003, p.37-38).

Michel Foucault (2001, p.37-38) escreve que, nos últimos dois ou três séculos, a disciplina da sexualidade dá-se, contraditoriamente, via proliferação de discursos sobre ela, tendo-se por “preocupação elementar: assegurar o povoamento, reproduzir a força de trabalho, reproduzir a forma das relações sociais”, para torná-la “economicamente útil e politicamente conservadora”. Aqui temos, novamente, as ideias de “família econômica” e de contenção da sexualidade expostas por Roudinesco (2003). A autora (ibid., p.10) analisa que, atualmente, há uma paradoxal busca pela normalização familiar por parte de homossexuais, homens e

mulheres, por meio do casamento (ou da união civil), da adoção de crianças e da procriação medicamente assistida. Desta vez, conservadores reagem contra essa busca por inclusão, pois, incluídos, os desviantes não são mais estigmatizáveis. Cabe lembrar que a identidade constitui-se a partir de uma operação cognitiva pela qual um indivíduo, grupos ou nação distinguem-se do “outro”, aquele que ocupa o outro lado da fronteira (cf. MALHADAS, 1994, p.167).

De acordo com Sérgio Buarque de Holanda (1995, p.143-144), quanto mais uma sociedade assentar-se sobre a base da família, sobretudo da família patriarcal, maior será sua dificuldade para adequar-se aos modelos atuais de Estado.<sup>12</sup> O autor utiliza as personagens trágicas Antígona e Creonte para ilustrar a oposição imanente entre Estado e família, instituições que se antagonizam porque o primeiro visa ao bem coletivo, ao passo que a segunda prima pelos interesses individuais. No Brasil, a urbanização trouxe certo desequilíbrio ao sistema de difusas fronteiras entre o público e o privado, não impedindo, contudo, que se estabelecesse uma burocracia patrimonialista, na qual a gestão pública confunde-se, ainda hoje, com interesses particulares (ibid. p.145-146), traduzindo-se na forma coronelista de governar. Tanto o Estado brasileiro como a sociedade em geral formaram-se nos moldes de laços familiares, sejam eles simbólicos ou, o que ocorre seguidamente, baseados na consanguinidade ou no compadrio, práxis em que o *homem cordial* é um dos atores destacados.

O coronelismo é também associado à formação dos atuais impérios dos meios de comunicação, conforme escreve Israel Bayma (2011). Para o autor, os coronéis locais, líderes de oligarquias regionais entre o século XIX e início do século XX, utilizaram sua influência sobre o aparato de Estado para se apoderarem dos meios de comunicação no Brasil. Donos também do “quarto poder”, não causa admiração que esses grupos venham cunhando livremente seu modo de “interpretar” os fatos veiculados nos meios de comunicação de

---

<sup>12</sup> Como exemplo, pode-se citar o Projeto de Lei 6583/13, apresentado em 2013, pelo pastor e deputado federal por Pernambuco Anderson Ferreira (PR), integrante da chamada “bancada evangélica” na Câmara Federal do Brasil, pelo qual o deputado propõe a criação do Estatuto da Família. De acordo com o Art. 2º do Projeto, a família passaria a ser exclusivamente definida “[...] como o núcleo social formado a partir da união entre um homem e uma mulher, por meio de casamento ou união estável, ou ainda por comunidade formada por qualquer dos pais e seus descendentes.” A “justificação” para o projeto seria a definição de família “[...] funcionando como uma espécie de unidade-base da sociedade. Daí porque devemos conferir grande importância à família e às mudanças que a têm alterado a sua estrutura no decorrer do tempo.” Enviado para análise à Câmara em fevereiro de 2014, o Projeto visa excluir, da definição de *família*, as demais formas de uniões estáveis que buscam reconhecimento legal, o que tem sido combatido pelo grupo numeroso de deputados evangélicos. Em março de 2014, o *site* de enquetes da Câmara mostrava que a proposta ganhava respaldo entre a população brasileira, ainda que por uma pequena margem de votos, de 50,57% a favor e 49,05% contra. Eventos dessa natureza ilustram o quanto o imaginário ligado ao modelo de família tradicional permanece forte em nossa sociedade, ainda que nem sempre respaldado na realidade objetiva, bem como as tênues fronteiras que separam o Estado da religião. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/agencia-app/resultadoEnquete/enquete/101CE64E-8EC3-436C-BB4A-457EBC94DF4E>. Acesso em: 8 mar. 2014.

massa. Tendo a *intelligentsia* nativa inscrito *Casa Grande & Senzala* em meio às grandes obras explicativas da sociedade brasileira, nada mais natural que as elites apenas se acomodassem a seu papel de direito, na esteira de outras *verdades* como “as brasileiras são as mulheres mais bonitas do mundo” ou “Deus é brasileiro”. Maria Cristina Leandro Ferreira (2003) analisa sob o conceito de *clichê* algumas falas que constroem um lugar de discurso para o modo de *ser* brasileiro, como um “[...] processo contínuo que se realiza em situações emergentes, tidas como fundadoras.” Esses discursos fundadores alicerçam-se tanto em mitos internos, como na relação com fatores externos, situados historicamente (cf. *ibid.*, p.74).

A dupla constituição do discurso fundador verifica-se quanto ao modelo de família enaltecido em produções televisivas e em matérias publicadas em revistas de consumo, o qual está longe de promover a equidade de gênero. Comumente, essa família é localizada em um contexto de produção capitalista, mas o paradigma para sua constituição ainda tem por referência os tradicionais papéis de gênero; arranjos diversos, a exemplo de famílias monoparentais, são sempre assinalados pela diferença. Quanto às mulheres, resguardadas as necessárias adaptações, podem se reconhecer nessas produções, simbolicamente, os tipos femininos “registrados” por Freyre: índia, negra, mulher brasileira, mulata, menina-moça, mãe-benta, filhas de Maria, comadre parteira, bruxas, ama-de-leite, iaia solteirona, mãe-preta, mucama, sinhá-moça... No geral, observa-se haver uma representação polarizada entre a norma e o desvio, as vilãs e as boazinhas, entre senhoras e servas, eternizando-se a visão do patriarca. Bourdieu (1999, p.7) analisa em termos de “violência simbólica” essa dominação masculina, naturalizada, que ocorre, sobretudo, por meio da comunicação e do conhecimento.

As peças publicitárias voltadas ao público feminino seguem semelhantes conceitos. De acordo com Nelly de Carvalho (2001, p.23-24), a publicidade, geralmente, baseia-se nos padrões da sociedade patriarcal, logo a imagem de “domesticidade”, ou “de sustentáculo interno da estrutura familiar”, é a que se constrói para a consumidora. Mesmo assim, seria impossível deixar-se de reconhecer a atuação feminina no mercado formal de trabalho, o que é contornado pela publicidade não apenas naturalizando, mas exaltando o acúmulo de tarefas com que se depara a mulher. Para tanto, emprega-se o conceito de *perfeição*, independente do segmento ao qual se dirija uma campanha: “Ainda se exige muito da mulher. Ela tem de ser a mãe perfeita, a dona-de-casa perfeita, a esposa perfeita e a trabalhadora perfeita” (*ibid.*, p.24). Até mesmo patologias que possam ser associadas a esse tipo de domesticidade são utilizadas, como a “neura da limpeza”.

Em textos midiáticos, ressaltam-se também escolhas linguísticas e discursivas peculiares, como o emprego da formação sufixal por diminutivos, atuando ou como intensificador semântico, ou como indicador de função emotiva de apreço (cf. CARVALHO, 2001, p.70; SANDMANN, 2000, p.64). Possivelmente, o uso desse tenor deva-se à sua associação à oralidade atribuída à linguagem feminina (cf. HEBERLE, 2000a, p.303), podendo-se assim interpretá-lo como um meio de hierarquização dos sujeitos no discurso, pois a oralidade, sobretudo aquela marcada por diminutivos, é identificada com a produção linguística *de e para* crianças. Diferente da linguagem masculina, que é associada à esfera pública, a feminina é referida à esfera privada, sendo assim expressa por um discurso cujo objetivo é manter relações sociais (cf. HEBERLE, 2000b). De acordo com Jane Flax (1991, p.241), essa divisão ocorre, em alguns textos, porque as mulheres são vinculadas ao corpo, à “diferença”, ao concreto, sendo assim relacionadas a “alimentação, maternidade, educação e relacionamento com outros, ‘preservação’.” A separação entre esferas permite alegar-se haver outra diferença quanto aos tópicos presentes na conversação, segundo a qual os temas eleitos pelas mulheres seriam aqueles concernentes a “roupas, comida, casa, crianças e homens”, geralmente afeitos ao espaço doméstico (cf. COULTHARD, 1991, p.53). Esse gênero de conversação é também simulado, em peças midiáticas, pelo emprego de um vocabulário limitado, sendo possível listarem-se os adjetivos e verbos mais comumente encontrados, como *facilitar, limpar, proteger, sorrir, amar, cozinhar, cuidar, saborosa, delicada, rápida, prática, bela, perfumada, cheirosa, macia, bonita, simples* etc. (cf. CARRASCOZA, 2002, p.36; SANDMANN, 2000, p.41). Basta pensar na estranheza que a utilização de algumas dessas palavras poderia causar em textos voltados ao público masculino, para se perceber o quanto elas estão identificadas com aqueles direcionados a mulheres.

Retornando-se ao aporte teórico de Benveniste (1989), o que há nessas produções são *locutores* que postulam as *alocutárias* mediante certas escolhas linguísticas. Se, conforme escreveu Holanda (1995), o *homem cordial* vale-se dos diminutivos e da linguagem coloquial a fim de trazer o *alocutário* para o interior da esfera privada, no caso de textos voltados para mulheres, esses objetivam fixá-las nessa esfera, já que “lugar de mulher é em casa”, um dos enunciados tão caros ao “senso comum”. Nessas práticas, são acionados estereótipos linguísticos relacionados a representações de gênero, uma vez que a linguagem também encontra-se entre seus constituintes. A exemplo de outras variáveis que operam nessa representação, a linguagem utilizada por homens e mulheres não é universal, e mesmo entre os falantes de uma mesma comunidade pode haver adesão ou rejeição a certas escolhas linguísticas relacionadas aos papéis de gênero (cf. HEBERLE et al., 2006, p. 9).

Especificamente quanto aos possíveis consumidores de textos coletivos, Norman Fairclough (2001, p.108) analisa serem eles concebidos em termos de “leitores múltiplos”, sendo enquadrados em parâmetros do imaginário social, ou mitos. Para isso, tanto no código visual, como no linguístico, utilizam-se estereótipos, fórmulas já consagradas, “verdade” aceita que “impede o questionamento a respeito do que está sendo comunicado” (CARRASCOZA, 2002, p.41). Lembremos que a repetição é “[...] o meio didático mais eficaz para agir sobre a mentalidade popular”, nas palavras de Antonio Gramsci (1989, p.26), autor que especialmente enfatizou o papel da ideologia na formação do senso comum. Por sua vez, analisam Analisam Casey Miller e Kate Swift (1991, cap. 4) que as palavras usadas diariamente pelas pessoas, veiculadas na mídia e registradas pela literatura popular, são aquelas que constroem o pensamento e transportam ideias e informações, inclusive os preconceitos.

Essas fórmulas inscrevem-se em cadeias discursivas, resultando, no caso dos textos produzidos para mulheres, em evidente intertextualidade entre a prescrição de papéis de gênero e a produção de certos gêneros discursivos. Algumas das características acima mencionadas de textos midiáticos voltados ao público feminino, inclusive, são encontradas na literatura como constituintes dos gêneros. Entre elas, está a regularidade nos objetivos, o estilo linguístico particular, a função (cf. JOHNSON; CALDAS-COULTHARD, 2009, p.64-65), a finalidade, o conteúdo temático, a construção composicional e o reconhecimento pelos participantes de uma comunidade falante (cf. BAKHTIN, 1997, p.279).

A relação da mídia com as mulheres tem sido contraditória, sobretudo a partir dos anos 1980. Enquanto o feminismo perpassa as mais diversas mensagens midiáticas, as mulheres, como sujeitos, permanecem marginalizadas e sub-representadas (cf. BYERLY; ROSS, 2006, p.6). Mediante o emprego da *antítese*, a figura feminina é enaltecida, desempenhando papéis e valendo-se de direitos “até então reservados aos homens” (cf. VIEIRA, 2001, p.43), ao mesmo tempo em que não se desvencilha de seu lugar subalterno na sociedade. Dialeticamente, peças midiáticas operam na construção de representações de gênero, ao reiterarem discursos que passam a anteceder os próprios enunciados, mediante uma instância subjetiva que se encarna como *fiador*, nos termos de Maingueneau (2005).

Uma das facetas dessa modalidade de cultura comercial expressa-se em seu alinhamento à indústria da beleza. Numerosos estudos têm caracterizado o discurso midiático como dispositivo pelo qual corpos femininos são moldados, codificados e dominados, na acepção de Michel Foucault, com vistas à adequação a um modelo estético (e. g. BORDO, 2003; CALDAS-COULTHARD, 1995, 2000; FIGUEIREDO, 2010; FUNCK, 2004, 2008b;

FUNCK; WIDHOLZER, 2005; HEBERLE, 2000a, 2004; MELO, 2004; MELO; SANEMATSU, 2006; PEREIRA, 2004; VIEIRA; 2007). Nessa via, a grande mídia pode ser definida como um “dispositivo pedagógico” para mulheres (cf. FISCHER, 2005).

Susan Bordo (1997, p.19) analisa que a cultura inscreve seus sinais nos corpos, neles se estabelecendo; o corpo é, então, um *texto* da cultura e um lugar de controle social. Essa “temível materialidade” que podem assumir os discursos constitui um dos elementos centrais na obra de Michel Foucault. Para o autor, “[...] em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos [...]” (FOUCAULT, 2006, p.8-9). Essas relações de poder são consideradas fundamentais por Joan Scott (1990, p.14-16) quando situa o gênero enquanto uma categoria de análise, indo em direção semelhante às elaborações de Foucault e de Roudinesco. Segundo a autora, embora o poder articule-se em outros campos, isso ocorre primeiramente no gênero, por meio de seus elementos constitutivos: os símbolos (relativos aos mitos existentes em uma cultura); os conceitos normativos (as regras sociais pelas quais se interpretam os símbolos, geralmente em termos de oposição masculino/feminino); a organização social (envolvendo relações de parentesco, trabalho, educação, sistema político etc.); e a identidade subjetiva, que também é historicamente situada.

Em seu *Manifesto Cyborg*, Donna Haraway (1991, p.276-283) propõe a apropriação do corpo e da linguagem como forma de resistência ao discurso totalizante da dominação, à perfeita comunicação dogmática e aos dualismos do “falo-logocentrismo”, como “eu/outro, corpo/mente, cultura/natureza, macho/fêmea, civilizado/primitivo, realidade/aparência, todo/parte, agente/recurso, criador/criado, ativo/passivo, certo/errado, verdade/ilusão, total/parcial, Deus/homem”. O corpo pós-moderno é definido por Haraway como *cyborg*, entidade híbrida, pós-gênero, ergonomicamente controlada, parte humana e parte fruto da sociedade *high-tech*, constituída ainda pelos textos e sistemas de comunicação, a ficção e a realidade social. Originalmente, o *cyborg* não elege essa identidade, mas também nega a “vitimização”, contrapondo o híbrido, o marginal e a heteroglossia ao discurso totalizante da dominação.

A noção de “sujeito engendrado” também está presente no pensamento de Teresa de Lauretis a respeito da forma de constituição dos sujeitos no gênero. Os sujeitos são, assim, instituídos tanto pela diferença sexual, como por meio de códigos linguísticos, representações culturais e formulações ideológicas. A autora (LAURETIS, 1994, p.216) reporta-se à formulação althusseriana acerca do funcionamento da ideologia para analisar que a

representação social do gênero opera na construção de subjetividades e das práticas cotidianas, numa relação dialética de agenciamento e de autoagenciamento. O sujeito assim formado é “[...] um sujeito ‘engendrado’ não só na experiência de relações de sexo, mas também nas de raça e classe: um sujeito, portanto, múltiplo em vez de único, e contraditório em vez de simplesmente dividido.” (ibid., p.208). Conforme a autora (id.), o conceito de gênero não pode se confundir com diferença sexual, ou se reduzir a um efeito de linguagem, pois ele diz respeito ao real. Gênero é uma representação construída ao longo da história, tendo implicações reais “tanto sociais quanto subjetivas, na vida material das pessoas”. Essa construção se dá não apenas no interior dos Aparelhos Ideológicos de Estado, mas também por meio da produção intelectual, seja ela vanguardista ou conservadora. O gênero não é, portanto, somente uma representação ideológica falsa, “[...] mas também o seu excesso, aquilo que permanece fora do discurso como um trauma em potencial que, se/quando não contido, pode romper ou desestabilizar qualquer representação.” (ibid., p.209). Como um excesso da representação, o gênero é a representação de uma relação, pois

[...] constrói uma relação entre uma entidade e outras entidades previamente construídas como uma classe, uma relação de pertencer, assim, o gênero atribui a uma entidade, digamos a uma pessoa, certa posição dentro de uma classe, e portanto uma posição *vis-à-vis* outras classes pré-construídas. (ibid., p.201-211).

No capítulo anterior, foi referido que Lauretis propunha a existência de um *space-off*, ou “ponto cego”, existente às margens dos discursos hegemônicos. A mesma ideia está presente na definição de gênero como excesso da representação ideológica, já que se constrói a partir de outras representações. Assim como a língua constitui um potencial de significados (cf. EGGINS, 2004, p.3), o gênero é, para Lauretis, “um trauma em potencial”. Por sua vez, esse trauma virtual parece relacionar-se à “perigosa irrupção do feminino”, a sexualidade “selvagem” que deve ser contida por meio da maternidade (cf. ROUDINESCO, 2003).

A participação dos textos, ou de códigos linguísticos, na conformação dos gêneros apresenta-se, entre outros, como denominador comum entre as formulações de Bordo, Haraway e Lauretis. Já as duas últimas, particularmente, oferecem um modo de interpretar o corpo e o gênero distinto do que elaboram Michel Foucault e Joan Scott. O corpo deixa de ser mero paciente dos processos sociais, para ser, simultaneamente, instrumento para antagonizá-los.

No marco da Análise Crítica do Discurso, a teoria de Haraway pode ser associada à polivalência tática dos discursos. Segundo essa propriedade, os sujeitos sociais podem atuar como agentes da mudança social, pois, embora sejam constituídos por discursos, dialeticamente, interagem com outros pré-construídos, o que também influencia os processos

constitutivos. De acordo com Norman Fairclough (2001, p.84), estruturas e práticas sociais podem ser remodeladas quando sujeitos apropriam-se de práticas discursivas, por meio do *discurso reverso*: “as estruturas são reproduzidas, mas também transformadas na prática”. Para o autor (ibid., p.84-85), o que determina a reprodução ou a transformação das estruturas sociais é o estado de equilíbrio do poder, dos agentes, do local e da época – aspecto negligenciado por Foucault, cuja visão de poder é unilateral, ligada à perspectiva daqueles cujo interesse é a manutenção da ordem social, via dominação. Opostamente ao autor francês, Fairclough recorre à concepção gramsciana de poder, configurada em termos de hegemonia, conforme exposto adiante, neste capítulo.

Jane Flax (1991, p.218-221) igualmente desenvolve suas análises sob uma perspectiva dialética, definindo as relações de gênero como instáveis, resultantes de processos sociais historicamente cambiantes, e instituídas por variáveis interdependentes, como diferença sexual, códigos linguísticos, representações culturais, raça e classe. Homens e mulheres são categorias relacionais, devendo a teoria feminista buscar entendê-las diferente de uma forma de pensar hierárquica ou binária, pois os homens também estão sujeitos a relações de gênero (cf. ibid., p.227-229). Nessa acepção, o gênero situa-se entre elementos materiais e instâncias discursivas, conforme conceituado na introdução deste trabalho, distanciando-se do que propunham feministas marxistas, quando localizavam a questão do gênero na estrutura produtiva da sociedade (cf. ibid., p.231-232). Para Flax (ibid., p.221), ao se restringirem as relações de gênero a binômios ou oposições, pode-se incorrer em uma das crenças provenientes do Iluminismo, qual seja, a de haver uma verdade imutável.

A concepção dualista criticada por Flax pode ser verificada no conceito de gênero proposto inicialmente por Judith Butler (1990, p.337), a saber, um efeito de um discurso que constrói uma “identidade primária e estável” para homens e mulheres, em um antagonismo nunca ultrapassado. A mulher é então representada como “o outro” em oposição ao homem, este constituindo o centro, a normalidade, o “não marcado”. Posteriormente, Butler (2002) define gênero como *performance*, uma representação ao mesmo tempo individual e coletiva que se manifesta no comportamento dos sujeitos na sociedade, em uma relação dialética que torna difícil a fixação dos limites entre discursos e imanência. A elaboração de Butler segue a direção de pesquisas feministas publicadas a partir dos anos 1990 investigando o “fazer-se gênero” por meio da linguagem e questionando interpretações essencialistas sobre as “formas de falar de mulheres”. Tais *performances* não seriam imanentes às mulheres, mas resultantes tanto de uma socialização linguística operada desde a infância, como de fatores a exemplo de trabalho e condições social, cultural e histórica (cf. OSTERMANN, 2006, p.16-17).

Conforme Thomas Laqueur (2001), a concepção de gênero como *performance* precedeu seu conceito em termos de oposição. Reconhecendo a contribuição das teorias feministas às suas pesquisas, Laqueur informa que a noção de *performance* encontra antecedentes na *República* de Platão, autor que chegou a defender igual participação para homens e mulheres no governo, na ginástica e na guerra, o que seria condicionado a uma padronização de comportamentos. Vejamos como essas ideias expressam-se no diálogo entre Sócrates e Glauco:

Sócrates — Logo, se chegarmos à conclusão de que os dois sexos diferem entre si quanto à sua aptidão para determinada função, diremos que se deve atribuir essa função a um ou a outro; porém, se a diferença consistir apenas no fato de ser a fêmea a parir e não o macho, não admitiremos por isso como demonstrado que a mulher difere do homem na relação que nos ocupa e continuaremos a pensar que **os guerreiros e as suas mulheres devem exercer as mesmas atividades**.

Glauco — E não estaremos equivocados.

Sócrates — Depois disso, pediremos ao nosso opositor que nos ensine qual é a atividade, relativamente ao serviço da cidade, para cujo exercício a natureza da mulher difere da do homem.

[...]

Sócrates — A educação que formará as mulheres para o exercício da guerra não será diferente da que forma os homens, não é mesmo? Principalmente se seu objetivo for cultivar naturezas idênticas.

[...]

Sócrates — Desta forma, as mulheres dos nossos guerreiros abandonarão as suas roupas, pois a sua virtude as substituirão; **participarão da guerra e de todas as atividades relacionadas com a defesa da cidade**, sem se ocupar de outra coisa. [...]

Glauco — Tens toda a razão.

Sócrates — [...] nossos guerreiros e as nossas guerreiras devem fazer tudo em comum, mas também o **nosso discurso demonstra** que isso é ao mesmo tempo possível e vantajoso. (PLATÃO, 1997, Livro IV, p.153-158, grifos meus).

Já para Aristóteles, discípulo de Platão e um dos fundadores da filosofia ocidental, haveria, na procriação, um elemento masculino ativo, animando e dando vida a um elemento do sexo feminino inerte e passivo. Existiria ainda uma relação hierárquica entre homem e mulher, a exemplo do modo como se organizaria a natureza. Antes de Platão, o pré-socrático Heráclito fora um dos teóricos do sexo único, e o pensamento desses filósofos prevaleceu no Ocidente até o século XVIII (cf. LAQUEUR, 2001, p.45). Com base nessa filosofia, as relações de gênero foram *hierarquizadas* durante muitos séculos, até o estabelecimento da teoria política do Iluminismo, quando se adotou a ideia de *oposição*.

Inverte-se a lógica antiga, que ligava os homens à amizade e as mulheres, à paixão, havendo uma reinterpretação dos corpos a partir dessa mudança. De acordo com

Laqueur (ibid., Capit. 1), os fatores que contribuíram para essa reinterpretação do gênero foram a ascensão da religião evangélica, a teoria política do Iluminismo, o desenvolvimento de novos espaços públicos, a concepção do casamento como contrato, as mudanças sociais decorrentes da Revolução Francesa, o conservadorismo e o feminismo pós-revolucionários, a divisão sexual do trabalho nas fábricas, o surgimento do livre mercado de serviços ou produtos e o nascimento das classes. Pode-se observar que todos esses condicionantes estão abrigados pelos elementos que entram nas representações de gênero acima discutidas, ou nas representações dessas relações.

Segue Laqueur (ibid., p.17) informando que, em torno de 1800, “todos os escritores determinaram-se a basear o que insistiam ser as diferenças fundamentais entre os sexos masculino e feminino, entre o homem e a mulher, em distinções biológicas constatáveis e expressá-las em uma retórica radicalmente diferente”. Para Jane Flax (1991, p.236), a biologia tem servido à conceituação das relações de gênero em termos de dois opostos, baseando-se nas diferenças anatômicas observadas entre macho e fêmea. Dessa forma, a biologia é situada fora do social, ou como elemento pré-social. Com base na anatomia, reescreveu-se o discurso oficial sobre a diferenciação dos gêneros, desta vez, tendo-se por autoridade o sistema dos livros, um dos suportes institucionais em que se apoiam as *vontades de verdades* nascidas no século XIX. Essas *vontades* integram os procedimentos externos de controle do discurso, excluindo aquilo que não possa ser dito (cf. FOUCAULT, 2006, p.17, 9).

## 2.2 A Análise Crítica do Discurso em cadeias do conhecimento

O conceito de *verdade*, entre outras formulações basilares do pensamento moderno, como *progresso*, *razão*, *sujeito* e *totalidade*, é questionado por autores que concebem ter havido o ocaso de um período histórico ao final da década de 1940 (e.g. LYOTARD, 1988; TEIXEIRA COELHO, 1990). Com o início da idade Pós-Industrial (para as sociedades) e da era Pós-Moderna (para as culturas), muitos teóricos substituíram a noção de *verdade* pela ideia de *pluralidade*. O pensamento pós-moderno tem por referencial o discurso, as narrativas parciais sobre o mundo, renunciando aos mitos fundadores, sejam eles de base liberal ou marxista; não há mais **uma** forma de conhecimento, mas diversos saberes, os quais se expressam por meio de discursos (cf. ARONOWITZ, 1992, p.152-165).

Tais noções podem ser interpretadas como uma reação ao pensamento inaugurado pela Linguística estrutural no início do século XX, desenvolvida por Ferdinand de Saussure e Roman Jakobson, este o primeiro autor a utilizar o termo *estruturalista*. Seus métodos

estenderam-se à Antropologia, à Filosofia, à Sociologia, à Psicanálise e à Psicologia, tendo sido Jean Piaget quem concebeu a noção de *totalidade*, pela qual se distinguem *estruturas* e agregados (cf. PETERS, 2000, capit. 3). Ora, uma vez que somente as estruturas podem ser consideradas como *totalidades*, o que temos aqui é a distinção entre centro e periferia, entre norma e desvio, oposições questionadas posteriormente por alguns dos mesmos autores estruturalistas que, a exemplo de Michel Foucault, tornaram-se expoentes do pós-estruturalismo.

Em princípio, o que se buscava era uma reformulação da questão do sujeito, dominante na França desde René Descartes. A partir da década de 1980, parte dos autores estruturalistas “acerta suas contas com Marx” e passa a ter, como central, a análise do capitalismo, procurando compreender como ele se transforma com vistas a permanecer no comando do sistema financeiro global. Nessa fase, o estruturalismo atravessa também um momento de “desconstrução”, quando o pós-estruturalismo reabilita o ponto de vista do sujeito. Seus pensadores desenvolveram novas formas de análise (gramatologia, desconstrução, arqueologia, genealogia, semioanálise), concentrando-se em instituições (como a família, o Estado, a prisão, a clínica, a escola, a fábrica, as forças armadas, a universidade e até mesmo a própria Filosofia), mediante a elaboração de teorias identificadas com diversas áreas do conhecimento (letramento, ensino, mídias e artes visuais, por exemplo) (cf. PETERS, op. cit.). Se os discursos da Modernidade baseavam-se em “essências e identidades completamente presentes”, ou no mito de uma sociedade “transparente”, a Pós-Modernidade inicia-se quando a identidade é ameaçada por aquilo que lhe é externo, por significados opacos para o sujeito (cf. LACLAU, 1992, p.137-138).

Para Jane Flax (1991, p.221), todos os discursos pós-modernos são “desconstrutivos”, pois contrapõem-se às crenças iluministas, centradas no princípio de *verdade*. Segundo a autora (ibid., p.217), eles se inserem em um período histórico identificado com uma transformação que vem se operando na cultura ocidental, ainda incerta e ambivalente. Uma dessas ambivalências reside na atuação de mulheres nas esferas privada e pública, pela qual é aceitável que a subjetividade feminina participe da estruturação das relações familiares, o que não ocorre em relação ao trabalho e ao Estado (cf. ibid., p.245). As teorias pós-estruturalistas têm buscado desconstruir o projeto identitário único eleito pela Modernidade também para o homem, centrado no branco, masculino e heterossexual, inscrito entre os “modos corretos de viver socialmente” (cf. MOITA LOPES, 2006, p.132).

A esse respeito, Donna Haraway (1994, p.257-258) analisa que, na Pós-Modernidade, categorias como classe, raça e gênero convertem-se em objeto do conhecimento, e “o sistema simbólico da família do homem e, portanto, essência da mulher, fragmentam-se

quando essas redes de conexão entre as pessoas do planeta tornam-se mais do que nunca múltiplas, preñhes e complexas”. A autora enfatiza a diluição das fronteiras entre a base e a superestrutura, o público e o privado, o material e o ideal, havendo um rearranjo mundial das relações sociais com base na ciência e na tecnologia, nas redes da “informática da dominação” (ibid., p.264). Tais rearranjos promoveram a interligação entre a casa, a fábrica e o mercado, resultando no enfraquecimento de grupos familiares (cf. ibid., p.257-265).

Se tomadas como categóricas as proposições de Haraway, elas se apresentam como um paradoxo ao ideário pós-moderno, já caracterizado por Flax como um momento de transição, ambivalências, contradições, negação dos dogmas. As elaborações de Haraway constituem, pois, uma entre outras possibilidades de se interpretarem fenômenos sociais, ou realidades, não podendo excluir outras. Particularmente o tema da diluição entre fronteiras é controverso, em especial quanto às prescrições para os papéis de gênero, sendo válido para alguns momentos da vida social. Antigas representações ainda se fazem presentes para as categorias relacionais de mulheres e homens, sendo acionadas notadamente quando há disputa pelo controle de alguma forma de poder, seja no espaço doméstico, seja na esfera produtiva, conforme discutido no capítulo anterior desta tese. Os discursos são múltiplos, sendo a hibridez intrínseca ao sujeito pós-moderno, conforme mesmo analisa Haraway.

Stuart Hall (2000, p.34-46) considera terem sido cinco as principais mudanças conceituais que resultaram no descentramento da identidade fixa e estável do sujeito cartesiano, a saber: 1) o pensamento marxista de Althusser, que, a despeito das críticas a ele dirigidas, privilegia as relações sociais em seu sistema teórico, opondo-se a uma “noção abstrata de homem”; 2) a descoberta do inconsciente, por Freud, para quem a identidade não é inata, mas formada “ao longo do tempo, através de processos inconscientes”; 3) a Linguística estrutural de Ferdinand de Saussure, a qual concebe a língua como um sistema social, negando a autoria individual de tudo o que seja dito; 4) a obra de Michel Foucault, segundo a qual o poder disciplinar, fruto das novas instituições coletivas, regula e vigia permanentemente populações inteiras, o indivíduo e seu corpo; e 5) o feminismo, “tanto como uma crítica teórica quanto como um movimento social”, definitivo para o descentramento do sujeito, por questionar a clássica distinção entre público e privado e ao transpor, para a esfera política, facetas da vida social e de identidades sexuais e de gênero, substituindo a noção de “Humanidade”, como categoria identitária, pela questão da diferença sexual. A esse respeito, Jane Flax (1991, p.218) igualmente inscreve a psicanálise, a teoria feminista e a filosofia pós-modernas como formas de pensar tornadas possíveis após a “falência de crenças do Iluminismo”. Por sua vez, Donna Haraway (1994, p.254, 262) observa que o sonho totalizante

é imperialista, e que a matriz natural unitária é um mito imposto pelo patriarcado, pelo colonialismo e pelo cientificismo.

Na Academia, um dos componentes da vida social, também houve mudanças quanto à forma de organização do conhecimento. Os cânones passaram a conviver com a interdisciplinaridade, o que se dá com o início da produção dos estudos culturais de Stuart Hall, a inserção da teoria feminista e o desenvolvimento da Análise de Discurso francesa, inaugurada por Michel Pêcheux (cf. CARRASCOZA; FURTADO, 2009, p.180-182). Nessa tradição, localiza-se a Análise Crítica do Discurso (ACD), cuja proposta, tanto teórica quanto metodológica, é intrinsecamente interdisciplinar.

O papel do discurso na produção e reprodução das posições dominantes, as estratégias de resistência à dominação e o modo pelo qual a ideologia opera na linguagem constituem o foco de interesse para a Análise Crítica do Discurso (cf. VAN DIJK, 2011, p.258). Devido a essa configuração, segundo Teun van Dijk (2003, p.300), a ACD poderia ser classificada como uma “análise sociopolítica do discurso”, considerando-se ainda sua vasta filiação teórica, incluindo obras da Linguística, Sociologia, Filosofia e História, entre outras áreas. Nessa vertente, a observância das táticas de embate pelo poder é de especial relevância, nos termos da disputa hegemônica teorizada por Antonio Gramsci (1989). O pensamento gramsciano integra o núcleo epistemológico da ACD não apenas por meio de seu conceito de *hegemonia*, mas também por sua interpretação da relação dialética entre estrutura e superestrutura.

Ao expor sobre as contribuições de outros autores às formulações teóricas da ACD, Norman Fairclough (2001, p.32-94) divide as análises do discurso entre *não-críticas* e *críticas*, ao apresentarem ou não uma orientação social para o discurso. Entre as teorias *não-críticas*, encontram-se: (a) a descrição do modo como se organiza um diálogo, proposta por John Sinclair e Malcolm Coulthard; (b) a análise da conversação; (c) a descrição do discurso terapêutico de William Labov e David Fanshel, autores que admitiram a heterogeneidade do discurso; e (d) a utilização da análise do discurso como método na psicologia social, desenvolvida por Jonathan Potter e Margaret Wetherell. As análises *críticas* diferenciam-se das primeiras não apenas quanto ao método, mas sobretudo por assinalarem a opacidade da linguagem, as relações entre discurso, poder e ideologia e os efeitos constitutivos do discurso sobre os indivíduos, as sociedades e os sistemas de conhecimento e crença. Para van Dijk (2012), o objetivo fundamental de uma análise crítica é o de evidenciar problemas sociais e políticos que se manifestam por meio dos discursos.

Quanto às propostas de análise do discurso crítica que antecederam a ACD, Fairclough (op. cit.) aponta duas: (a) a linguística crítica de Roger Fowler, Gunther Kress e Robert Hodge, que, entre outros autores, se apoiaram na linguística sistêmica de Michael Halliday para propor uma associação entre o método de análise linguística textual e uma teoria social da linguagem com base em processos políticos e ideológicos; nessa formulação, contudo, foram minimizados os sentidos sociais e os efeitos da ideologia, tendo sido o discurso considerado apenas unilateralmente, como forma de dominação; e (b) as teorias de Louis Althusser e Michel Pêcheux, autores que propuseram a combinação de uma teoria marxista do discurso com métodos linguísticos de análise textual, cuja principal contribuição foi a definição de linguagem como uma forma material da ideologia, manifesta nos discursos.

O resgate da questão da subjetividade na linguagem é atribuído a Michel Foucault, por este ter se concentrado no discurso como elemento fundamental na constituição da identidade dos sujeitos sociais, ou seja, do *eu*, o que havia sido desconsiderado pela linguística crítica de Fowler, Kress e Hodge, ou mesmo pela *semiótica social* de Kress e Hodge. Foucault concebe de modo mais complexo as relações entre *discursos* e estruturas ideológicas e de poder, as quais extrapolam as condições materiais da produção econômica. Assim, o discurso é também determinado “de fora”, por práticas não discursivas, que “estabelecem relações entre os enunciados e as instituições” (cf. FAIRCLOUGH, 2001, p.74), combinando-se discurso, discursos anteriores, discursos exteriores, práticas, apropriação, interesses e desejos. Também as noções de *acontecimento* e de *série* desenvolvidas por Foucault (2006, p.56-58), a partir das quais o autor expõe sua proposta de análise do discurso, podem ser constatadas na base da concepção de discurso enquanto *representação*, integrante das práticas sociais no âmbito da *semiose* teorizada por Fairclough.

Independente dos termos adotados pelos autores, para ambos, os discursos têm existência material e são construídos historicamente, de acordo com as estruturas sociais e econômicas em uma sociedade. A proposição de que o uso da linguagem possa contribuir tanto para a constituição dos sujeitos e das práticas sociais, como para sua reprodução ou mudança, remonta à tradição saussureana de distinção entre *langue* (língua, o sistema) e *parole* (a fala, o desempenho, o social, o uso da linguagem), não sendo a segunda objeto de estudo para a Linguística estruturalista. Para os sociolinguistas, ao contrário, a *parole* também pode ser submetida ao estudo científico, pois suas variações são sistemáticas. As recorrências da fala concernem a um número restrito de variáveis sociais, como a relação entre os participantes de uma interação, seus propósitos, o tipo de evento social e suas finalidades. Ainda assim, essas variáveis são concebidas de forma estática, sendo desconsiderada a

possibilidade de a linguagem não somente constituir sujeitos e realidades, mas também de, por meio dela, haver transformação ou emancipação (cf. FAIRCLOUGH, 2001, p.90-91).

As teorias críticas da linguagem, que antecederam as propostas para análise do discurso, inscreveram, na constituição e no exame da *parole*, as relações sociais e a importância da articulação entre instituições para a formação das sociedades. Na ACD, essas conexões permitiram definir *discurso* como “[...] o uso de linguagem como forma de prática social e não como atividade puramente individual ou reflexo de variáveis situacionais.” (ibid., p.90). Um discurso representa determinada área da vida social sob uma perspectiva particular (cf. FAIRCLOUGH, 2003), constituindo “sistemas de poder e saber” nos quais os sujeitos assumem posições (cf. PEDRO, 1997, p.39). No discurso, ainda é possível identificarem-se “modelos de eventos comunicativos”, mas estes não se resumem a um texto verbal ou a uma conversa, sendo também pragmaticamente controlados pela natureza dos contextos (cf. VAN DIJK, 2011, p.18), pois os discursos mantêm uma relação dialética com as estruturas sociais. O *discurso* constitui-se, logo, como uma categoria que designa modos particulares tanto de representação, como de ação sobre o mundo, um momento da prática social, sendo a linguagem um entre outros de seus componentes (cf. FAIRCLOUGH, 2001, p.90-91, 2002, p.121-122, 2008a, p.2). Émile Benveniste (1995, p.284) já havia definido *discurso* “como a linguagem posta em ação”, o que pode também ser considerado um antecedente à Análise Crítica do Discurso, embora, naquele momento, o autor francês estivesse analisando a questão da subjetividade na linguagem, não se voltando especificamente a sua função constitutiva nas realidades ou à importância da ideologia nessa “ação”.

Escreveu ainda Benveniste (id.) que meios não linguísticos poderiam também exercer o papel de “transmissão desempenhado pela linguagem”. Essa noção foi desenvolvida por Fairclough (2003, p.11-12), ao estender o conceito de linguagem aos domínios da *semiose*, compreendendo todos os meios de significação, como imagens visuais, linguagem verbal, linguagem corporal e outros. Desse modo, o termo *semiose* tem sentido mais amplo que o de *discurso*, pois abrange não apenas a linguagem verbal, mas outras modalidades semióticas. Aqui, interessa destacar que os *gêneros* constituem uma das principais formas pelas quais a semiose manifesta-se nas práticas sociais, juntamente com os discursos:

Permita-nos utilizar o termo “semiose” preferencialmente a “discurso” como um nome abstrato – uma vantagem é que isso nos lembra que o que está em questão é não apenas a linguagem (verbal), mas também outras modalidades semióticas (Kress & van Leeuwen 2000) [...]. A semiose é um elemento das práticas sociais que é dialeticamente interconectada com outros elementos – na terminologia da teoria dialética, ela é um “momento” do social. O que isso significa é que enquanto elementos diferentes das práticas sociais – incluindo formas de atividade, relações sociais e suas formas institucionais, pessoas com suas crenças, valores, emoções, histórias etc., objetos materiais (incluindo os meios ou tecnologias de atividades) e a semiose – são de fato diferentes, e não podem ser reduzidos uns aos outros, e demandam distintas teorias científicas sociais e metodologias, não podendo ser apartados. Eles convergem, eles se internalizam mutuamente, na terminologia de Harvey [...]. Discursos, gêneros e estilos constituem os três principais meios pelos quais a semiose figura nas práticas sociais – como parte da ação (gêneros), na representação (discursos) e na identificação (estilos). (FAIRCLOUGH, 2003, p.11-12) (Trad. minha).<sup>13</sup>

Devido à importância que atribui à relação entre linguagem e outros elementos e aspectos das práticas sociais, a Gramática Sistêmico-Funcional (GSF) situa-se como a principal referência para a ACD entre as propostas para a análise dos textos. A GSF configura-se tanto como uma teoria linguística, como um conjunto de métodos analíticos, orientando suas análises pelo caráter social dos textos, um dos focos de interesse da ACD (cf. FAIRCLOUGH, 2006, p.5). O termo “sistêmico”, na GSF, implica que a língua oferece escolhas potenciais, não prescritas arbitrariamente, sendo essas escolhas expressas mediante as três funções da língua, *ideacional*, *interpessoal* e *textual*. Essas funções constituem *redes* relativamente independentes que combinam os significados potenciais da linguagem (cf. HALLIDAY, 1970, p.141-142), da seguinte forma:

a) *função ideacional*, que expressa o “conteúdo”, as experiências dos falantes sobre o mundo, incluindo-se as suas próprias, subjetivas, ajudando-os a determinar a forma como percebem as coisas;

---

<sup>13</sup> “Let us use the term ‘semiosis’ in preference to the use of ‘discourse’ as an abstract noun – one advantage is that it reminds us that what is at issue is not just (verbal) language but also other semiotic modalities (Kress & van Leeuwen 2000) [...]. Semiosis is an element of social practices which is dialectically interconnected with other elements – in the terminology of dialectical theory, it is a ‘moment’ of the social. What this means is that while different elements of social practices – including forms of activity, social relations and their institutional forms, persons with beliefs, values, emotions, histories etc, material objects (including the means or technologies of activities), and semiosis – are indeed different, and cannot be reduced to each other, and demand different social scientific theories and methodologies, they are not discrete. They flow to one another, they ‘internalize’ one another in Harvey’s terminology (Harvey 1996, see also Fairclough 2001, 2003). Discourses, genres, and styles are three main ways in which semiosis figures in social practices – as part of the action (genres), in representation (discourses), and in identification (styles).”

b) *função interpessoal*, que se presta ao estabelecimento e manutenção de relações sociais, à expressão dos papéis sociais, respeitando tanto à interação entre os falantes, como à interação entre estes e elementos da vida material; por meio dela, grupos sociais são delimitados, ao mesmo tempo em que o indivíduo é identificado e reiterado; e

c) *função textual*, que permite ao falante construir “textos”, ou “conectar passagens do discurso que sejam situacionalmente relevantes”, podendo assim distinguir um texto – uma unidade de significados – de um conjunto aleatório de frases, por exemplo; dessa forma, a coesão é um importante constituinte da função textual (cf. *ibid.*, p.143).

Essas três funções da linguagem combinam-se e são refletidas na estrutura das orações, expressando representações, trocas e classificações por meio dos textos (cf. *id.*). Os conteúdos ideacionais expressam-se sobretudo pelo sistema de *transitividade*, os significados interpessoais, pelo sistema de *modo verbal* e os significados textuais, pelo sistema de *tema e rema*. A linguagem organiza-se segundo um complexo sistema semiótico, dividido em dois níveis, ordenados segundo sua abstração (Fig. 1), em uma escala que vai do menos ao mais abstrato, o contexto, no qual se situam os gêneros do discurso (cf. EGGINS, 2004, p.3, 19).

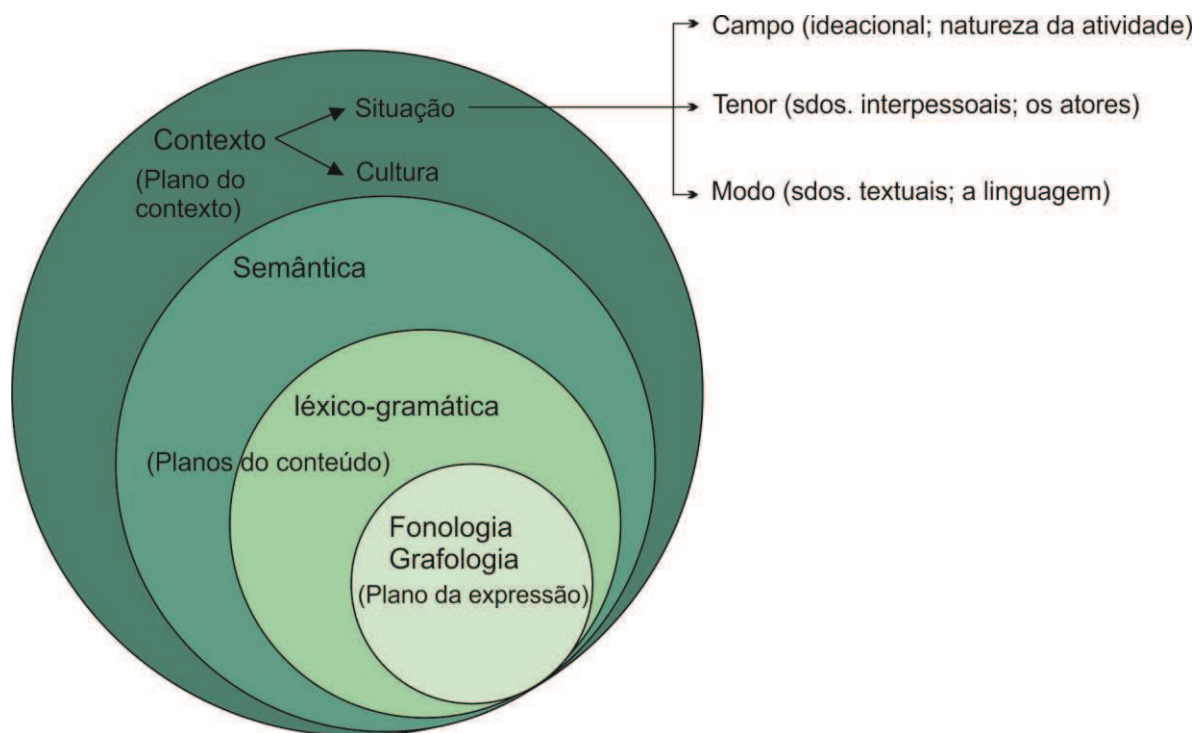


Figura 1 – Estratos da língua conforme a Gramática Sistêmico-Funcional.  
Fonte: adaptado de Halliday & Matthiessen (2004, p.72-85).

Fairclough (2006, p.5-6) assinala que, embora a ACD seja também tributária da GSF, a perspectiva de ambas não coincide necessariamente, pois elas diferem quanto aos objetivos. Nada obstante, observa-se que a ACD tem sido reiteradamente identificada com a GSF no Brasil, talvez devido ao posicionamento que reconhecidos divulgadores brasileiros da teoria tenham assumido. José Luiz Meurer (2005, p.84), por exemplo, escreve que “A linguística sistêmico funcional (LSF) é utilizada como instrumental de análise na ACD [...] parece que boa parte da crescente expansão da própria LSF se deve ao fato de que seu aparato teórico vem sendo usado também na ACD [...]”. Em outra via, a ACD tem objetivado desenvolver métodos de análise próprios mediante um diálogo transdisciplinar com teorias sociológicas, da linguagem e do discurso, com vistas a analisar os textos como parte dos processos sociais. Para tanto, seus teóricos procuram estabelecer categorias analíticas tão “transparentes” quanto possível para a análise social do discurso, buscando se afastar da “proibitiva” terminologia técnica da Linguística (cf. FAIRCLOUGH, 2006, p.6). Igualmente, por ser essa uma proposta multidisciplinar para análise do discurso, não se pode exigir que todos os seus praticantes tenham grande experiência linguística prévia, da mesma forma que não se pode esperar que todos os linguistas possuam grandes conhecimentos em Sociologia, Política, Psicologia ou outras áreas afeitas a um estudo (cf. FAIRCLOUGH, 2001, p.102).

O projeto da ACD ainda se encontra em desenvolvimento, contudo, ele já contempla o exame das cadeias de gêneros, dialogismo, coesão e coerência, estilos, identidades e representação dos eventos sociais. O estudo de Theo van Leeuwen acerca da representação dos atores sociais constitui um bom exemplo de proposta para operacionalização da teoria (cf. FAIRCLOUGH, 2006, p.6). A GLS apresenta-se, logo, não como a única, mas como **uma** das possibilidades de “análise textual e linguística”, ao contrário do que sugerem alguns autores (e.g. OLIONI, 2010, p.39). Ademais, conforme escreve van Leeuwen (1997, p.169-170), a “congruência com a realidade” nem sempre pode ser meramente explicada via congruência linguística, diferente do que propõe Halliday. O que se verifica é que Fairclough (2001, p.91-92) baseia-se nas funções da linguagem desenvolvidas por Halliday para adaptá-las à descrição dos *efeitos* que constituem os discursos e neles coexistem. Nessa proposta, a função *interpessoal* é desdobrada em duas, a *identitária* e a *relacional*, do seguinte modo:

- a) *função identitária da linguagem*, que expressa a contribuição do discurso para a construção de identidades sociais e posições para os sujeitos sociais e os tipos de *eu*;
- b) *função relacional da linguagem*, que expressa a contribuição do discurso para a forma como as relações sociais entre pessoas são negociadas;

- c) *função ideacional da linguagem*, que expressa a contribuição do discurso para a construção de sistemas de conhecimento e crença, o modo pelo qual os textos significam o mundo e seus processos, entidades e relações; e
- d) *função textual*, que respeita ao meio pelo qual as informações ocupam o [...] primeiro plano do discurso ou são relegadas a um plano secundário, tomadas como dadas ou apresentadas como novas, selecionadas como ‘tópico’ ou ‘tema’, e como partes de um texto se ligam a partes precedentes e seguintes do texto, e à situação social ‘fora’ do texto” (ibid., p.92).

Esses efeitos do discurso são contemplados no modelo de análise *tridimensional e multifuncional* da ACD (Figura 2), abrangendo *texto*, *prática discursiva* e *prática social*. A análise *tridimensional* permite identificarem-se as relações entre mudança discursiva e social, propriedades textuais e práticas sociais, enquanto o enfoque *multifuncional* considera as modificações do conhecimento, das crenças, do senso comum e das relações e identidades culturais causadas pelas transformações operadas nas práticas discursivas (cf. FAIRCLOUGH, 2001, p.27). O modelo reúne três tradições analíticas, a linguística (análise textual e linguística), a macrosociológica (análise da prática social em relação às estruturas sociais) e a microsociológica (análise da prática social entendida como o resultado do que as pessoas produzem e entendem a partir do senso comum) (cf. ibid., p.100).

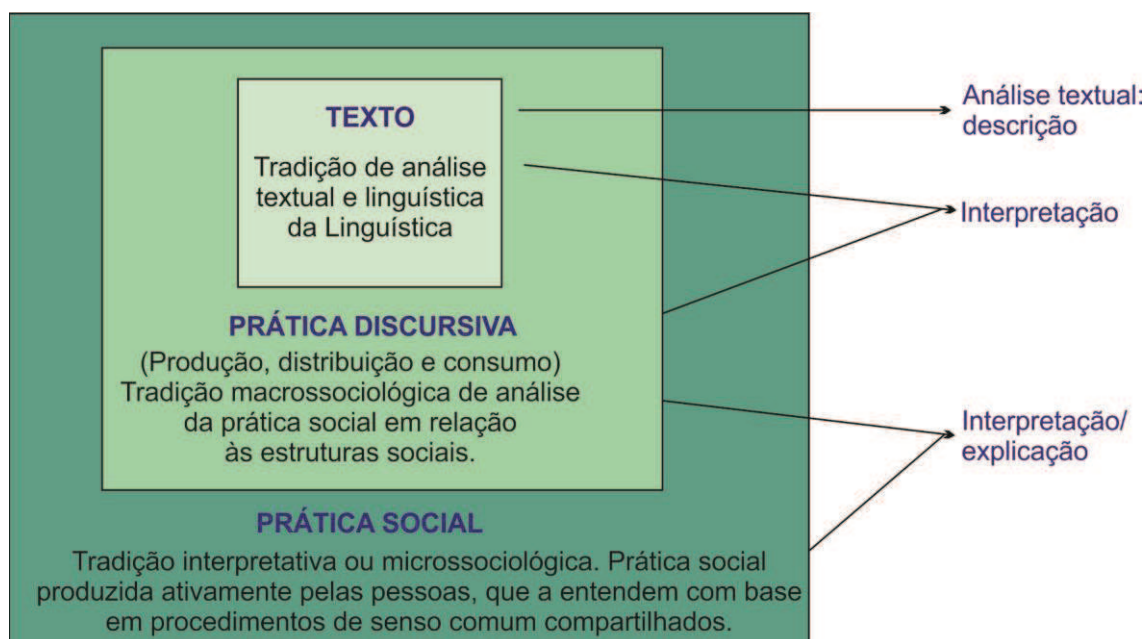


Figura 2 – Modelo tridimensional de análise desenvolvido para a Análise Crítica do Discurso.  
Fonte: Fairclough, 2001, p.100-101.

As propriedades formais dos textos podem ser examinadas como *traços* de sua produção e como *pistas* para sua interpretação, sendo ambos os processos também socialmente condicionados (cf. FAIRCLOUGH, 1989, p.24). Devido à localização desse modelo na tradição analítica da Linguística, o *texto* é aqui definido como “qualquer produto escrito ou falado”, sendo que a noção de discurso pode abranger ainda outras formas simbólicas, como imagens visuais e a combinação entre estas e palavras (cf. *ibid.*, p.23). Em obra posterior, como vimos acima, Fairclough (2003, p.11-12) amplia bastante essa definição de discurso, por meio do conceito de *semiose*, o que será útil para a análise dos textos que integram o *corpus* desta tese. De certa forma, Emília Pedro (1997, p.35) já havia se antecipado a essa possibilidade ao conceituar *texto* como uma “unidade semântica completa”, nele se articulando as metafunções ideacional, interpessoal e textual da linguagem. O caráter social e histórico do *texto* é assinalado por Gunther Kress (1997, p.55), caracterizando-o como um “meio, local e registro de interações sociais, contestações e resoluções (mais ou menos temporárias), e o efeito destas na linguagem”.

A produção e a interpretação dos textos, bem como o modo como os discursos derivam-se e combinam-se nas instituições, organizações ou sociedades particulares, constituem as práticas discursivas. Essas práticas podem tanto operar no sentido de reproduzir, como na direção de transformar a sociedade (cf. FAIRCLOUGH, 2001, p.92), conforme apontado acerca da *polivalência tática dos discursos*, na seção 2.1 desta tese. A análise das práticas discursivas, por vezes, confunde-se com o exame dos próprios textos, pois, seguidamente, sobrepõem-se questões de forma e significado (cf. *ibid.*, p.102).

A prática social diz respeito às circunstâncias sociais que moldam os discursos e os efeitos constitutivos e construtivos daí decorrentes. Ela inclui diversos elementos da realidade social, dialeticamente relacionados, a saber, atividade produtiva, meios de produção, relações sociais, identidades sociais, valores culturais, consciência e semiose. Cada um desses elementos “internaliza” os outros, possuindo, contudo, uma epistemologia própria. A ACD investiga essas relações dialéticas, buscando evidenciar as mudanças radicais em curso na vida social contemporânea (cf. FAIRCLOUGH, 2002, p.122-123).

Ao distinguir os quatro momentos das trajetórias sociais dos discursos, Fairclough (2007, p.5) procede justamente a uma articulação dialética entre o discurso, o simbólico e a realidade social. Primeiramente, os discursos emergem e constituem-se a partir de uma rearticulação de elementos preexistentes. A seguir, eles se integram a lutas hegemônicas, das quais podem insurgir como discursos eles mesmos hegemônicos. Após, são disseminados e recontextualizados ao longo de fronteiras estruturais, as quais podem delimitar campos,

instituições, organizações ou escalas (global, macrorregional, nacional, local etc.). Por último, os discursos são operacionalizados, retornando à materialidade mediante inculcação e sanção, daí a possibilidade de se corporificarem em realidades sociais.

Os processos de produção e interpretação de discursos pelos usuários da língua situam-se em uma cadeia, ou “recursos dos membros” (RM). Esses recursos são registrados na mente dos falantes, “incluindo seu conhecimento de linguagem, representações de seus mundos natural e social, valores, crenças, suposições etc.”, manifestando-se quando eles produzem ou interpretam textos (cf. FAIRCLOUGH, 1989, p.24). Os enunciados realizam-se novamente em outros enunciados, dinâmica que Fairclough (2001, p.72), explicitamente, relaciona aos escritos de Mikhail Bakhtin sobre *gênero* e *dialogismo*.

De fato, Bakhtin (1997, p.291) escreve que o locutor é, ele próprio, um *respondente*, pois, antes dele, não há apenas um sistema da língua da qual ele faz uso, mas enunciados anteriores, do qual o seu passa a fazer parte: “Cada enunciado é um elo da cadeia muito complexa de outros enunciados.” Os sujeitos falantes alternam-se e, dessa forma, não apenas os enunciados constituem réplicas a diálogos, mas também cada obra responde a outra, seja qual for o gênero do discurso, constituindo um “elo da cadeia da comunicação verbal” (ibid., p.298). Esses enunciados concretos relacionam-se com diferentes esferas de atividades (ibid., p.282), pressuposto que constitui outro importante antecedente à ACD. Segundo Fairclough (1989, p.24), a linguagem implica não apenas recursos cognitivos, mas também aqueles socialmente determinados, condicionados por instâncias não linguísticas da sociedade, daí resultando a concepção da linguagem como prática social.

A construção discursiva de identidades sociais, enquanto processo de elaboração simbólica, tem sido tema recorrente na literatura de diversas áreas do conhecimento. Para Cornelius Castoriadis (2000, p.142), embora o mundo histórico-social não se esgote no simbólico, tudo o que se apresenta na materialidade está com ele entrelaçado, e é na linguagem que esse simbólico é encontrado em primeiro plano. É por meio da linguagem, portanto, que se dá a distinção entre membros de um grupo e a construção da memória coletiva,<sup>14</sup> por extensão, das culturas, o que ocorre sobretudo nos diálogos e textos do cotidiano (cf. FERREIRA; ORRICO, 2002, p.8), exatamente nos quais as relações de dominação exprimem-se amiúde (cf. PEDRO, 1997, p.23).

---

<sup>14</sup> O significado de *memória coletiva* pode ser relacionado à definição de cadeia de *recursos dos membros* (RM) proposta por Fairclough (1989, p.24); porém, aqui mantenho a nomenclatura empregada pelas autoras citadas.

Essa “ideologia do cotidiano” constitui, para Bakhtin (1992, p.119), a base de todos os sistemas ideológicos sociais, científicos, artísticos e religiosos. Entre os signos sociais, o principal suporte material dessa ideologia é a palavra, “[...] o fenômeno ideológico por excelência” (ibid., p.36), uma vez que ela só existe por sua função de signo, um signo neutro. Assim, a palavra não é ligada a uma ideologia específica, podendo desempenhar qualquer função ideológica. Ela se relaciona, ao mesmo tempo, às esferas de produção (estrutura) e às ideologias especializadas (superestrutura). É interessante lembrar que, para Roland Barthes (1982), o mito apropria-se da forma do significante justamente por ser ela abstrata e a-histórica.

Para Antonio Gramsci (1989, p.35-36, 52-53), as ideologias, as formas de conhecimento e a língua também se situam na superestrutura da sociedade. Elas são um reflexo das relações sociais de produção, localizadas na estrutura, com as quais mantêm uma relação dialética. Essa influência dos discursos em todas as áreas da vida social é retomada por Ella Shoat (2001, p.156). Segundo a autora, “[...] as representações têm um impacto no mundo – em nossas identidades projetadas, em nossas identificações sociais e filiações culturais. [...] O imaginário é muito real e o real é imaginado.” Considerando a materialidade dos discursos, autores e autoras têm apontado a linguagem como um importante subsídio para a distinção entre os gêneros sociais e para a sustentação da identidade de gênero, mais ainda, a conexão entre *gênero, poder e linguagem* (e.g. HEBERLE, 2000b).

Para os teóricos da ACD, a concentração de poder nas mãos de elites, instituições ou grupos resulta em formas de dominação, implicando diferentes tipos de desigualdade social, incluindo-se a de gênero. Nessa acepção, *poder e dominação* não são sinônimos, pois esta somente ocorre quando há desequilíbrio nas relações de poder. Tais relações assimétricas de poder reproduzem-se mediante diferentes formas de discurso, uma vez que o exercício de poder pode se manifestar mais diretamente, ou operar por meio de representações, legitimação, negação, mitigação ou consentimento, por exemplo (cf. FAIRCLOUGH, 2001, p.85). Por vezes, a dominação não é imposta pela força, mas aceita como algo “natural”, o que dificulta a emergência de discursos ou outras formas de ação antagônicas à perpetuação das desigualdades. Busca-se, então, identificar “[...] quais estruturas, estratégias ou outras propriedades do texto, fala, interação verbal ou eventos comunicativos desempenham um papel nesses modos de reprodução.”<sup>15</sup> (VAN DIJK, 2003, p.300) (trad. minha).

---

<sup>15</sup> “[...] what structures, strategies or other properties of text, talk, verbal interaction or communicative events play a role in these modes of reproduction.”

Pode-se observar que essa distinção entre os meios pelos quais a dominação possa se estabelecer baseia-se na separação fixada por Louis Althusser (1985, p.45-49) entre Aparelhos Ideológicos de Estado (AIEs) e Aparelhos Repressivos de Estado. Segundo o autor, o Aparelho de Estado identifica-se com o público e opera mormente se valendo da repressão, sendo integrado principalmente pelo Governo, a Administração, o Exército, a Polícia e os Tribunais, além de outros. Já os AIEs funcionam pela ideologia e situam-se no domínio do privado, como “certo número de realidades que se apresentam ao observador imediato sob a forma de instituições distintas e especializadas”. Eles se dividem em AIE religioso, AIE escolar, AIE familiar, AIE jurídico, AIE político, AIE sindical, AIE cultural e AIE de informação, este incorporado nos meios de comunicação. O autor assinala ser difícil separarem-se as formas e esferas de ação dos dois tipos de aparelhos, pois eles possuem duplo funcionamento, atuando em sutis combinações. Para Althusser (ibid., p.49), os AIEs consistem tanto o alvo, como o local da luta de classes, pois “[...] *nenhuma classe pode duravelmente deter o poder de Estado sem exercer simultaneamente a sua hegemonia sobre e nos Aparelhos Ideológicos de Estado*”.

Para os desdobramentos teóricos da ACD, são fundamentais três das asserções acerca de *ideologia* identificadas no pensamento de Althusser, a saber: (a) a ideologia “tem existência material nas práticas das instituições, o que abre o caminho para a investigação das práticas discursivas como formas materiais de ideologia”; (b) os sujeitos são constituídos ideologicamente; e (c) os AIEs configuram-se como espaços de lutas de classes (cf. FAIRCLOUGH, 2001, p.116). Com base nessas proposições, Fairclough (ibid., p.94, 117, 119) desenvolve o conceito de *ideologia*, de acordo com as seguintes elaborações:

[...] a ideologia são os significados gerados em relações de poder como dimensão do exercício do poder e da luta pelo poder.

[...] ideologias são significações/construções da realidade (o mundo físico, as relações sociais, as identidades sociais) que são construídas em várias dimensões das formas/sentidos das práticas discursivas e que contribuem para a produção, a reprodução ou a transformação das relações de dominação.

[...] a ideologia está localizada tanto nas estruturas (isto é, ordens de discurso) que constituem o resultado de eventos passados, como nas condições para os eventos atuais e nos próprios eventos quando reproduzem e transformam as estruturas condicionadoras. É uma orientação acumulada e naturalizada que é construída nas normas e nas convenções, como também um trabalho atual de naturalização e desnaturalização de tais orientações nos eventos discursivos.

Fairclough assinala estar ciente das limitações presentes na teoria de Althusser, sendo as principais a restrição das lutas sociais ao interior dos AIEs e a concepção de *dominação* como algo imposto unilateralmente, com vistas à reprodução de uma ideologia dominante, o que inviabiliza a possibilidade de haver transformação social. À interpelação incondicional do sujeito e à ideologia como “cimento social” insuperável delineadas por Althusser, Fairclough (2001, p.121) opõe a *interpelação contraditória*, a qual possibilita que o sujeito interpelado por posições distintas problematize as convenções e transcenda as ideologias, uma vez que é possível redimensionarem-se sociedades determinadas por relações de dominação. Na base dessas concepções, é possível identificarem-se os conceitos de sujeito “composto” e de hegemonia propostos por Gramsci, para quem novas identidades podem ser formadas a partir de articulações hegemônicas (cf. LACLAU, 1992, p.142).

É nessas articulações que se inscreve o conceito de *poder* no quadro teórico da ACD. Segundo Gramsci (1989, p.29), a heterogeneidade de interesses verificada no interior de instituições e grupos traduz-se em constante disputa pela tomada do poder, o que também é analisado por Althusser. Nessa dinâmica das relações sociais, o sujeito constitui-se processualmente, desfazendo velhas alianças e associando-se a novos grupos (cf. id., p.38, 43). A despeito de sua faceta de dominação, a hegemonia não configura um estado imutável e permanente da sociedade, uma vez que se baseia em pactos temporários com vistas a alcançar-se certo consenso (cf. FAIRCLOUGH, 2001, p.85). Sob tal enfoque, o poder é concebido como fruto da negociação entre grupos antagônicos, não sendo sinônimo de dominação, a qual resulta justamente do desequilíbrio de poder.

Nessa tensão de forças, a prática discursiva e a produção, distribuição, consumo e interpretação de textos apresentam-se como pontos de equilíbrio no interior da luta hegemônica, podendo operar tanto na manutenção, como na mudança das convenções sociais (cf. ibid., p.135). Sob tal concepção, os gêneros do discurso inscrevem-se também no âmbito dessa disputa, ganhando importância no processo de atualização dos discursos, que se transformam dialeticamente na relação com as estruturas sociais. Essas mudanças podem se dar quando a ideologia do produtor de um texto entra em conflito com o mundo real e disputas entre grupos resultam na desestabilização de convenções sociais, ou seja, na desestruturação de ordens de discurso. Nesse caso, motivações sociais favorecem a ruptura de uma relação relativamente estável entre tipos de discurso e ordens de discurso, sendo necessário, então, reestruturarem-se essas ordens (cf. FAIRCLOUGH, 1989, p.170-171). Uma das estratégias para se solucionar o problema é gerarem-se novas combinações a partir de discursos já socialmente circulantes, conciliando-se posições de sujeito e realidade. Esses

rearranjos deixam traços de sua “costura”, que pode ser detectada mediante o confronto de características formais com um ou mais valores expressivos e relacionais no texto. Não obstante, embora um discurso dominado também possa estar contido em um dominante, com o passar do tempo, valores e traços de discursos distintos vão se harmonizando (cf. *ibid.*, p.91), e a nova combinação de tipos de discurso é naturalizada, tornando-se quotidiana.

Para que se distingam esses *traços*, é forçoso conhecerem-se as condições sócio-históricas sob as quais os textos tenham sido gerados. É necessário, logo, determinarem-se quais são os atores que possuem acesso às estruturas discursivas e de comunicação aceitáveis e legitimadas pela sociedade (cf. VAN DIJK, 2012). A esse respeito, cabe lembrar que as pessoas valem-se de seus “recursos dos membros” (RM) para interiorizar as produções sociais, reintegrando-as, após, às práticas sociais, entre elas, o discurso. Esse movimento característico da dialética permite, às forças que conformam as sociedades, exercer importante influência sobre a psique individual, a qual será tanto mais efetiva, quanto menos for aparente. A ACD tem então, entre suas propostas, investigar o significado da linguagem, em suas variadas manifestações, na produção, manutenção e mudança das relações sociais de poder, bem como contribuir para a formação de uma consciência acerca do papel da linguagem nessa dinâmica. Uma vez que a efetividade dos discursos relaciona-se à sua opacidade, essa conscientização pode ser o passo inicial para a emancipação dos sujeitos (cf. FAIRCLOUGH, 1989, p.24, 1), a qual se situa entre as propostas do pensamento pós-moderno.

### 2.3 Gêneros discursivos na Análise Crítica do Discurso

Os gêneros são de fundamental importância no trabalho de conscientização acerca da efetividade dos discursos. Embora tenham sido, por muito tempo, analisados apenas quanto a seus aspectos estruturais, autores têm indicado a pertinência de se associarem interações formais observadas nos gêneros a regularidades existentes nas práticas sociais (cf. MEURER, 2000, p.153), pois a materialidade linguística dos gêneros também se relaciona ao conjunto de representações ligadas a essas práticas. Nesses termos, os gêneros delineiam-se na dialética entre os domínios dos textos verbais ou escritos, das práticas discursivas e das práticas sociais, os quais variam no tempo e no espaço.

Para as teorias que privilegiam o caráter social da linguagem, o gênero mantém estreita relação com as atividades desenvolvidas na esfera social, ou ordem do discurso, ou comunidade discursiva, sendo suas regularidades linguísticas constituídas e reconhecidas na interação entre seus membros. De forma ampla, os gêneros agrupam textos que apresentam

características formais em comum relacionadas a determinado contexto de uso da língua, oral ou escrita. Trata-se, portanto, de uma categoria que se ancora tanto no sistema linguístico, como nas estruturas e práticas sociais (cf. MEURER; BONINI; MOTTA-ROTH, 2005, p.8).

Devido a essa dupla natureza do gênero, encontram-se na literatura, alternadamente, os termos *gênero*, *gênero textual* e *gênero do discurso*, podendo ser eles equivalentes ou não, conforme analisa Rosângela Hammes Rodrigues (2004). De acordo com a autora, tal variação encontra-se inclusive entre autores que têm por objeto comum de investigação os estudos bakhtinianos. Em trabalhos de Norman Fairclough (e.g. 2001, 2006), a denominação alterna-se entre *gênero de discurso* ou simplesmente *gênero*.

Conforme Roxane Rojo (2005, p.185), as denominações provêm de teorias que desenvolveram diferentes leituras da obra de Mikhail Bakhtin. Aquelas que se concentram na materialidade do texto empregam *gênero de texto*, enquanto aquelas que se voltam às circunstâncias de produção dos textos e suas condições socio-históricas adotam o termo *gênero do discurso*. Esta é a nomenclatura adotada nos PCNs (BRASIL, 2000, p.8), segundo os quais o ensino articulado por meio dos *gêneros discursivos* proporciona uma visão ampla dos usos da linguagem, permitindo “[...] abordar a criação das estéticas que refletem, no texto, o contexto do campo de produção, as escolhas estéticas, marcadas de acordo com as lutas discursivas em jogo naquela época/local, ou seja, o caráter intertextual e intratextual”. Quanto à produção acadêmica, é comum que autores identificados com distintas vertentes recorram a autores comuns, entre os quais se encontram Dominique Maingueneau, Oswald Ducrot e Jean-Paul Bronckart, além do próprio Bakhtin, o que poderia explicar as alternâncias de nomenclatura.

Os autores que se orientam por uma *teoria de gêneros de texto* atêm-se principalmente à descrição da estrutura ou forma composicional dos gêneros, utilizando noções advindas da linguística textual, como *tipos*, *protótipos*, *seqüências típicas* e outras (cf. *ibid.*, p.186). Rojo informa que, no Brasil, Luiz Antônio Marcuschi encontra-se entre os autores que adotam a denominação de *gêneros textuais*, apresentando as seguintes definições:

- a) *tipo textual*, abrangendo categorias como *narração*, *argumentação*, *descrição* ou *injunção*; o número de *tipos* é limitado, e eles se definem pelos aspectos linguísticos de sua composição – lexicais, sintáticos, verbais e relações lógicas;
- b) *gênero textual*, referindo o número infinito dos textos quotidianos cujas características *sócio-comunicativas* são definidas pelos conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição; e

c) *domínio do discurso*, compreendendo “[...] uma esfera ou instância de produção discursiva ou de atividade humana”, que propiciam o surgimento dos discursos, como discurso jurídico, jornalístico, religioso etc. Nessas práticas discursivas, diversos gêneros podem ser produzidos, sendo alguns exclusivos delas (cf. *ibid.*, p.187).

Rojo (*id.*) analisa que, embora Marcuschi não cite Bakhtin, as referências à dialogia são explícitas nas definições acima resumidas. Acrescente-se que a noção de *formação discursiva*, de Michel Foucault, também é sugerida, conforme se verá adiante. Ainda segundo Rojo, outra limitação nas definições de Marcuschi reside na diluição das fronteiras entre *gênero* e *texto*, pois este é entendido como “[...] um *evento* ou *acontecimento linguístico* pertencente a uma *família de textos* que tem por designação social um (nome de) *gênero*, acompanhado de sua representação (noção) de base social.” (*ibid.*, p.188). A definição que Rojo (*id.*) apresenta para *gênero* segue direção oposta, pois o *texto* seria o produto material do *gênero*, este uma categoria universal igualmente concreta. Para Marcuschi, o *discurso* é produzido pelo *texto*, ao passo que, de acordo com Rojo, o que o texto produz são os sentidos (cf. *ibid.*, p.189). Além disso, como se viu anteriormente, a associação entre texto e discurso não é tão simples, e um não se resume a outro, bem como um não é unicamente produto de outro, havendo uma complexa relação dialética entre *discursos*, *textos*, *práticas sociais* e *estruturas ideológicas* e de poder.

De fato, analisando-se o próprio texto de Marcuschi (2006), pode-se observar que ele possui algumas inconsistências. A fim de apresentar seu conceito de gênero textual, o autor inicialmente discute o modo como tem sido interpretada a conhecida definição de Bakhtin para os gêneros do discurso, “[...] como um enunciado de natureza histórica, sócio-interacional, ideológica e linguística ‘relativamente estável’ [...]” (*ibid.*, p.23). Para Marcuschi, as noções sobre o gênero têm se dividido entre *estabilidade* ou *relatividade*, ou seja, de forma, de um lado, e historicidade e fluidez, de outro, havendo a tendência a prevalecer a segunda. Como exemplo da segunda tendência, o autor cita Charles Bazerman, afirmando que, para este, “[...] apesar de nosso interesse em identificar os gêneros e classificá-los, parece impossível estabelecer taxonomias e classificações duradouras, a menos que nos entreguemos a um formalismo reducionista.” (*ibid.*, p.24). Mesmo reconhecendo que os gêneros são *formas culturais e cognitivas de ação social*, e que “o gênero é essencialmente flexível e variável”, Marcuschi (*id.*) enfatiza a necessidade de se enquadrarem os gêneros. Com vistas a apoiar seu posicionamento, recorre a Carolyn Miller, para quem os gêneros são “*formas de ação*” e

“*artefatos culturais*”, citando ainda que “uma definição retoricamente sadia de gênero deve ser criada não na substância ou na forma do discurso, mas na ação que é usada para executá-lo.” (ibid., p.25). Ora, não apenas a citação contradiz o que Marcuschi pretende comprovar, como também Miller alinha-se a Bazerman na mesma escola, a sócio-retórica, como se verá adiante. No texto de Marcuschi, outros autores identificados com diferentes tendências analíticas seguem o mesmo destino, a exemplo de Gunther Kress e Jean-Michel Adam, para desembocar em uma “etnografia” dos gêneros textuais.

As inconsistências nas obras de outros autores não só de nomenclatura, mas também quanto à definição de *gêneros textuais* são ainda apontadas por Rojo (ibid., 189-193). Mesmo que admitam a instabilidade dos gêneros, ou que estabeleçam alguma relação com a teoria bakhtiniana acerca dos gêneros do discurso, geralmente de “repulsa”, a descrição textual assume centralidade em sua obra, distanciando-a do método proposto por Bakhtin. As *descrições* de textos/gêneros de Marcuschi, as *sequências e operações textuais* de Adam e os *tipos de discurso* de Bronckart são citados como exemplos nesse sentido. Rojo (ibid., p.193-194) finaliza avaliando que, em todos os casos, o gênero não é teorizado em termos de um *universal concreto*, na acepção marxista do termo, que refere *o capital*, *o valor de troca*, como um universal que regula a dialética entre as relações sociais e os produtos. Ao contrário, as teorias que têm por central a materialidade linguística buscam estabelecer um modelo canônico de famílias de similaridades reconhecidas pelos agentes de uma interação. Pois bem, acompanhando-se o desenvolvimento proposto por Rojo, o que se pode detectar aqui é novamente a busca pelo enquadramento da *parole* sob os mesmos moldes da *langue*, minimizando-se os efeitos da enunciação e dos discursos sobre os gêneros.

Esses objetivos podem ser constatados mesmo entre autores que desenvolvem a teoria de gênero sob a perspectiva da Linguística Sistêmico-Funcional, na qual a língua é concebida como um sistema semiótico e um potencial de significados. Para Jim Martin e Peter White (2005, p.32), por exemplo, os gêneros são reconhecidos pelo desdobramento de seus integrantes – as configurações de campo, modo e escolha de tenor – em “estágios recorrentes do discurso”, formando um “padrão de padrões de registro”. Aqui, se sugere que mesmo os componentes extralinguísticos do gênero possam ser organizados em termos de estruturas.

A busca por descrever-se o gênero em termos de estruturas mais rígidas já foi, inclusive, motivo de sátira na Internet. No início de 2013, um *post* publicado no *site* Fliperamatilt<sup>16</sup> apresentava o esquema composicional do samba enredo, gênero musical

<sup>16</sup> O *link* para o *post* foi excluído posteriormente, não sendo mais possível acessá-lo, ainda que o *site* permaneça ativo: < <http://www.fliperamatilt.com.br/> >.

identificado com o Carnaval brasileiro. Apesar da simplificação, reconhecem-se os componentes do discurso deliberativo na retórica aristotélica (*exórdio*, *narração* e *peroração*, ou epílogo), o que acentua o efeito jocoso do diagrama.



Figura 3 – Sátira à esquematização dos gêneros discursivos.

Aos autores que se guiam por uma *teoria de gêneros de texto*, Rojo (2005, p.189) opõe o *analista bakhtiniano*, que descreve enunciados visando à “[...] busca de significação, da acentuação valorativa e do tema, indiciados pelas marcas linguísticas, pelo estilo, pela forma composicional do texto”. Desse modo, a vertente que compreende os gêneros como *gêneros discursivos* não objetiva descrever exhaustivamente os aspectos da materialidade linguística, mas aqueles determinados pela situação de *enunciação*. Para tanto, são selecionadas apenas as *marcas linguísticas* relevantes ao discurso em análise (cf. *ibid.*, p.186).

Sob essa orientação, o significado de *gênero* pode ser relacionado aos conceitos bakhtinianos de *dialogiasmo*, *heteroglossia*, *plurilinguismo* e *hibridismo*, por exemplo (cf. *ibid.*, p.196).

O texto a seguir<sup>17</sup> ilustra a constituição do gênero em termos de significação, forma composicional, condições da enunciação e marcas linguísticas. Os falantes organizam esses componentes em função dos contextos delineados pelos discursos, construindo assim suas próprias identidades, híbridas e cambiantes.

## Contículos 2

*Dois homens tramam um assalto.*

- *Valeu, mermão? Tu traz o berro que nós vamo rendê o caixa bonitinho. Engrossou, enche o cara de chumbo. Pra arejá.*
- *Podes crê. Servicinho manero. É só entrá e pegá.*
- *Tá com o berro aí?*
- *Tá na mão.*

*Aparece um guarda.*

- *Ih, sujou. Disfarça, disfarça...*
- O guarda passa pelos dois, que fingem estar discutindo.*
- *Discordo terminantemente. O imperativo categórico de Hegel chega a Marx diluído pela fenomenologia de Feurbach.*
- *Pelo amor de Deus! Isso é o mesmo que dizer que Kierkegaard não passa de um Kant com algumas sílabas a mais. Ou que os iluministas do século 18...*

*O guarda se afasta.*

- *O berro tá recheado?*
- *Tá.*
- *Então vamlá!*

Meurer et al. (2005, p.9) igualmente constatam não haver consenso quanto à terminologia empregada para a descrição e análise dos gêneros textuais/discursivos. Essa diversidade ocorre mesmo entre autores cujas concepções teóricas aproximem-se, havendo termos que são apenas “relativamente equivalentes”, como “1) sequência textual, tipo textual e modalidade discursiva (entre outros), e 2) esfera social, comunidade discursiva e ambiente discursivo (entre outros).” (*id.*). Para Meurer et al. (*ibid.*, p.10), ao contrário de ser improdutiva, a variedade de teorias reflete a complexidade do objeto, contribuindo para o enriquecimento dos estudos da linguagem. Para fins meramente “didáticos”, os autores (*ibid.*, p.9) agrupam as principais correntes sob três perspectivas: a) sócio-semióticas, que se utilizam, em diferentes graus, da teoria sistêmica de Halliday, das análises críticas e da teoria textual; b) sócio-retóricas, que retomam questões retóricas, a teoria do texto e as posições etnográficas acerca do discurso; e c) sócio-discursivas, que incorporam aportes da análise do

<sup>17</sup> VERÍSSIMO, Luiz Fernando. As aventuras da família Brasil. *Zero Hora*, Porto Alegre, 8 abr. 2012. Donna, p.4.

discurso, da teoria do texto e das teorias enunciativas. Na última perspectiva, inclui-se a Análise Crítica do Discurso, o que, destaque-se, não é consenso na literatura, como sugerem inclusive Meurer et al. (ibid.). De qualquer forma, o termo *gênero textual* é o mais corrente entre as teorias, tendo sido por essa razão adotado pelos autores. O mesmo ocorreu quanto ao título desta tese, o que objetivou também a desambiguação quanto ao gênero [social]. Outros autores (e.g. DELL'ISOLA et al., 2012) acompanham o critério adotado por Meurer et al. (2005), assim como seguem o agrupamento das perspectivas explicativas sobre os gêneros sugerido por esse grupo, o que ilustra a ascendência desde sobre a produção dos estudos brasileiros na área.

Após realizar detalhada comparação entre as concepções de gênero desenvolvidas pelos principais autores relacionados às três escolas, Viviane Ramalho (2008) propõe haver diferente inserção da ACD nessa classificação. Com algumas variações, teóricos da ACD fundamentam suas propostas acerca do gênero, entre outros, nos conceitos de macrofunções da linguagem, sistema semiótico, sistema lexicogramatical, contexto de situação e variáveis de registro, os quais são centrais a autores da escola de Sidney. Por sua vez, a definição de gênero como ação social, encontrada em autores afetos aos pressupostos da Nova Retórica, também está presente na ACD (cf. ibid., p.79). Explicitamente, Fairclough (2006, p.66) situa os antecedentes para seus estudos sobre o gênero em Bakhtin, Bazerman, Eggins, Martin e Swales. A diferença, na ACD, é que a enunciação, a representação e a ação pela linguagem implicam também relações de poder, o que posiciona essa teoria em um grupo à parte das demais.

José Luiz Meurer (2000, p.152) já havia sinalizado para a mesma conclusão indicada por Ramalho. O autor reporta-se a Bakhtin para reiterar a importância dos gêneros no estabelecimento das relações interpessoais, pois é por meio deles que se dá a comunicação, e não via textos em geral, ou modalidades retóricas. Meurer enfatiza a importância dos gêneros na constituição de identidades, porquanto “Os conhecimentos que os seres humanos possuem, sua identidade, seus relacionamentos sociais e sua própria vida são em grande parte determinados pelos gêneros textuais a que estão expostos, que produzem e ‘consomem’”. Esse consumo envolve possibilidades e interdições de acesso a textos, implicando, logo, relações de poder (cf. ibid., p.150).

De acordo com a aceção do próprio Bakhtin (1997, p.279), os gêneros são “tipos relativamente estáveis de enunciados”, elaborados por esferas particulares de utilização da língua, sendo também infinitos, assim como o é a variedade da atividade humana. Em seu livro publicado em 1992 e traduzido para a língua portuguesa em 2001, Fairclough já havia incorporado essas noções de Bakhtin a seu conceito de gênero do discurso, definindo-o como

[...] um conjunto de convenções relativamente estável que é associado com, e parcialmente representa, um tipo de atividade socialmente aprovado, como a conversa informal, comprar produtos em uma loja, uma entrevista de emprego, um documentário de televisão, um poema ou um artigo científico. Um gênero implica não somente um tipo particular de texto, mas também processos particulares de produção, distribuição e consumo de textos. (FAIRCLOUGH, 2001, p.161)

Em outra obra, publicada originalmente em 2003, Fairclough não somente resgata a proposta bakhtiniana, como também desenvolve o conceito de gênero sob a concepção de discurso em Foucault. Desta vez, Fairclough (2006, p.28) escreve que os Discursos apresentam-se nas práticas sociais sob três maneiras: a) gêneros (como modos de **ação**); b) discursos (como diferentes modos de **representação** e **autorrepresentação** do mundo material e práticas sociais); e c) estilos (**identificação**, ou formas particulares de expressão). Os gêneros podem, assim, ser definidos como modos diversos de (inter)ação discursiva “relativamente estáveis”, consistindo “elementos de ordens do discurso ao nível das práticas sociais” (ou atividade humana, para Bakhtin). No interior do gênero, articulam-se dialeticamente também os três aspectos do significado – a ação, a representação e a identificação (cf. id.). De acordo com essa perspectiva dialética, os discursos (significados representacionais) são representados nos gêneros (significados acionais) e inculcados nos estilos (significados ideacionais), assim como as ações e as identidades (incluindo-se os gêneros e os estilos) são representadas nos discursos (cf. *ibid.*, p.29). Fairclough situa esses aspectos do significado como formas de exercício do poder, baseando-se, para tanto, nas relações entre os *eixos* de poder examinadas por Foucault. Desta vez, o autor localiza o poder não somente quanto ao acesso aos textos, como analisara Meurer (2002), mas como possibilidade de exercício de poder de uma pessoa **sobre** outra.

A Representação tem a ver não apenas com o conhecimento, mas também com o ‘controle sobre as coisas’; a Ação geralmente tem a ver com relação com os outros, mas também com ‘ação sobre os outros’, e poder. A Identificação tem a ver com as relações consigo mesmo, a ética e o ‘sujeito moral’.<sup>18</sup> (FAIRCLOUGH, 2006, p.28) (trad. minha).

Os significados que operam no interior dos gêneros estão, assim como estes, submetidos às ordens dos discursos, sendo os próprios gêneros elementos dessas ordens, dialeticamente atuando sobre elas. Nas palavras de Foucault (2006, p.8-9), “[...] em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e

<sup>18</sup> “Representation is to do with knowledge but also thereby ‘control over things’; Action is to do generally with relations with others, but also ‘action on others’, and power. Identification is to do with relations with oneself, ethics, and the ‘moral subject’.”

redistribuída por certo número de procedimentos [...]”. Veja-se que, para Chouliaraki e Fairclough (2002, p.144-145), “Um gênero é, ele mesmo, um dispositivo articulador que controla o que vai com o que, e em que ordem, incluindo a configuração e ordenamento de discursos [...]” (trad. minha).<sup>19</sup>

Ainda segundo Foucault (1995, p.43), os discursos caracterizam-se pela *dispersão*, conectados por elementos não ligados, *a priori*, por um princípio de unidade. Os discursos constituem-se por grupos articulados de enunciados, que são, por sua vez, acontecimentos, ou seja, são singulares em seu tempo e seu espaço:

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma formação discursiva [...].

As regularidades que conectam esses enunciados, aparentemente dispersos, não são sempre imediatamente aparentes, pois as formações discursivas movimentam-se entre diversos campos e níveis. Entre eles, estão as condições históricas, instituições, processos econômicos e sociais, comportamentos, normas, técnicas e classificações, que compõem um feixe complexo de relações. Embora elas sejam externas ao discurso, estabelecem o conjunto de regras que permitem formá-lo, caracterizando o próprio discurso enquanto prática. Desse modo, para se analisar um discurso, é preciso examinarem-se as condições históricas que possibilitam seu aparecimento (cf. *ibid.*, p.51-53).

A inserção histórica dos discursos já havia sido analisada por Bakhtin (1998). Segundo o autor, o discurso situa-se em uma cadeia discursiva, sendo eminentemente dialógico: “O discurso nasce no diálogo como sua réplica viva, forma-se na mútua-orientação dialógica do discurso de outrem no interior do objeto. A concepção que o discurso tem de seu objeto é dialógico.” (*ibid.*, p.88-89). Ademais, todo discurso é orientado para a resposta, sendo “imediate e diretamente determinado pelo discurso-resposta futuro” (*ibid.*, p.89).

Sob esses antecedentes, Fairclough (2006) reconhece a historicidade dos gêneros do discurso. As *ordens* que permitem identificá-los residem nas práticas sociais, ou em uma rede de práticas, as quais configuram os gêneros, sendo também por eles conformadas. Assim como os *objetos* (campos da sociedade), também os *conceitos* (categorias para exame dos

---

<sup>19</sup> “A genre is itself an articulatory device which controls what goes with what and in what ordering, including what configuration and ordering of discourses.”

objetos) mudam no interior das formações discursivas, pois os enunciados realizam-se novamente em outros enunciados, o que Fairclough (2001, p.72) relaciona aos escritos de Bakhtin sobre *gênero* e *dialogismo*. Os discursos materializam-se nos gêneros, nas representações, nas práticas sociais e mesmo nas formas individuais de expressão (autorrepresentações). Os gêneros, logo, não são estáveis, fixos ou homogêneos, podendo mesmo apresentar um alto grau de abstração.

Autores brasileiros têm sido ambíguos ao se posicionarem quanto a essa definição mais abstrata dos gêneros proposta pela ACD. Embora declaradamente a teoria não tenha o mesmo propósito da GSF, que procura descrever as minúcias estruturais dos gêneros, por aqui, o que poderia ser considerado um avanço é apresentado como deficiência epistemológica. Talvez isso se explique pelo sucesso alcançado pela GSF, no Brasil, entre teóricos do gênero, conforme mencionado anteriormente. Meurer (2005, p.104), por exemplo, escreve que

Com relação aos gêneros textuais, a ACD precisa dedicar maior espaço à sistematização do estudo da constituição composicional dos diferentes textos. Ela enfatiza o princípio – iluminador e essencial – de que os gêneros implicam diferentes modos de conhecimentos e crenças, diferentes identidades e diferentes relações sociais [...], mas não tem um método sistematizado para relacionar esse princípio à estrutura organizacional dos diferentes gêneros.

A “constituição composicional dos diferentes textos”, porém, não integra o principal foco investigativo da ACD. Mesmo com relação aos gêneros, há uma perspectiva distinta daquela adotada pelos teóricos reunidos em torno da escola de Sidney, como Jim Martin e Peter White (2005, p.32), que delimitam os gêneros segundo “estágios recorrentes do discurso”. Em contraposição, Chouliaraki & Fairclough (2002, p.145) concebem que “O gênero, portanto, precisa ser entendido de um modo mais abstrato do que na GSF, como a faceta ordenadora e reguladora do discurso, não simplesmente utilizado para a estruturação em estágios de tipos de discurso relativamente permanentes, como uma defesa de tese [...]” (trad. minha).<sup>20</sup> Desta vez, Meurer (2005) acompanha esses autores, reconhecendo que

---

<sup>20</sup> “Genre therefore needs to be understood in a more abstract way than SFL as the ordering and regulative facet of discourse, and not simply used for the staged structuring of relatively permanent types of discourse such as the dissertation defence [...]”

Uma razão essencial para a integração da ACD aos estudos de gêneros textuais são as possibilidades teóricas e metodológicas que ela cria para ir além das regularidades dos gêneros em si e explorar também a sua relevância no que diz respeito a regularidades nas esferas sociais.

[...]

Incorporando princípios e métodos desenvolvidos na ACD, pesquisadores[as], professores[as] e alunos[as] terão bases sólidas para ultrapassar preocupações com sequências e outros elementos linguístico-textuais que compõem determinado gênero textual, examinando-o também como prática discursiva e prática social. (ibid., p.105, 106).

Diversamente do que tem se encontrado na literatura, na ACD os gêneros não são categorizados, *a priori*, segundo marcas linguísticas, mas de acordo com seu nível de abstração. No nível mais alto, encontram-se os *pré-gêneros*, os quais podem conter diferentes *gêneros específicos*, ou *situados*, sendo estes o de mais baixa abstração, por serem identificados com redes particulares de certas práticas sociais. Os pré-gêneros constituem famílias de gêneros, agrupados sob três tipos: *diálogo*, *discussão* e *narrativa* (cf. FAIRCLOUGH, 2006, p.66-69). Assim conceituados, esses *pré-gêneros* parecem ser mais abrangentes que o *macrogênero* registrado por Suzanne Eggins (2004, p.70) ou por Robin Woodward-Kron (2005).

Bakhtin (1998, p.73) já havia caracterizado o romance “como um fenômeno pluriestilístico, plurilíngue e plurivocal”. Essas propriedades referem-se à natureza dialógica desse gênero, que comporta vários estilos e linguagens, decompondo-se em unidades estilísticas. Habitualmente, essas unidades são a narrativa direta e literária do autor, a “estilização de diversas formas da narrativa tradicional oral”, variadas formas de narrativa escrita estilizada (como cartas, diários, etc.), os discursos dos personagens e “Diversas formas literárias, mas que estão fora do discurso literário do autor: escritos morais, filosóficos, científicos, declamação retórica, descrições etnográficas, informações protocolares, etc.” (ibid., p.74). No romance, essas unidades estilísticas submetem-se à unidade estilística superior, combinando-se e formando um todo harmonioso.

De acordo com Fairclough (2006, p.66, 69), os gêneros também não são estáveis, variando quanto a seu grau de estabilização, fixidez e homogeneização, sendo alguns mais fixos, “ritualizados”, que outros. Esse modo de classificar os gêneros respalda-se na compreensão de que eles não constituem “classes de eventos comunicativos”, pois as interações, os textos reais, não se dão mediante apenas um gênero; ao contrário, elas transitam criativamente por vários gêneros. A noção da língua conforme a GSL é aqui aplicada ao “potencial de gêneros” associados a certa rede de práticas sociais.

A análise estrutural é válida principalmente para aqueles gêneros cujo propósito e ação estratégica sejam mais visivelmente delineados. Quanto mais ritualizada for a atividade,

mais evidente serão as estruturas dos gêneros a ela relacionados. O roteiro elaborado para atendentes de *telemarketing* encontra-se entre os exemplos de gêneros altamente controlados. Os textos assim produzidos são completamente ritualizados, o que torna possível identificarem-se todos os seus estágios, havendo uma estrutura previsível do gênero. Ainda assim, reveses podem ocorrer em todas as atividades, ou mesmo uma “quebra de gênero”,<sup>21</sup> da mesma forma como elas nem sempre se dão segundo a mesma ordem. Usualmente, os gêneros são *mistos*, não sendo possível identificarem-se claramente seus estágios (“*staging*”), pois o novo capitalismo é caracterizado justamente pela instabilidade, variabilidade e flexibilidade, ao mesmo tempo em que há uma tensão de forças operando no sentido do controle social, da estabilização e da ritualização (cf. *ibid.*, p.72-73). Aqui, se nota que a crítica de Fairclough dirige-se novamente à conceituação de gêneros segundo “estágios recorrentes do discurso” proposta por Martin & White (2005, p.32).

Há, basicamente, dois tipos de gêneros *mistos*. Eles podem simplesmente se “misturar” nos textos, emergindo como “formatos”, ou estilos (“*formats*”). Os *websites* e os *blogs* são exemplos típicos de gêneros mistos, combinando diversos gêneros já bem estabilizados. Outra forma de os gêneros se misturarem ocorre mediante sua hierarquização dentro de um gênero, o que se verifica usualmente em reportagens. Nesse caso, há um gênero principal e outros “subgêneros” (cf. FAIRCLOUGH, 2006, p.69), definição que parece se aproximar ao conceito de *gênero híbrido* registrado por Eggins (2004, p.81). Essa noção de “construção híbrida”, fundamental ao estilo romanesco, provém de Bakhtin (1998, p.110), que a define como “o enunciado que, segundo índices gramaticais (sintáticos) e composicionais, pertence a um único falante, mas onde, na realidade, estão confundidos dois enunciados, dois modos de falar, dois estilos, duas ‘linguagens’, duas perspectivas semânticas e axiológicas.” Entre esses enunciados, não há fronteiras formal, composicional ou sintática, concepção que também se faz presente na definição de Fairclough para os gêneros.

De acordo com esse autor, no nível médio de abstração situam-se os *gêneros desencaixados*, que transcendem redes específicas de práticas sociais. Eles são extraídos (“*lifted out of*”) das redes onde tenham sido desenvolvidos, tornando-se disponíveis a outras

---

<sup>21</sup> O termo *quebra de gênero* é raramente encontrado na literatura, referindo-se, no geral, a algum tipo de inversão dos papéis de gênero esperados para homens e mulheres. Uma interessante ocorrência verifica-se no documento *Prisão de não-nacionais em Portugal* (DORES, 2005, p.11), onde se lê que “[...] estas mulheres com filhos [...] mas solteiras, separadas ou divorciadas, tendem a quebrar os padrões familiares nos quais cabe aos homens o sustento do agregado, aparecendo a imigração como uma estratégia de sobrevivência da unidade doméstica [...] Observamos esta situação em 4 entrevistadas brasileiras [...] Contudo, esta quebra de gênero não deixa de ser contraditória com a profissão que acabam por vir desenvolver em Portugal [...]”. Nesta tese, emprega-se o termo no sentido atribuído por Susana Bornéo Funck, que, ao dar respostas inusitadas a uma vendedora de produtos financeiros via *telemarketing*, desestruturou o *script* do gênero (cf. informação pessoal).

esferas, sob forma de “tecnologia social”. Um exemplo pode ser o aconselhamento médico, utilizado pela publicidade em anúncios televisivos para a venda de produtos, quando um gênero é *desencaixado* de sua prática original e ressignificado em outro contexto. Esse mecanismo faz parte da reestruturação do capitalismo, quando há uma tensão entre a necessidade de estabilização dos gêneros, para que se constituam enquanto tal, e a pressão pelo fluxo e a mudança contínua, em face da nova ordem societária (cf. FAIRCLOUGH, 2006, p.68). O gênero social é outro aspecto dessas práticas conformado por tais tecnologias, segundo analisa Teresa de Lauretis (1994, p.220), de acordo com o que já foi discutido no Capítulo 1 desta tese.

Nesse modelo socioeconômico, a natureza de gêneros estabilizados pode ser ainda “comodificada”. A comodificação apresenta-se como uma das principais tendências de mudança discursiva que afetam a ordem societária, um processo pelo qual domínios e instituições sociais que não produzem mercadorias para venda são “organizados e definidos em termos de produção, distribuição e consumo de mercadorias” (cf. FAIRCLOUGH, 2001, p.255). Metaforicamente, o vocabulário ligado à produção de bens transfere-se a outras esferas, o que reflete uma tentativa de sua reestruturação nos moldes de mercado. Fenômeno semelhante já havia sido analisado quanto à *colonização*, pela linguagem do *marketing*, de textos produzidos para a venda de serviços tradicionalmente não identificados com o campo econômico, a exemplo de hospitais e escolas, cujo discurso passa a ser “tecnologizado” (cf. *ibid.*, 2001, p.21), conforme referido no Capítulo 1 desta tese.

A fim de desenvolver sua tipologia para os gêneros, Fairclough (2006, p.70-72) toma emprestada de Jürgen Habermas a distinção entre ação *comunicativa* e ação *estratégica*. A primeira orienta interações nas quais os falantes visem meramente à compreensão mútua, como em um diálogo entre amigos, ao passo que a segunda faz-se presente em interações nas quais, discursivamente, se busque obter certo resultado. Mais especificamente, Fairclough diferencia aquelas atividades sociais que são basicamente discursivas, quando a vontade de manipulação faz-se mais presente, daquelas nas quais o discurso tem papel coadjuvante. Normalmente, os gêneros combinam objetivos estratégicos e comunicativos, como, por exemplo, em uma reportagem, cujo objetivo é comunicativo, pode haver a intenção estratégica de manipular-se a opinião pública rumo ao interesse de certos grupos.

De um modo geral, o discurso estratégico ocorre principalmente na esfera pública, onde a autoridade concentra-se em um dos participantes do discurso. Os gêneros reproduzem esse tipo de relação, prevendo quem possa falar, como, quando e quem possa controlar a tomada e a duração dos turnos (cf. *ibid.*, p.78). Essa conceituação indica também que as

relações de poder integrantes dos gêneros, conforme discutido anteriormente, sejam mais acentuadas em alguns e menos em outros. A respeito das formas de controle operadas no discurso público, Teun van Dijk (1996, p.85) escreve que

O abuso do poder envolve não apenas o uso abusivo da força, [...] mas também, e mais crucialmente, pode afetar a mente das pessoas. Isso é, mediante o acesso privilegiado aos meios de comunicação e do discurso público, bem como o controle sobre eles, grupos ou instituições dominantes podem influenciar as estruturas do texto e da fala de tal modo que, como resultado, o conhecimento, atitudes, normas, valores e ideologias dos receptores sejam, em maior ou menor grau, indiretamente afetados no interesse dos grupo dominante.”<sup>22</sup> (trad. minha).

É evidente a influência do pensamento de Althusser (1985) sobre essa formulação de van Dijk, especificamente a distinção que o autor francês estabelece entre os Aparelhos Repressivos de Estado e os Aparelhos Ideológicos do Estado. Em ambos os autores, faz-se presente a relação entre mídia, ideologia, discurso e poder, podendo-se ainda adicionar a conformação dos papéis de gênero, dada sua constituição também discursiva. De modo semelhante, Teresa de Lauretis (1994, p.213) estabelece a conexão entre gênero social e ideologia, ao discutir a elaboração althusseriana segundo a qual a ideologia opera não somente no nível econômico, mas também engaja-se na subjetividade.

A esse respeito, Fairclough (2006, p.78) analisa ainda que, mesmo entre os participantes de um diálogo informal, pode haver desigualdades, relacionadas ao tipo de relações sociais presentes. O autor relata, por exemplo, que pesquisas realizadas acerca das relações de gêneros [sociais] têm sugerido haver assimetria quanto às tomadas de turnos em conversas observadas entre homens e mulheres. As mulheres tendem a ser mais “interrompidas e os homens demonstram menos interesse no que as mulheres dizem, o que se traduz por uma relação de intimidação”. Essa forma de interação pode ser explicada pela socialização distinta quanto aos modos de falar à qual estão sujeitos homens e mulheres já desde a primeira infância, de acordo com estudos discutidos por Ana Cristina Ostermann (2006). Lembremos que as ações e as identidades são representadas nos discursos, os quais, por sua vez, são representados nos gêneros discursivos.

---

<sup>22</sup> “Power abuse not only involves the abuse of force, [...] but also and more crucially may affect the minds of people. That is, through special access to, and control over the mean of public discourse and communication, dominant groups or institutions may influence the structures of text and talk in such a way that, as a result, the knowledge, attitudes, norms, values and ideologies of recipients are – more or less indirectly affected in the interest of the dominant group.”

Tal relação dialética entre os componentes dos gêneros pode explicar a forma como eles se multiplicam por meio de *cadeias de gêneros*: “Uma cadeia de eventos pode envolver uma cadeia ou rede de textos diferentes, interconectados, que manifestam uma ‘cadeia’ de gêneros distintos”<sup>23</sup> (FAIRCLOUGH, 2006, p.66); ou, como escreve Bakhtin (1997, p.285), “[...] os gêneros discursivos são correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem”. Eles se formam de grupos de enunciados, os quais se relacionam a dada atividade humana, social e historicamente localizada. Logo, mudanças sociais implicam mudanças linguísticas, que passam “pelo acabamento do estilo-gênero”. Essas transformações ocorrem na língua falada e em sua forma escrita, pois a língua é marcada tanto pelos gêneros primários, como pelos secundários, uma vez que é por meio dos gêneros do discurso que se atualizam as diferentes camadas linguísticas (cf. *ibid.*, p.286). Partindo de Bakhtin, John Swales (2004, p.21) propõe que a criação de novos gêneros em cadeia possa ocorrer via intertextualidade manifesta, mediante a citação ou paráfrase de outro gênero, ou por meio de intertextualidade constitutiva, quando um gênero replica a estrutura retórica de outro. A esse respeito, Fairclough (2006, p.67) complementa que o caráter interdiscursivo dos gêneros pode se dar em termos semântico, gramatical e lexical. Os sentidos acionais são construídos no texto, os sentidos representacionais manifestam-se no discurso, e o sentido ideacional revela-se no estilo.

Um gênero pode, desse modo, misturar ou hibridar outros gêneros por intermédio de assimilações, possuindo tanto uma relação retrospectiva, quanto prospectiva com os gêneros que o antecedem e o sucedem na cadeia. Essa é uma característica dos textos midiáticos, os quais comumente diluem as fronteiras entre os gêneros, reunindo, por exemplo, fato e ficção, notícias e entretenimento, drama e documentário (cf. *ibid.*, p.35). Neste caso, aplica-se o que escreve Foucault (2006, p.24-25) sobre “o desnível entre um texto primeiro e texto segundo”, que permite a construção infinita de novos discursos, repetição que se apresenta dissimulada, como se não houvesse um discurso que a antecedesse. Tal forma de interdiscursividade faz parte das ações estratégicas dos *mass media*, sobretudo se considerarmos sua concentração em mãos de grandes proprietários, conforme exposto anteriormente.

---

<sup>23</sup> “A chain of events may involve a chain or network of different, interconnected texts which manifest a ‘chain’ of different genres.”

## 2.4 Cultura de massa, capitalismo e as revistas de consumo

O surgimento da cultura de massa constitui momentos de desestabilização de ordens discursivas nas sociedades onde o fenômeno se estabeleça. De acordo com Luiz Costa Lima (2000, p.33, 24), a tomada de consciência da burguesia não apenas como classe econômica, mas, sobretudo, enquanto classe social permite-lhe organizar-se em torno de interesses comuns. A cultura de massa é análoga, nesses termos, à formação da consciência burguesa e, por conseguinte, do desenvolvimento de uma cultura burguesa. Esses dois fatores, contudo, não são suficientes, isoladamente, para o desenvolvimento de uma cultura de massa. É necessário ainda que, na economia de mercado, os *mass media*, resultantes dos avanços tecnológicos, operem de forma integrada (em rede), como parte indispensável da modalidade de cultura que os sustenta, a sociedade de consumo.

O consumismo, cujo crescimento acentuou-se a partir da década de 1920, é uma das propriedades do capitalismo moderno, o qual envolve uma mudança do foco da economia da produção para a economia do consumo, assim como uma intervenção sem precedentes da economia na vida das pessoas. As condições tecnológicas para a disseminação desse consumismo são dadas pela proliferação dos meios de comunicação, que se tornam uma instituição cultural (cf. FAIRCLOUGH, 1989, p.199-200).

Com a atuação dos novos atores na esfera política, os negócios capitalistas passam a ser amparados pelo poder estatal, e os já reconhecidos agentes da cultura (escola, escritores, museus, bibliotecas etc.) são “minados” pela economia de mercado (cf. COSTA LIMA, 2000, p.24, 29). Entre outras mudanças decorrentes da formação de uma cultura burguesa, há a redistribuição de papéis, inclusive dos intelectuais, que não mais se circunscrevem a seus tradicionais espaços de atuação, mas tornam-se integrantes de equipes da indústria da cultura de massa. Agora, seu trabalho é também importante na adaptação da linguagem a um consumo desconhecido (cf. *ibid.*, p.19, 20, 33).

O consumo desconhecido compreende, em princípio, a população heterogênea dos grandes centros urbanos, da qual passam a fazer parte os operários, oriundos do meio rural ou de pequenas cidades. “Este segmento social será posteriormente sujeito, em conjunto com as outras classes, ao aliciamento da cultura de massa.” (cf. *ibid.*, p.38). Somando-se a essa desterritorialização, a linguagem verbal face a face vai sendo substituída pelos relatos dos *media*, que preenchem as lacunas deixadas pela fragmentação de culturas tradicionais, como a família, comunidades étnicas ou aquelas interligadas pela produção artesanal, diante de novos envolvimento das pessoas no espaço urbano. Em etapa seguinte, a cultura rústica entra em

contato com a indústria cultural dos centros urbanos e industrializados, o que ocasiona também sua desagregação. À medida que ocorre esse rompimento, na sociedade moderna, as pessoas são integradas a um aparato do qual acreditam fazer parte, e, progressivamente, o controle social é exercido por meio do consentimento (cf. FAIRCLOUGH, 1989, p.200, 36).

No Brasil, em princípios do século XX, já se verificava o cenário para o estabelecimento de uma cultura de massa. Na década de 1930, consolidou-se a queda da República Velha, quando também aceleraram-se as relações capitalistas de produção. Acompanhando o processo, organizava-se a atividade sindical, o nacionalismo ascendia e enfraquecia-se o coronelismo. Crescia o número de trabalhadores urbanos e das classes médias urbanas, grupo que viria a formar o público de massa. O rádio e o cinema já haviam se popularizado, e havia jornais e revistas de circulação nacional. Tais veículos possibilitavam que o noticiário e a publicidade chegassem a uma grande parcela da população, levando-lhe informação em comum, inclusive acerca de novos bens de consumo industrializados (cf. SODRÉ, 1976, p.24-25). Passara a haver, então, um modo de operação integrada não apenas entre os *mass media*, mas entre estes, o capital e os interesses de Estado, cuja propaganda já contava com meios mais abrangentes de divulgação para as massas.

O novo formato dos meios de comunicação veiculava uma linguagem igualmente nova, o que não se aplicava inteiramente aos discursos então circulantes. Escreve Muniz Sodré (1976, p.23) que, historicamente, a palavra tem sido o instrumento apaziguador dos conflitos de classe no Brasil, havendo um “aliciamento pelo discurso conservador”. De um lado, havia então a “tradição conciliatória”, atuando como “freio”, e de outro, o avanço dos *mass media* e da industrialização, esta sobretudo a partir da década de 1940, quando a importação de bens para consumo sofreu importante redução (cf. *ibid.*, p.26).

Essa reestruturação dizia respeito à construção de uma nova identidade nacional, em face de um Estado que buscava ajustar-se a projetos econômicos, sociais e políticos modernos, à indústria burguesa de bens culturais e industriais, que se contrapunha ao modo de produção oligárquico. Os governos também precisavam se adaptar à reconfiguração das cidades, que passavam por modificações estruturais e populacionais, resultantes de sua crescente densidade demográfica (cf. IBGE, 2007). Tais mudanças traziam implicações ainda sobre o mundo do trabalho formal, ao qual se incorporavam novos atores, inclusive mulheres.

A integração global com base no modelo econômico capitalista acentua-se marcadamente a partir dos anos 1970, o que já podia ser vislumbrado desde seu estabelecimento, e aceleram-se “os fluxos e laços entre as nações” sob o modelo da “globalização” (HALL, 2000, p.69). Esse fenômeno pode ser definido como um conjunto de

processos, “atuantes numa escala global, que atravessam fronteiras nacionais, integrando e conectando comunidades e organizações em novas combinações de espaço-tempo, tornando o mundo, em realidade e experiência, mais interconectado” (ibid., p.67). Fairclough (2003, passim) designa como *novo capitalismo* essa reestruturação global recente, avaliando que a capacidade de superar crises, transformando-se periodicamente, é mesmo inerente ao capitalismo, por meio da qual mantém sua continuidade. Parte dessa reestruturação inclui a organização dos meios de comunicação de massa em torno de “arquiteturas” que se reproduzem sob a forma de grupos mundiais de comunicação. Esse formato foi viabilizado pela “revolução digital”, que rompeu as fronteiras entre as três formas tradicionais de comunicação, o som, a imagem e a escrita. Outros limites diluídos foram os das esferas, antes autônomas, da cultura de massa, da publicidade e da informação, implicando a sobreposição de atividades até então restritas a cada uma delas (cf. CAMARGO, 2012, pos. 44508).

De um modo geral, no *novo capitalismo*, há a reestruturação e reescala das redes de práticas sociais, estabelecendo-se novas relações em diferentes níveis da vida social (o mundial, o regional, o nacional e o local). Nessa interação entre a economia e práticas sociais até então externas a ela, a globalização atua sobre aspectos culturais anteriormente bem delimitados, como classe, gênero, sexualidade, etnia e raça, os quais, agora, se apresentam fragmentados. Há a “descentração do sujeito”, e a identidade assume contornos temporários, sendo constantemente transformada em função dos modos de interpelação cultural dos sujeitos (cf. HALL, 2000, p.8-13), conforme discutido anteriormente.

Com vistas a facilitar a reestruturação social em termos da demanda do capitalismo global, nos mais diversos campos, o projeto político neoliberal foi adotado por muitos governos, inclusive no Brasil. Entre os efeitos da medida, estão os impactos negativos sobre diversas áreas da vida social, como política, educação e produção artística, entre outras, o acirramento de diferenças entre ricos e pobres, o fomento à insegurança econômica e a intensificação da exploração do trabalho, acarretando uma nova forma de imperialismo. Este, recentemente, se acresceu de contornos militares, materializados na “guerra contra o terrorismo”. A realidade é também discursivamente orientada, uma vez que o projeto político neoliberal vale-se de discursos peculiares para “remover obstáculos à nova ordem econômica”, o que sugere desempenhar a linguagem um papel de destaque nesse contexto (cf. FAIRCLOUGH, 2003, passim).

As principais transformações sociais são constituídas por mudanças nas práticas de linguagem, ao mesmo tempo em que a linguagem é “sobredeterminada” por outros elementos sociais (cf. FAIRCLOUGH, 2003): “A reestruturação e reescalonamento do

capitalismo é parcialmente um processo semiótico – a reestruturação e reescalonamento de ordens do discurso, envolvendo novas relações estruturais e escalares entre gêneros, discursos e estilos.”<sup>24</sup> (FAIRCLOUGH, 2002, p.127) (trad. minha). Essa *colonização* de campos não econômicos por campos econômicos deve-se à conversão de conhecimento e informação em produtos de consumo, legitimando discursivamente formas de economia. Criam-se gêneros discursivos e estilos para se operacionalizarem novos discursos e identidades. Em função de reorganizações discursivas, os *mass media* reestruturam inclusive a posição de sujeito do público-alvo do discurso, o que é também inerente à conformação de gêneros do discurso. Essas representações antecedem o enunciado (cf. MAINGUENEAU, 2005), o que permite projetar-se, na audiência, uma configuração de suposições, crenças e valores, como se eles existissem desde sempre na sociedade.

As suposições expressas na linguagem quanto ao lugar ocupado pelos sujeitos constituem as ideologias, as quais legitimam formas sociais de poder. Concebidas como significações/construções da realidade objetiva, elas contribuem tanto para a produção e reprodução, como para a transformação de relações assimétricas de poder (cf. FAIRCLOUGH, 1989, p.2, 2001, p.117, 119). Os aspectos mais importantes das relações entre poder e linguagem são o poder *no discurso* e o poder *por trás do discurso*. Da produção dos textos, passando por sua distribuição, até chegar ao consumo, são muito variáveis o espaço e o tempo que separam os sujeitos envolvidos. Esse curso pode abrigar diversos interesses, explícitos ou não, neste caso, configurando formas de poder oculto, no qual as ordens do discurso não são tão visíveis (cf. FAIRCLOUGH, 1989, p.43, 49). Considerando-se a propriedade hegemônica dos discursos, uma prática social pode ser tanto coercitiva, coibidora, ou capacitadora, pois ela pode não somente reproduzir, mas também questionar práticas anteriores (cf. MEURER, 2005, p.92).

As formas de poder *por trás do discurso* encontram lugar privilegiado nos meios de comunicação de massa, cujos detentores prescrevem o que deva ou não ser incluído nos textos, bem como o modo de apresentação dos eventos. Interesses nem sempre identificados com o bem comum articulam os mais distintos gêneros discursivos, construindo identidades e posições de sujeito para uma audiência massificada. Os *media*, de fato, são uma forma de mediação entre, de um lado, interesses de Estado e de capitalistas e, de outro, as necessidades da população em massa. Nesses termos, trata-se de uma relação mediada por um poder

---

<sup>24</sup> “The restructuring and re-scaling of capitalism is partly a semiotic process – the restructuring and re-scaling of orders of discourse, involving new structural and scalar relationships between genres, discourses and styles.”

escondido, incluindo “[...] a mais fundamental das relações, a relação de classe [...]” (FAIRCLOUGH, 1989, p.50).

De Louis Althusser (1985), com seus “Aparelhos Ideológicos de Estado”, passando por Michel Foucault (2001), com seu “modelo ‘mosaico’ de discursos”, autores e autoras têm analisado o poder dos meios de comunicação. Esse poder é exercido pela persuasão, dissimulação ou manipulação, valendo-se de tipos peculiares de textos que naturalizam o domínio de uns grupos sobre outros, apresentando-o de modo “aceitável” (cf. PEDRO, 1997, p.26). Grande parcela desse poder advém do efeito cumulativo resultante da repetição de tais textos, nos quais há manipulação de causalidade/agência, e do posicionamento da audiência, concebida em termos de representação (cf. FAIRCLOUGH, 1989, p.54). Assim projetada, a massa da população converte-se em constructo de práticas sociais que interessam aos mesmos produtores da mídia. Implicando também uma autoconstrução reflexiva nos consumidores, a representação reforça circularmente o poder oculto daqueles agentes. Esse poder oculto é analisado particularmente na publicidade por Flávio Calazans (1992, p.17), autor que destaca a força das mensagens subliminares na indução para o consumo de produtos. Em seu favor, profissionais da mídia alegam que as produções midiáticas obedecem estritamente a padrões de sua atividade profissional, buscando assim despi-la de quaisquer contornos ideológicos. Esse uníssono, por si só, já indica haver interesses ideológicos envolvidos.

Mesmo em face desse poder escondido, não seria pertinente afirmar, no marco teórico deste trabalho, que a mídia exerce um poder de dominação incontornável sobre o conjunto da população, ou que não haja discursos destoantes circulando entre os *mass media*. Pessoas ou grupos organizados nem sempre se reconhecem nos sujeitos ideais projetados pela mídia, podendo apresentar resistência ou mesmo lutar abertamente contra esses meios, o que é inerente a disputas travadas em espaços hegemônicos. Um discurso hegemônico pode ser heterogêneo, ao mesmo tempo comportando elementos autoritários e democráticos, inovadores e conservadores.

A articulação entre esses elementos dá-se pela interpretação, e aí se chega a um ponto aparentemente contraditório da teoria, uma vez que “parte do projeto hegemônico é a constituição de sujeitos intérpretes para quem tais conexões [dos elementos] são naturais e automáticas.” (FAIRCLOUGH, 2001, p.124). As interpretações “naturais” da realidade propagam-se por meio do senso comum, inscrito na ordem coletiva, contrapondo-se, logo, à individualidade, ao bom senso, o qual pode ser “transformado em algo unitário e coerente” (cf. GRAMSCI, 1989, p.16). Dada essa natureza coletiva, o senso comum opõe-se ao

intelecto, visto que não pode ser reduzido “à unidade e à coerência nem mesmo na consciência individual”, sendo genérico, disperso e assistemático (cf. *ibid.*, p.14, 18). Para o “homem do povo”, o elemento mais importante em sua norma de conduta é a fé, sobretudo no grupo social ao qual pertença – cujo pensamento também é disperso –, repetindo valores, crenças e argumentos que dele ouça (cf. *ibid.*, p.26). Dessa forma, o senso comum é formado por um conjunto de argumentos comumente empregados em determinadas circunstâncias e transpostos para outras situações. Estendido no tempo, o senso comum torna-se tradição, conjunto de opiniões geralmente aceitas por um grupo social temporalmente situado, contrapondo-se ao raciocínio lógico; contudo, essa tradição é de final aberto, não sendo “imune às diversas práticas argumentativas que ocorrem em sociedade” (cf. LACLAU, 1992, p.146-147).

Assim concebido, o senso comum não é fixo ou imutável, pois, sendo um produto histórico, pode sofrer alterações paralelamente a transformações que se verifiquem em determinada sociedade. Aqui, cabe lembrar que os processos de interpretação fazem parte dos recursos dos membros (RM) dos falantes, os quais se formam na combinação infinita de experiências tanto individuais, como coletivas. Mediante a *interpelação contraditória*, o sujeito interpelado por posições distintas alcança problematizar as convenções, havendo a possibilidade de transcender as ideologias, sendo ele então capaz de redimensionar sociedades determinadas por relações de dominação (cf. FAIRCLOUGH, 2001, p.121).

Diante da potencial rebelião cognitiva daí advinda, produtores da mídia recorrem não apenas a representações *ad doc*, mas também a mitos solidamente estabelecidos em uma sociedade específica, com vistas a atingirem um público o mais vasto possível. Entre eles, por exemplo, estão o amor materno, estereótipos de gênero e de etnias, a desigualdade social ou a onipotência de um deus único. Em torno dos mitos fundadores, conforme discutido no Capítulo 1 desta tese, estabelecem-se centralidades e periferias, pois o mundo está dado da maneira como sempre o foi e será.

A construção de mitos dá-se pela inscrição de fatos históricos na ordem dos fenômenos naturais. O mito não é uma ideia abstrata, mas um sistema de comunicação baseado em falsas evidências, uma forma, com limites históricos e condições de funcionamento, configurando, por conseguinte, um esquema semiológico. Desse modo, o mito não se define pelo objeto, mas pela maneira como é proferido, ou seja, ele é uma fala, e essa fala mítica é uma mensagem que pode ser oral ou expressa em escritas ou representações (cf. BARTHES 1982, p.131), entre elas, aquelas veiculadas pelos *mass media*.

Pretendendo-se eternos, esses agentes inscrevem a si próprios na ordem dos mitos, talvez daí seus profissionais explicarem as práticas midiáticas como meros resultados de um exercício laboral. Esse “profissionalismo” moldou-se a partir de interesses capitalistas desde o surgimento dos *mass media*, portanto, como todo mito, este tem seu nascimento datado. Nessa tradição, o jornalismo acomodou-se às estruturas de poder, a qual se tornou constitutiva da “etiqueta da profissão” (cf. BIROLI; MIGUEL, 2012, p.32). Juntamente com os grupos que representa, ele tem operado na redefinição de identidades, segmentos sociais e gêneros discursivos.

Na seção 2.1 desta tese, foi exposto que o coronelismo, originado do modelo inicial de organização da sociedade brasileira, tem perpetuado sua influência sobre a o Estado e sobre a formação dos atuais impérios dos meios de comunicação (cf. BAYMA, 2011). O monopólio desses meios seria um dos “traços determinantes do poder oligárquico nacional”, configurando o “coronelismo eletrônico”. A concentração das concessões nas mãos de políticos, ou de grupos a eles ligados, evidencia que estações de rádio e de televisão têm sido utilizadas como moeda de troca entre o Governo e o setor privado. Por exemplo, durante o governo de Fernando Henrique Cardoso, um dos expoentes do neoliberalismo na América Latina, 268 concessões foram destinadas a “empresas controladas por 87 políticos, todos favoráveis à emenda da reeleição.” (BAYMA, 2011; CAMARGO, 2012, pos. 4515).

Esse panorama acentuou-se com a popularização da internet, da TV a cabo e da informação *online*. Ao mesmo tempo em que o Brasil se “globalizou”, os meios de comunicação passaram a ser mais concentrados em grupos familiares e empresariais. A despeito de vários esforços empreendidos por parlamentares no sentido de limitar essa centralização, o sistema tem sido burlado. Isso porque, ao contrário de outros países,<sup>25</sup> onde legislações específicas coíbem o monopólio, aqui se adotou o *trusteeship model*, pelo qual o poder executivo detém o controle de concessões, podendo distribuir, sob forma de “propriedade cruzada”, diversos tipos de mídias a uma mesma empresa. Assim, um “cabeça de rede”, ou unidade geradora, pode ter diversas estações próprias, afiliadas ou repetidoras, dificultando, ao Ministério das Comunicações, exercer efetiva fiscalização sobre o

---

<sup>25</sup> A Lei de Meios Audiovisuais, na Argentina, constitui um exemplo de vitória de um governo contra um conglomerado dos meios de comunicação de massa. Em 29 de outubro de 2013, após quatro anos de disputa judicial, a Suprema Corte do país declarou constitucional essa lei, a qual proíbe que um mesmo operador acumule licenças de TV, rádio e cabo. Por essa razão, o grupo *Clarín* teria de se desfazer de seus ativos incluindo 237 licenças (dez vezes mais que o permitido), abrangendo 58% da população (o limite passou a ser de 35%). (Disponível em: < <http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/noticia/2013/10/cristina-kirchner-vence-a-batalha-judicial-contra-o-clarin-4317506.html>. Acesso em: 12 nov. 2013). Destaque-se Presidente Cristina Kirchner venceu essa batalha judicial somente porque detinha a maioria dos ministros na Suprema Corte argentina, nomeados por seu antecessor Néstor Kirchner.

proprietário do conglomerado. Ainda que novos atores tenham surgido no cenário do controle das telecomunicações, não houve alterações significativas quanto ao modo como esse negócio tem sido gerido no Brasil (cf. BAYMA, 2011; CAMARGO, 2012, pos. 4515).

De acordo com Julian Assange, fundador da Wikileaks, apenas seis famílias controlam 70% da imprensa no Brasil.<sup>26</sup> Esse controle divide-se entre a família Marinho (com 38,7% da indústria televisiva e 60% do mercado editorial, este juntamente com a família Civita), a “família” do “bispo” Edir Macedo, líder da Igreja Universal do Reino de Deus (com 16,2% do mercado da televisão), a família Abravanel (dona de 13,4% do mesmo mercado), os Frias (donos da *Folha de São Paulo*) e os Mesquita (proprietários do jornal *O Estado de S. Paulo*). Um pouco abaixo na escala, há a família Sirotsky, não tão tradicional, mas dona de jornais, estações de televisão e rádios no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina. Ainda regionalmente, e bastante ligados a políticos tradicionais, há os Magalhães, na Bahia, os Collor de Mello, em Alagoas,<sup>27</sup> e os Sarney, que controlam 21 estações de televisão e rádio no estado do Maranhão (cf. BAYMA, 2011).

Além da óbvia possibilidade de obtenção de grandes lucros, há de se considerar que, em tempos da “sociedade em rede”, o controle dos meios de comunicação implica também a detenção de um poder quase ilimitado de interferência nas estruturas sociais. Nesses termos, o coronelismo nativo foi hábil ao adaptar-se a um novo modelo econômico, o *capitalismo informacional*, o qual se baseia na tecnologia da informação com vistas à reestruturação da produção capitalista, conforme registra Manuel Castells (2010). Pode-se depreender que, nesse modelo de capitalismo, o domínio dos meios de comunicação constitui um dos aspectos mais importantes pelo qual o modo *patrimonialista* de governar tem sobrevivido. Esse é um exemplo do prosseguimento da confluência entre interesses particulares e estatais, ao lado da prática do nepotismo, cuja existência é atestada pelos esforços da Suprema Corte brasileira no sentido de constrangê-lo.<sup>28</sup> Ora, no limite, o que temos são governantes que se comportam como senhores da casa grande, administrando o Estado como seu latifúndio e trazendo sua família para atuar juntamente na esfera pública, ou, ao menos, tratando os servidores públicos como se seus criados fossem.

<sup>26</sup> “NO Brasil, seis famílias controlam 70% da informação”, diz fundador da Wikileaks. *Folha de Maringá*, 3 fev. 2013. Disponível em: < <http://www.folhademaringa.com.br/no-brasil-seis-familias-controlam-70-da-informacao-diz-fundador-do-wikileaks/>>. Acesso em: 10 mar. 2013.

<sup>27</sup> CONHEÇA os principais magnatas da mídia no mundo. *BBC Brasil*, Brasília, 18 jul. 2011. Disponível em: <[http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2011/07/110718\\_magnatas\\_bg\\_cc.shtml](http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2011/07/110718_magnatas_bg_cc.shtml)>. Acesso em: 5 nov. 2013.

<sup>28</sup> Cf. REVISTA JUS NAVEGANDI. *Supremo Tribunal Federal e o "nepotismo top"*. Disponível em: <<http://jus.uol.com.br/revista/texto/11679/supremo-tribunal-federal-e-o-nepotismo-top>>. Acesso em: 5 nov. 2013.

Yochai Benkler (2007, p.16) chamou de *efeito Berlusconi* “o poder político desproporcional que a propriedade dos meios de comunicação em massa dá aos seus proprietários ou aqueles que podem pagar por eles” e de *efeito Baywatch* “a substituição sistemática do discurso público pela distribuição de produtos de entretenimento vendidos como mercadorias”. Conforme discutido na seção 2.3 desta tese, tal estratégia discursiva opera-se por meio da *comodificação* de gêneros e discursos anteriormente não identificados com a lógica do mercado (cf. FAIRCLOUGH, 2001, p.255). A mercadoria assume também contornos difusos, e o que é imaterial toma forma por meio de discursos (cf. BERMAN, 1986).

Entre os *mass media*, as revistas têm ocupado lugar importante como veículos desses discursos. Nos Estados Unidos da América e na Europa, essas publicações firmaram-se já no século XVIII, fazendo parte da tradição das lutas liberais. No Brasil, elas nasceram sob as características da revista moderna, fartamente ilustradas, contemplando uma diversidade de temas. Aqui, elas tiveram relevância de outra ordem, porém não foram menos importantes que suas predecessoras. Acentuava-se sobretudo seu trabalho de informação e construção da identidade nacional, em um país de dimensões continentais, no despontar do rádio e quando a censura ainda não impunha tão grandes restrições como o faria em décadas posteriores (cf. SODRÉ, 1976, p.40- p.41). O controle sobre os meios de comunicação viria a tornar-se mais rigoroso somente após 1935, com a instauração da Lei de Segurança Nacional (cf. MARTINS; LUCA, 2012, pos. 2143).

No Brasil, atualmente, são vendidos cerca de 600 milhões de exemplares ao ano, o que permite dimensionar-se a importância das revistas (cf. SCALZO, 2011, pos. 117). De acordo com Tomaz Corrêa (2012, pos. 3515),

O mercado de revistas é dividido no mundo inteiro em dois grandes blocos: as revistas de consumo, destinadas ao grande público, que são vendidas em bancas e em outros pontos de varejo e por assinaturas; e as especializadas, que em sua maioria são gratuitas, chegam a seus leitores por mala direta e tratam de temas que interessam a segmentos específicos de um grupo de profissionais.

As revistas de consumo são altamente segmentadas, por exemplo, quanto a assuntos, sexo, idade ou regiões. Entre estas, se encontram as revistas de informação geral, que se inserem no gênero *jornalismo periódico*, cujo objetivo é comentar, com mais profundidade, temas noticiados nos jornais. Elas se distinguem dos jornais ainda no tocante à periodicidade, sendo publicadas em espaços de tempo maiores (semanais, quinzenais, mensais, bimestrais etc.). Os eixos em torno dos quais gira esse tipo de publicação são sensação, sucesso e relaxamento (cf. SODRÉ, 1976, p.40, 46-48).

Já nos anos de 1920 e 1930, começaram a ser publicadas diversas revistas de informação no Brasil. Seus objetivos eram “formar e informar a opinião pública”, por meio de matérias “neutras e imparciais”, diferenciando-se assim das revistas segmentadas para as mulheres, ou daquelas vinculadas a tendências políticas. Muitos foram os títulos que seguiram essa linha, como as revistas *Pan* (1924), *Hoje* (1938), a *Revista Brasileira* (1934) e *O Espelho* (1940). Apesar de se declararem imparciais, todas elas se orientavam segundo um perfil ideológico bem definido, tendo sempre entre seus colaboradores personagens de destaque na política nacional (cf. MARTINS; LUCA, 2012, pos. 2082-2127).

O conglomerado construído por Assis Chateaubriand constitui o primeiro exemplo de operação integrada dos meios de comunicação no Brasil, nos moldes do capitalismo moderno. Acompanhando o projeto de modernização do País, Chateaubriand formou uma cadeia de jornais, rádios e emissoras de televisão iniciada em 1924, no Rio de Janeiro, com a compra de *O Jornal* e a fundação dos Diários Associados. Aliando-se a projetos de mobilização nacional, *O Jornal* promoveu campanhas cívicas, por exemplo, “[...] contra o preço alto das habitações e de incentivo à alfabetização popular.” Ao longo de duas décadas, Chateaubriand cobriu praticamente todo o território brasileiro, estabelecendo veículos, marcadamente publicações periódicas, ao menos nas capitais. Em 1928, foi criada a revista *O Cruzeiro*, a pioneira sob os moldes da revista moderna no Brasil e a primeira grande revista de circulação nacional. Esse projeto de promover a integração do País por meio da informação consolidou-se nos anos 30, quando foi criada a Rádio Tupi. Na década de 1940, o grupo dos Associados aliou-se à Campanha Nacional de Aviação, fundando aeroclubes e, em parceria com empresários, doando aviões. O grupo também contribuiu para a inauguração do Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (Masp) e investiu em vários outros, espalhados em diversos estados. Quando apenas os Estados Unidos, a Inglaterra e a França possuíam sistema televisivo, os Associados colocaram no ar a TV Tupi-Difusora (São Paulo), em 18 de setembro de 1950 (cf. ASSOCIADOS PERNAMBUCO, 2007). O grupo dos Diários Associados instaurou uma dinâmica de atuação dos *mass media* que não apenas serviu de modelo a outras empresas, mas que também inaugurou um modo de influência na sociedade até então sem precedentes no País. Diante desse contexto social, político, econômico e cultural do Brasil, estavam dadas as condições para o estabelecimento de uma cultura de massa (cf. COSTA LIMA, 2000), assim como para a exacerbação do consumismo e a intervenção da economia na vida privada, tendo por suporte os meios de comunicação operando integradamente (cf. FAIRCLOUGH, 1989).

A revista *O Cruzeiro* antecipou-se inclusive à revista *Life*, lançada em 1936, nos Estados Unidos (cf. CORRÊA, 2012, pos. 3522). Sua estreia foi antecedida por cuidadoso planejamento financeiro, incluindo assinaturas e a reserva de grande número de páginas publicitárias. Quatro milhões de panfletos foram jogados nas ruas do Rio de Janeiro anunciando o novo periódico, e sua distribuição passou a ser garantida por barcos, trens, caminhões e um avião, com vistas a levá-la a todos os principais centro do País, do Amazonas ao Rio Grande do Sul. A revista tornou-se um fenômeno de vendas, atingindo uma média de 720 mil exemplares em 1954, quando o Brasil tinha 52 milhões de habitantes. *O Cruzeiro* manteve a liderança de vendas entre o segmento até o início dos anos 1960, quando foi superada pela revista *Manchete*, iniciada em 1952 por Adolpho Bloch, sob os auspícios do ex-presidente Juscelino Kubitschek e da euforia do Pós-Guerra. *Manchete* foi publicada até o início da década de 1990, tendo seu encerramento acompanhado a decadência do grupo Boch e a diminuição do público antes cativo das revistas semanais ilustradas (cf. MARTINS; LUCA, 2012, pos. 1744, 2866, 3082; SCALZO, 2011, pos. 221-224).

Em 5 de janeiro de 1929, menos de um ano após a criação de *O Cruzeiro*, foi lançada a *Revista do Globo*, sendo que, em 1945, esta já se apresentava como “A melhor e mais completa leitura do Brasil”.<sup>29</sup> Idealizada a partir da confluência de interesses de intelectuais ligados à Livraria do Globo, empresários e políticos, entre eles Getúlio Vargas, então Presidente do Rio Grande do Sul, desde sua criação a revista articulou-se a um projeto político, social e econômico. Em uma tarde de sábado de 1938, quando parte do grupo se reunia em torno de Getúlio Vargas, Mansueto Bernardi perguntou-lhe:

– Presidente Getúlio, o Sr. não acha que é tempo da Livraria editar uma revista, que acompanhe e reflita o magnífico surto mental que ora se verifica em nosso Estado? [...] Getúlio Vargas desfiou, em favor da fundação da Revista, uma série de argumentos baseados, exatamente como os de Ildefonso Pinto, na necessidade do capital – social na sua origem e no seu destino – auxiliar a difusão da cultura e contribuir assim para o bem geral [...] – V. Exa. quer também a Revista? Pois será feita a sua vontade. (BERNARDI; MARTINS; VERISSIMO, 1962, p.42).

<sup>29</sup> REVISTA DO GLOBO, ano XVII, n.387, p.1, 20 maio 1945.

A *Revista do Globo* trazia, para o estado, semelhante projeto que *O Cruzeiro* havia estabelecido para o Brasil. Getúlio Vargas bem conhecia a importância dos *mass media*, que serviriam, mais tarde, à propaganda do Estado Novo (1937-1945). Em dezembro de 1939, criaria o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), tendo por objetivo difundir a ideologia do Estado Novo junto às camadas populares (cf. FUNDAÇÃO..., 2007). A seu intento de contribuir para a afirmação de uma identidade regional, o periódico iria aderir ao espírito de integração nacional precedente ao Estado Novo. Desde 1932, o voto feminino fora sancionado por decreto do então presidente Getúlio Vargas, e a revista estava atenta às transformações que vinham se operando na sociedade, inclusive quanto à inserção de mulheres no mercado laboral. Em 30 de setembro de 1939, pela primeira vez, a *Revista do Globo* publicou matéria de **uma** correspondente internacional, Laura Vargas. Antes e após essa, era frequente a publicação de matérias sobre mulheres intelectuais, proeminentes, ou textos literários escritos por autoras. A reconfiguração da família também foi documentada, assim como a possibilidade de a mulher poder optar por outras formas de relacionamentos não restritos ao casamento. Juntamente com a identidade nacional, realinhavam-se papéis de gênero, ganhando visibilidade novas práticas discursivas e sociais até então pouco divulgadas.



Figura 4 – Mulheres na Revista do Globo.

Fonte: Revista do Globo, Ano XI, n.260, p.10, 11, 16 set. 1939. Fotomontagem.

Essa não constituiu uma ocorrência localizada, mas indicava um tema que se inscrevia na pauta das discussões nacionais. Em janeiro de 1966, Roberto Civita lançou a revista *Realidade*, de periodicidade mensal, para rivalizar com as grandes revistas semanais ilustradas, *Cruzeiro*, *Manchete* e *Fatos&Fotos*. Diferente destas, *Realidade* propunha-se, em pleno regime militar, a tratar de temas até então considerados “tabus” pela imprensa brasileira (cf. CORRÊA, 2012, pos. 3637). O primeiro número trouxe uma edição especial, intitulada *A Mulher Brasileira, Hoje*, propondo-se a “discutir a posição e a importância da mulher em nosso país”. Entre os assuntos polêmicos que discutia, encontravam-se “A indiscutível, nunca proclamada (e terrível) superioridade natural da mulher”, “Por que uma mulher é uma mulher?”, “Esta mulher é livre”, “Três histórias de desquite” e “Sou mãe solteira e me orgulho disso”.<sup>30</sup> Parte da edição foi recolhida das bancas, porque a revista “atentava contra a moral”.

Nos números seguintes, *Realidade* tratou, a fundo, assuntos relativos a um país em transformação, como “[...] a maconha, o clero de esquerda, o casamento de padres, o racismo, a fome”, a pobreza do Nordeste e o crescimento urbano. A revista chegou a vender 500 mil exemplares, número jamais antes atingido por uma revista mensal, e foi publicada por dez anos. As edições foram interrompidas devido ao avanço da televisão e ao estabelecimento das revistas semanais de informação, que passaram a competir em termos de pauta. A primeira delas foi a revista *Veja e Leia* (cf. CORRÊA, 2012, pos. 3656-3694).

---

<sup>30</sup> EDITORA ABRIL. *Realidade*, São Paulo, jan. 1967, p.3, 5. Ed. fac-sim.

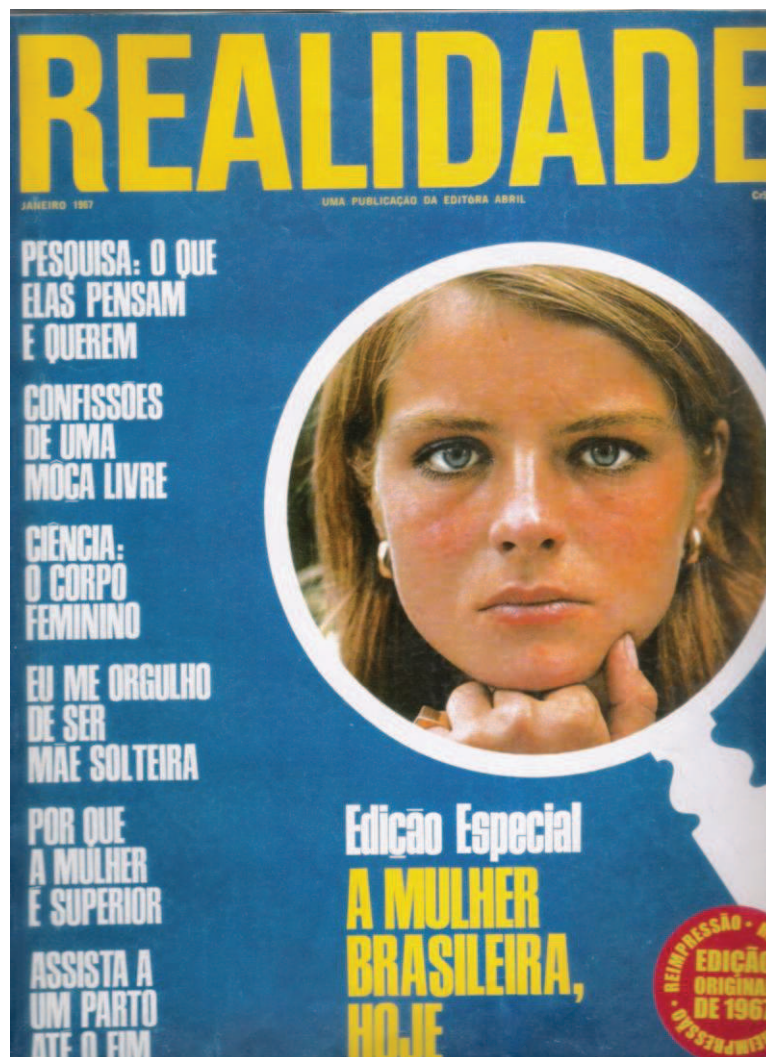


Figura 5 – Primeira edição de *Realidade*.

Fonte: EDITORA ABRIL. *Realidade*, São Paulo, jan. 1967, capa. Ed. fac-sim.

Em 1968, Victor Civita fundou a revista *Veja*, publicação inspirada nas norte-americanas *Time* e *Newsweek*, com o objetivo de estabelecer, no Brasil, o gênero das revistas semanais de informação. Mino Carta foi convidado a dirigi-la, dada sua experiência no *L'Express*, na *Der Spiegel*, na *Time* e na *Newsweek*. Juntamente com Civita, visitou as redações das principais revistas do gênero na Europa e Estados Unidos, a fim de reunir *know how* para planejarem o novo periódico. A campanha para seu lançamento foi a mais cara jamais ocorrida no Brasil, para uma edição inicial de 700 mil exemplares, todos esgotados (cf. CORRÊA, 2012, pos. 3693-3703; PORTELA, 2009, p.13-14). No número 1 de *Veja*, Victor Civita expunha sobre qual seria a missão da revista, onde é clara a intenção de utilizar o periódico como um meio não apenas de integração nacional, mas também de conexão do Brasil à nova ordem global. Seu fundador também já sinalizava para o perfil de *agenda-setting* que iria prevalecer na revista no decorrer dos anos:

O Brasil não pode mais ser o velho arquipélago separado pela distância, o espaço geográfico, a ignorância, os preconceitos e os regionalismos: precisa de informação rápida e objetiva a fim de escolher rumos novos. Precisa saber o que está acontecendo nas fronteiras da ciência, da tecnologia e da arte no mundo inteiro. Precisa acompanhar o extraordinário desenvolvimento dos negócios da educação, do esporte, da religião. Precisa, enfim, estar bem informado. E este é o objetivo de *Veja*. (CORRÊA, 2012, pos. 3703).

Nas edições seguintes, *Veja* foi um fracasso de vendas, pois continha muito texto e poucas páginas coloridas, diferente daquelas já conhecidas do público, como *Manchete*. O quadro começou a ser revertido em 1971, com a comercialização da revista por assinatura, o que não impediu que *Veja* ficasse durante seis anos “no vermelho”. Além disso, naqueles primeiros anos de ditadura militar, seus editores constantemente se deparavam com represálias e cortes nas matérias, impostos pelos censores do regime. Após a abertura do País, *Veja* assumiu definitivamente a linha do jornalismo investigativo, o qual começou a perder força nos anos 1990, passando a concorrer então com as “matérias comportamentais”, antes restritas a revistas de entretenimento (cf. CORRÊA, 2012, pos. 3693-3775; PORTELA, 2009, p.13-14).

A estratégia da venda por assinaturas foi bem sucedida, passando a representar mais de 80% da comercialização da revista, o que tem se mantido também nos últimos anos. *Veja* tornou-se a quarta maior revista de informação no mundo, atrás somente das norte-americanas *Time*, *Newsweek* e *US World and News Report*, e a maior do Brasil, sendo também líder quanto ao número de páginas reservadas a anúncios publicitários. Outro fator que concorreu para o sucesso financeiro de *Veja* foi sua segmentação em *marcas*, voltadas a distintos *targets*, a exemplo do que se deu com outras revistas da Editora Abril, contribuindo para torná-la a maior editora de revistas da América Latina (cf. CORRÊA, 2012, pos.3756-3806).

A progressiva conversão da Editora Abril em um conglomerado encaminhou-a também rumo à instrumentalização política, uma peculiaridade dos *mass media* de países onde estejam concentrados em pequenos grupos, o que é típico da América Latina. Para haver liberdade de imprensa, é necessário haver também liberdade jornalística, o que não pode ocorrer quando uma mídia está subordinada justamente aos interesses de uma classe que a mantenha financeiramente. O grande percentual de páginas comerciais existentes em *Veja* sinaliza para qual tenha sido sua opção. A instrumentalização política, aliada à consolidação da revista como um ótimo veículo para divulgação de mercadorias, representou um retrocesso quanto a seu comprometimento inicial com o jornalismo investigativo. Marcadamente a partir dos anos 1980, tornou-se característica da revista a publicação de denúncias sensacionalistas

sem embasamento em uma apuração mais acurada dos fatos, adotando ela um discurso que criminaliza seus desafetos, geralmente situados mais à esquerda na escala política (cf. CAMARGO, 2012, pos. 4595-4588).

Em 1976, devido a desentendimentos ocorridos com o fundador de *Veja*, Mino Carta demitiu-se da Editora Abril e fundou a revista *IstoÉ*, igualmente uma revista semanal de informação, da qual também se demitiu em agosto de 1993 (cf. CARTA, 2008). Em 1994, o jornalista criou a revista *Carta Capital*, após declarar a seu sobrinho Andrea ter um “[...] possível interesse por uma revista destinada a analisar o poder onde quer que se manifestasse, sem exclusão do mundo dos negócios”. Inicialmente, a periodicidade da revista era mensal, passando a quinzenal em 1996 e a semanal em agosto de 2001, quando definiu “claramente seu papel de revista de política, economia e cultura” (id.).

Ao contrário de *Veja*, a revista *Carta Capital* não teve por projeto converter-se em uma grande mídia, o que atesta sua posição, em termos de venda, entre as demais publicações do mesmo segmento. Sua proposta não é alinhar-se aos grupos de poder, mas *fiscalizar* o poder, seja na política, na economia ou nos negócios, o que, seguidamente, resulta no envolvimento da publicação em episódios controversos. De acordo com o jornalista Juremir Machado, *Carta Capital* “é a *Veja* da esquerda”.<sup>31</sup> Com vistas a sustentar sua proposta, os jornalistas da publicação, que são em número reduzido, atêm-se à credibilidade de suas fontes, muitas delas obtidas graças ao prestígio do editor de *Carta Capital* (cf. ABREU et al., 2008, p.198-199).

Mino Carta assume ter por referência o jornalismo e o estilo europeus, valorizando o cuidado não apenas com o conteúdo, mas com o formato do texto. Segundo ele, é fundamental ao jornalista “[...] melhorar a inteligência de quem lê através da língua, que é o passo inicial de tudo. E o que a imprensa brasileira faz, hoje, é embrutecer o leitor, imbecilizá-lo, se possível, partindo do pressuposto de que ele já é imbecil.” (cf. *ibid.*, p.199). Em 2001 e 2003, *Carta Capital* ganhou o Prêmio Brasil de Mídia do Ano, pela Associação Brasileira de Comunicação Empresarial (ABERJE), e, em novembro de 2006, seu editor-chefe, Mino Carta, recebeu o prêmio de Jornalista Brasileiro de Maior Destaque no Ano, da Associação dos Correspondentes da Imprensa Estrangeira no Brasil (ACIE) (cf. PORTELA, 2009, p.15).

---

<sup>31</sup> MACHADO, Juremir. *Veja x Carta Capital*. *PressAd*. Ed. 108. Disponível em: <[http://www.revistapress.com.br/root/materia\\_detalhe.asp?mat=42](http://www.revistapress.com.br/root/materia_detalhe.asp?mat=42)>. Acesso em: 12 abr. 2013.

A partir da edição n. 537, de 18 de março de 2009, a revista *Carta Capital* passou a publicar artigos semanais traduzidas de *The Economist*, “[...] a mais importante semanal do mundo.” (p.24). O alinhamento entre as duas publicações foi traduzido nas palavras do próprio editor de *Carta Capital*, ao escrever que “A parceria com *The Economist* é mais uma mostra do nosso compromisso em oferecer conteúdo diferenciado, analítico e antenado com a realidade do mundo contemporâneo.” (id.). Pelo acordo, *Carta Capital* publica semanalmente conteúdos exclusivos da edição inglesa, num total de doze relatórios especiais ao longo do ano, além do anuário traduzido *The World*, que traz uma serie de artigos assinados e entrevistas contendo os prognósticos para o ano seguinte. A revista também conta com publicações regulares de reportagens do semanário britânico *The Observer*, um dos mais tradicionais do Reino Unido.<sup>32</sup> Essas conexões indicam que, a despeito de seu porte, *Carta Capital* também está conectada à mídia global.

No capítulo seguinte, são detalhados os critérios utilizados para a seleção de *Carta Capital* e *Veja* para integrarem o *corpus* da tese. São ainda acrescentadas informações quantitativas ao perfil dessas revistas, analisadas juntamente com as práticas sociais que lhes dão sustentação. Na sequência, é detalhado o método empregado para análise dos dados.

---

<sup>32</sup> INOVAÇÃO. Inteligência comercial. *Carta Capital*. Disponível em: <<http://www.inovacaointel.com.br/index.php/representados/revista/revista-carta-capital>>. Acesso em: 12 abr. 2013.

### 3 METODOLOGIA

Há diversos tipos de análise do discurso, sendo também muitos os critérios pelos quais eles podem se distinguir. Para Fairclough (2006, p.2-3), a principal diferença entre as análises consiste na atenção dada aos textos, utilizando o autor o termo “análise do discurso textualmente orientada” para estabelecer essa divisão. A Análise Crítica do Discurso (ACD) constitui uma perspectiva teórica da linguagem, sendo esta, portanto, seu principal foco, o que não implica desatenção quanto às teorias que expliquem certo contexto social. Essa teoria posiciona-se não apenas em relação aos *textos*, objetos de estudo, mas também quanto ao perfil do analista que a pratica. Ao mesmo tempo em que se busca evidenciar os aspectos ideológicos dos textos, também se concebe que o examinador assuma uma postura política questionadora acerca da forma e do conteúdo dessas produções, visando desnaturalizar práticas linguístico-discursivas e transformar convenções e estruturas sociopolíticas, por meio de mudanças nas práticas discursivas (cf. PEDRO, 1997, p.24).

O que se observa são os efeitos de discurso provenientes do que as pessoas falam e escrevem em um momento da realidade social. Nesse âmbito, a linguagem é entendida como elemento do processo material social mais amplo, estendendo-se aos domínios da *semiose* (cf. FAIRCLOUGH, 2002, p.121), de acordo com o exposto no Capítulo 1 desta tese. No Capítulo 2, viu-se também que as probabilidades semânticas geradas pelo encadeamento de textos formam-se na articulação entre unidades linguísticas e entre estas e o contexto, gerado por condições materiais e imateriais da existência, como as ideologias, convenções e instituições. Destarte, os métodos propostos por teóricos da ACD constroem-se no diálogo entre as disciplinas envolvidas na análise e os elementos analisados, examinando-se também as relações dialéticas entre discursos (incluindo as diversas formas de linguagem) e outros elementos das práticas sociais. Trata-se, portanto, de uma teoria intrinsecamente multidisciplinar (cf. FAIRCLOUGH, 2001, p.277, 2008b, p.1; PEDRO, 1997, p.28-9), como o são, de modo geral, os estudos acerca dos discursos (cf. VAN DIJK, 2011, p.17).

Sob esse enfoque, no capítulo anterior deste trabalho, foram apresentadas as bases da teoria linguística que guiarão o estudo. Na sequência, fundamentando-se em obras produzidas por autores de outras disciplinas, foi discutida a operação em rede dos *mass media* na sociedade de consumo, a intervenção da economia na vida privada, as mudanças operadas na linguagem com vistas a adaptá-la à indústria da cultura de massa e a inserção das revistas

de consumo nessa indústria. Tais informações permitiram concluir-se que, no Brasil, essas revistas desempenharam importante papel nesse processo, contribuindo, a partir do início do século XX, para a redefinição da identidade nacional e para a integração cultural em um país caracterizado por grandes dimensões territoriais e heterogeneidade de culturas, etnias e interesses econômicos, entre outros fatores. Especificamente com relação às mulheres, tais publicações operaram tanto na divulgação de novas posições de sujeito, quanto na prescrição de gênero, conforme discutido no capítulo introdutório.

Estudos mencionados no Capítulo 2 indicam a permanência das revistas de consumo, no século XXI, como uma mídia poderosa. Marília Scalzo (2011, pos. 69) registra o papel pedagógico por elas desempenhado, escrevendo que “As revistas vieram para ajudar na complementação da educação, no aprofundamento de assuntos, na segmentação, no serviço utilitário que podem oferecer a seus leitores”. Muitas revistas ainda se mantêm fiéis à sua origem de aparelhos ideológicos, abrigando gêneros discursivos que operam como tecnologias de gênero social. Aqui, foi identificado um problema social contendo aspecto semiótico, o primeiro passo indicado por Fairclough (2002, p.124) para a delimitação de um *corpus* para análise. A seguir, deveria ser dimensionado, em termos mais precisos, o alcance das revistas de consumo em relação ao público leitor no Brasil e, entre elas, aquelas de maior tiragem.

A influência dessas revistas pode ser medida pelos números publicados pela Associação Nacional de Editores de Revistas (2013; Anexo A). A ANER representa as editoras de revistas periódicas de consumo, consolidando dados sobre sua circulação e periodicidade,<sup>33</sup> entre outros. Segundo a ANER, mensalmente são lançados cerca de dois mil títulos de revistas, distribuídos em trinta mil pontos de vendas. Em 2012, foram publicados 5.913 títulos de revistas no Brasil (Gráfico 1), e essa mídia manteve-se, entre janeiro e março de 2013, em terceiro lugar no faturamento de publicidade (Gráfico 2). Por sua vez, o Grupo de Mídia de São Paulo (2013, p.64), que reúne profissionais de agências de publicidade, informa que as mulheres constituem o maior público consumidor de revistas no Brasil (Gráfico 3). Outra fonte de dados acerca de revistas é o Instituto Verificador de Circulação (IVC, 2011), o qual audita a circulação das principais publicações do Brasil e provê informações aos anunciantes. Segundo o IVC, de janeiro a dezembro de 2011, circularam 191,8 milhões de revistas, com uma projeção de 27,8 milhões de leitores/mês, como ilustram os Gráficos 1 a 3.

---

<sup>33</sup> A *tiragem* refere-se ao total de exemplares impressos para cada número das revistas; já a *circulação* soma os exemplares efetivamente distribuídos para comercialização, assinantes ou leitores selecionados, sendo que os exemplares que não chegam ao público final (*encalhe*) são recolhidos pelas editoras. Já a periodicidade diz respeito ao “Intervalo de tempo que medeia as edições de um periódico, podendo ser diária, semanal, quinzenal, mensal etc.” (cf. FARIA GUILHERME, 1996, p.122, 29, 45, 96).

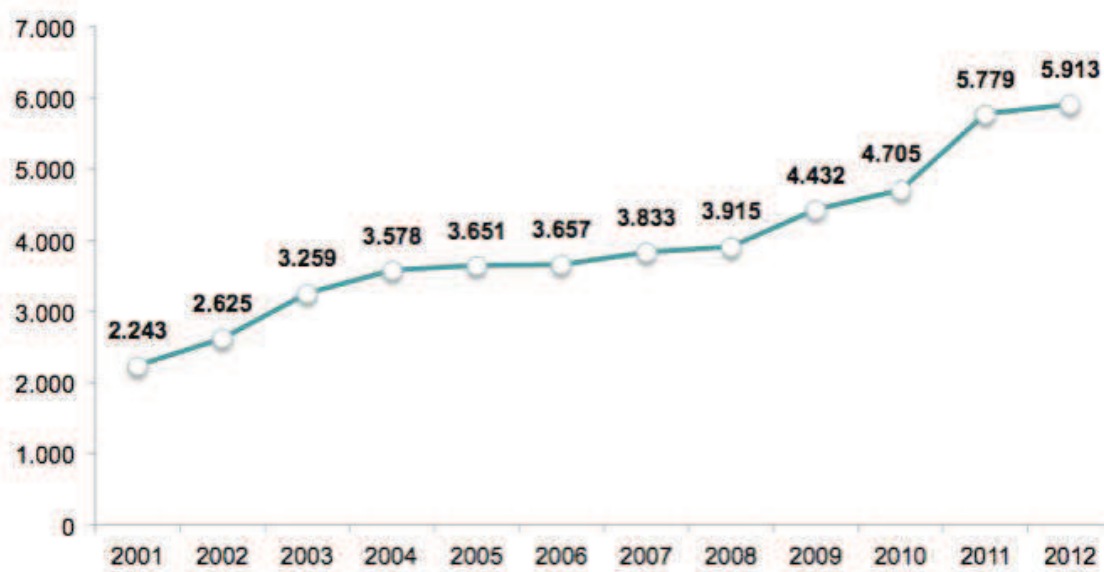


Gráfico 1 – Número de títulos de revistas de consumo em circulação no Brasil – 2001/2012 (milhões de exemplares)

Fontes: IVC (2011); ANER (2013).

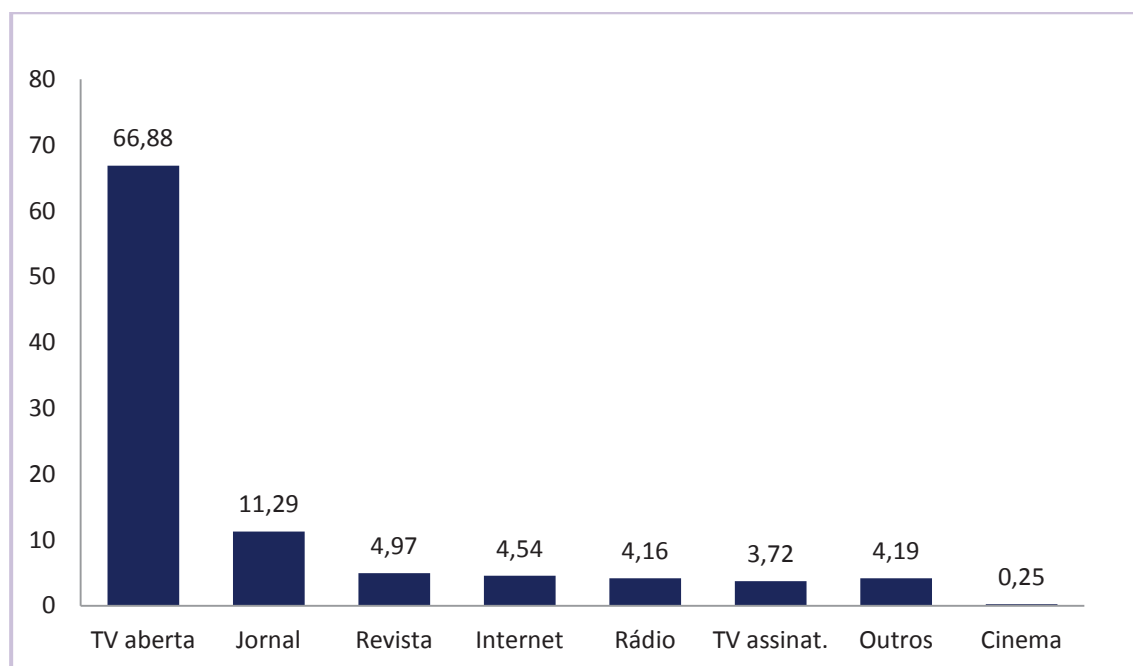


Gráfico 2 – Participação das mídias no faturamento geral da publicidade – janeiro-março/2013 (%)

Fonte: ANER (2013).

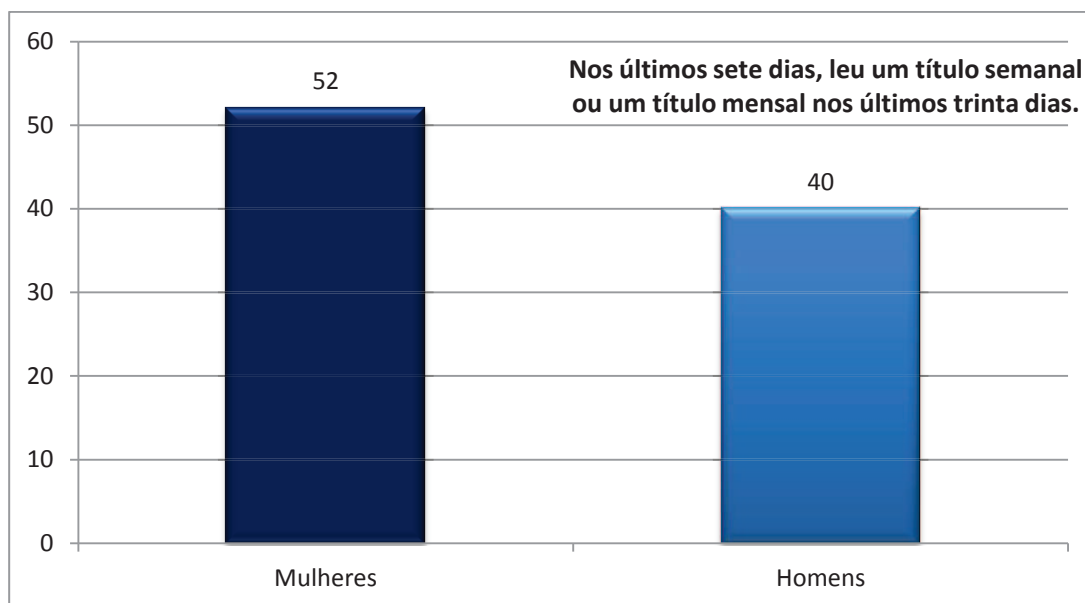


Gráfico 3 – Percentual de leitoras e leitores de revistas no Brasil, 2013.

Fonte: Grupo de Mídia São Paulo (2013, p.64).

Considerando que todas as fontes até aqui mencionadas possuem fortes vínculos com as maiores editoras de revistas do Brasil e, eventualmente, com os conglomerados dos meios de comunicação, era aconselhável pesquisarem-se dados produzidos por fonte não ligada a esses agentes, o que se deu consultando-se a pesquisa realizada pela Meta Pesquisa de Opinião em 2010. Nesse ano, a empresa produziu um estudo, encomendado pelo governo federal, sobre os hábitos de informação e formação de opinião da população brasileira. A pesquisa foi realizada entre homens e mulheres com dezesseis anos ou mais de idade e revelou que 34,9% da população brasileira liam revistas, percentual que representava 66.573.773 de habitantes.<sup>34</sup> O hábito de leitura dos entrevistados apresentou relação direta com a renda familiar (Gráfico 4) e nível de escolaridade (Gráfico 5), a saber, pessoas mais cultas e de maior poder financeiro liam mais jornais e revistas (META, 2010, p.61). Esses leitores e leitoras também se concentraram nas regiões economicamente mais ricas do País, Sudeste (39,4%) e Sul (38,0%), o que confirma os dados registrados para as revistas arroladas no Quadro 2. Apesar de os índices publicados pela Meta serem anteriores aos dispostos nesse Quadro, provavelmente eles não apresentaram mudanças significativas nos últimos anos.

<sup>34</sup> Conforme censo realizado em 2010 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, a população brasileira totalizava 190.755.799 naquele ano (cf. IBGE, 2010).

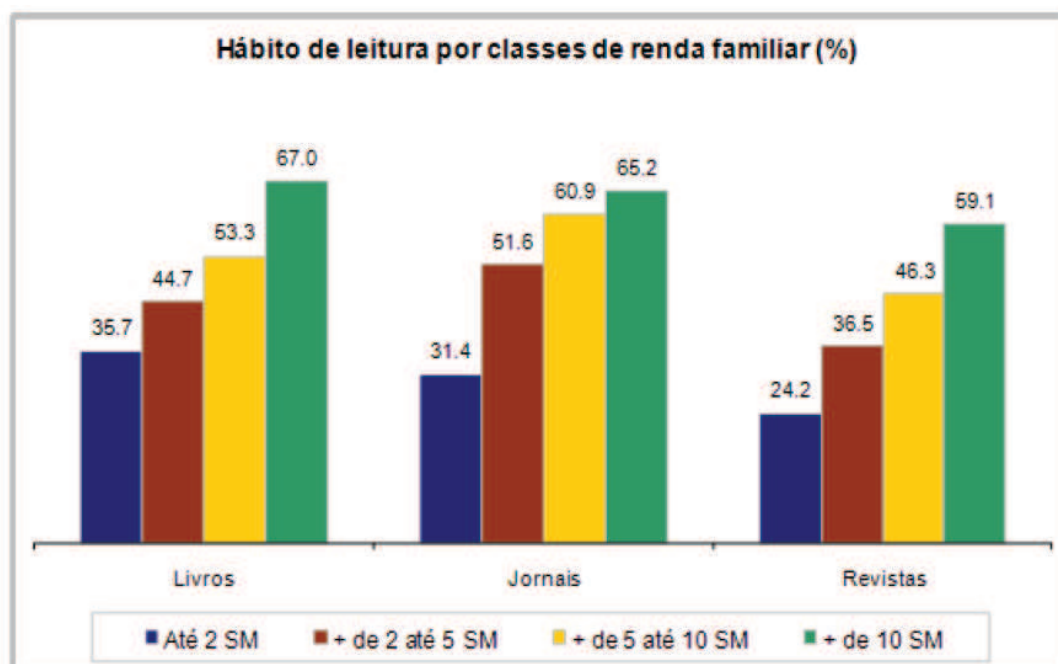


Gráfico 4 – Hábitos de leitura por classes de rendimento familiar mensal, em salários mínimos, 2010.  
Fonte: Meta (2010, p.17).

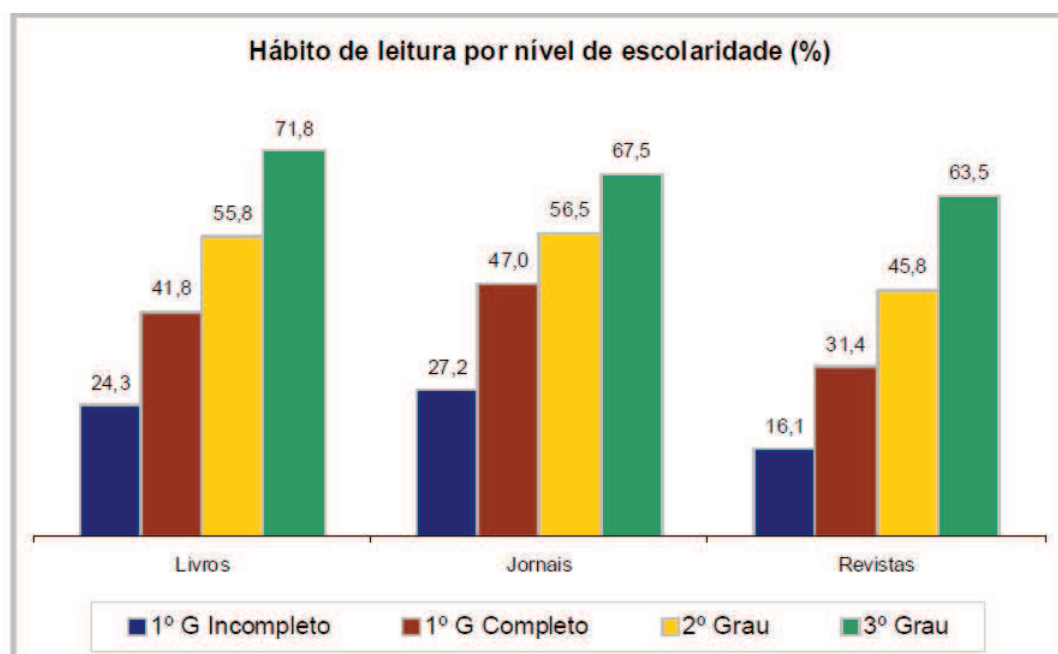


Gráfico 5 – Hábitos de leitura por nível de escolaridade, 2010.  
Fonte: Meta (2010, p.17).

Ainda de acordo com a Meta, as quatro revistas semanais de informação geral que circulam nacionalmente estão entre as sete revistas mais lidas no Brasil (Gráfico 6), o que reitera a importância dessa mídia como divulgadora de informações e formadora de opiniões. São elas *Veja*, *Época*, *IstoÉ* e *Carta Capital*, cujas editoras são todas filiadas à ANER. Tal panorama manteve-se de 2008 a 2013, conforme verificado na literatura (e.g. CORRÊA, 2012), nos *sites* de editoras (e.g. EDITORA CONFIANÇA, 2013; EDITORA GLOBO, 2012; PUBLIABRIL, 2013) e, entre outros, nos *sites* do IVC (2011) e da ANER (2013). Esses dados representam mais uma variante positiva no sentido de revistas dessa natureza formarem o *corpus* desta tese.

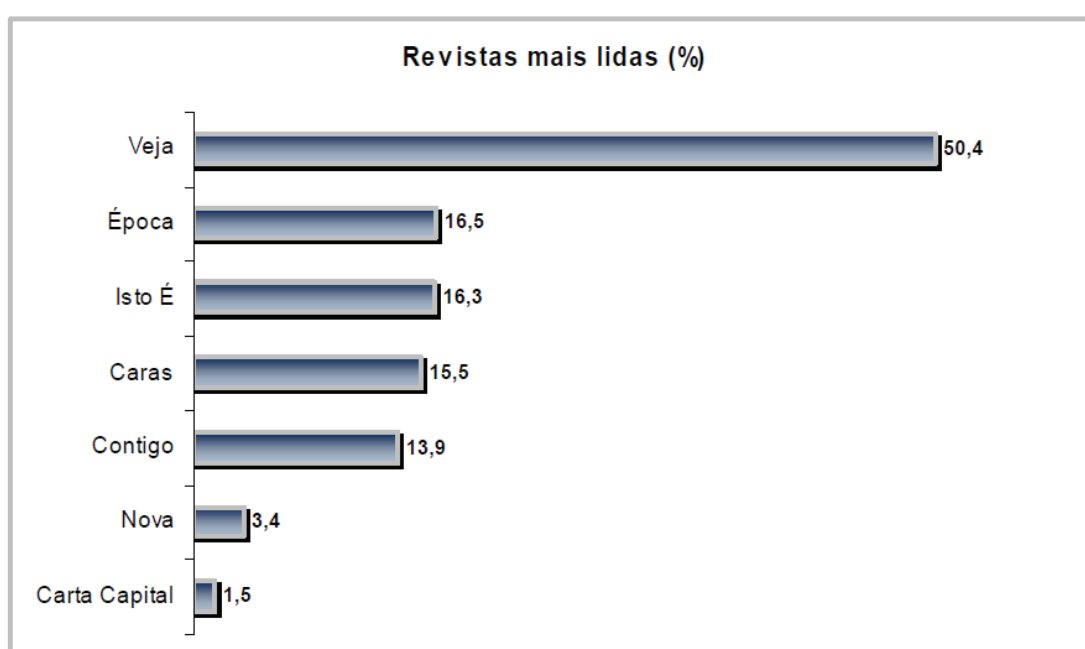


Gráfico 6 – Revistas mais lidas no Brasil, 2010.

Fonte: Meta (2010, p.14)

Nota: provavelmente a maior parte dos entrevistados lê mais de uma revista, motivo pelo qual as porcentagens não totalizam 100%.

Além de serem as mais lidas no Brasil, e talvez também por essa razão, as revistas semanais de informação são as que mais publicam anúncios no País (ANER, 2013), o que confere mais importância a essa mídia. Todas as quatro constituem ainda “marcas”, que também dão nome a números especiais, publicados sistemática ou esporadicamente, contemplando temas como finanças, gastronomia, datas comemorativas, escola ou meio ambiente, por exemplo. Além disso, alguns números especiais podem tratar de temas específicos de certa região ou cidade do País. Essas outras possibilidades abrangidas por uma mesma marca foram descartadas para integrar o *corpus* da tese, tendo sido exclusiva a opção por revistas de informação de circulação nacional para um público não segmentado, pois

revistas especializadas ou regionais podem trazer variações de linguagem ou de temas que não seriam convenientes ao estudo comparativo aqui proposto.

De posse dessas informações, foram acessados os *sites* das respectivas editoras visando obterem-se dados específicos sobre as revistas. Nesses *sites*, encontram-se não somente informações sobre a “missão” da editora e de suas publicações em geral, mas também um *midia kit*, destinado a anunciantes. Trata-se de um arquivo em .pdf no qual se expõem dados sobre cada revista, como tiragem, circulação, número de assinaturas, seções, perfil dos leitores, preço de anúncios e outros. Os resultados dessa pesquisa relevantes ao presente estudo estão dispostos nos Quadros 1 e 2, pelos quais foram padronizados.

Como se observa no Quadro 1, houve decréscimo nos índices de circulação de *Veja* e de *Época* entre 2011 e 2012, ao passo que houve aumento do número geral de títulos em circulação no Brasil (Gráfico 1). Essa queda poderia ser explicada pela migração de leitores da revista impressa para outras plataformas, ou justamente por ter crescido a competição com as novas revistas; contudo, pode-se verificar que foi positiva a variação da circulação para as revistas *IstoÉ* e *Carta Capital*. O total do índice de queda das duas primeiras (3,7%) foi inferior ao somatório do índice de crescimento das duas últimas (9,3%), significando que não houve uma simples migração de leitores, mas que estas conquistaram um público novo para esse tipo de revista. Os dados desse quadro, assim como os do Quadro 2, também foram relevantes para a delimitação do *corpus* para esta pesquisa, pois permitiram organizar informações que estavam dispersas, oriundas de fontes distintas.

Pelo Quadro 2, constata-se que a circulação dessas revistas concentra-se sobretudo na região Sudeste, entre as classes econômicas A/B e em pessoas com escolaridade de nível superior, reiterando os dados publicados pela Meta (Gráficos 4 e 5). Nada obstante, vê-se que a média do número de leitoras é inferior à do número de leitores, o que aparentemente contraria os percentuais ilustrados no Gráfico 3. Ocorre que, no Quadro 2, estão arroladas apenas as revistas semanais de informação geral, excluídas aquelas voltadas especificamente ao público feminino, diferente do que se constata no Gráfico 6, o qual inclui também as revistas *Caras*, *Contigo* e *Nova*. Ainda assim, a percentagem de leitores (64%) da revista *Carta Capital* é bastante superior à de leitoras (34%), diferença que não poderia ser meramente explicada por essa especificidade de *target*. Outras interessantes distinções observadas para *Carta Capital* referem-se à média de idade de seu público, a qual é muito superior à das outras revistas listadas, e à circulação, menos concentrada na região Sudeste. As particularidades quanto ao sexo e quanto à idade dos leitores talvez se relacionem com a proposta da revista e a seus focos de interesse.

**Quadro 1 – Revistas semanais de informação geral – Brasil, 2012/2013**

| Título        | Editora   | Circulação média – 2011 | Circulação média – 2012 | Circ. méd. jan/mar 2013 | Varição da circulação | Tiragem em 2012 | Total de leitoras/es em 2012 (1) |
|---------------|-----------|-------------------------|-------------------------|-------------------------|-----------------------|-----------------|----------------------------------|
| Veja          | Abril     | 1.074.563               | 1.072.222               | 1.053.778               | -1,9%                 | 1.071.090       | 10.400.000                       |
| Época         | Globo     | 398.628                 | 389.951                 | 386.974                 | -1,8%                 | 398.628         | 4.374.000                        |
| IstoÉ         | Três      | 329.997                 | 319.130                 | 331.153                 | +3,5%                 | 395.113         | 1.501.075                        |
| Carta Capital | Confiança | 28.154                  | 28.935                  | 29.802                  | +5,8%                 | 65.000          | 231.000                          |

Fontes: Instituto Verificador de Circulação (IVC, 2011); ANER (2013); PubliAbril (2013); Editora Globo (2013); Editora 3 (2013); Editora Confiança (2013).

#### Nota

1) Dados provenientes da Projeção Brasil de Leitores baseada nos Estudos Marplan/EGM – 9 mercados. Essas informações estão publicadas nos *mídia kit* das editoras, mas não são disponibilizadas ao público em geral; desse modo, não tive acesso à metodologia pela qual o cálculo foi realizado.

**Quadro 2 – Perfil das leitoras e dos leitores das revistas semanais de informação geral – Brasil, 2012**

| Título        | Mulheres (%) | Homens (%) | Idade       | Classe econômica | Renda familiar  | Escolaridade   | Região        |
|---------------|--------------|------------|-------------|------------------|-----------------|----------------|---------------|
| Veja          | 53           | 47         | 20-49 – 76% | A/B – 71%        | < R\$ 15.000,00 | Superior – 84% | Sudeste – 62% |
| Época         | 42           | 58         | 20-49 – 63% | A/B – 63%        | (1)             | Superior – 32% | Sudeste – 63% |
| IstoÉ         | 51           | 49         | 20-49 – 65% | A/B – 72%        | (2)             | Superior – 46% | Sudeste – 64% |
| Carta Capital | 36           | 64         | 35-64 – 59% | A/B – 88%        | < R\$ 7.650,00  | Superior – 82% | Sudeste – 57% |

Fontes: PubliAbril (2013); Editora Globo (2013); Editora 3 (2013); Editora Confiança (2013).

#### Notas

1) Dado não informado.

2) Os dados publicados no *mídia kit* da revista são imprecisos: “9% tem renda familiar de 10 a 20 SM”. Com essa informação, não é possível saber-se qual a renda da maior parte dos leitores da revista.

Os números organizados nos Quadros 1 e 2 dizem respeito às versões das revistas publicadas em papel, outra variável selecionada para padronizá-los. A questão do suporte é relevante porque quase todas essas revistas são disponibilizadas tanto em papel, quanto em arquivos que podem ser acessados via outras plataformas, como computadores, *kindles*, *tablets* ou *smartphones*, por exemplo. Ocorre que o conteúdo desses periódicos não é exatamente o mesmo para todos os suportes, havendo variações óbvias de *design* e nem tão óbvias quanto a seções, matérias e anunciantes. Especificamente nas versões virtuais, encontram-se numerosos *links*, pelos quais o conteúdo de cada revista cresce exponencialmente. Ademais, há de se considerar a portabilidade do material impresso e a potencial efemeridade dos *sites*, que podem ser modificados a qualquer momento ou mesmo ser excluídos, no todo ou em parte, da WWW (World Wide Web). Em face dessas ponderações, foram selecionadas as publicações em papel, cuja versão digitalizada também encontra-se disponível nos *sites* das editoras, geralmente no *link* “números anteriores”.

Em que pese a diferença de apresentação das informações nos *sites* das editoras, em todos se lê que a fonte dos dados relativos a perfil de leitores e hábitos de consumo são as pesquisas realizadas pelo Instituto IPSOS Marplan em nove mercados brasileiros (Grande São Paulo; Grande Rio de Janeiro; Grande Porto Alegre; Grande Recife; Grande Belo Horizonte; Grande Salvador; Curitiba e São José dos Pinhais; Brasília/DF; e Fortaleza) (Anexo B).<sup>35</sup> O Instituto Marplan foi fundado em 1958 e, em 2001, integrou-se ao IPSOS,<sup>36</sup> organização mundial com escritórios em 85 países, incluindo o Brasil, objetivando produzir e gerenciar dados sobre hábitos de consumidores de produtos e serviços ao redor do mundo, para subsidiar profissionais de mídia e de *marketing* na análise de mercado e no planejamento de mídia globalizada. No Brasil, esse mercado é segmentado exclusivamente em termos de classes econômicas, de acordo com o Critério de Classificação Econômica Brasil (Anexo C), estabelecido pela Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa (2012), a ABEP. Tal divisão objetiva estimar o poder de compra de pessoas e famílias residentes em áreas urbanas, “[...] abandonando a pretensão de classificar a população em termos de ‘classes sociais’”. A divisão de mercado definida abaixo é de classes econômicas.” (ABEP, 2012, p.1).

<sup>35</sup> Os dados publicados no *mídia kit* de *Carta Capital* (EDITORA CONFIANÇA, 2013) também são provenientes do Instituto Sophia, que pesquisa especificamente os mercados São Paulo, Rio de Janeiro, Bahia, Salvador, Fortaleza e Recife.

<sup>36</sup> Disponível em: < <http://www.ipsos.com> >. Acesso em: 11 jun. 2013.

A opção das editoras Abril e Confiança pelo “poder de compra” como critério para estabelecerem o perfil de seus leitores é consistente com uma das principais finalidades dos *mídia kit* das revistas, qual seja, oferecer dados para atrair anunciantes em potencial. Devido à necessidade de haver padronização das informações também nesta tese, a categoria “classe econômica” foi mantida para todas as revistas arroladas no Quadro 2. Ainda que o conceito de *classe social* não tenha sido aquele utilizado todas as editoras, cabe lembrar que ele possui uma relação estreita com o poder detido por certo segmento social (cf. CATTANI, 2013, p.13), e aqui o poder parece ser calculado pela quantidade de bens materiais que as pessoas possam acumular.

A despeito dessa simplificação implícita do conceito de *classe social* verificada nos *sites* das editoras, aprendemos, desde Sir Francis Bacon a Teun van Dijk (2001), entre muitos outros, que o poder também se constrói em íntima relação com o volume e a qualidade do *conhecimento* acumulado, assim como com seu controle e grau de acobertamento. Em estudo anterior a este (WIDHOLZER, 2003), foi constatado que o Instituto Marplan (2008) mantinha um *site* no qual se encontravam informações sobre os objetivos do Instituto, a história, as mídias pesquisadas, as metodologias e outras. Em novembro de 2012, o Instituto abriu sua página no Facebook, na qual publica apenas informações muito gerais sobre ele, além de alguns *posts*. O *link* que, anteriormente, direcionava ao Instituto, em 2013 remete ao *site* do Instituto Ipsos. Desse modo, informações sobre o instituto brasileiro somente são acessadas indiretamente, mediante matérias publicadas em páginas de empresas ou instituições diversas.<sup>37</sup> Esse jogo de informações bem ilustra o que escreve Van Dijk (2012, p.8) acerca da dificuldade de se realizar um estudo orientado pela ACD, uma vez que não há acesso livre a todas as fontes de pesquisa, as quais estão em poder dos próprios agentes que controlam o discurso público: “as elites têm *acesso ativo controlado* a muitos elementos do evento da comunicação: estabelecem as limitações dos tópicos, determinando quem deva falar, sobre o quê e em que momento” (trad. minha).<sup>38</sup>

Até aqui, foi exposto sobre um grande grupo de empresas nacionais ou internacionais que geram os dados para subsidiar a quase totalidade dos produtos elaborados pela mídia comercial brasileira. Somando-se a isso, globalmente, a distribuição das notícias de interesse mundial concentra-se em quatro grandes agências privadas, conforme registrado no Capítulo 1 desta tese. Está-se, portanto, no campo das informações padronizadas com base

<sup>37</sup> Cópia dos dados obtidos no *site* do Instituto Marplan em 2003, assim como algumas matérias publicadas sobre ele em outros *sites* em 2013 estão agrupadas no Anexo B desta tese.

<sup>38</sup> “[...] las elites tienen acceso activo controlado a muchos elementos del evento de la comunicación: establecen las limitaciones de los tópicos determinando quién debe hablar, sobre qué y en qué momento.”

nas quais os donos do “quarto poder” constroem suas representações dos diversos públicos consumidores, dialeticamente moldando não só os hábitos de consumo, mas também os discursos. Nesses termos, o perfil dos consumidores pertencentes às classes econômicas A/B é o mesmo que chega às quatro empresas produtoras das revistas semanais de informação geral dispostas no Quadro 2. A seus editores, cabe a tarefa de projetar revistas para esse *target*, construindo representações que se manifestam em aspectos como linha editorial, temas, seleção de anunciantes, *design* ou linguagem verbal utilizada. Nesse grupo, destacam-se duas publicações: *Veja* e *Carta Capital*.

*Veja* apresenta-se como “A maior revista do Brasil” e a “2ª maior revista semanal de informação do mundo” – o que foi, a princípio, confirmado por dados de outras fontes –, e como a revista “Indispensável para o que você quer anunciar” (PUBLIABRIL, 2013, p.2, 3). Apesar disso, *Veja* teve a maior queda em termos de circulação média entre os anos de 2011 e 2013, de -1,9% (Quadro 1), índice que pode ser bem superior àquele publicado pelo Instituto Verificador de Circulação (2011) e pela Associação Nacional de Editores de Revistas (2013). Em março de 2013, o jornalista Juremir Machado da Silva postou, em seu *blog* do jornal *Correio do Povo*, de Porto Alegre,<sup>39</sup> o texto *Veja encalha nas bancas*, reproduzindo outro *post*, intitulado *O fracasso do Grupo Abril (Veja)*. Conforme o *post*, a partir da década de 1990, o grupo Abril Mídia perdeu sua participação em diversas empresas de comunicação, tendo-se reduzido à sua editora, à gráfica e ao canal de TV MTV Brasil. Dessa forma, *Veja* restou como o veículo mais prestigiado do grupo, sendo necessário “inflar” seus números de venda para manter a Abril entre as grandes empresas do setor. Para tanto, a Editora não recolheria todos os exemplares restantes nas bancas. Ainda que isso ocorra, cerca de 80% dos exemplares de *Veja* são vendidos por assinatura, logo, o *encalhe* omitido não poderia elevar significativamente seus índices de circulação.

De qualquer forma, cabe lembrar que todos os índices relativos a tiragem e circulação dos periódicos comerciais são auditados por empresas geridas pelos próprios donos das respectivas casas editoras, logo, retorna-se à questão do controle da informação e produção de discursos e representações anteriormente referida. Esses índices de vendagem constituem importante “moeda” de negociação com os possíveis anunciantes para uma revista em cujas páginas o espaço comercial ocupa cerca de 60%. No site da Editora Abril,<sup>40</sup> são informados os preços dos anúncios publicados em *Veja* nacional, cuja média é superior a 400

<sup>39</sup> Disponível em: <<http://www.correiodopovo.com.br/blogs/juremirmachado/?p=2397>>. Acesso em: 23 mar. 2013.

<sup>40</sup> Disponível em: <<http://www.publiabril.com.br/marcas/veja/revista/precos>>. Acesso em: 13 jun. 2013.

mil reais. Multiplicada pelo número de páginas comerciais e pelos quatro números mensais da revista, essa arrecadação possivelmente supere os 125 milhões de reais.

No extremo oposto de *Veja*, situa-se *Carta Capital*, a revista de menor tiragem e circulação entre os quatro periódicos do gênero. A publicação apresenta-se como “Leitura obrigatória para quem busca informação exclusiva e qualificada” (EDITORA CONFIANÇA, 2013, p.5), tendo exibido o maior crescimento entre as quatro revistas no mesmo período, de +5,8% (Quadro 1). Nessa revista, somente 12% das páginas são ocupadas por anúncios, ao custo médio de R\$ 64.400,00 (EDITORA CONFIANÇA, 2013, p.41). Multiplicando-se o custo pelo total de páginas reservadas aos anunciantes e pelo número de edições mensais, obtém-se uma estimativa de faturamento mensal em torno de dois milhões e trezentos mil reais.

Não apenas os números são antagônicos, mas também os discursos pelos quais as duas publicações apresentam-se, bem como sua localização no campo ideológico. Nos *mídia kit* das revistas, pode-se verificar que suas propostas divergem completamente, compondo discursos exemplares para ambas. Polarização tão evidente não foi constatada nas propostas das revistas *Época*, “informação que ajuda a transformar a vida das pessoas” (EDITORA GLOBO, 2013, p.16) ou *IstoÉ*, “a mais combativa revista semanal do País” (EDITORA 3, 2013, p.4). Curiosamente, *Veja* e *Carta Capital*, duas publicações aparentemente tão antagônicas, tiveram mentores em comum, como informado no capítulo anterior desta tese.

A exemplo de outras publicações do Grupo Abril, *Veja* alinha-se à corrente ideológica do neoliberalismo e ao bloco partidário PSDB/PFL, antagonizando reiteradamente o Partido dos Trabalhadores. Desde a candidatura de Luiz Inácio Lula da Silva até sua permanência à frente do governo brasileiro, a revista dedicou-se a construir uma imagem negativa sobre ele (cf. SEGURADO, 2005, p.230; OLIVEIRA; NAPOLEÃO, 2008), o mesmo fazendo em relação à Presidenta Dilma Rousseff. A revista encontra-se entre as três preferidas por mais de 70% dos deputados federais, o que indica sua proximidade à elite política do País (cf. BIROLI; MIGUEL, 2012, p.26).

Já *Carta Capital* opõe-se abertamente ao ideário dos neoliberais, contrapondo-se à utilização de recursos públicos para o financiamento de empresas particulares e aliando-se a políticas de desenvolvimento econômico e de inclusão social (cf. SEGURADO, 2005, p.230). A partir de 2002, quando assumiu o apoio à candidatura de Luiz Inácio Lula da Silva, a revista sempre destacou o que considerava positivo no governo da aliança petista e criticou o que avaliava serem os desacertos, o que vem mantendo durante o governo de Dilma Rousseff, fiel ao que Mino Carta chama de “verdade factual”. A proposta ou “missão” de cada revista materializa os contrastes entre ambas:

Qualidade é indispensável quando o objetivo é respeitar a audiência, na exposição da verdade factual, na fiscalização isenta do poder e na melhor lida com o vernáculo, diariamente aviltado por quem não sabe entender que jornalismo é uma forma importante e desafiadora de literatura. E no exercício do espírito crítico como motivador de vida inteligente.

Nada disso resulta na intenção de impor ideias, e sim de estimular o espírito crítico dos próprios leitores na elaboração de opiniões independentes, do pensamento nosso ou de quem quer que seja.

*Mino Carta*  
(EDITORA CONFIANÇA, 2013, p.4).

Ser a maior e mais respeitada revista do Brasil. Ser a principal publicação brasileira em todos os sentidos. Não apenas em circulação, faturamento publicitário, assinantes, qualidade, competência jornalística, mas também em sua insistência na necessidade de consertar, reformular, repensar e reformar o Brasil. Essa é a missão da revista. Ela existe para que os leitores entendam melhor o mundo em que vivemos.

*Roberto Civita*  
(PUBLIABRIL, 2013, p.4)

Primeiramente, o que se destaca é a preocupação de Mino Carta no tocante à qualidade da revista (“indispensável”), ao passo que Roberto Civita enfatiza a magnitude de *Veja* (“a principal publicação”). Quanto aos leitores e às informações veiculadas, os editores também propõem uma relação bem distinta. O objetivo de Mino Carta é “respeitar a audiência” e motivar a “vida inteligente”, sem “impor ideias”, mas estimulando o “espírito crítico dos próprios leitores”, dos quais 63% são pós-graduados, conforme pesquisado pelo Instituto Sophia (EDITORA CONFIANÇA, 2013, p.15). Já Roberto Civita registra a “necessidade de consertar, reformular, repensar e reformar o Brasil”, servindo *Veja* para que os leitores “entendam melhor o mundo”. O primeiro texto sinaliza para a autonomia do leitor, ao passo que o segundo constitui um caso de *agenda-setting*, quando uma mídia propõe-se a determinar as prioridades da agenda de seu público (cf. RODRIGUES, 2010, p.54).

Cabe lembrar que a Editora Abril é a maior editora de revistas do Brasil e um dos grandes conglomerados de comunicação da América Latina, tendo por Presidente Executivo um ex-banqueiro. Dados os fortes vínculos de *Veja* com o grande capital nacional e internacional, seria ingênuo ignorar-se a pretensão de seus editores de “reformular o Brasil” conforme seus próprios interesses, nos moldes do Estado patrimonialista. Nesse sentido, a mercantilização dos *media* tem sido apontada como um dos fatores mais nocivos às principais funções da imprensa nas *embedded democracies*,<sup>41</sup> a saber, “[...] ser fórum de discussões; dar

---

<sup>41</sup> De acordo com o conceito de *embedded democracy*, as “[...] democracias constitucionais são formadas por cinco regimes parciais: direitos civis; liberdade política; *accountability horizontal*; poder efetivo para governar; e regime eleitoral democrático, todos ligados a esferas externas responsáveis pela viabilização de condições para essas democracias, dentre elas, os *media*.” (RODRIGUES, 2010, p.5).

voz à opinião pública; servir de olhos e ouvidos dos cidadãos; fiscalizar e mostrar irregularidades [...]” (ibid., p.5). Para tanto, a objetividade é apontada como principal valor do jornalismo contemporâneo, pelo qual se distingue o bom jornalismo daquele ruim. Esse valor atribui legitimidade aos profissionais da imprensa, os quais não devem ceder “a pressões de proprietários das empresas, de suas fontes ou do Estado” (BIROLI; MIGUEL, 2012, p.27). Observando-se as propostas das duas revistas, constata-se que a de *Carta Capital* é a que mais se aproxima do papel esperado dos meios de comunicação nas *embedded democracies*.

As diferenças entre as duas revistas manifestam-se não apenas em suas linhas editoriais, ou no tratamento dado ao conteúdo, mas abertamente, em diversos de seus textos, que tornam públicos os ataques muitas vezes pessoais entre seus produtores. No editorial da edição de 5 de outubro de 2005 (p.22), por exemplo, o editor de *Carta Capital* compara a atuação de seus detratores à censura praticada pela Inquisição espanhola:

Volta e meia, há quem recorde que Carta Capital apoiou a candidatura de Lula à Presidência da República em 2002, qual tivesse sido traição à prática do jornalismo, quando não pecado a ser punido com o inferno. Os torquemadas de plantão esquecem que a mídia nativa, praticamente em peso, apoiou Collor em 1989 e Fernando Henrique em 1994 e 98. [...] A mídia verdeamarela serve ao poder desde sempre porque é rosto do próprio. [...] Ela é do partido do poder, da minoria afluyente e influente. [...] Posturas políticas e ideológicas podem ser criticadas, mas cada um tem direito às suas. Falo aqui é de quem manda às favas a responsabilidade da profissão.

No ano seguinte, na edição de 10 de maio de 2006 de *Veja* – cuja capa traz uma foto do então Presidente Lula, de costas, com o desenho de uma sola de sapato na altura dos glúteos (“Essa doeu!”) –, o colunista Diogo Mainardi, desafeto e um dos principais críticos de Mino Carta, acusa *Carta Capital* de ter quase 70% de seus anúncios financiados por cofres públicos (“o mensalão da imprensa”). A “verdade factual” é que o índice não ultrapassava os 23%, tendo Mainardi e a Editora Abril sido condenados a indenizar Mino Carta, conforme sentença expedida pela Juíza Camila de Jesus Gonçalves Pacífico, da 1ª Vara Cível de Pinheiros, em São Paulo.<sup>42</sup> Em novembro do mesmo ano, na edição 1983 da revista *Veja*, de 22 de novembro, Diogo Mainardi publicaria mais acusações:

Mino Carta representa o modelo de jornalismo que o governo Lula quer favorecer por meio de financiamento estatal. Sempre que o citei na coluna, associei-o à verba publicitária que o governo Lula destina à Carta Capital. Mino Carta garante que serve a Lula de graça. Assim como, por muitos anos, serviu a Orestes Quércia de graça. Deve ser angustiante e triste não ser recompensado por tanta serventia.

<sup>42</sup> Conforme notícia publicada no portal Consultor Jurídico. Disponível em: < [http://www.conjur.com.br/2006-nov-14/diogo\\_mainardi-condenado-indenizar-mino-carta](http://www.conjur.com.br/2006-nov-14/diogo_mainardi-condenado-indenizar-mino-carta)>. Acesso em: 12 abr. 2007.

Quanto à “serventia”, o Portal Imprensa publicou, em março de 2011, que o jornalista estivera envolvido no escândalo da WikiLeaks. Juntamente com Merval Pereira, colunista de *O Globo*, Mainardi havia servido de fonte política para o cônsul dos Estados Unidos no Rio de Janeiro durante as eleições de 2010.<sup>43</sup>

De ambos os lados, os ataques são numerosos e constantes. Somente em um dos números de *Carta Capital* selecionado inicialmente para integrar o *corpus* desta tese, havia três ocorrências (*Carta Capital*, ano XV, n.537, p.21, 32, 34). Na última delas, o articulista não somente utilizava a referência ao *blog* do ex-ministro José Dirceu para “desqualificar” a revista *Veja*, como também para vinculá-la ao conglomerado das telecomunicações pertencente à “família Civita”:

[...] *Veja* (sempre ela, disposta a certos serviços) [...]

A última reportagem de *Veja*, que mais uma vez mistura alhos e bugalhos, aproveita para atacar [...] e não acrescenta nenhuma prova cabal ou mesmo fatos novos das pretensas irregularidades da Satiagraha.

Constante alvo da *Veja*, o ex-ministro [José Dirceu] está sempre pronto, em seu *blog*, a desqualificar a revista da família Civita.

No cenário das revistas semanais de informação geral, observa-se haver acirrada disputa hegemônica entre os produtores de *Veja* e de *Carta Capital*, visível tanto nas páginas das publicações, quanto em seus *mídia kit*. Ao passo que *Veja* possui mais poder econômico, *Carta Capital* detém mais prestígio entre os leitores com mais escolaridade (63% possuem mestrado ou doutorado), os quais, embora nem sempre ocupem as posições mais bem remuneradas no mercado de trabalho, podem ser importantes formadores de opinião. Mediante as comparações até aqui apresentadas, foram detectadas amostras de discurso “típicas ou representativas de certa prática” (FAIRCLOUGH, 2001, p.57), sendo essa mais uma etapa para a composição de um *corpus* para pesquisa em Análise Crítica do Discurso (cf. *ibid.*, p.277, 281); é pertinente, nesse sentido, investigar-se o modo como ambas as publicações constroem suas representações de gênero social, conforme será analisado no capítulo seguinte.

A segunda fase da coleta de dados ocorreu em março de 2009, quando o *corpus* passou a ser integrado pelos quatro números de *Veja* e de *Carta Capital* publicados naquele mês, totalizando oito exemplares. A opção por março deveu-se ao fato de ser esse o mês de

<sup>43</sup> PORTAL IMPRENSA. *WikiLeaks revela Diogo Mainardi como fonte para o consulado dos EUA*. Disponível em: <[http://portalimprensa.uol.com.br/portal/ultimas\\_noticias/2011/03/09/imprensa41025.shtml](http://portalimprensa.uol.com.br/portal/ultimas_noticias/2011/03/09/imprensa41025.shtml)>. Acesso em: 20 maio 2011.

comemoração do Dia Internacional da Mulher, quando as revistas tradicionalmente veiculam matérias “especiais” para o público feminino. Trata-se, portanto, de um mês propício para a coleta de discursos exemplares ou “típicos”, conforme escreve Fairclough (2001, p.57).

Em ambas as revistas, foram selecionados editoriais, artigos, reportagens, notícias, colunas, resenhas e críticas sobre cultura. Foram excluídos anúncios publicitários e quaisquer outros gêneros de inserções pagas, como publicações oficiais, além de cartas dos/as leitores/as e entrevistas, pois esses textos são produzidos por público ou profissionais externos às revistas.<sup>44</sup> O total de textos apurado segundo essa metodologia está informado no Quadro 3.

**Quadro 3 – Segunda seleção de textos para o *corpus***

| Carta Capital               |                        | Veja                   |                        |
|-----------------------------|------------------------|------------------------|------------------------|
| Número                      | Nº textos selecionados | Número                 | Nº textos selecionados |
| Ano XV, n.535, 4 mar. 2009  | 63                     | Ed. 2102, ano 42, n.9  | 52                     |
| Ano XV, n.536, 11 mar. 2009 | 54                     | Ed. 2103, ano 42, n.10 | 55                     |
| Ano XV, n.537, 18 mar. 2009 | 76                     | Ed. 2104, ano 42, n.11 | 54                     |
| Ano XV, n.538, 25 mar. 2009 | 50                     | Ed. 2105, ano 42, n.12 | 51                     |
| <b>Total parcial</b>        | <b>243</b>             | <b>Total parcial</b>   | <b>212</b>             |
| <b>Total geral</b>          |                        |                        | <b>455</b>             |

Ao final daquele ano, seria realizado um estágio de pesquisa na Universidade de Birmingham, onde se pretendia utilizar os recursos oferecidos pelo Centre for Corpus Research, o qual proporciona instalações e orientação para pesquisadores que desenvolvam estudos baseados em *corpora* de textos. O objetivo da seleção de textos quantificados no Quadro 3 foi preparar-se um *corpus* para se efetuar o primeiro nível de análise dos dados, a análise linguística, conforme será desenvolvido adiante. Na literatura já consultada (e.g. FAIRCLOUGH, 2006, p.6; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p.52-53; VAN DIJK, 2011, p.17), havia sido encontrada referência à possibilidade de o aporte de computadores fornecerem precisão mais acurada e menos impressionista aos estudos baseados em grandes *corpora* linguísticos. Para tanto, os textos que já haviam sido selecionados foram baixados das versões digitais das revistas e salvos em arquivos txt. Até a próxima etapa desse trabalho, seguiu sendo elaborando o marco teórico da tese.

<sup>44</sup> *Editorial*: expressa a opinião do periódico sobre determinado assunto, não sendo assinado; em *Carta Capital* e em *Veja*, contudo, os editoriais sempre são assinados. *Artigo*: texto que contém a opinião e/ou interpretação sobre um assunto, sendo sempre assinado. *Reportagem*: informação mais detalhada sobre um tema ou assunto, interpretando-o; pode ser ou não assinada. *Notícia*: relato objetivo de um fato ou acontecimento, que não devem ser interpretados ou comentados; raramente é assinada. *Coluna*: seção especializada de jornal ou revista. *Crítica*: texto que avalia um trabalho artístico, sendo sempre assinada. *Resenha*: resumo crítico de um livro, sendo sempre assinada. Pode-se empregar o termo genérico *matéria* para qualquer um desses gêneros jornalísticos (cf. FARIA GUILHERME, 1996, p.16, 30, 44, 84, 106; FOLHA DE S. PAULO, 2001, p.64, 71, 81).

Na Universidade de Birmingham, foi oferecido o *Short Course Corpus Linguistics: introduction and applications*, ministrado pelos professores Carmen Rosa Caldas-Coulthard, Wolfgang Teubert, Michael Toolan e Paul Thompson (Anexo D). Nesse curso teórico-prático, foram apresentadas pesquisas baseadas no acervo depositado no Bank of English, constituído por textos em língua inglesa totalizando 450 milhões de palavras. Esse volume evidencia a importância atribuída pelo Center for Corpus Research ao suporte quantitativo para a realização de análises qualitativas, diferente da tradição de estudos identificados com os escritos de Michel Foucault ou de Roland Barthes, por exemplo. A Análise Crítica do Discurso contempla ambos os enfoques, dada sua filiação tanto à Gramática Sistêmico-Funcional, de M. Halliday, quanto à análise do discurso proposta por Foucault, conforme exposto no Capítulo 2 desta tese.

Durante a monitoria oferecida pelo Centre, foram exercitados os recursos do AntConc (ANEXO D), *software* livre destinado a analisar *corpora* de linguagem. Esse programa oferece operações para, por exemplo, quantificar-se a ocorrência de vocábulos ou sintagmas em um texto, isoladamente ou em relação a outros. Foi então inserida uma amostra do *corpus* selecionado anteriormente, para realizarem-se simulações utilizando-se palavras-chave, com vistas a, posteriormente, tabularem-se os dados e passar-se à análise qualitativa.

Após diversos experimentos, essa ferramenta não se mostrou adequada para aquela etapa da pesquisa. Tal dedução deveu-se, sobretudo, a dois fatores: a) a língua portuguesa é muito mais flexionada que a inglesa, o que implicava inserirem-se numerosas variáveis, por exemplo, quanto a tempos, modos e pessoas verbais (incluindo-se os radicais de verbos irregulares), ou quanto aos gêneros gramaticais de substantivos e adjetivos; e b) a seleção de variantes predefinidas de busca ou a elaboração de listas de concordância poderiam excluir elementos significativos para a análise qualitativa. A esse respeito, Michel Foucault (1995, 2006, p.56-58) propõe não haver um princípio de unidade que conecte os discursos *a priori*, por serem conjuntos de acontecimentos discursivos que podem ser descontinuados e irregulares. Por sua vez, Norman Fairclough (2006, p.6) avalia que a quantidade de dados selecionados depende do nível de detalhamento que se queira atingir na análise. *Softwares* podem ser utilizados para se identificarem, por exemplo, palavras-chave, padrões de ocorrências ou as relações entre palavras; contudo, sua validade é limitada, devendo essas informações ser complementadas por uma acurada análise dos textos. Em virtude do grande volume de matérias anteriormente selecionado, esse exame qualitativo seria prejudicado caso a análise se ativesse exclusivamente às possibilidades oferecidas pelo AntConc. De qualquer sorte, a lógica de funcionamento do programa apontou para operações úteis de tabulação dos

dados, mesmo que elas fossem realizadas manualmente. Ademais, em virtude da modificação da forma pela qual os dados seriam processados, o volume de textos deveria ser reduzido.

A alteração do modo de tratamento dos dados também pode ser entendida como uma das possibilidades admitidas pela Análise Crítica do Discurso, na qual teoria e método são construídos simultaneamente. Nesses termos, *método* não pode ser confundido com *esquema*, técnica que possa ser aplicada a qualquer situação (cf. FAIRCLOUGH, 2002, p.121), sobretudo quando a ideologia integra a perspectiva analítica. De acordo com Van Dijk (2011, p.19), embora saibamos que a conversação entre os membros de um grupo, ou os textos por eles produzidos, possam ser “enquadrados” ideologicamente, ainda não temos “[...] um método padrão para analisar o discurso ideológico em geral, ou um discurso sexista ou racista em particular.”<sup>45</sup> (trad. minha). Sob essa ótica, os trabalhos produzidos com base na ACD podem não somente contribuir para o entendimento do fenômeno discursivo o qual se proponham investigar, mas também para o aprimoramento metodológico da própria teoria.

No levantamento de dados exposto no Quadro 3, pode-se perceber que não apenas há um grande volume de textos, como também há assimetria entre o número de conteúdos selecionados para cada revista, questão que também deveria ser resolvida na etapa seguinte da organização do *corpus*. O problema que se apresentou, então, foi a escolha de um critério que conferisse mais padronização aos dados. Para tanto, o método escolhido para imprimir essa uniformidade foi a seleção de textos inseridos em seções que se equivalessem nas revistas, ainda que os títulos delas fossem diferentes. Entre esses, seriam analisados somente os textos escritos para mulheres ou sobre elas, ou nos quais mulheres fossem mencionadas reiteradamente. Foi ainda adotado somente o primeiro número de cada revista publicado em março, uma vez que é nessa semana quando as revistas semanais costumam veicular textos relacionados ao Dia Internacional da Mulher, ou supostamente de interesse das mulheres. Quanto aos anos, foi mantido o ano de 2009, quando se deu a primeira tabulação dos textos, acrescentando-se os exemplares publicados na primeira semana de março de 2013, para se incluírem dados mais recentes e compará-los. Os sumários das revistas são reproduzidos nas Figuras 6 a 9. Por sua vez, a equivalência estabelecida entre as seções das publicações está exposta nos Quadros 4 e 5, e os textos selecionados estão informados nos Quadros 6 a 9. Ainda nesses quadros, foi atribuído um código pelo qual os textos serão referidos no Capítulo 4 desta tese, quando analisados. Na Tabela 1, encontra-se o total de textos analisados para cada ano e revista.

---

<sup>45</sup> “We know that the talk and text of group members may be ideologically framed, but as yet we have no standard method to analyze ideological discourse in general or sexist and racist discourse in particular.”

4 DE MARÇO DE 2009 ANO XV Nº 535

# CartaCapital

POLÍTICA, ECONOMIA E CULTURA

www.cartacapital.com.br

## Brasileira

6 Ladeira abaixo

## A Semana

20 A opinião de CartaCapital sobre os assuntos do momento

## Seu País

24 A LEI DA BALA

Na divisa entre Pernambuco e Paraíba, um vácuo de segurança torna fácil a vida dos matadores profissionais

28 APÊNDICE POLÍTICO

Sem-terra entram em conflito com Serra. E são criticados por Gilmar Mendes

30 OS BODES DE SEMPRE

Os 1,5 mil docentes "nota zero" da rede paulista são apenas a ponta do iceberg

33 DANTAS PERDE MAIS UMA VEZ

O banqueiro tentou, sem êxito, condenar CartaCapital por danos morais

## Carta Aberta

27 "DITABRANDA" PARA QUEM?

O que explica esta inacreditável estupidez da Folha de S.Paulo?

## Lances e Apostas

36 NA BOLEIA DA VOLKS

Antonio Cortes, presidente da operação mundial de caminhões, atravessou "16 crises" sem perder o rumo

## Nós e o Mundo

60 O CAPITAL É VERMELHO

Salvar o sistema financeiro capitalista exigirá a estatização dos que já foram os maiores bancos privados do mundo



76 Menotti del Picchia (na caçada) pensava no Brasil

## Especial



### Aos pés de Teixeira

A menos de um mês da escolha das doze cidades-sede, governadores seguem na luta para agradar. Mas quem vai fiscalizar os gastos e controlar o poder da CBF? PÁG. 8

## Especial Infraestrutura



### Na via rápida, a passos lentos

A venda de computadores explodiu, mas o acesso à internet de alta velocidade não cresceu no mesmo ritmo. Falta um modelo. PÁG. 39

## Plural

76 OBRIGAÇÃO MODERNA

Na entrevista de Oswald de Andrade e nas crônicas de Menotti del Picchia está descrito um projeto para o Brasil

78 A SENHORA DO CERRADO

Therese von Behr pinta o Centro-Oeste, à moda de Margareth Mee

80 JOGO DE CICATRIZES

Michael Ondaatje encara limites da escrita para construir quebra-cabeça lírico

## Seções

70 MAIS-VALIA

O mundo dos negócios em doses homeopáticas

81 BRAVO!

Dropes sobre cultura e entretenimento

87 EVOLUÇÃO E SAÚDE

Os diagnósticos do dr. Rogério Tuma.

90 RETRATOS CAPITAIS

As personalidades em evidência

## Nossos Colunistas

19 Vitor Knijnik

Em Blogs do Além, psicografa os grandes falecidos

23 Wálter Fanganiello

na Linha de Frente pela cidadania

34 Maurício Dias

A Rosa dos Ventos, do mundo político

59 Gianni Carta observa

as coisas da vida do Hemisfério Norte em Trópico de Câncer

72 Sócrates coloca

esporte e política na marca do Pênalti

73 Nirlando Beirão

Três páginas sobre quem tem Estilo e quem não tem

Confira durante a semana em [www.cartacapital.com.br](http://www.cartacapital.com.br)

WWW

■ Direto do Rio de Janeiro, Carlos Leonam & Ana Maria Badaró fazem um apanhado geral do carnaval de rua e confirmam que as clássicas marchinhas são as que mais agradam às multidões

■ Para ficar informado sobre a economia, acompanhe as colunas de Márcia Pinheiro, com as novidades dos mercados globais, e André Siqueira, que destrincha o mundo dos negócios

# CartaCapital

6 DE MARÇO DE 2013 ANO XVIII Nº 738

## 8 | BRASILIANA

Jovens "invadem" ônibus, trens e metrô para recitar poesia

## 10 | ROSA DOS VENTOS

MAURICIO DIAS e os rumos do mundo político

## 12 | A SEMANA

A opinião de CARTA-CAPITAL sobre os assuntos do momento

## 15 | BLOGS DO ALÉM

VITOR KNIJNIK psicografa os grandes falecidos

## SEU PAÍS

## 16 | E 2014

JÁ COMEÇOU... Define-se o esboço das campanhas, para privilegiar, no ataque oposicionista ao PT,



## RELATÓRIOS ESPECIAIS

### Como enfrentar as dores do crescimento

Os administradores públicos e privados pregam a necessidade de um programa federal que planeje o desenvolvimento do Nordeste como um todo, a fim de evitar retrocesso nos avanços econômicos e sociais já obtidos. **PÁG. 35**



68. Mindlin e Guita, um acervo de 32 mil livros raros doados à USP ganha biblioteca à altura da coleção

os temas econômicos em lugar dos éticos

## 22 | A ENGENHARIA DE MANTEGA

Em NY, o governo tenta atrair investidores graúdos para a infraestrutura

## 24 | O SILÊNCIO TORTURANTE

A Comissão Nacional da Verdade vai convocar agentes da repressão. Entre eles, três militares envolvidos na farsa do sequestro de Rubens Paiva e pouco dispostos a colaborar

## LANCES E APOSTAS

## 28 | TRÊS É DEMAIS

O Brasil já tem uma fábrica de helicópteros e pode ganhar outras duas. Apesar da crescente demanda, o mercado talvez não comporte

## 32 | MAIS-VALIA

O mundo dos negócios em doses homeopáticas

## NOSSO MUNDO

## 46 | UMA IGREJA EM XEQUE

A renúncia de Bento XVI desnuda os pecados de um resistente poder terreno e medieval

## 52 | VENI, VIDI, VICI

Beppe Grillo é o grande vencedor das eleições contra a austeridade imposta aos pobres a favor dos ricos

## 54 | RENOVAR OU PERECER

Após reformas econômicas, Cuba começa a trocar os idosos ex-guerrilheiros por civis nascidos após a Revolução de 1959

## IDEIAS

## 56 | A FAVOR DO VENTO

As hidrelétricas e as usinas eólicas suprimiram o consumo de energia no País, diz Ildo Sauer, professor da USP

## 58 | SAÚDE

Os diagnósticos do dr. RIAD YOUNES

## PLURAL

## 62 | DIRETO DA CASA BRANCA

Teria sido um grande ano para os roteiristas, não fosse a séria suspeição de pelo menos uma farsa

## 65 | REFOGADO

MARCIO ALEMÃO tempera o mundo com graça

## 67 | O SOM AO REDOR

por OLIVIERO PLUVIANO

## 68 | A ARCA DA MEMÓRIA

A coleção de 32 mil livros raros doada por José Mindlin à USP ganha um prédio à altura de sua importância

## 70 | BRAVO!

Drops sobre cultura e entretenimento

## Nossos colonistas

21 | Marcos Coimbra decifra as tendências políticas em VOX POPULI

## 27 | Luiz Gonzaga Belluzzo Na

CONTRACORRENTE da globalização

## 34 | Delfim Netto

Faz a análise crítica da economia, em SEXTANTE

## 51 | Wálter Fanganiello

Na LINHA DE FRENTE pela cidadania

## 59 | Vladimir Safatle

Discute temas contemporâneos em ANTÍTESE

## 60 | Nirlando Beirão

Duas páginas sobre quem tem ESTILO e quem não tem

## 66 | Afonsinho coloca

esporte e política na marca do PÊNALTI

## 74 | RETRATOS CAPITAIS

As personalidades em evidência

CAPA | Fotos: ISTOCKPHOTO e LEO CALDAS. Direção de arte: PILAR VELLOSO

## CENTRAL DE ATENDIMENTO: ASSINATURAS, SUGESTÕES E RECLAMAÇÕES

SÃO PAULO  
(11) 3512-9486

RIO DE JANEIRO  
(21) 4062-7183

BELO HORIZONTE  
(31) 4062-7183

DISTRITO FEDERAL  
(61) 4063-7183

DEMAIS LOCALIDADES:  
0800 7070 262

De segunda a sexta-feira,  
das 9 às 18 horas, exceto feriados.

FALE CONOSCO:  
[www.assinantecartacapital.com.br](http://www.assinantecartacapital.com.br)

Nesta semana em [www.cartacapital.com.br](http://www.cartacapital.com.br)

- Direto de Roma, Gianni Carta acompanha os preparativos para a sucessão do papa Bento XVI
- Como as mudanças no Vaticano afetam os trabalhos sociais da Igreja Católica no Brasil? Por Piero Locatelli
- Gabriel Bonis conta quem é Tarcisio Bertone, polêmico cardeal que comandará a Santa Sé até a escolha do novo papa

SIGA-NOS TAMBÉM NO TWITTER: [www.twitter.com/cartacapital](https://twitter.com/cartacapital)

# Índice

EDIÇÃO 2102 | ANO 42 | Nº 9  
TIRAGEM 1.225.043 EXEMPLARES

# veja

- 12 | Carta ao Leitor
- 17 | Entrevista: Pelé
- 28 | Millôr
- 34 | Leitor
- 36 | Blogosfera



*Pelé: "Recebo 3.000 reais do INSS".* p. 17

## PANORAMA

- 37 | Imagem da Semana
- 38 | Holofote
- 39 | Datas
- 40 | SobreDesce
- 40 | Conversa com Tólio Maravilha
- 41 | Números
- 42 | Radar
- 46 | Veja Essa

*Obama: "Reconstruir e recuperar".* p. 46



## BRASIL

- 50 | Governo PT e PMDB brigam pelo controle de fundo
- 56 | Campo O MST invade, destrói e mata



*Edison Lobão: de olho no futuro de Farnas.* p. 50



## INTERNACIONAL

- 60 | Diplomacia O caso do garoto Sean Goldman preocupa o Itamaraty
- 63 | André Petry

## GERAL

- 66 | Especial Os riscos das cotas raciais
- 74 | Sociedade A agonia pública de Jade Goody
- 76 | Gente
- 94 | Família Contrato de divisão de bens: paz negociada
- 96 | Educação Falar outra língua é básico
- 99 | Saúde Guia VEJA de Medicina e Saúde
- 100 | Negócios A indústria brasileira de games
- 107 | Psicologia Por que algumas pessoas travam diante do perigo

*Geníllo Ost: vaga perdida para as cotas.* p. 66

*A batalha pela guarda de Sean Goldman.* p. 60

## ECONOMIA

- 82 | Crise (e)l fazêdes para estarmos otimistas
- 91 | Maicon da Moleirada

## GUIA

- 104 | Balsa Como economizar com água e energia



*Tortelier: mais sutileza na Osesp.* p. 110

## ARTES & ESPETÁCULOS

- 110 | Música Yan Pascal Tortelier: leveza à frente da Osesp
- 113 | Cinema Frost/Nixon, com Frank Langella
- 114 | O sucesso de filmes de baixo orçamento
- 116 | Watchmen, de Zack Snyder
- 117 | Diogo Mainardi
- 118 | Televisão A aventura nas séries sobre história
- 120 | Veja Recomenda
- 121 | Os livros mais vendidos
- 122 | J.R. Gatto

Figura 8 – Sumário de *Veja*, ed. 2102, ano 42, n.9, p.8-9, 4 mar. 2009.

|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Índice</b><br>EDIÇÃO 2311   ANO 46   Nº 10<br>TIRAGEM 1.185.558 EXEMPLARES                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          | <b>veja</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |
| <b>13   Carta ao Leitor</b><br><b>15   Entrevista</b> Padre Gianpaolo Salvini<br><b>20   Claudio de Moura Castro</b><br><b>24   Mailson da Nóbrega</b><br><b>28   Leitor</b><br><b>34   Blogosfera</b><br><i>Padre Salvini: Bento XVI continua a ser parte da Igreja</i> <b>PÁG. 15</b>                                                                                                                                                                               | <br><b>37   Imagem da Semana</b><br><b>38   Datas</b><br><b>40   Holofote</b><br><b>42   Conversa com</b> Fabiana Nogueira<br><b>42   Números</b><br><b>43   SobreDesce</b><br><b>44   Radar</b><br><b>48   Veja Essa</b><br><i>Maradona: dividida milionária com o Fisco italiano</i> <b>PÁG. 48</b> | <br><b>52   Mordomia</b> As tímidas medidas contra os privilégios virou um negócio lucrativo<br><b>54   Internet</b> A difamação virou um negócio lucrativo<br><b>56   Congresso</b> A oposição ressuscita 2005.<br><b>58   Corrupção</b> Denúncias deixam o deputado Gabriel Chalita fora da reforma ministerial<br><b>Economia</b><br><b>60   Conjuntura</b> As razões para o baixo crescimento do PIB brasileiro | <br><b>Novas tecnologias permitem aos cientistas explorar as fronteiras entre o cérebro humano e a mente</b> <b>PÁG. 80</b><br><b>Internacional</b><br><b>62   Estados Unidos</b> Em busca de um turno, republicanos brigam em público<br><b>64   Itália</b> Um palhaço no poder<br><b>Geral</b><br><b>66   Gente</b><br><b>68   Religião</b> A despedida do papa emérito<br><b>72   A trajetória</b> dos pontífices<br><b>74   Polícia</b> A UPP chega a um dos maiores redutos do tráfico no Rio |
| <b>Divisões internas do Partido Republicano expõem rachaduras</b> <b>PÁG. 62</b><br><br><b>76   Antropologia</b> A vida de Napoleon Chagnon, entre duas tribos selvagens<br><b>78   Esporte</b> A confissão de um contatiano de 17 anos não deve aliviar a situação dos doze presos na Bolívia<br><b>80   Cérebro</b> Os cientistas começam a desvendar a ligação entre os neurônios | <br><i>O retorno de David Bowie</i> <b>PÁG. 104</b><br><b>96   Educação</b> O novo plano de alfabetização do MEC<br><b>98   Perfil</b> A delegada linha-dura que inspirou a Helô de Salve Jorge                                                                                                         | <b>Artes &amp; Espetáculos</b><br><b>104   Música</b> David Bowie volta com seu melhor disco em décadas: The Next Day<br><b>108   Cinema</b> O Quarteto, com Maggie Smith<br><b>110   Amor</b> E Tudo o que Você Precisa, com Pierce Brosnan<br><b>111   A Parte dos Anjos</b> , de Ken Loach<br><b>112   Veja Recomendada</b><br><b>113   Os livros mais vendidos</b><br><b>114   J.R. Guizzo</b>                                                                                                     | <br><i>A renúncia de Bento XVI causa reflexões na Igreja Católica</i> <b>PÁG. 68</b><br><b>90   Celebidades</b> Vestir as estrelas da noite do Oscar é uma arte                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |

Figura 9 – Sumário de *Veja*, ed. 2311, ano 46, n.10, p.8-9, 6 mar. 2013.

**Quadro 4 – Equivalência entre seções de *Carta Capital* e de *Veja* – 2009**

| Seção em <i>Carta Capital</i> | Seção em <i>Veja</i>                                                                 | Gênero              | Assunto                                        |
|-------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------|---------------------|------------------------------------------------|
| Brasiliana                    | Geral/Sociedade                                                                      | Reportagem          | Personalidades de destaque na semana           |
| Especial                      | Geral/Especial                                                                       | Artigo              | Temas da atualidade e personalidades           |
| A Semana                      | Panorama/Imagem da Semana                                                            | Editorial           | Temas variados da atualidade                   |
| Seu País                      | Brasil                                                                               | Reportagem          | Temas atuais do cenário brasileiro             |
| Lances e Apostas              | Economia; Geral/Negócios                                                             | Reportagem          | Negócios, economia                             |
| Especial Infraestrutura       | Guia Veja                                                                            | Reportagens         | Tecnologia                                     |
| Nós e o Mundo                 | Internacional                                                                        | Reportagem          | Cobertura de assuntos internacionais           |
| Plural                        | Artes e Espetáculos                                                                  | Artigos             | Cultura (livros, cinema, TV, música, artistas) |
| Seções                        | Geral                                                                                | Artigos/Reportagens | Atualidades, saúde, cultura, tecnologia        |
| Nossos Colunistas             | [Colunas em diferentes seções da revista, que levam o nome dos respectivos autores.] | Coluna              | Futebol, comportamento, política, humor        |

**Quadro 5 – Equivalência entre seções de *Carta Capital* e de *Veja* – 2013**

| Seção em <i>Carta Capital</i> | Seção em <i>Veja</i>                                                                 | Gênero                       | Assunto                                                |
|-------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------|--------------------------------------------------------|
| Rosa dos Ventos               | Panorama                                                                             | Reportagem/notícias          | Política e economia                                    |
| Editorial                     | Carta ao leitor                                                                      | Editorial                    | Temas variados da atualidade                           |
| A Semana                      | Panorama/Radar                                                                       | Notícia                      | Temas variados da atualidade                           |
| Seu País                      | Brasil                                                                               | Reportagem                   | Temas atuais do cenário brasileiro                     |
| Lances e Apostas              | Economia                                                                             | Reportagem, notícia, resenha | Negócios, economia                                     |
| Relatórios especiais          | Guia Veja                                                                            | Reportagem                   | Problemas nacionais, em vários aspectos                |
| Nosso mundo                   | Internacional                                                                        | Reportagem                   | Cobertura de assuntos internacionais                   |
| Ideias                        | Geral                                                                                | Artigo / notícia, reportagem | Atualidades, saúde, cultura, tecnologia / celebridades |
| Plural                        | Artes & Espetáculos                                                                  | Reportagem, resenha          | Livros, cinema, música, artistas, culinária            |
| Nossos Colunistas             | [Colunas em diferentes seções da revista, que levam o nome dos respectivos autores.] | Coluna                       | Futebol, comportamento, política, humor                |

**Quadro 6 – Textos selecionados para análise – *Carta Capital*, 4 de março de 2009**

| Gênero     | Título da seção                         | Título do texto                | Código do texto * |
|------------|-----------------------------------------|--------------------------------|-------------------|
| Reportagem | Brasileira                              | Ladeira abaixo                 | CC01              |
| Reportagem | Especial                                | Aos pés de Teixeira            | CC02              |
| Editorial  | A Semana                                | O carteiro e o romancista      | CC03              |
| Editorial  | A Semana                                | O retorno da memória           | CC04              |
| Reportagem | Seu País                                | A lei da bala                  | CC05              |
| Reportagem | Seu País                                | Os bodes de sempre             | CC06              |
| Coluna     | Rosa dos Ventos                         | Dilma e suas mãos de fada      | CC07              |
| Reportagem | Especial – Infraestrutura – Banda Larga | Na via rápida, a passos lentos | CC08              |
| Coluna     | Nossos Colunistas                       | Corpo atrai corpo              | CC09              |
| Coluna     | Nossos Colunistas                       | O carnaval em Mumbai           | CC10              |
| Artigo     | Plural                                  | Obrigação moderna              | CC11              |
| Artigo     | Plural                                  | A senhora do cerrado           | CC12              |
| Artigo     | Bravo!                                  | Trilha feminina                | CC13              |

\*Indica como o texto será referido no Capítulo 4 desta tese.

**Quadro 7 – Textos selecionados para análise – *Veja*, 4 de março de 2009**

| Gênero     | Título da seção     | Título do texto                                       | Código do texto |
|------------|---------------------|-------------------------------------------------------|-----------------|
| Reportagem | Brasil              | Eles invadem e também matam                           | VJ01            |
| Reportagem | Internacional       | Um menino e dois países                               | VJ02            |
| Artigo     | Geral – Especial    | Uma segunda opinião                                   | VJ03            |
| Reportagem | Geral – Sociedade   | Tudo na vida tem um preço                             | VJ04            |
| Reportagem | Geral – Gente       | Separados, mas (quase) iguais                         | VJ05            |
| Reportagem | Economia            | O Brasil e a crise mundial – Dez razões para otimismo | VJ06            |
| Artigo     | Geral – Família     | Assim, eu assino                                      | VJ07            |
| Artigo     | Geral – Educação    | A corrida pelo domínio da língua                      | VJ08            |
| Reportagem | Artes & Espetáculos | História sem fim                                      | VJ09            |

**Quadro 8 – Textos selecionados para análise – *Carta Capital*, 6 de março de 2013**

| Gênero     | Título da seção      | Título do texto             | Código do texto |
|------------|----------------------|-----------------------------|-----------------|
| Reportagem | Rosa dos Ventos      | Candidatura e aventura      | CC14            |
| Reportagem | Relatórios Especiais | Políticas para quem precisa | CC15            |
| Reportagem | Plural – Cinema      | Direto da Casa Branca       | CC16            |
| Reportagem | Plural – Acervo      | A arca da memória           | CC17            |
| Reportagem | Bravo! CD            | Fora da redoma              | CC18            |

**Quadro 9 – Textos selecionados para análise – *Véja*, 6 de março de 2013**

| Gênero     | Título da seção     | Título do texto             | Código do texto |
|------------|---------------------|-----------------------------|-----------------|
| Notícia    | Panorama            | Presa                       | VJ10            |
| Reportagem | Brasil              | “Oba, o Vanderlei chegou!”  | VJ11            |
| Reportagem | Economia            | Gente, o PIB sumiu!         | VJ12            |
| Notícia    | Geral / Gente       | Xiii, a chefe chegou        | VJ13            |
| Reportagem | Geral / Religião    | A pintora dos papas         | VJ14            |
| Reportagem | Geral / Celebidades | A oitava arte               | VJ15            |
| Reportagem | Geral / Educação    | Desvantagem na largada      | VJ16            |
| Reportagem | Geral / Perfil      | Ela é fogo na roupa         | VJ17            |
| Resenha    | Artes & espetáculos | Talento sulfúrico           | VJ18            |
| Resenha    | Artes & espetáculos | A segunda chance é a melhor | VJ19            |

**Tabela 1 – Total de textos selecionados, por ano e publicação**

| Ano                  | Carta Capital | Veja | Total |
|----------------------|---------------|------|-------|
| 2009                 | 13            | 9    | 22    |
| 2013                 | 5             | 10   | 15    |
| <b>Totais gerais</b> | 18            | 19   | 37    |

Conforme pôde ser averiguado mediante um exame preliminar dos textos, o *corpus* continuou representativo das distintas práticas sociais observadas. Ademais, a permanência de exemplares publicados em anos diferentes, inclusive após a eleição de uma presidenta para o Brasil, possibilita investigar-se, entre demais aspectos, se houve mudanças nas representações de gênero social construídas em cada revista. A esse respeito, a ACD prevê que um *corpus* de pesquisa deva refletir “[...] adequadamente a diversidade da prática e as mudanças na prática mediante diferentes tipos de situação [...]” (FAIRCLOUGH, 2001, p.277). Essa noção é reiterada em escritos de van Leeuwen (e.g. 1997, p.180), pois, segundo o autor, a “comparação crítica de diferentes representações da mesma prática social” pode não ser possível examinando-se somente um texto, uma vez que nem sempre as exclusões sociais, por exemplo, deixam marcas evidentes.

Com vistas à operacionalização do modelo tridimensional para análise dos discursos, Fairclough (2001, p.100-113, 2002, p.124-127) propõe efetuá-la em dois níveis (Fig. 9):

- a) discurso (semiose), compreendendo microanálise (análise linguística e semiótica) e macroanálise (análise da ordem do discurso e interdiscursividade); e
- b) análise das práticas sociais relacionadas ao discurso (relações e identidades sociais, valores culturais e semiose).

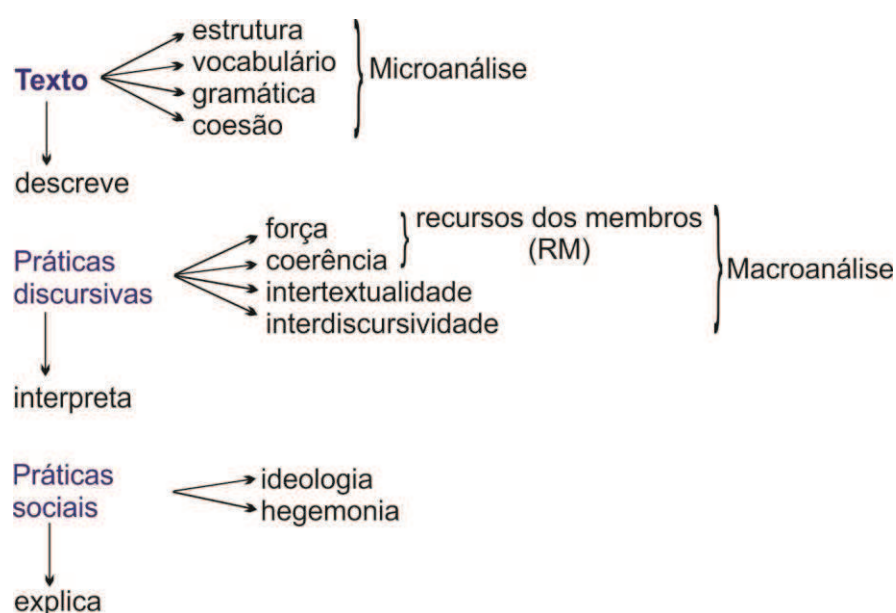


Figura 10 – Níveis de análise da ACD.

Fonte: elaborado com base em Fairclough (2001, p.100-113, 2002, p.124-127).

Suzanne Eggins (2004, p.20) igualmente propõe um esquema composto por dois níveis para a realização de uma análise com base na teoria sistêmico-funcional, contudo, nesse modelo, não está prevista a análise do discurso. Esses dois níveis estão contidos na primeira etapa de análise sugerida por Fairclough, como se vê a seguir:

- a) descrição do sistema linguístico, pela qual se examinam as escolhas linguísticas presentes em determinado texto; e
- b) descrição da língua em dado contexto, para atingir-se certo objetivo, o que é feito analisando-se qual a função das escolhas observadas no primeiro nível.

É interessante lembrar que também Émile Benveniste (1995, p.127-140), em seu trabalho *Os níveis da análise linguística*, propõe um método de análise em níveis, partindo dos elementos *merismáticos*, que constituem o nível mais inferior, até chegar ao nível superior, a *frase*. No nível intermediário, funcionando como elemento integrador entre os demais, encontra-se o *signo*, cuja significação é dada no sistema, ao passo que o valor semântico da *frase* constrói-se pela linguagem em uso. Conforme analisa Leci Barbisan (2007), essa fase do pensamento de Benveniste ainda se identifica com o método estruturalista de segmentação e distribuição, adotado pela Linguística à época. Nada obstante, essa descrição dos níveis de análise constitui uma etapa para um momento posterior da teoria, quando o autor formularia seu conceito de *enunciação* e faria a distinção entre *forma* (a língua como semiótica) e *sentido* (este construído na frase, a instância semântica). De modo semelhante, a teoria de M. Halliday também revela pontos de contato com o pensamento estruturalista, tendo incorporado a seu modelo os conceitos de *contexto de situação* e *contexto de cultura*, elaborados pelo antropólogo Bronislaw Malinowski (cf. HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p.32). Ponderando-se que a GSF encontra-se entre os antecedentes da ACD, é possível que esses desdobramentos anteriores tenham orientado Fairclough quando da elaboração de seu modelo tridimensional para análise dos discursos.

Nesse modelo, a microanálise do discurso implica o exame do vocabulário, gramática (combinação das palavras em orações e frases), coesão (relação entre orações e frases) e estrutura textual (o método global de organização do texto). Esse primeiro nível de análise é importante porque, conforme escreve van Dijk (1997, p.122, 160), as representações mentais de pessoas e acontecimentos são transmitidas desde o nível da lexicalização de um texto até as estruturas semânticas do discurso, sendo este o nível mais afetado pela ideologia. De acordo com o esquema apresentado na Figura 10, nesse nível incluem-se os três primeiros estratos da língua teorizados por Halliday & Matthiessen (2004).

As ordens do discurso, inscritas na macroanálise, concernem a uma característica das condições sociais do discurso, o modo como ele é determinado por estruturas sociais. Compreendem o aspecto semiótico de práticas sociais agrupadas em redes (como, por exemplo, a operação em rede dos *mass media*), abrigando ideologias particulares. Esse aspecto semiótico não tem por base estruturas linguísticas, mas constitui-se no modo pelo qual diversos gêneros e discursos são conectados e ordenados, apresentando relativa estabilidade (cf. FAIRCLOUGH, 1989, p. 28, 2002, p.124, 2006, p. 24, 220). Tal hierarquização inscreve-se no interior da disputa hegemônica, conforme caracterizada no Capítulo 2 deste trabalho.

O segundo elemento da macroanálise é a interdiscursividade, pela qual se articulam diferentes gêneros, discursos e estilos. Essa é uma propriedade inerente aos textos, pela qual eles comportam fragmentos de outros textos, explicitamente ou não. Quanto à produção, a relação do texto com esses fragmentos pode se dar de diversas maneiras, como a mera assimilação, ou contradição, ironia, acréscimo etc. No que se refere à distribuição, na cadeia intertextual os textos podem “movimentar-se” em séries de gêneros, sofrendo modificações de acordo com as intenções dos falantes. Por sua vez, o consumo diz respeito à interpretação, para a qual incorrem não apenas o texto principal ou aqueles que o integram, mas também os textos que constituem mesmo o leitor ou ouvinte (cf. FAIRCLOUGH, 2001, p.114). As próprias funções dos textos operam interdiscursivamente em três níveis:

Esse é um aspecto da característica multifuncional dos textos, mas estou sugerindo que os textos não somente possuem, simultaneamente, funções representacional, acional e identificadora entre suas características linguísticas, mas eles também apresentam essas funções “interdiscursivamente”, em nível dos discursos, gêneros e estilos. (Essa versão de multifuncionalidade que estou adotando aqui é, naturalmente, diversa daquela mais conhecida na Linguística Sistemico-Funcional – ideacional, interpessoal e textual –, mas o princípio da multifuncionalidade é o mesmo – ver Halliday, 1994, Fairclough, 2003.

Em Análise Crítica do Discurso, a análise interdiscursiva dos textos consiste no nível intermediário de análise no qual é crucial integrar análise linguística e análise social (Fairclough, 1992; Chouliaraki; Fairclough 1999). (FAIRCLOUGH, 2003, p.11) (trad. minha).<sup>46</sup>

---

<sup>46</sup> “This is an aspect of the multifunctional character of texts, but I am suggesting that texts not only simultaneously have representational, actional and identificatory functions in their linguistic features, they also have these functions ‘interdiscursively’, at the level of discourses, genres and styles. (The version of multifunctionality I am adopting here is of course different from the most familiar version in Systemic Functional Linguistics (ideational, interpersonal, textual), but the principle of multifunctionality is the same – see Halliday 1994, Fairclough 2003). In Critical Discourse Analysis, interdiscursive analysis of texts is the mediating level of analysis which is crucial to integrating social and linguistic analysis (Fairclough 1992, Chouliaraki & Fairclough 1999).”

Nesse excerto, o autor situa os gêneros em relação à interdiscursividade, metodologia de análise e à possibilidade de os gêneros não somente conterem outros, mas também hibridá-los. Sob essa perspectiva da intertextualidade e transdisciplinaridade, Fairclough (2006, p.65-66) propõe que, ao se examinarem gêneros, se busque entender qual sua contribuição para a ação social e para a interação em eventos sociais, analisando:

- a) as “cadeias de gêneros”;
- b) as misturas de gêneros em um determinado texto;
- c) gêneros individuais em um texto particular;

Individualmente, os gêneros podem ser analisados em termos de (cf. *ibid.*, p.70):

- a) atividades – o que as pessoas estão fazendo discursivamente?
- b) relações sociais – qual a relação entre as pessoas?
- c) tecnologia da comunicação – de qual tecnologia da comunicação (se pertinente) sua atividade depende?

Pode-se observar que a ACD está mais voltada ao modo como os gêneros funcionam e menos à descrição minuciosa de sua estrutura. Na mesma direção, outros autores têm desenvolvido questões norteadoras para a análise de gêneros discursivos. Débora Figueiredo (2009, p.14), por exemplo, sugere os seguintes aspectos a serem observados:

- a) Quais discursos encontramos nos textos?
- b) Qual é o gênero desses textos?
- c) Há a presença de pré-gêneros (narração, descrição etc.)?
- d) Em termos de atividade, como se caracterizam esses gêneros?
- e) Que relações sociais eles constroem? Entre quem?
- f) Que tecnologias comunicativas eles utilizam? Como essas tecnologias posicionam escritor e leitor?

Especificamente quanto a textos veiculados em revistas, Mohammed Al-Ali (2006, p.693) também propõe algumas questões:

- a) Quais componentes estruturais típicos do discurso em pauta podem ser identificados no gênero?
- b) Como o gênero é estruturado? Qual sua relação com os interesses da instituição e a quem eles servem?

- c) Quais elementos do contexto sociocultural são relevantes na revista e quais deles possuem mais influência e poder?
- d) Como o conceito de poder funciona tecnicamente e como ele é coberto pelo gênero em questão?

Todas essas questões, muitas delas identificadas com o exame das práticas sociais, serão observadas quando da formulação teórica do *paragênero*, ao final do próximo capítulo desta tese. De acordo com Fairclough, a análise das práticas sociais relacionadas aos discursos deve ir da crítica “negativa” para a “positiva”, identificando possíveis formas para a resolução dos problemas detectados. Para tanto, pode evidenciar contradições ou falhas na ordem social dominante, ou diferenças e modos de resistência. É preciso ainda que o analista reflita sobre sua própria crítica, avaliando até que ponto ela esteja comprometida com as ordens criticadas e se ela pode contribuir ou não para a emancipação dos sujeitos envolvidos na pesquisa. Ponderações nesse sentido serão apresentadas no capítulo final desta tese.

Conforme o mesmo autor (FAIRCLOUGH, 2001, p.110), o exame de um texto pode se dar tanto de forma ascendente, como descendente. No próximo capítulo, a microanálise dos textos ocorrerá em escala ascendente, partindo do vocabulário até chegar às práticas sociais. A principal teoria utilizada para tanto será a da representação dos atores sociais, de Theo van Leeuwen (1997), uma das propostas pela qual podem ser investigados os *efeitos dos discursos* manifestos nas funções da linguagem concebidas segundo Fairclough (2001, p.91-92). A produção de diferenças por meio de sistemas de representação é também discutida por Teresa de Lauretis (1994, p.214), quando a autora compara teorias feministas que concebem a divisão sexual como duas categorias que se excluem mutuamente. A tipificação desenvolvida por van Leeuwen apresenta-se aqui ainda particularmente adequada considerando-se os conceitos de gênero social discutidos no Capítulo 2 desta tese, os quais podem ser agrupados em termos de oposição, relação, excesso, super-representação, hierarquia, construção e hibridez. Essas são possibilidades pelas quais os atores sociais são representados nos discursos em termos de gênero.

No Capítulo 3, ao registrar-se a conceituação dos níveis de análise integrantes do modelo tridimensional idealizado por Fairclough, foi relatado também que, para o autor, o exame dos textos, por vezes, sobrepõe-se ao das práticas sociais. Essa possibilidade não se apresenta como um problema para a sequência desta investigação, pois está contemplada na concepção de gênero social como uma categoria analítica relacional, não somente entre os sexos, mas também entre as representações de gênero e as práticas sociais. A esse respeito,

Jane Flax (1991, p.233) avalia que a análise da construção do gênero somente como textualização pode resultar na negação das práticas sociais implicadas, obscurecendo-se as relações de dominação, uma vez que os poderes são distribuídos em diversas instâncias da sociedade.

Nesta tese, a microanálise dos textos inicia-se pelo exame da forma pela qual os participantes do discurso são nomeados. Para tanto, apresenta-se um levantamento do emprego de nomes próprios e das anáforas utilizadas para pessoas, uma vez que o modo pelo qual os atores são referidos pode revelar a posição de sujeito assumida pelo produtor do texto. Esses dados são, inicialmente, dispostos sob a forma de quadros, sendo, após, organizados em tabelas e ilustrados em gráficos. A seguir, esses dados são retomados e analisados qualitativamente, quando se passa à macroanálise.

Ainda que a representação dos atores masculinos não seja examinada nesta segunda parte, os dados numéricos concernentes a eles são também organizados segundo acima referido. Esse levantamento preliminar é operacional à segunda parte da análise, na qual a investigação da representação de mulheres é efetuada, em alguns momentos, relacionalmente à nomeação e categorização dos atores masculinos. Essa dinâmica coaduna-se, novamente, ao conceito de gênero social enquanto categoria analítica relacional.

Considerando-se ser a língua um “potencial de significados” (cf. HALLIDAY, 1970), há sempre alternativa linguística a certa maneira de representação, por conseguinte, a escolha dos vocábulos não é inocente. Mikhail Bakhtin (1992, p.46) já havia escrito que o signo é uma arena na qual se embatem os significados, possuindo, tal como Juno, duas faces, pois “Toda crítica viva pode tornar-se elogio, toda verdade viva não pode deixar de parecer para alguns a maior das mentiras”. Segundo o mesmo autor, o signo ideológico é reacionário, estabilizando, nos termos da ideologia dominante, valores do passado. Observando essa faceta do signo, juntamente com o modelo de análise integrada proposto pela Análise Crítica do Discurso, quando pertinente, serão examinadas as práticas sociais que acompanham as escolhas de nomeação dos atores citados nos textos. Algumas obras que complementam essas análises serão referidas pontualmente.

## 4 ANÁLISE DOS DADOS

De acordo com a Gramática Normativa (GN) (BECHARA, 2007, p.44-50), são seis os estratos gramaticais possíveis na língua portuguesa, que vão do elemento mínimo ao mais amplo: monema → palavra → grupo de palavras → cláusula → oração → texto. Esses estratos possuem propriedades, pelas quais seus elementos relacionam-se sintagmática ou paradigmaticamente com os demais componentes superiores ou inferiores da língua. Nesse marco teórico, denomina-se *antitaxe* ou *substituição* a retomada ou antecipação de uma unidade, de qualquer estrato gramatical, esteja ela presente ou virtualmente presente na “cadeia falada”. A *substituição* refere-se aos lexemas (palavras ou grupo de palavras), ao passo que a *antitaxe* denomina uma substituição mais ampla, podendo ocorrer em todos os níveis gramaticais. A *antitaxe* pode se dar sob forma de antecipação, ou “representação antes” (*catáfora*), ou de retomada, a saber, a “representação depois” (*anáfora*). Ela deve ser tanto analisada sintagmaticamente, em sua materialidade linguística, quanto paradigmaticamente, visto que,

A rigor, a antitaxe é um fenômeno “transfrásico”, um fenômeno do plano do “discurso” ou do “texto”, uma parte porque concerne à constituição do discurso como tal, à estruturação material e funcional da cadeia falada, conforme as relações presentes na própria cadeia, e por outra parte, porque ela ignora as fronteiras entre orações, funcionando independentemente dessas fronteiras tão bem numa só e mesma oração como em várias orações ao mesmo tempo e, quase sempre, além dos limites entre as orações. Daí este fenômeno pertencer ao domínio da linguística do texto. (ibid., p.50).

Pelo excerto, pode-se depreender que a GN reconhece a importância da antitaxe para a análise do discurso, ainda que este não integre seu esquema de estratos gramaticais, os quais alcançam até o texto, conforme acima registrado. Desse modo, o “fenômeno” pertence “ao domínio da linguística do texto”, pois o “plano do discurso” corresponde ao

[...] *sentido*, que é o “dito” por meio do texto, isto é, o especial conteúdo linguístico que se expressa mediante a designação e o significado, sentido que, num discurso individual, vai além desses outros conteúdos e que corresponde às atitudes, intenções ou suposições do falante. (ibid., p.35-36).

São exatamente esses “outros conteúdos” que integram também os níveis da língua previstos pela Gramática Sistemico-Funcional (GSF), como ilustrado na Figura 1.

Maria Helena de Moura Neves (2000), uma das intérpretes da GSF para a língua portuguesa, analisa haver dois tipos de referência: a *situacional* e a *textual*. Sua classificação dá-se em conformidade com o local ocupado pelo enunciador e pelo referente, dentro ou fora do texto. Ambas podem ser expressas por palavras cuja função primeira seja nomear, como os substantivos, ou por palavras eminentemente *fóricas*, como os pronomes, cuja função específica é a referência. Para a autora (NEVES, 2000, p.102, 242, 391-392, 449-450, 494, 496, 498, 503, 559, 569),

- a) a *referenciação exófora*, *dêitica* ou *situacional* ocorre quando a definição do objeto ou ser referido encontra-se no contexto extralinguístico; há referência a um interlocutor que pertença ao circuito da comunicação, ou a uma situação externa ao texto; os pronomes pessoais, os pronomes demonstrativos (*isto*, *isso*), os pronomes indefinidos, os predicativos do sujeito ou os sintagmas nominais podem desempenhar essa função; e
- b) a *referenciação textual* ou *endófora* verifica-se quando a definição dos seres ou objetos encontra-se no próprio texto; ela se divide em *anáforica*, quando recupera um elemento já citado no texto, ou *catafórica*, quando está em uma porção posterior do texto, ainda a ser enunciado; pode se expressar por meio de sintagmas nominais, pronomes de terceira pessoa (geralmente), advérbios de modo, artigos ou sintagmas referenciais (artigo definido + nome).

Conforme indicado por Bechara (op. cit.), no nível do texto, esses conceitos são desenvolvidos em trabalhos orientados pela Linguística Textual. Luiz Antônio Marcuschi (1983, p.25), outro intérprete da GSF, reitera que a anáfora constitui um dos mecanismos de referência endofórica por meio da retomada de entidades já introduzidas no texto, enquadrando-se entre os recursos de coesão, responsáveis pela “estruturação da sequência superficial do texto”. Ela se reporta tanto a expressões, como a enunciados, conteúdos ou contextos textuais, ou seja, a noção de correferencialidade não se dá de modo estrito, nem sempre havendo congruência morfossintática entre a anáfora e seu antecedente, podendo não existir uma dependência semântica explícita de “B” em relação a “A” (MARCUSCHI, 2001, p.219-220); logo, a anáfora não ocorre apenas mediante os marcadores enumerados por Neves (2000), podendo ser a coesão somente inferida. Marcuschi (op. cit., p.218) escreve também que o referente pode não estar explícito no texto, devendo ser o sentido construído com o apoio de aspectos sociocognitivos, “que permitem repensar tópicos gramaticais na interface com a semântica e a pragmática”. Nesse caso, tem-se a *anáfora indireta*.

Ingedore V. Koch (2001, p.75), também leitora de Halliday, amplia a função da referenciação, definindo-a como uma atividade “cognitivo-discursiva e interacional, realizada por sujeitos sociais”. A coesão constitui, ainda, uma “manifestação superficial de coerência” no texto, conectando sentidos e atribuindo-lhe “textualidade” (cf. KOCH, 1992, p.19). Para a autora, os referentes são objetos de discurso, escolhidos estrategicamente por sujeitos no decorrer dessa atividade. A anáfora, portanto, não se resume a um instrumento coesivo de retomada de entidades já citadas no texto, mas opera igualmente como elemento de coesão e indicador de escolhas discursivas. Desse modo, seu estudo pode subsidiar tanto a análise do discurso, como das práticas sociais a ele relacionadas, nos termos do método proposto pela ACD.

Os Quadros 10 a 17 registram os casos de referências endofóricas, a pessoas, encontradas nos textos que integram o *corpus* desta tese. Neles, são arroladas somente as anáforas de mesmo significante indicadas por meio de idêntica unidade lexical – neste caso, o nome próprio do referente – ou mediante sintagmas nominais (o núcleo é um nome ou pronome) e sintagmas referenciais (artigo definido + nome). Nessa listagem, foram desconsiderados os títulos das matérias, boxes, olhos (antetítulos e entretítulos), as citações e os infográficos.<sup>47</sup>

Quanto à forma de representação dos atores no discurso (cf. VAN LEEUWEN, 1997), nas colunas *Primeira nomeação* e *Anáfora*, dos Quadros 10 a 17, são listadas as escolhas lexicais para nomeação das pessoas mencionadas no texto por meio da escolha representacional da *personalização*. Já na coluna *categorização*, aparecem referências à posição ocupada pelo nomeado na sociedade ou à função desempenhada. Alcinhas, epítetos ou nomes artísticos pelos quais figuras públicas são conhecidas foram classificados segundo os mesmos critérios das demais nomeações. Eles foram considerados casos de *informalização*, quando a nomeação recebe contornos de *categorização*, conforme veremos adiante. Nas Tabelas 2, 4, 6, 7 e 9, são quantificadas as referências listadas nos Quadros 10 a 17 e, nas Tabelas 3, 5, 8 e 10, é classificada a “ordem de escolhas” (cf. VAN LEEUWEN, 1997, p.172) pelas quais os atores são representados.

As categorias foram estabelecidas consoante a taxionomia proposta por Theo van Leeuwen (1997) para os atores *incluídos* no discurso, quando eles são materializados linguisticamente no texto de acordo com os papéis a eles atribuídos. Sob essa vertente (cf.

<sup>47</sup> *Antetítulo*: “Breve enunciado que antecede o título propriamente dito e que lhe serve de apoio, vindo acima dele.”; *boxe*: “Texto breve [...] para suplementar informações objeto de notícia ou reportagem [...] delimitado por cercadura; *entretítulo*: “Pequeno título intercalado na matéria jornalística extensa para torná-la mais atraente do ponto de vista gráfico, facilitar sua leitura ou, ainda, destacar alguma particularidade.”; *infográficos*: quadros, gráficos, tabelas e mapas que ilustram ou resumem uma matéria (GUILHERME, 1996, p.15, 21, 45-46; FOLHA DE S. PAULO, 2001, p.113).

ibid., p.172), ao se centralizar a análise no *ator social*, incidem sobretudo categorias sociológicas, em vez de categorias linguísticas, embora van Leeuwen não negue o aporte da gramática para se efetuar o estudo de um texto segundo a Análise Crítica do Discurso, ele mesmo utilizando categorias propostas por M. Halliday. O que van Leeuwen propõe é, antes, o estabelecimento da relevância da forma pela qual as representações sociais adquirem materialidade nos textos, ou seja, o porquê de haver certas escolhas gramaticais em detrimento de outras (cf. ibid., p.169). Nessa concepção, a rede de sistemas que envolve a representação dos atores sociais junta elementos normalmente separados, por analistas, nos níveis léxico-gramatical, do discurso, da referência, do grupo nominal, das figuras de linguagem e outros (cf. ibid., p.216).

Computando-se as principais categorias e suas subdivisões, o esquema proposto por van Leeuwen (1997) para análise dos atores sociais soma cinquenta categorias (Fig. 11). Para análise do *corpus* desta tese, dado o caráter pontual de análise dos atores, qual seja, a *nomeação*, anáfora e categorização, não foram incluídas todas as classificações propostas pelo autor, pois algumas exigiriam o exame detalhado de cada texto, o que não é o propósito deste estudo, de natureza mais transversal. Aqui, foram selecionadas dezoito categorias (Fig. 12), considerando-se, para tanto, os conceitos de gênero social discutidos anteriormente, os quais podem ser agrupados em termos de oposição, relação, excesso, super-representação, hierarquia, construção e hibridez, conforme apontado no Capítulo 3 deste trabalho.

A primeira grande divisão no esquema de van Leeuwen ocorre entre *exclusão* e *inclusão*. A representação dos atores *incluídos* nos textos divide-se, em um primeiro nível, entre *personalização* e *impersonalização*. A personalização compõe-se de duas grandes divisões, a *categorização* e a *nomeação*, estas também divididas em várias formas de representação. Nesta tese, as categorizações analisadas serão a *funcionalização*, a *identificação* (classificação, identificação relacional e identificação física) e a *avaliação*. Quanto às formas de *nomeação*, serão consideradas a *formalização*, a *semiformalização*, a *informalização* e a *titulação* (honorificação e afiliação).

Algumas ocorrências listadas nos quadros são lançadas mais de uma vez nas tabelas, por se enquadrarem em diversas categorias, não sendo essa múltipla classificação excludente, mas complementar. Os números organizados nas Tabelas 3, 5, 8 e 10 são ilustrados nos Gráficos 7, 8, 9, 10, 11 e 12, e as categorias são comentadas na sequência, acompanhadas dos exemplos mais relevantes. Entre os textos selecionados para cada número das revistas, um deles é examinado mais detidamente, por ser *exemplar* quando à forma de representação das mulheres, ao super-representar os atores textualizados.



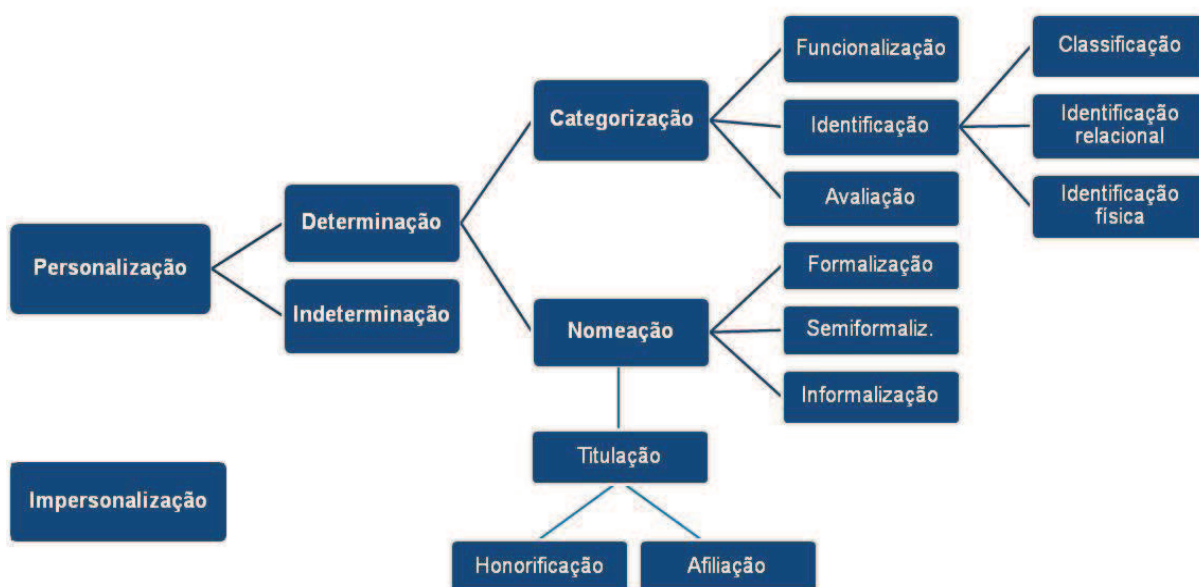


Figura 12 – Categorias seleccionadas para análise.  
 Fonte: van Leeuwen, 1997, p. 219.

#### 4.1 Os atores em *Carta Capital*

Os Quadros 10 e 11, a seguir, registram as escolhas lexicais para nomeação e categorização de homens e mulheres nos textos seleccionados de *Carta Capital*, março de 2009. Após os comentários iniciais, os dados são consolidados na Tabela 2 e categorizados na Tabela 3. Essa categorização é ilustrada no Gráfico 7.

**Quadro 10 – Representação de mulheres em *Carta Capital*, 2009<sup>48</sup>**

| Primeira nomeação                          | Anáfora                                                               | Categorização                                                                                                                   | Código do texto |
|--------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------|
| A mãe do presidente Lula<br>Aciene Almeida | a mãe de Lula / dona Lindu<br>a viúva, Aciene; ela; a viúva de Mattos | sua mulher [do ex-vereador Manoel Mattos]; a professora de Português; dirigente do PT em Itambé inglesa                         | CC01<br>CC05    |
| Amy Winehouse                              | Amy Winehouse                                                         |                                                                                                                                 | CC01            |
| Ana Claudia Veiga de Castro                | A arquiteta; [d]a pesquisadora                                        |                                                                                                                                 | CC11            |
| Ana Júlia Carepa                           | a governadora                                                         | governadora do Pará                                                                                                             | CC02            |
| Anatalina Lourenço da Silva                | a docente; ela; Anatalina; a professora; a professora Anatalina       | Professora de História e Sociologia; 40 anos                                                                                    | CC06            |
| Angelina Jolie                             |                                                                       |                                                                                                                                 | CC10            |
| Anita Malfatti                             |                                                                       | a artista que Lobato criticara de forma dura                                                                                    | CC11            |
| Anna Römer                                 | Anna                                                                  | A mãe de Teresa [Therese Von Behr]; descendente de família nobre que reunia músicos, escritores e pintores                      | CC12            |
| Beth Carvalho                              |                                                                       |                                                                                                                                 | CC01            |
| Beyoncé Knowles                            |                                                                       |                                                                                                                                 | CC10            |
| Carla Bruni                                |                                                                       | primeira-dama francesa                                                                                                          | CC01            |
| Carla Maia                                 | a curadora; Carla Maia                                                | curadora da mostra                                                                                                              | CC13            |
| Chantal Akerman                            | a cineasta, hoje com 58 anos; Akerman; a cineasta belga               | a então estudante; ativista feminista; Neta e filha de judeus                                                                   | CC13            |
| Dilma Rousseff                             | Dilma                                                                 | ministra                                                                                                                        | CC01            |
| Dilma Rousseff                             | a ministra Dilma                                                      | [d]a ministra                                                                                                                   | CC07            |
| Flávia Bittencourt                         | a executiva                                                           | diretora de Marketing da Oi                                                                                                     | CC08            |
| Flávia Lefèvre                             | Lefèvre                                                               | advogada; autora da ação da Pro Teste e ex-integrante do Conselho Consultivo da Anatel                                          | CC08            |
| Glenda Kozlowski                           | La Kozlowski                                                          | é um show                                                                                                                       | CC10            |
| Helena Silveira                            | A escritora paulista; Helena                                          |                                                                                                                                 | CC11            |
| Joana Havelange                            |                                                                       | filha de [Ricardo] Teixeira / de quem se diz falar quatro idiomas e se sabe ter tido uma grife de bolsas no Rio de Janeiro      | CC02            |
| Margaret Mee                               | Mee; Margaret Mee                                                     | botânica inglesa                                                                                                                | CC12            |
| Maria Beltrão                              |                                                                       |                                                                                                                                 | CC10            |
| Maria Bethânia                             |                                                                       | irmã do próprio cantor [Jackson do Pandeiro]                                                                                    | CC01            |
| Maria Eugenia Boaventura                   | a pesquisadora Maria Eugênia Boaventura                               | professora de Teoria Literária da Unicamp; responsável pela reedição aumentada; também autora da biografia de Oswald de Andrade | CC11            |
| Maria Helena Guimarães de Castro           | a secretária Maria Helena                                             | secretária estadual de Educação [SP]                                                                                            | CC06            |
| Maria Izabel Noronha                       | a sindicalista                                                        | presidente da Apeoesp                                                                                                           | CC06            |
| Marina Silva                               |                                                                       | senadora e ex-ministra do Meio Ambiente                                                                                         | CC02            |

<sup>48</sup> A grafia de todas as palavras foi mantida como nos textos originais.

| Primeira nomeação                                   | Anáfora                                                                                                      | Categorização                                                                                                                                                                                          | Código do texto |
|-----------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------|
| Meryl Streep                                        |                                                                                                              | medonha indumentária                                                                                                                                                                                   | CC10            |
| Nair dos Anjos                                      |                                                                                                              | mãe de Mattos [ex-vereador Manoel Mattos]                                                                                                                                                              | CC05            |
| Nibia Sabalsagaray                                  | o corpo; Níbia                                                                                               | professora de Literatura                                                                                                                                                                               | CC04            |
| Pitty                                               | a cantora Pitty                                                                                              | roqueira baiana                                                                                                                                                                                        | CC01            |
| Rosemary Souto Maior de Almeida                     | (d)a promotora; A promotora Rosemary                                                                         | promotora de Justiça de Pernambuco                                                                                                                                                                     | CC05            |
| Sharon Stone                                        |                                                                                                              | deve ter adquirido sua roupa num sex shop                                                                                                                                                              | CC10            |
| Sophia Loren                                        |                                                                                                              | divina                                                                                                                                                                                                 | CC10            |
| Therese von Behr                                    | Therese; Teresa, como ela própria se traduz;<br>Therese von Behr; A noiva; A jovem lituana;<br>a aquarelista | mãe [do poeta Nicolas Behr]; Misto de dona-de-casa e naturalista autodidata; 78 anos; a lituana; dama do cerrado; ganhou o título de baronesa para o qual torce o nariz; muito desconfiada; orgulhosa; | CC12            |
| Uma neurocientista americana                        | a estudiosa do Lafayette College, da Pensilvânia; [d]a neurocientista                                        |                                                                                                                                                                                                        | CC09            |
| Uma psicóloga da eminente Universidade de Princeton |                                                                                                              |                                                                                                                                                                                                        | CC09            |
| Verônica                                            |                                                                                                              | irmã [de Francisco Müssnich]                                                                                                                                                                           | CC02            |

Quadro 11 – Representação de homens em *Carta Capital*, 2009

| Primeira nomeação          | Anáfora                                                                                                                                                    | Categorização                                                            | Código do texto |
|----------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------|-----------------|
| Adelir de Carli            |                                                                                                                                                            | padre dos balões / o padre do acidente dos balões                        | CC01            |
| Alceu Valença              |                                                                                                                                                            |                                                                          | CC01            |
| Alexandre Silveira         |                                                                                                                                                            | responsável pela parte financeira                                        | CC02            |
| Anatol Von Behr            | Anatol; [d]o rapaz; o noivo                                                                                                                                | futuro marido [de Therese Von Behr]                                      | CC12            |
| Andy Warhol                |                                                                                                                                                            | [cineasta]                                                               | CC13            |
| Antonio Carlos Valente     |                                                                                                                                                            | presidente da Telebrasil                                                 | CC08            |
| Antonio Fernando de Souza  |                                                                                                                                                            | procurador-geral                                                         | CC05            |
| Bernie Madoff              |                                                                                                                                                            | ex-presidente da Nasdaq                                                  | CC10            |
| Blairo Maggi               |                                                                                                                                                            |                                                                          | CC02            |
| Bush                       |                                                                                                                                                            | ex-presidente                                                            | CC01            |
| Caetano Veloso             | Caetano                                                                                                                                                    | famoso                                                                   | CC01            |
| Carlos de La Corte         |                                                                                                                                                            | arquitecto                                                               | CC02            |
| Carlos Drummond de Andrade |                                                                                                                                                            | poeta                                                                    | CC11            |
| Carlos Jamil Cury          |                                                                                                                                                            | educador; professor da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais  | CC06            |
| Carlos Jereissati          |                                                                                                                                                            | empresário                                                               | CC07            |
| Carlos Langoni             | Carlos Langoni                                                                                                                                             | diretor-financeiro do Comité Organizador; ex-presidente do Banco Central | CC02            |
| Cassiano Marques           | Marques                                                                                                                                                    | secretário de Turismo                                                    | CC02            |
| Cesar Alvarez              |                                                                                                                                                            | um dos assessores do presidente [Lula]                                   | CC05            |
| Cesare Battisti            | personagem ainda preso na Papuda; Battisti; o missivista; o romancista [ironia]; ex-terrorista; Cesare Battisti; O protegido de Mercúrio [senador Suplicy] |                                                                          | CC03            |
| Charles Darwin             | Darwin                                                                                                                                                     |                                                                          | CC09            |
| Chico Buarque              |                                                                                                                                                            |                                                                          | CC01            |
| Chico Mendes               |                                                                                                                                                            |                                                                          | CC02            |
| Cid Gomes                  | o governador; Cid Gomes; Gomes                                                                                                                             | o governador                                                             | CC02            |
| Claudio Roberto Borges     |                                                                                                                                                            | ex-PM e funcionário da prefeitura de Pedras de Fogo                      | CC05            |
| Daniel Dantas              | Daniel                                                                                                                                                     | Controlador da operadora Brasil Telecom                                  | CC02            |
| Danny Boyle                |                                                                                                                                                            |                                                                          | CC10            |
| Dick Wiles                 |                                                                                                                                                            | norte-americano; da Match, empresa...                                    | CC02            |
| Eça de Queirós             |                                                                                                                                                            |                                                                          | CC11            |
| Edmar Moreira              | Edmar Moreira; deputado Braga                                                                                                                              |                                                                          | CC01            |
| Eduardo Braga              |                                                                                                                                                            | governador do Amazonas                                                   | CC02            |
| Eduardo Campos             |                                                                                                                                                            | governador (PE)                                                          | CC05            |

| Primeira nomeação         | Anáfora                                                                                                                                                | Categorização                                                                                                                                     | Código do texto |
|---------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------|
| Eduardo Matarazzo Suplicy | o senador; eminente parlamentar petista; Carteiro, intérprete, mentor, patrocinador, anjo da guarda, padroeiro? [ironias]; o senador Suplicy; Mercúrio | senador                                                                                                                                           | CC03            |
| Fábio Assunção            |                                                                                                                                                        | ator /detido em companhia de um suposto traficante                                                                                                | CC01            |
| Fernando Ferro            | Ferro; o deputado Ferro; o deputado                                                                                                                    | deputado federal do PT; da Paraíba                                                                                                                | CC05            |
| Francisco Müsnich         | Müsnich                                                                                                                                                | advogado / de estilo um tanto heterodoxo                                                                                                          | CC02            |
| Frederico Branco          |                                                                                                                                                        | repórter; cronista                                                                                                                                | CC11            |
| Fulvio Danilas            |                                                                                                                                                        | superintendente de serviços públicos da agência [Anatel]                                                                                          | CC02            |
| Giberto Alves             | Alves                                                                                                                                                  |                                                                                                                                                   | CC08            |
| Graciliano Ramos          |                                                                                                                                                        |                                                                                                                                                   | CC11            |
| Greenhalgh                | Greenhalgh                                                                                                                                             | advogado                                                                                                                                          | CC03            |
| Gregorio Alvarez          |                                                                                                                                                        | general; ditador de 1981 a 1985                                                                                                                   |                 |
| Gustavo Gindre            | Gindre                                                                                                                                                 | coordenador-geral do Instituto de Estudos e Projetos em Comunicação e Cultura (Indecs) e integrante eleito do Comitê Gestor da Internet no Brasil | CC08            |
| Gustavo Gominho           |                                                                                                                                                        | o secretário [de Segurança da Paraíba]                                                                                                            | CC05            |
| Hamilton Bernardes Jr.    | Bernardes Jr.                                                                                                                                          | prefeito [de Pedreira]                                                                                                                            | CC08            |
| Harry Belafonte           |                                                                                                                                                        |                                                                                                                                                   | CC01            |
| Henrique                  | Henrique                                                                                                                                               | filho [de Gherese von Behr]; o[s] menino[s]; ilustrador                                                                                           | CC12            |
| Hugh Jackman              |                                                                                                                                                        | australiano                                                                                                                                       | CC10            |
| Inácio Flávio Pereira     |                                                                                                                                                        | sargento da PM paraibana                                                                                                                          | CC05            |
| Jackson do Pandeiro       |                                                                                                                                                        |                                                                                                                                                   | CC01            |
| Jean-Luc Godard           |                                                                                                                                                        |                                                                                                                                                   | CC13            |
| Jimmy Mohlala             |                                                                                                                                                        | parlamentar sul-africano                                                                                                                          | CC02            |
| Joãosinho Trinta          | Joãosinho Trinta; o metteur-em-scène da avenida; o Joãosinho                                                                                           | Expert em adereços e penduricalhos; fiscal de figurinos e alegorias                                                                               | CC10            |
| John James Audubon        |                                                                                                                                                        | ornitólogo e naturalista franco-americano                                                                                                         | CC12            |
| Jonas Mekas               |                                                                                                                                                        | [cineasta]                                                                                                                                        | CC13            |
| Jorge Amado               |                                                                                                                                                        |                                                                                                                                                   | CC11            |
| José Antonio Muniz        |                                                                                                                                                        | presidente da Eletrobrás                                                                                                                          | CC07            |
| José da Silva Martins     |                                                                                                                                                        | ex-agente penitenciário                                                                                                                           | CC05            |
| José Dirceu               | Dirceu                                                                                                                                                 | ex-ministro                                                                                                                                       | CC03            |
| José Francisco Soares     | Soares                                                                                                                                                 | especialista em avaliações educacionais; professor da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)                                                 | CC06            |
| José Maranhão             |                                                                                                                                                        | governador (PB)                                                                                                                                   | CC05            |
| José Nilson Borges        |                                                                                                                                                        | entregador                                                                                                                                        | CC05            |
| José Serra                |                                                                                                                                                        | o governador                                                                                                                                      | CC06            |
| Joseph Baltter            |                                                                                                                                                        |                                                                                                                                                   | CC02            |
| Julio Maria Sanguinetti   |                                                                                                                                                        | ex-presidente e atual senador colorado                                                                                                            | CC04            |

| Primeira nomeação           | Anáfora                                                  | Categorização                                                                                      | Código do texto |
|-----------------------------|----------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------|
| Júlio Verne                 |                                                          | autor                                                                                              | CC11            |
| Lenine                      |                                                          | colega músico / criador de Quanta Ladeira                                                          | CC01            |
| Leonardo Mendes             | Mendes                                                   | professor da Unicamp; coordenador do Laboratório de Redes de Comunicações                          | CC08            |
| Luiz Couto                  | Couto; deputado Couto                                    | deputado federal do PT; da Paraíba                                                                 | CC05            |
| Lula                        |                                                          |                                                                                                    | CC01            |
| Lula                        | Lula; o presidente                                       | presidente                                                                                         | CC05            |
| Lula Quiroga                |                                                          | colega músico/ criador de Quanta Ladeira                                                           | CC01            |
| Manoel Mattos               | Mattos; O advogado                                       | advogado e assessor do deputado Ferro; Ex-vereador em Itambé (PE); vice-presidente do PT no estado | CC05            |
| Márcio Fabris               |                                                          | diretor de produtos residenciais da Telefônica                                                     | CC08            |
| Mário de Andrade            | Mário                                                    |                                                                                                    | CC11            |
| Mário Rosa                  |                                                          | especialidade em gerenciar escândalos e crises de imagem                                           | CC02            |
| Mauro Celso                 |                                                          | cantor                                                                                             | CC01            |
| Menotti Del Picchia         | Menotti; o autor; Menotti Del Picchia                    | outro participante da Semana de 22; híbrido, saudosista da cidade eclética [...] mas consciente    | CC11            |
| Michel Temmer               | Temer                                                    | presidente da Câmara dos Deputados (PMDB-SP)                                                       | CC05            |
| Miguel                      | Miguel                                                   | filho [de Therese von Behr]; o[s] menino[s]; ambientalista; biólogo                                | CC12            |
| Monteiro Lobato             | Lobato                                                   |                                                                                                    | CC11            |
| Murilo Ramos                | Ramos                                                    | Professor da Universidade de Brasília e um dos maiores especialistas em telecomunicações do País   | CC08            |
| Nicolas Behr                | Nicolas                                                  | o poeta; filho [de Gherese von Behr]; [o]s menino[s]; poeta da geração mimeógrafo                  | CC12            |
| Nilton Vasconcelos          | Vasconcelos                                              | secretário de Transporte, Renda e Emprego                                                          | CC02            |
| Obama                       |                                                          |                                                                                                    | CC01            |
| Orlando Silva               |                                                          | ministro do Esporte                                                                                | CC02            |
| Oscar Niemeyer              | Oscar Niemeyer                                           |                                                                                                    | CC01            |
| Oswald de Andrade           | Oswald de Andrade; [pel]o escritor; Oswald; O modernista | aos 62 anos, o sempre moderno, o rei da <i>boutade</i> , o herói das letras; maduro                | CC11            |
| Paulo de Tarso Zuquim Antas | Zuquim Antas; Zuquim                                     | ornitólogo                                                                                         | CC12            |
| Pedro Luiz                  |                                                          | cantor                                                                                             | CC01            |
| Pepeu Gomes                 |                                                          |                                                                                                    | CC01            |
| Raymundo Faoro              |                                                          |                                                                                                    | CC03            |
| Ricardo Teixeira            | Teixeira; Ricardo Teixeira                               | diretor-presidente da Associação Brasil 2014                                                       | CC02            |
| Rodrigo Paiva               |                                                          | assessor de imprensa da CBF e da seleção brasileira                                                | CC02            |
| Rogério Santanna            | Santanna; O secretário                                   | do Ministério do Planejamento, também integrante do Comitê Gestor da Internet                      | CC08            |
| Romualdo Portela            | Portela; o educador                                      | especialista em avaliação e professor da Universidade de São Paulo                                 | CC06            |
| Ronaldo                     |                                                          |                                                                                                    | CC01            |
| Sergio Andrade              |                                                          | empresário                                                                                         | CC07            |

| Primeira nomeação      | Anáfora                             | Categorização                                      | Código do texto |
|------------------------|-------------------------------------|----------------------------------------------------|-----------------|
| Sérgio Cabral          | o governador                        | o governador [do Rio de Janeiro]                   | CC02            |
| Sérgio Haddad          |                                     | sociólogo; presidente da ONG Ação Educativa        | CC06            |
| Silvio Berlusconi      |                                     | ventríloquo                                        | CC03            |
| Silvio Torres          |                                     | deputado federal   PSDB-SP                         | CC02            |
| Stan Brakhage          |                                     | [cineasta]                                         | CC13            |
| Stephen Spender        | intelectual                         | poeta inglês                                       | CC11            |
| Tabaré Vázquez         |                                     | atual presidente                                   | CC04            |
| Tarso Genro            | o ministro Tarso Genro; Genro       | ministro da Justiça                                | CC03            |
| Tarso Genro            | ministro Genro; ministro da Justiça | ministro da Justiça                                | CC05            |
| Thierry Weil           | Thierry Weil                        | francês; diretor de Marketing da Fifa              | CC02            |
| Valder Nogueira        |                                     | analista da Itaú Corretora                         | CC08            |
| Walter Feldman         | Feldman                             | secretário de Esportes da cidade de São Paulo      | CC02            |
| Walter Pinheiro        |                                     | deputado petista                                   | CC07            |
| William Salles Damázio | Ele                                 | então superintendente regional da PF em Pernambuco | CC05            |
| Yuri Bastos            | Bastos                              | secretário de Desenvolvimento do Turismo           | CC02            |
| Zé da Flauta           |                                     | produtor musical, um dos criadores do bloco        | CC01            |

De imediato, o que se constata nos Quadros 10 e 11 é a referência muito superior a atores masculinos comparativamente aos femininos, assimetria que se repete nos Quadros 12 a 17, como veremos adiante. Esse dado vai ao encontro do resultado de pesquisas efetuadas por outros autores segundo as quais não só é reduzida a presença de mulheres em matérias e capas de jornais das principais revistas semanais brasileiras, como também suas representações de gênero são acompanhadas de estereótipos quanto ao papel feminino na vida pública (e.g. BIROLI, 2010; FUNCK, 2007; GOLZIO, 2003). Tal sub-representação é análoga à menor inserção de mulheres em espaços formais de poder político, decisório ou econômico, ocupando elas, geralmente, posições de menos prestígio. Mesmo mulheres de destaque nacional detêm espaços restritos nessas publicações, pois os “[...] estereótipos são reproduzidos de acordo com as rotinas produtivas dos meios de comunicação de massa e as perspectivas sociais dos jornalistas, definindo quais os temas e vozes que constituem as notícias.” (BIROLI, 2010, p.47).

Sob uma perspectiva das relações de gênero, essas escolhas quanto aos temas e às vozes obedecem a um sistema simbólico de hierarquias sociais, no qual os sexos são relacionados a conteúdos específicos, de acordo com fatores políticos e econômicos da sociedade (cf. LAURETIS, 1994, p.211). Novamente, essas afirmações confirmam-se pelos índices dos quadros, pois seis dos treze textos dessa edição de *Carta Capital* selecionada para análise trazem assuntos relacionados a política (CC02, CC03, CC04, CC05, CC07) e tecnologia (CC08), ocupando 27 páginas do total de 39. Mulheres são mais citadas em matérias que tratam de cultura e sociedade, e de forma peculiar, como se verá adiante. Na Tabela 2, são quantificadas as referências listadas nos Quadros 10 e 11. Note-se haver aproximação interessante com os números apresentados no Quadro 2 desta tese, segundo o qual a percentagem de leitoras de *Carta Capital* é de 36%, e o de leitores, de 64%.

**Tabela 2 – Total de referências a atores femininos e masculinos em *Carta Capital*, 2009**

| Sexo         | 1ª Referência | Anáfora | Total | %     |
|--------------|---------------|---------|-------|-------|
| Feminino     | 40            | 47      | 87    | 31,3% |
| Masculino    | 113           | 78      | 191   | 68,7% |
| <b>TOTAL</b> | 153           | 125     | 278   | 100%  |

Na Tabela 3, a seguir, os atores listados nos Quadros 10 e 11 são classificados conforme as categorias descritas por Theo van Leeuwen (1997), e os números são ilustrados no Gráfico 7.

**Tabela 3 – Representação dos atores em *Carta Capital*, 2009, mulheres e homens**

| CATEGORIAS                           | MULHERES      |           |               | TOTAL      | %*          | HOMENS        |           |               | TOTAL      | %           |
|--------------------------------------|---------------|-----------|---------------|------------|-------------|---------------|-----------|---------------|------------|-------------|
|                                      | 1ª Referência | Anáfora   | Identificação |            |             | 1ª Referência | Anáfora   | Identificação |            |             |
| <b>1) Personalização (Determin.)</b> |               |           |               |            |             |               |           |               |            |             |
| <b>1.1) Nomeação</b>                 |               |           |               |            |             |               |           |               |            |             |
| a) Formalização                      | ---           | 3         | ---           | 3          | 2,2         | 3             | 27        | ---           | 30         | 9,4         |
| b) Semiformalização                  | 34            | 6         | ---           | 40         | 29,0        | 103           | 10        | ---           | 113        | 36,0        |
| c) Informalização                    | 2             | 9         | ---           | 11         | 8,0         | 7             | 9         | ---           | 16         | 5,0         |
| d) Titulação                         |               |           |               |            |             |               |           |               |            |             |
| Honorificação                        | 2             | 1         | 11            | 14         | 10,1        | ---           | 7         | 3             | 10         | 3,1         |
| Afiliação                            | 1             | 1         | 2             | 4          | 2,9         | ---           | ---       | ---           | ---        | ---         |
| <b>1.2) Categorização</b>            |               |           |               |            |             |               |           |               |            |             |
| a) Funcionalização                   | ---           | 19        | 9             | 28         | 20,3        | ---           | 14        | 84            | 98         | 31,0        |
| b) Identificação                     |               |           |               |            |             |               |           |               |            |             |
| Classificação                        | ---           | 3         | 4             | 7          | 5,1         | ---           | ---       | 9             | 9          | 2,8         |
| Identificação relacional             | 1             | 3         | 9             | 13         | 9,4         | ---           | ---       | 4             | 4          | 1,3         |
| Identificação física                 | ---           | 2         | 1             | 3          | 2,2         | ---           | 1         | 4             | 5          | 1,6         |
| c) Avaliação                         | ---           | 3         | 11            | 14         | 10,1        | ---           | 13        | 18            | 31         | 9,8         |
| <b>2) Impersonalização</b>           | ---           | ---       | 1             | 1          | 0,7         | ---           | ---       | ---           | ---        | ---         |
| <b>TOTAL</b>                         | <b>40</b>     | <b>50</b> | <b>48</b>     | <b>138</b> | <b>100%</b> | <b>113</b>    | <b>81</b> | <b>122</b>    | <b>316</b> | <b>100%</b> |

\* Percentual do número de ocorrências sobre o total, por sexo. Valores arredondados.

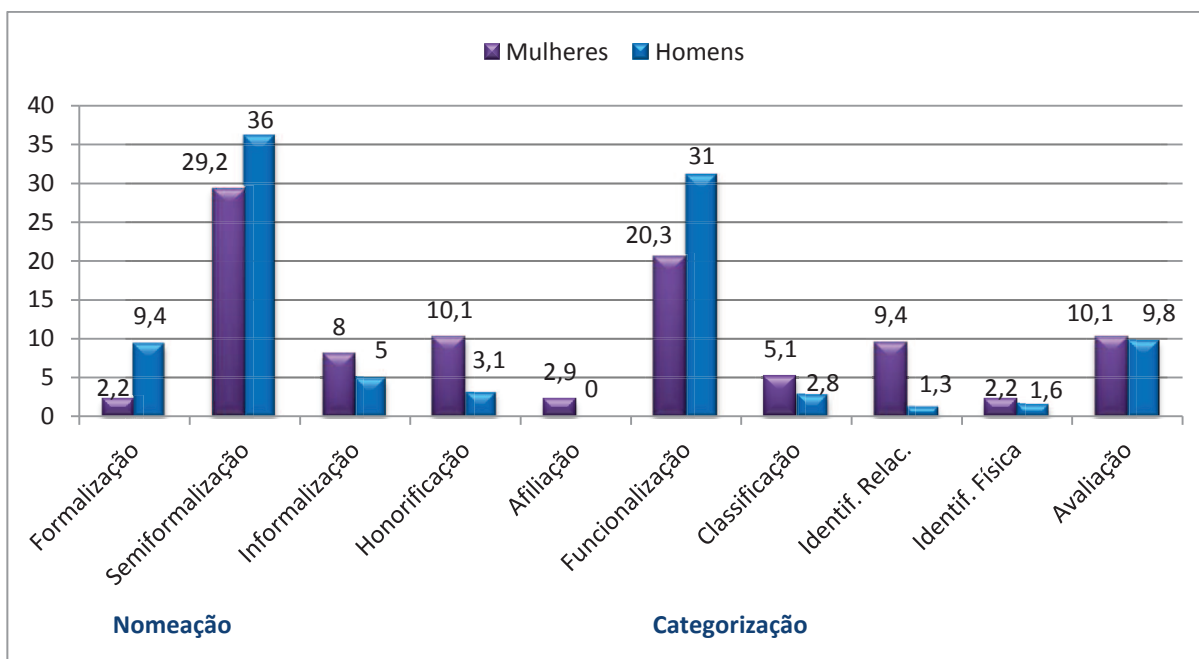


Gráfico 7 – Representação dos atores em *Carta Capital*, 2009, mulheres e homens.

Fonte: Tabela 3; dados organizados pela autora.

Conforme os dados da Tabela 3 e do Gráfico 7, é possível constatar-se que a *semiformalização* constitui a maior ocorrência para as nomeações de mulheres (29,2%) e homens (36%) no conjunto dos textos analisados. Nessa forma de nomeação, os atores são referidos por seu nome próprio e sobrenome. Já na retomada anafórica, há uma desigualdade interessante a registrar: para homens, emprega-se sobretudo a *formalização*, sendo eles aludidos somente pelo sobrenome (9,4%), com ou sem a inclusão de honoríficos; no extremo, as mulheres são nomeadas, na maior parte das vezes (8%) *informalmente*, apenas pelo prenome. Esse grau de formalidade ou informalidade integra uma das três formas pelas quais se materializam os gêneros, o estilo, que expressa o sentido ideacional da linguagem (cf. FAIRCLOUGH, 2006, p.67). Sob essa perspectiva, pode-se afirmar que o *estilo* dos textos adotado para homens é mais formal que aquele utilizado para mulheres.

A *formalização* é adotada em ocorrência anafórica para a advogada Flávia Lefèvre (CC08), a cineasta Chantal Akerman (CC13) e a jornalista Glenda Kozlowski (CC10). Diferente das duas primeiras, esta última não é *funcionalizada* no texto, sendo seu nome retomado sob a forma “La Kozlowski”. A jornalista é mencionada na coluna intitulada *O Carnaval em Mumbai*, sobre a cobertura televisiva da entrega do Oscar e do Carnaval carioca, do qual fez a cobertura para a Rede Globo de Televisão. Aqui, o galicismo presente no artigo “La” antecedendo o sobrenome “Kozlowski” pode ser analisado como um processo de

formação de substantivos próprios compostos pela junção de um epíteto ou cognome (cf. NEVES, 2000, p.109). Na coluna, ele replica um tipo de marca linguística recorrente no subgênero *fofoca*, comum em textos que comentam a vida de celebridades (cf. CASALI, 2007).<sup>49</sup> A escolha é adequada ao texto publicado em *Carta Capital*, no qual diversas atrizes são avaliadas segundo suas roupas e beleza, logo, a jornalista foi alinhada da mesma forma que as personagens femininas do *showbiz*. Semelhante ocorrência não foi verificada para atores masculinos.

O esquema que segue traz todos os nomes próprios arrolados nos Quadros 10 e 11 cuja retomada anafórica deu-se por meio da *informalização*. Na primeira coluna, são listadas as primeiras nomeações e, na segunda, a forma de retomada, seguida de sua categorização. As ocorrências serão comentadas após o esquema.

### Mulheres

|                                  |                                                     |              |
|----------------------------------|-----------------------------------------------------|--------------|
| A mãe do presidente Lula         | → dona Lindu                                        | (CC01)       |
| Dilma Rousseff                   | → Dilma (“ministra”)                                | (CC01; CC06) |
| Níbia Sabalsagaray               | → Níbia (“professora de Literatura”)                | (CC04)       |
| Alcione Almeida                  | → Alcione (“professora de Português”)               | (CC05)       |
| Rosemary Souto Maior de Almeida  | → Rosemary (“promotora de justiça”)                 | (CC05)       |
| Anatalina Lourenço da Silva      | → Anatalina (“professora de História e Sociologia”) | (CC06)       |
| Maria Helena Guimarães de Castro | → Maria Helena (“secretária estadual de Educação”)  | (CC06)       |
| Anna Rômer                       | → Anna (“descendente de família nobre”)             | (CC12)       |
| Therese von Behr                 | → Therese; Teresa (“baronesa”; “naturalista”)       | (CC12)       |

### Homens

|                     |                                                      |        |
|---------------------|------------------------------------------------------|--------|
| Caetano Veloso      | → Caetano (“famoso”)                                 | (CC01) |
| Daniel Dantas       | → Daniel (“Controlador da operadora Brasil...”)      | (CC02) |
| José Dirceu         | → Dirceu (“ex-ministro”)                             | (CC03) |
| Lula                | → Lula (“presidente”)                                | (CC05) |
| Joãosinho Trinta    | → Joãosinho (“o metteur-em-scène da avenida”)        | (CC10) |
| Mário de Andrade    | → Mário                                              | (CC11) |
| Menotti Del Picchia | → Menotti                                            | (CC11) |
| Oswald de Andrade   | → Oswald                                             | (CC11) |
| Anatol von Behr     | → Anatol (“futuro marido”)                           | (CC12) |
| Henrique            | → Enrique (“filho [de Therese von Behr]”)            | (CC12) |
| Miguel              | → Miguel (“filho [de Therese von Behr]”; “biólogo”)  | (CC12) |
| Nicolas Behr        | → Nicolas (“o poeta”; “filho [de Therese von Behr]”) | (CC12) |

Embora essa forma de nomeação pareça ser discrepante daquela mais utilizada nos textos, qual seja, a *semiformalização*, ela possui uma lógica discursiva. Os atores

<sup>49</sup> Os exemplos são abundantes, como nos excertos que seguem: “[...] o frisson ontem ficou por conta do lançamento do romance *Lucíola*, em que Vera Fischer tece uma trama romântico-cindeleiresca [...] foi prestigiado por elenco digno de novela das 9, e pelos filhos de **la Fischer** [...]” (*Vera Fischer rasga o verbo*. Disponível em: <<http://www.hildegardangel.com.br/?p=20458>>. Acesso em: 12 abr. 2013); “[...] Cláudia reestreeu com coragem há pouco mais de um mês na vida de solteira [...] **La Raia**, como é conhecida, é assim: sempre se reinventando, sem jamais perder a majestade.” (ISTOÉ GENTE. *Sensual aos 40*. Disponível em: <<http://www.terra.com.br/istoegente/edicoes/573/artigo182993-1.htm>>. Acesso em: 12 abr. 2013). (Grifos meus).

masculinos referidos informalmente em retomada anafórica enquadram-se, basicamente, em três grupos. a) No primeiro, agrupam-se artistas, escritores e o então presidente da República [Luiz Inácio] Lula [da Silva]. Neste caso, a informalidade adotada pelo articulista pode ser explicada por um dos modos aceitos em nossa cultura para se referirem, somente pelo prenome, personalidades do cenário das artes e letras, uma vez que, dada sua relação com o público, eles se tornam “íntimos” deste. Quanto ao ex-presidente “Lula”, esse foi o epíteto pelo qual o político fez-se conhecer desde seus tempos de atuação no Sindicato de Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema, sendo aceitável que o articulista tenha adotado essa forma para representá-lo. b) No segundo grupo, estão o empresário Daniel Dantas e o político José Dirceu, ambos envolvidos em operações ilícitas. Nesta ocorrência, a utilização do prenome para retomada anafórica constitui claro recurso para diminuição dos atores. Além disso, em CC02, o prenome conota explicitamente *intimidade* entre dois atores envolvidos em operações escusas. Nessa reportagem, o jornalista analisa os grupos que se formavam em torno dos preparativos para a Copa 2014, a distribuição de recursos para o evento e os indicativos de corrupção que já se desenhavam em 2009. Sobre o Comitê Organizador da Copa, escreve o jornalista:

Outro que figura na lista é o advogado Francisco Müssnich, de estilo um pouco heterodoxo. É capaz de lances espetaculares e inusuais para defender o interesse de seus clientes. Uma vez, chegou a sair correndo de uma assembleia de acionistas da Brasil Telecom, com a ata da reunião debaixo do braço, para evitar que os sócios conseguissem destituir Daniel Dantas do controle da operadora. Müssnich é íntimo da família: defende Daniel em processos e é namorado permanente da irmã Verônica (CC02, p.10).

Já em CC03, Mino Carta analisa o episódio envolvendo o *ex-terrorista* Cesare Battisti, quando se discutia sua extradição ou não para a Itália. O tom irônico da seguinte passagem alinha os participantes do discurso:

O missivista [Cesare Battisti] não hesita em reescrever a história com a linguagem obsoleta de outros tempos. Nada de surpresas. O mesmo intuito anima o ministro Tarso Genro. E também figuras como o senador Suplicy, de um lado, o ex-ministro José Dirceu e o advogado Greenhalgh do outro, embora os dois lados não se confundam, nos níveis da percepção do conhecimento.

[...]

Estou disposto a admitir, está claro, que tal entendimento transcende as possibilidades do senador Suplicy. Já no caso de Genro, Dirceu e Greenhalgh, sei não, murmuraria o matuto. (CC03, p.20, 21)

c) Por fim, estão os homens integrantes da família da artista plástica e naturalista Therese von Behr, em CC12: Anatol [von Beher] (“futuro marido”), Henrique [von Beher] (“filho”),

Miguel [von Behr] (“filho”; “biólogo”) e Nicolas [Behr] (“o poeta”; “filho”). Uma vez que Therese von Behr ocupa o centro da matéria, os membros da família são citados pelo prenome, o que estabelece uma *identificação relacional* quanto à principal agente do texto. Mesmo que, atualmente, os filhos sejam profissionais reconhecidos, essa condição não se sobrepõe a seu *status* de “marido de” ou “filho de”. O que há em comum, nesses três casos (a, b, c), é a utilização do prenome para se imprimir intimidade ou hierarquização no discurso.

Quanto às mulheres, há duas ocorrências que podem ser enquadradas nos grupos acima descritos. a) Vamos assumir que “A mãe do presidente Lula” seja uma figura pública, devido à sua relação com o filho eminente, tendo ela, inclusive, dado nome a um parque na cidade de Recife. Ademais, aqui também pode haver uma *identificação relacional*, por igual motivo. De qualquer forma, Eurídice Ferreira de Melo poderia inicialmente ter sido assim nomeada, *semiformalmente*, para depois aplicar-se a ela o recurso de “celebridade” ou da *identificação relacional*. c) Também Anna Rômer (“Anna”; “a mãe”) é identificada relacionalmente a Therese von Behr, a filha ilustre. No tocante à *informalização* utilizada para se nomearem as demais mulheres, não há paralelismo com o caso dos homens. Todas elas são personalidades conhecidas e/ou profissionais, e nenhuma delas protagonista de algum escândalo. Lembremos que, em 2009, Dilma Rousseff era ainda Ministra-Chefe da Casa Civil, tendo vindo a utilizar o prenome como identidade somente em 2010, quando concorreu à presidência da República. Em comum entre os dois blocos de atores, há apenas o emprego do *tenor* informal, cuja *finalidade* é organizar os sujeitos no discurso (neste caso, hierarquicamente), mais um propósito dos gêneros discursivos (cf. PEDRO, 1997, p.33; FAIRCLOUGH, 2001, p.161).

Outra forma de nomeação dos atores no discurso ocorre por meio da *titulação*, a qual pode ser via *honorificação* ou *afiliação*. A primeira ocorre, por exemplo, mediante a adição de títulos e cargos ao nome, e a segunda verifica-se quando o ator é nomeado por um termo que indique relação pessoal ou de parentesco (cf. VAN LEEUWEN, p.201, 204). Conforme se vê na Tabela 3, houve somente uma ocorrência de *afiliação* nesse conjunto de textos, para uma mulher, “A mãe do presidente Lula”, a cuja representação essa mulher se resume. Quanto à *honorificação*, as mulheres tiveram mais acréscimo de títulos e cargos a seu nome em relação aos homens, o que poderia indicar certo grau de distinção. Nada obstante, há dois casos que merecem destaque.

Na reportagem *Corpo atrai corpo* (CC09), o jornalista relata e comenta algumas pesquisas apresentadas durante um encontro de cientistas ocorrido nos Estados Unidos da América. Apesar da referência à equação newtoniana, as imagens que ilustram a coluna

(Figura 13) indicam que o texto não se enquadrará exatamente nos moldes de um gênero de divulgação científica.<sup>50</sup> Elas direcionam o sentido a outro gênero discursivo, o da *fofoca*, no qual as manchetes destacam temas extraordinários, contendo alto teor afetivo (cf. ADAMATTI, 2008, p.39). Também por meio da escolha vocabular e dos paralelismos estabelecidos, o *lide*<sup>51</sup> da reportagem resume o assunto e reitera o *tenor* que se verificará ao longo do texto. A importância desse parágrafo exordial reitera-se por meio do que escreve Teun van Dijk (1997, p.158) sobre os tópicos, que “exprimem aquela que é considerada a informação mais ‘importante’ de um discurso”. Vejamos qual é essa informação no texto:

Distante do carnaval, mas circunstancialmente não indiferente a ele, como a gente notará mais à frente, a comunidade científica americana esteve reunida para o meeting anual da American Association for the Advancement of Science (AAAS) numa Chicago abaixo de zero – enquanto aqui nos calientes trópicos os tamborins faziam ferver o rebolado. (CC09, p.73).

Segue o colunista informando que, das pesquisas apresentadas no evento, “[...] algumas delas aparentemente candidatíssimas ao Prêmio Ignobel [...]” (ibid.), destacam-se duas: a primeira, de “Uma psicóloga da eminente Universidade de Princeton”, sobre excitação masculina, e a segunda, de “uma neurocientista americana”, “estudiosa do Lafayette College, da Pensilvânia, sobre a “química do beijo”. Dada a insignificância de seus estudos, ou “ignobilidade”, as pesquisadoras sequer são nomeadas, sendo referidas somente por sua *honorificação*, manifesta por sintagmas iniciados por um artigo indefinido. De acordo com van Leeuwen (1997, p.172), é comum que, para mulheres, a escolha representacional da *nomeação* em primeira referência nem sempre ocorra mediante o *uso do nome próprio*. Nesse caso, a *titulação*, que poderia ser um meio honroso para se conferir grau distintivo às cientistas, assume viés depreciativo, dada a antífrase<sup>52</sup> que se constrói pelo paralelismo entre um evento acadêmico e o carnaval, entre o trabalho das pesquisadoras e o “Prêmio Ignobel”.

Ainda conforme o autor (id., p.202), a utilização de “pseudotítulos” pelos jornalistas é comum para conferirem certa representação social aos atores do discurso. Quanto à construção do sintagma, “Tal como em títulos padrão, o artigo definido está ausente nos tais

<sup>50</sup> Para o filósofo grego Empédocles (490-430 a. C.), havia duas formas de interação entre os quatro elementos que compunham o universo: amor e ódio. Baseando-se nesse princípio, Sir Isaac Newton (1642-1727) estabeleceu a analogia entre amor x ódio e atração x repulsão para desenvolver a Lei da atração gravitacional, expressa pela equação “matéria atrai a matéria na razão direta das massas e na razão inversa do quadrado da distância entre elas” (cf. BARRETO, 2002, p.28).

<sup>51</sup> Forma portuguesa do vocábulo de língua inglesa *lead*. O objetivo desta parte do texto é “[...] introduzir o leitor na reportagem e despertar seu interesse pelo texto já nas linhas iniciais.” (FOLHA DE S. PAULO, 2001, p.28).

<sup>52</sup> *Antífrase*, ou ironia, é a figura de pensamento que expressa “uma ideia pela ideia contrária” (cf. ROCHA LIMA, 2008, p.517).

pseudotítulos, mas, por outro lado, a categorização e a nomeação fundem-se aqui, ou melhor, as categorizações são usadas como identidades únicas [...]”. (ibid., p.172).

Essa categorização é reiterada pelas imagens que ilustram a coluna. Em vez de fotografias das cientistas, ou relativas ao congresso, no alto da página há uma foto da personagem midiática Sabrina Sato, devidamente vestida com uma fantasia de carnaval, e de um casal beijando-se, também em trajes carnavalescos. Sobre a imagem de Sabrina Sato, está escrito “Por que será que os homens se animam?”, outra antífrase construída pela pergunta retórica tendo por resposta a própria seminudez da carnavalesca, cujo corpo perfeito conota a inocuidade da pesquisa desenvolvida pela psicóloga norte-americana. Sobre a segunda foto, lê-se que “A ciência diz que é questão de química”. Aqui, a metonímia *impersonaliza* (cf. VAN LEEUWEN, 1997, p.208) a agente, substituindo “uma neurocientista americana” pelo substantivo concreto “ciência”, o qual, pela relação de contiguidade, evoca justamente a pesquisadora a cujo trabalho as imagens contrapõem-se.

Por sua vez, a ciência é *carnavalizada* (cf. BAKHTIN, 1993, p.4-5), e um assunto que poderia ter sido tema de divulgação científica converte-se em espetáculo cômico. Segundo Jane Flax (1991, p.241), num sistema de produção de textos onde haja uma separação entre o “natural” e o “social”, “As mulheres geralmente sustentam/simbolizam o corpo, a ‘diferença’, o concreto”. Esse tratamento não é o que se poderia esperar de uma matéria sobre ciência, muito menos de um texto publicado em *Carta Capital*, dada a proposta da revista.



Figura 13 – Corpo atrai corpo.

Fonte: *Carta Capital*, ano XV, n.535, p.73.

Muniz Sodré (1976, p.52) destaca a supremacia das imagens sobre os textos publicados em revistas, algumas das quais “[...] podem ser simplesmente *vistas*, ao invés de *lidas*.” Sobre a relação entre *lead* e fotografia em textos jornalísticos, o autor escreve:

É preciso que, na medida do possível, a foto seja sintética, reunindo numa mesma imagem todas as nuances da história a ser contada, de maneira que o leitor possa tomar conhecimento do assunto de uma só vez. A fotografia de revista investe-se, assim, da mesma função do *lead* (abertura da matéria) no texto jornalístico tradicional, que é a de resumir a história antes de passar aos detalhes. (SODRÉ, 1976, p.54).

No caso da coluna publicada em *Carta Capital*, as imagens “resumem” não apenas o texto visual, mas a avaliação do escritor sobre o trabalho das cientistas e, por conseguinte, a categorização delas próprias, via o emprego de figuras de linguagem e de pensamento. Juntamente com o texto, essas imagens indicam uma interpretação particular da experiência e da interação social (cf. KRESS; VAN LEEUWEN, 2010, p.2). Ao analisar jornais publicados na cidade de Florianópolis, Susana B. Funck (2007) encontrou ocorrências semelhantes. Na capa de um dos periódicos, “uma foto de corpo inteiro de uma linda mulata em trajes de banho” ilustrava a manchete de reportagem sobre propaganda eleitoral (ibid., p.16). Segundo a autora, uma possível explicação para esse tipo de prática discursiva reside no fato de que o corpo e a feminilidade concentram o foco de interesse da mídia, não recebendo o mesmo destaque as ações e interesses das mulheres (ibid., p.16, 21). No texto de *Carta Capital*, essas ações e interesses não são apenas marginalizados em relação aos corpos que se expõem durante o carnaval, como também são ridicularizados. Tal representação parece replicar o que se verifica quanto ao uso da linguagem para situar os gêneros em locais de trabalho, onde esse sistema semiótico acentua diferenças de *status* e poder inerentes à lógica empresarial (cf. PEREIRA, 2006, p.94). Em *Carta Capital*, essa hierarquização é recontextualizada sob forma de paródia.

A valorização dos ângulos publicitários, ou sensacionalistas, da informação e de fatos sociais pode ser explicada por ser a revista um bom veículo para a venda de produtos, conforme exposto no capítulo anterior desta tese. Para tanto, “Da mesma forma que o anúncio, o jornalismo periódico lança mão do erotismo, do sensacional, para aumentar a venda de exemplares e tornar suas páginas atraentes para as agências ou outros investidores publicitários.” (SODRÉ, 1976, p.45). Essa estratégia de mercantilização e disciplinamento dos corpos femininos pela mídia, tornando as mulheres mais vulneráveis a ditames estáticos, tem sido objeto de estudo de várias teóricas femininas (e.g. BORDO, 2003). A tática recorrente para tanto é o esvaziamento da subjetividade, valorizando-se a aparência em detrimento do

intelecto feminino, o que confere significados grotescos a corpos belos. O *rebaixamento*, aliás, é o traço marcante do realismo grotesco, “[...] isto é, a transferência ao plano material e corporal, o da terra e do corpo na sua indissolúvel unidade, de tudo que é elevado, espiritual, ideal e abstrato” (BAKHTIN, 1993, p.18). Sob essa perspectiva, a *honorificação* das mulheres profissionais na reportagem de *Carta Capital*, antes de conotar elevação, resulta em efeitos opostos de hierarquização.

Considerando-se que tanto a produção como a interpretação de discursos situam-se em uma cadeia, ou “recursos dos membros” (RM) (cf. FAIRCLOUGH, 1989, p.24; 2001, p.72), não se pode assumir essa ocorrência como fortuita. Em *Corpo atrai corpo*, há uma interessante mescla com gêneros identificados com outros tipos de revistas de consumo. Quanto à *atividade social*, a pauta acomoda-se facilmente à agenda de *Carta Capital*, contudo, o *estilo*, as *finalidades*, as *intenções* e as *formas de organização dos sujeitos* (cf. PEDRO, 1997, p.33; FAIRCLOUGH, 2001, p.161) aproximam-se daqueles verificados em revistas de televisão ou de celebridades, outro segmento das revistas de consumo no Brasil (cf. MARTINS; LUCA, 2012, pos. 3912-3920). Esse “mix”, que resulta na banalização do real, pode ser explicado, novamente, pela aproximação do jornalismo à indústria do entretenimento, como forma de sobrevivência em meio às transformações operadas na sociedade globalizada do século XXI (cf. SCALZO, 2011, pos. 4746-4761).

Essas características observadas na reportagem, juntamente com a forma de nomeação das mulheres, conformam discursos exemplares ou “típicos” (cf. FAIRCLOUGH, 2001, p.57), daí sua análise mais detida no conjunto dos textos publicados na edição em foco de *Carta Capital*. Entre eles, não foi encontrada ocorrência semelhante para a nomeação de homens. Lembremos que, de acordo com a noção de *dispersão* (cf. FOUCAULT, 1995), enunciados aparentemente desconexos mantêm relação dialógica entre si, construindo discursos. Veremos, a seguir, as formas de *categorização* dos atores na revista.

Além de serem nomeados no discurso, os atores podem também ser *categorizados*, o que ocorre mediante a *funcionalização*, a *identificação* ou a *avaliação* (cf. VAN LEEUWEN, 1997, p.204-208). Na *funcionalização*, “[...] os atores sociais são referidos em termos de uma atividade, em termos de alguma coisa que fazem, por exemplo uma ocupação ou função.” (cf. *ibid.*, p.202). De acordo com os dados organizados nos Quadros 10 e 11, na Tabela 3 e no Gráfico 7 desta tese, observa-se que se atribuem cerca de 10% a mais funcionalizações aos homens do que às mulheres em *Carta Capital*. Comparativamente, a nomeação das mulheres faz-se acompanhar, em maior número, por sintagmas que as *identificam*, o mesmo ocorrendo nas anáforas. A soma das três formas de *identificação*

(*classificação, identificação relacional e identificação física*), considerando-se a nomeação e a anáfora, totaliza 16,7%, percentagem bem superior à diferença do índice de funcionalização entre homens e mulheres.

A *identificação* consiste na definição de atores sociais em termos de seus atributos imanentes ou daquilo que **sejam**, de forma mais ou menos permanente; essa categorização opõe-se, logo, à *funcionalização*, que definem os atores por aquilo que **fazem**. O primeiro tipo de identificação, a *classificação*, refere os atores em termos das principais categorias utilizadas em uma sociedade para diferenciá-los, como idade, sexo, origem, classe social, riqueza, raça, etnicidade, religião, orientação sexual, etc. A análise da identificação no discurso é relevante devido ao potencial de significados existente na língua, sendo sempre possível, logo, recorrer-se a outras escolhas. O segundo tipo de identificação, a *identificação relacional*, situa um ator em relação a outro, significando “pertença”, “relacionação” entre possessivados e possuidores, indicando relação pessoal, de parentesco ou de trabalho (cf. VAN LEEUWEN, 1997, p.204). Por essa razão, na língua portuguesa, os sintagmas que indicam essa identificação são sempre possessivados. Por fim, a *identificação física* informa sobre as características físicas dos atores as quais possam identificá-los singularmente em um contexto, podendo substituir a *nomeação*. Ainda que essa representação apresente-se como um pormenor no texto, ela opera no sentido de ressaltar discursivamente um atributo (cf. *ibid.*, p.206). Na língua portuguesa, expressa-se mediante adjetivos ou sintagmas preposicionados. O esquema a seguir lista as formas de *identificação* empregadas para mulheres e homens na edição em análise de *Carta Capital*, tendo algumas delas já sido comentadas anteriormente.

## Mulheres

|                             |                                                |        |
|-----------------------------|------------------------------------------------|--------|
| A mãe do presidente Lula    | → a mãe de Lula                                | (CC01) |
| Acione Almeida              | → a viúva de; sua mulher                       | (CC05) |
| Amy Winehouse               | → inglesa                                      | (CC01) |
| Anatalina Lourenço da Silva | → 40 anos                                      | (CC06) |
| Anna Rômer                  | → A mãe de; descendente de                     | (CC12) |
| Chantal Akerman             | → 58 anos; neta e filha de                     | (CC13) |
| Joana Havelange             | → filha [de Ricardo Teixeira]                  | (CC02) |
| Margaret Mee                | → inglesa                                      | (CC12) |
| Maria Bethânia              | → irmã do próprio cantor (Jackson do Pandeiro) | (CC01) |
| Nair dos Anjos              | → mãe de Mattos                                | (CC05) |
| Pitty                       | → baiana                                       | (CC01) |
| Therese von Behr            | → mãe; a noiva; a jovem lituana; 78 anos;      | (CC12) |
| Verônica                    | → irmã [de Francisco Müssnich]                 | (CC02) |

## Homens

|                     |   |                                   |        |
|---------------------|---|-----------------------------------|--------|
| Anatol Von Behr     | → | futuro marido de                  | (CC12) |
| Dick Wiles          | → | norte-americano; da Match         | (CC02) |
| Edmar Moreira       | → | deputado do castelo               | (CC01) |
| Fernando Ferro      | → | da Paraíba                        | (CC05) |
| Henrique            | → | filho; menino                     | (CC12) |
| Hugh Jackman        | → | australiano                       | (CC10) |
| Jimmy Mohlala       | → | sul-africano                      | (CC02) |
| John James Audubon  | → | franco-americano                  | (CC12) |
| Lenine              | → | colega músico                     | (CC01) |
| Lula Quiroga        | → | colega músico                     | (CC01) |
| Manoel Mattos       | → | assessor do                       | (CC05) |
| Menotti Del Picchia | → | participante da Semana            | (CC11) |
| Miguel              | → | filho; menino                     | (CC12) |
| Nicolas Behr        | → | filho; menino                     | (CC12) |
| Oswald de Andrade   | → | 62 anos; herói das letras; maduro | (CC12) |
| Stephen Spender     | → | inglês                            | (CC11) |
| Thierry Weil        | → | francês                           | (CC02) |

No contexto das matérias, os gentílicos (*classificação*) são utilizados, tanto para homens como para mulheres, quando os produtores dos textos pretendem situar os atores quanto a afiliação política, informar sobre sua nacionalidade não brasileira, localizá-los em meio a grupos cujos membros pertençam a nacionalidades distintas ou identificar sua produção cultural com determinada região. Quanto à classificação por idade, não há paralelismo entre as ocorrências, sendo essa uma categoria mais aplicada às mulheres, o que indica não ser essa uma informação importante ao se qualificarem os homens. Para elas, a *identificação relacional* é aquela predominante, situando-as geralmente em associação a um ator masculino. Entre os homens, essa classificação concentra-se na família de Therese von Behr (CC12), esta sua integrante mais ilustre no Brasil, o que conota hierarquização dos atores, nesse caso, em torno da naturalista. Por analogia, pode-se deduzir que o mesmo recurso empregado para as mulheres indique também um modo de posicionamento valorativo, o que se verifica mesmo quando elas são personagens públicas, a exemplo de Joana Havelange (CC02) e Maria Bethânia (CC01).

Para fins deste estudo, a ocorrência da identificação relacional desempenha importante papel discursivo, ainda mais se considerarmos que sua “intromissão” na esfera pública é inadequada, conforme escreve van Leeuwen (1997, p.204-205). Segundo o autor, nas sociedades ocidentais, as relações sociais são comumente estabelecidas com base na *nomeação* e na *funcionalização* (“O que é que faz?”), relatando, como ocorrência pitoresca, o caso dos aborígenes australianos. Nessa cultura, é comum as pessoas apresentarem-se primeiramente em termos de identificação relacional, a partir da qual estabelecem sua relação com o interlocutor.

Tal prática é também comum na sociedade brasileira, o que já foi descrito, por meio do *homem cordial* de Sérgio Buarque de Holanda (1995), no Capítulo 2 desta tese. Aqui, se pode aplicar o que escreve van Leeuwen (1997, p.205) sobre as relações de parentesco, as quais podem funcionar tanto como forma de *identificação relacional*, como meio para *classificação* dos atores no discurso, operando juntamente com informações sobre idade, sexo ou orientação sexual, por exemplo. Nesses casos, a *classificação* é utilizada para assinalar um ator como o desviante da norma social (cf. id.), enquanto os demais são representados segundo ela. Sob essa lógica, nos textos da revista, os homens surgem sobretudo como norma, e as mulheres, como desviantes. Já o emprego de identificações relacionais indicando uma atividade ocorre somente para os homens, como “da Match” [empresa], “colega músico”, “assessor do”, “participante da Semana” e “herói das letras”. Novamente, essas ocorrências indicam posicionamento dos atores, pois a funcionalização acompanha aqueles considerados os mais importantes no discurso (cf. *ibid.*, p.208).

A última forma de *categorização* dos atores sociais é a *avaliação*, pela qual são referidos mais em termos interpessoais: “[...] os atores sociais são avaliados quando são referidos em termos que os qualificam, como bons ou maus, amados ou odiados, admirados ou lamentados.” (*ibid.*, p.207). A *avaliação* ocorre pela utilização de expressões idiomáticas centradas em um adjetivo, ou por pronomes que conotem exclusão ou inclusão – como nós x eles, por exemplo. Embora a *avaliação* possa ser positiva ou negativa, os atores mais importantes no discurso não são avaliados, mas geralmente funcionalizados, conforme mencionado no parágrafo acima. O esquema que segue resume a *avaliação* aplicada a mulheres e homens nos textos de *Carta Capital*, onde os percentuais aproximam-se bastante. São transcritas não somente avaliações efetuadas diretamente sobre os atores, mas também sobre suas indumentárias, pois essa constitui igualmente uma forma metonímica de avaliá-los, estabelecendo-se uma relação entre o sinal (a roupa) e o significado (o sujeito).

## Mulheres

|                                        |                                                                                                 |
|----------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Anita Malfatti                         | → a artista que Lobato criticara de forma dura [criticada]                                      |
| Chantal Akerman                        | → ativista feminista                                                                            |
| Glenda Kozlowski                       | → La Kozlowski; é um show                                                                       |
| Joana Havelange                        | → de quem se diz falar quatro idiomas e se sabe ter tido uma grife de bolsas no Rio de Janeiro  |
| Margaret Mee                           | → “dama das selvas”                                                                             |
| Meryl Streep                           | → medonha indumentária                                                                          |
| Sharon Stone                           | → deve ter adquirido sua roupa num sex shop                                                     |
| Sophia Loren                           | → divina                                                                                        |
| Therese von Behr                       | → misto de dona-de-casa e naturalista autodidata; dama do cerrado; muito desconfiada; orgulhosa |
| Uma psicóloga da eminente Universidade | → a estudiosa                                                                                   |

## Homens

|                           |                                                                                                                                   |
|---------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Adelir de Carli           | → o padre do acidente dos balões                                                                                                  |
| Alexandre Silveira        | → responsável pela parte financeira                                                                                               |
| Caetano Veloso            | → famoso                                                                                                                          |
| Cesare Battisti           | → personagem ainda preso na Papuda; o missivista; o romancista [ironia]; ex-terrorista; O protegido de Mercúrio [senador Suplicy] |
| Eduardo Matarazzo Suplicy | → eminente parlamentar petista; Carteiro; intérprete, mentor, patrocinador, anjo da guarda, padroeiro? Mercúrio                   |
| Fábio Assunção            | → detido em companhia de um suposto traficante                                                                                    |
| Francisco Müssnich        | → de estilo um tanto heterodoxo                                                                                                   |
| Mario Rosa                | → especialidade em gerenciar escândalos                                                                                           |
| Nicolas Behr              | → poeta da geração mimeógrafo                                                                                                     |
| Oswald de Andrade         | → O modernista; o sempre moderno; o rei da <i>boutade</i> , o herói das letras                                                    |
| Silvio Berlusconi         | → ventríloquo                                                                                                                     |
| Stephen Spender           | → intelectual                                                                                                                     |
| Zé da Flauta              | → [foi] um dos criadores do bloco                                                                                                 |

Entre os atores avaliados, a superadjetivação opera em termos opostos, podendo tanto ser negativa, como positiva. No primeiro caso, temos Cesare Battisti e Eduardo Matarazzo Suplicy, ambos envolvidos no pedido de extradição do italiano e sua controversa permanência no Brasil (CC03), tendo sido citado, no mesmo texto, o “ventríloquo” Silvio Berlusconi. Outros atores implicados em situações controversas são Adelir de Carli e Fábio Assunção (CC01), contudo, devido à forma pela qual ocorrem as avaliações negativas, elas são mitigadas. A referência a Adelir de Carli como o “padre [que foi] do acidente dos balões” confere tenor jocoso ao óbito do sacerdote, ao mesmo tempo em que remete à sua indicação ao Prêmio Darwin, concedido a pessoas que morrem sob condições insólitas; contudo, essa *honorificação* é aqui apenas sugerida, ao contrário do que se observou quanto às cientistas norte-americanas, candidatas ao “Prêmio Ignobel”. Na mesma reportagem em que de Carli é referido, o repórter menciona que Fábio Assunção foi “detido em companhia de um suposto traficante” afirmação relativizada mediante o uso do adjetivo “suposto”, referência dêitica que confere a autoria da informação a alguém anônimo e externo ao texto. Dessa forma, são atenuadas as avaliações que se poderiam deduzir a respeito de Assunção, quais sejam, a de ser consumidor de drogas, traficante de drogas ou de simplesmente andar em companhia de um traficante de drogas. De fato, o ator fora levado à Polícia Federal por estar comprando cocaína, conforme noticiado em 2008 por outras revistas, logo, a omissão não condiz com a proposta investigativa de *Carta Capital*.

Semelhante eufemismo é utilizado nas avaliações sobre Joana Havelange (CC02), “de quem se diz falar quatro idiomas e se sabe ter tido uma grife de bolsas no Rio de Janeiro”; nada obstante, aqui o recurso é empregado para depreciar atributos de Havelange que seriam positivos. Mais uma vez, o estilo lembra a *fofoca*, subgênero analisado em outros estudos como um dos que integram as revistas sobre celebridades (e.g. CASALI, 2007). A linguagem

informal que lhe caracteriza visa simular um clima “amigo” entre leitores e jornalistas, sendo sua estrutura formada, basicamente, pela apresentação de uma dúvida a respeito de certa celebridade para, após, vitimar e/ou acusar o alvo da dúvida (cf. ADAMANTTI, 2008, p.39-40). Joana Havelange é, nesses termos, acusada utilizando-se a linguagem de um subgênero assinalado pela ausência de fontes confiáveis, característico de revistas cujo *target* é feminino, constituindo outra ocorrência estranha à proposta de *Carta Capital*.

No segundo caso quando as múltiplas avaliações são positivas, situa-se o escritor Oswald de Andrade, citado no texto (CC11) em que há também referência a Anita Malfatti, ambos personagens do Modernismo brasileiro. Ao passo que, sobre o escritor, lê-se uma profusão de avaliações positivas, acerca da pintora, sabe-se apenas que fora duramente criticada por Monteiro Lobato. Igualmente, são econômicas as informações sobre os atributos de Chantal Akerman (CC13), resumindo-se a cineasta a uma “ativista feminista”. Acerca de outros atores relacionados às artes, Nicolas Behr (CC12) e Stephen Spender (CC11), também não há muitas avaliações, contudo, elas são mais precisas quanto à sua atividade, informando-se que o primeiro foi um “poeta da geração mimeógrafo” e que o segundo foi “poeta”.

A propósito de Therese von Behr (CC12), há duas avaliações bastante subjetivas (“muito desconfiada”; “orgulhosa”), supostamente sobre seu temperamento, o que não se modifica muito quanto à atividade da artista: “misto de dona-de-casa e naturalista autodidata”; “dama do cerrado”. Pode-se indagar acerca da relevância, no contexto do artigo, de se registrar a condição de “dona-de-casa” de von Behr, já que o texto propõe-se a informar sobre seu trabalho em artes plásticas. É ainda interessante ressaltar-se o paralelo estabelecido entre as duas artistas mencionadas no artigo: “**Assim como Margaret Mee** foi chamada de a ‘dama das selvas’, a lituana é a dama do Cerrado.” (CC12, p.78). É difícil imaginar-se que a memória discursiva da articulista não tenha recorrido à amada de Lord Greystoke, “o rei das selvas”, já que Jane Porter consagrou-se como “a rainha das selvas” em versões cinematográficas, televisivas e em quadrinhos dos romances de Edgar Rice Burroughs. Outra “rainha das selvas” que pode ser evocada pelas referências é Sheena, a contraparte feminina de Tarzan, ambas atualizações modernas de histórias sobre seres humanos criados por animais desde os mitológicos Rômulo e Remo. O que pode se observar é haver um paralelo entre a avaliação sobre o temperamento de von Behr e sua atividade, ancorada na esfera doméstica, por meio do sintagma preposicionado “misto de...”. Ao mesmo tempo em que sua atividade produtiva não se desvencilha da esfera doméstica (“dona-de-casa”), há um rebaixamento de seu título de “baronesa” para “rainha do cerrado”, “**Assim como Margaret Mee** foi chamada de a ‘dama das selvas’. A passivação apaga o agente da nomeação (quem chamou?),

referência dêitica que não pode ser recuperada no texto, mas que é atualizada por sua própria autora, ao escrever que “a lituana é a dama do Cerrado” (grifo meu), reiterando-se a fixação da artista na esfera privada, já que o Cerrado é seu lar. Tal como no gênero *fofoca*, a vida pessoal da “celebridade” destaca-se em relação a seu trabalho, o que é reiterado, na matéria, pela descrição de todos os vínculos familiares de von Beher. Caso houvesse outra intenção discursiva, a articulista poderia escrever, por exemplo, que “Assim como Margaret Mee dedicou-se a retratar a Amazônia, Therese von Behr documenta as cores do Cerrado”, o que deslocaria o foco das pessoas, para seu trabalho.

Por fim, há a avaliação das celebridades, cuja representação as situa em um grupo à parte. Entre os homens, há as referências a Caetano Veloso (“famoso”), Zé da Flauta (“[foi] um dos criadores do bloco”) e Fábio Assunção (“detido em companhia...”, acima analisada) (todos em CC01). Sejam as avaliações positivas ou negativas, elas residem em juízos interpessoais e funções acionais acerca do que os atores fazem.

Por sua vez, as famosas avaliadas são Glenda Kozlowski (“é um show”), Meryl Streep (“medonha indumentária”), Sharon Stone (“deve ter adquirido sua roupa num sex shop”) e Sophia Loren (“divina”), todas em CC10. Primeiramente, o que se observa é a linguagem informal empregada para representá-las – novamente, característica de revistas especializadas em celebridades –, como “é um show” e “divina”. Assim são descritas as roupas de duas das atrizes mencionadas, não havendo avaliação acerca delas próprias ou de seu trabalho. Aqui, se pode aplicar o que estudos têm concluído acerca da representação midiática de mulheres atuantes na esfera pública (e.g. FINAMORE; CARVALHO, 2006; MORAIS, 2008). Segundo essas pesquisas, as mulheres são predominantemente descritas em termos de vida pessoal, aparência e roupas, diferente do que ocorre quanto aos homens. Tal forma de representação tem sido analisada como meio para se destacarem aqueles atributos que não são relevantes ao sucesso político ou profissional, ou seja, como recurso para alinhamento dos atores nos discursos.

Os atores sociais podem ainda ser impersonalizados no discurso, mediante o emprego de substantivos abstratos, ou “substantivos concretos cujo significado não inclui a característica semântica ‘humana’.” (VAN LEEUWEN, 1997, p.208). Uma forma de *impersonalização* ocorre por meio da *somatização*, que consiste na referência a uma parte do corpo, o que implica uma alienação ao ator, pois ele próprio não está envolvido na ação, quando há uma “intrusão indesejada de intimidade” (cf. *ibid.* p.210). Nesta edição de *Carta Capital*, houve somente um caso de impersonalização, para a professora de Literatura Níbia Sabalsagaray (CC04), referida em anáfora como “o corpo”.

De acordo com a categorização proposta por van Leeuwen, não há equidade quanto à representação de homens e mulheres neste número de *Carta Capital*, a começar pelo total dos atores incluídos nas matérias. Os homens também são referidos pela forma de nomeação mais prestigiada, a *formalização*, assim como são categorizados segundo a *funcionalização* em número superior ao de mulheres. Por sua vez, as mulheres são nomeadas principalmente mediante a *semiformalização*, sendo também a *informalização* mais aplicada a elas. Em um nível ainda mais informal, a *afiliação* é empregada apenas para mulheres. Quanto à *avaliação*, ainda que os números sejam semelhantes para homens e mulheres, no segundo caso, a apreciação recai sobre suas qualidades “femininas” e roupas. De um modo geral, a representação de mulheres tende a situá-las mais na esfera privada, em detrimento de sua competência profissional.

Os quadros 12 e 13, a seguir, registram as escolhas lexicais para nomeação e avaliação de homens e mulheres nos textos selecionados na edição de março de 2013 de *Carta Capital*. Esses dados são consolidados na Tabela 4 e categorizados na Tabela 5. Essa categorização é ilustrada no Gráfico 8.

**Quadro 12 – Representação de mulheres em *Carta Capital*, 2013**

| Primeira nomeação | Anáfora                          | Representação                                                                                                                         | Código do texto |
|-------------------|----------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------|
| Diana Krall       | ela; Diana; [da] cantora; a diva | pianista e cantora canadense; comportada celebrante; De corpete, cinta-liga e pose de <i>vamp</i> ; o lado rouco e sensual da cantora | CC18            |
| Dilma Rousseff    | Dilma                            | presidenta                                                                                                                            | CC14            |
| Emmanuelle Riva   |                                  | 85 anos, candidata a melhor atriz                                                                                                     | CC16            |
| Guita [Mindlin]   | Guita                            | sua mulher [de José Mindlin]                                                                                                          | CC17            |
| Jennifer Lawrence |                                  | melhor atriz                                                                                                                          | CC16            |
| Katherine Hepburn |                                  | voluptuosa submissão                                                                                                                  | CC16            |
| Liz Taylor        |                                  |                                                                                                                                       | CC16            |
| Marina Silva      | Marina                           | sem partido formalizado                                                                                                               | CC14            |
| Michelle Obama    | Michelle; Michelle Obama         | primeira-dama                                                                                                                         | CC16            |
| Tania Bacelar     | Tânia                            | professora de economia regional da Universidade Federal de Pernambuco (UFPe) e sócia da consultoria Ceplan                            | CC15            |

**Quadro 13 – Representação de homens em *Carta Capital*, 2013**

| Primeira nomeação        | Anáfora                                            | Representação                                                                                                                        | Código do texto |
|--------------------------|----------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------|
| Aécio Neves              | Aécio Neves                                        | virtual presidencialável do PSDB                                                                                                     | CC14            |
| Alan Pakula              |                                                    |                                                                                                                                      | CC16            |
| Ang Lee                  |                                                    |                                                                                                                                      | CC16            |
| Ben Affleck              | Bem Affleck; Affleck                               | diretor                                                                                                                              | CC16            |
| Bob Dylan                |                                                    | ator                                                                                                                                 | CC18            |
| Bradley Cooper           |                                                    |                                                                                                                                      | CC16            |
| Casimiro de Abreu        |                                                    |                                                                                                                                      | CC17            |
| Castro Alves             |                                                    |                                                                                                                                      | CC17            |
| Christoph Waltz          |                                                    | ator coadjuvante                                                                                                                     | CC16            |
| Cláudio Manoel da Costa  |                                                    | poeta                                                                                                                                | CC17            |
| Claus Ogerman            |                                                    | arranjador; o alemão                                                                                                                 | CC18            |
| Daniel Day-Lewis         |                                                    | protagonista                                                                                                                         | CC16            |
| Earl Hines               |                                                    | lendário; o pai do piano no jazz                                                                                                     | CC18            |
| Eduardo Campos           | Campos; Eduardo Campos; o governador de Pernambuco | O Governador pernambucano (PSB); 47 anos, neto de Miguel Arraes, tem o sangue do avô nas veias; “cara nova” governador de Pernambuco | CC14            |
| Eduardo Campos           |                                                    |                                                                                                                                      | CC15            |
| Eduardo de Almeida       |                                                    |                                                                                                                                      | CC17            |
| Elton John               |                                                    |                                                                                                                                      | CC18            |
| Elvis Costello           |                                                    | o marido [de Diana Krall]; pós-punk (PV)                                                                                             | CC18            |
| Fernando Gabeira         |                                                    |                                                                                                                                      | CC14            |
| Fred Fischer             |                                                    | obscuro                                                                                                                              | CC18            |
| George Clooney           |                                                    | ator                                                                                                                                 | CC16            |
| Hans Staden              |                                                    |                                                                                                                                      | CC17            |
| Harold von Kursk         | von Kursk                                          | jornalista e diretor alemão                                                                                                          | CC16            |
| Harry M. Woods           |                                                    | coautor; [pianista]                                                                                                                  | CC18            |
| István Jancsó            |                                                    | diretor do Instituto de Estudos Brasileiros                                                                                          | CC17            |
| Jack Nicholson           |                                                    | apresentador                                                                                                                         | CC16            |
| Jaques Wagner            | Wagner                                             | governador da Bahia; governador baiano                                                                                               | CC15            |
| João Gilberto            | João Gilberto                                      |                                                                                                                                      | CC18            |
| João Guimarães Rosa      |                                                    | [autor]                                                                                                                              | CC17            |
| Joaquim Manoel de Macedo |                                                    |                                                                                                                                      | CC17            |
| Joaquim Nabuco           |                                                    |                                                                                                                                      | CC17            |
| John Kerry               |                                                    | secretário de Estado                                                                                                                 | CC16            |
| Jorge Luiz Borges        |                                                    | o argentino                                                                                                                          | CC17            |
| José de Alencar          |                                                    |                                                                                                                                      | CC17            |
| José Mindlin             | José Mindlin; Mindlin                              | empresário                                                                                                                           | CC17            |
| José Serra               |                                                    | o tucano                                                                                                                             | CC14            |

| Primeira nomeação     | Anáfora          | Representação                                            | Código do texto |
|-----------------------|------------------|----------------------------------------------------------|-----------------|
| Karl Marx             |                  | admirador [de Lincoln]; pensador alemão                  | CC16            |
| Ken Taylor            |                  | ex-embaixador canadense; coadjuvante no filme de Affleck | CC16            |
| Kevin B. Lee          |                  | crítico de cinema e diretor                              | CC16            |
| Leo Robin             |                  | letrista                                                 | CC18            |
| Lincoln               |                  | presidente norte-americano                               | CC16            |
| Machado de Assis      |                  |                                                          | CC17            |
| Mel Brooks            |                  |                                                          | CC16            |
| Michael Haneke        |                  |                                                          | CC16            |
| Michael Moore         |                  |                                                          | CC16            |
| Miguel Arraes         | Arraes           |                                                          | CC14            |
| Moacyr Scliar         |                  | brasileiro                                               | CC16            |
| Mohammad Hosseini     |                  | ministro da Cultura e Orientação Islâmica                | CC16            |
| Paul Newman           |                  |                                                          | CC16            |
| Paul Whiteman         |                  |                                                          | CC18            |
| Pedro Puntoni         | Puntoni          | diretor da Brasileira USP; o diretor                     | CC17            |
| Quentin Tarantino     | Tarantino        | o diretor; cineasta, crítico, cinéfilo e roteirista      | CC16            |
| Ralph Rainger         |                  | outro pianista; o hoje esquecido                         | CC18            |
| Ray Charles           |                  | papa do <i>soul</i>                                      | CC18            |
| Robert Zemeckis       |                  |                                                          | CC16            |
| Rodrigo Mindlin Loeb  |                  | neto do empresário [José Mindlin]                        | CC17            |
| Roy Orbison           |                  |                                                          | CC18            |
| Seth MacFarlane       |                  | apresentador do Oscar                                    | CC16            |
| Sidney Lumet          |                  | ficcionista                                              | CC16            |
| Spencer Tracy         |                  |                                                          | CC16            |
| Steven Spielberg      | Steven Spielberg | diretor                                                  | CC16            |
| T. Bone Burnett       |                  | [produtor]; experiente                                   | CC18            |
| Tomás Antônio Gonzaga |                  |                                                          | CC17            |
| Yann Martel           |                  |                                                          | CC16            |

Em relação a 2009, o número de referência a mulheres decresceu em 11,3% na edição de 2013 em *Carta Capital*. Esse é um dado que causa surpresa após a eleição de uma presidenta (conforme grafado em CC14) e das iniciativas que têm se verificado em prol da igualdade de gênero, inclusive mediante um órgão oficial do Governo, a Secretaria de Políticas para as Mulheres. Isso indica não ter havido mudança quanto à inserção de mulheres nas páginas que analisam assuntos relacionados a política e negócios, as quais seguem ocupando a maior parte da revista (57%, descontadas as capas, os anúncios e a seção de cartas).

Igualmente, a referência a mulheres segue concentrada nas matérias sobre cultura e entretenimento (70%), que compõem 20% de seu total. Ainda assim, a representação entre os atores ocorre de forma assimétrica, como veremos pelos dados. Na Tabela 4, são quantificadas as referências listadas nos Quadros 12 e 13.

**Tabela 4 – Total de referências a atores femininos e masculinos em *Carta Capital*, 2013**

| Sexo         | 1ª Referência | Anáfora | Total | %    |
|--------------|---------------|---------|-------|------|
| Feminino     | 10            | 10      | 20    | 20%  |
| Masculino    | 64            | 16      | 80    | 80%  |
| <b>TOTAL</b> | 74            | 26      | 100   | 100% |

Na Tabela 5, os atores listados nos Quadros 12 e 13 são classificados segundo as mesmas categorias de van Leeuwen (1997) empregadas na análise da edição de 2009 de *Carta Capital*. Esses números são ilustrados no Gráfico 8, na sequência.

**Tabela 5 – Representação dos atores em *Carta Capital*, 2013, mulheres e homens**

| CATEGORIAS                                     | MULHERES      |         |               | TOTAL | %    | HOMENS        |         |               | TOTAL | %    |
|------------------------------------------------|---------------|---------|---------------|-------|------|---------------|---------|---------------|-------|------|
|                                                | 1ª Referência | Anáfora | Identificação |       |      | 1ª Referência | Anáfora | Identificação |       |      |
| 1) Personalização (Determin.)<br>1.1) Nomeação |               |         |               |       |      |               |         |               |       |      |
|                                                |               |         |               |       |      |               |         |               |       |      |
|                                                | ---           | ---     | ---           | ---   | ---  | 5             | 8       | ---           | 13    | 9,3  |
|                                                | 9             | 1       | ---           | 10    | 32,3 | 57            | 6       | ---           | 63    | 45,3 |
|                                                | 1             | 6       | ---           | 7     | 22,6 | ---           | ---     | ---           | ---   | ---  |
|                                                | ---           | ---     | ---           | ---   | ---  | ---           | ---     | ---           | ---   | ---  |
| 1.2) Categorização                             |               |         |               |       |      |               |         |               |       |      |
|                                                |               |         |               |       |      |               |         |               |       |      |
|                                                | ---           | 1       | 5             | 6     | 19,4 | ---           | 2       | 37            | 39    | 28,0 |
|                                                |               |         |               |       |      |               |         |               |       |      |
|                                                | ---           | ---     | 2             | 2     | 6,4  | ---           | ---     | 8             | 8     | 5,8  |
|                                                | ---           | ---     | 1             | 1     | 3,2  | ---           | ---     | 4             | 4     | 2,9  |
| 2) Impersonalização                            |               |         |               |       |      |               |         |               |       |      |
|                                                |               |         |               |       |      |               |         |               |       |      |
|                                                | ---           | 1       | 3             | 4     | 3,2  | ---           | ---     | ---           | ---   | ---  |
|                                                | ---           | ---     | ---           | ---   | 12,9 | ---           | ---     | 12            | 12    | 8,7  |
|                                                | ---           | ---     | ---           | ---   | ---  | ---           | ---     | ---           | ---   | ---  |
|                                                | ---           | ---     | ---           | ---   | ---  | ---           | ---     | ---           | ---   | ---  |
| TOTAL                                          | 10            | 9       | 12            | 31    | 100% | 62            | 16      | 61            | 139   | 100% |

\* Percentual do número de ocorrências sobre o total, por sexo. Valores arredondados.

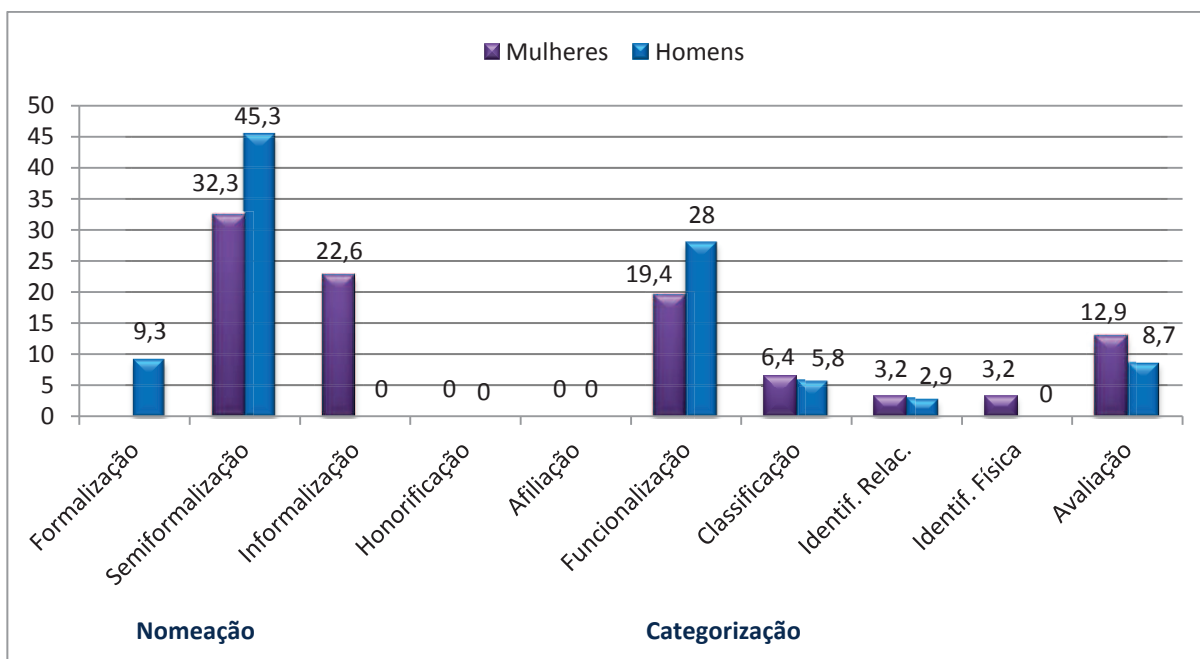


Gráfico 8 – Representação dos atores em *Carta Capital*, 2013, mulheres e homens.  
 Fonte: Tabela 4; dados organizados pela autora.

De acordo com os dados da Tabela 4 e do Gráfico 8, na edição de 2013 de *Carta Capital*, a *semiformalização* permanece como a maior ocorrência para a nomeação de mulheres (32,3%) e homens (45,3%), sendo elas e eles referidos pelo nome completo. Já quanto à *formalização* e à *informalização*, os dois extremos para a nomeação dos atores no discurso, há uma oposição não apenas de percentuais, mas principalmente de gênero. Quando mencionados anaforicamente, há 9,3% de *formalização* para os homens, que são nomeados por seu sobrenome, e 0% para as mulheres. Por sua vez, há 22,6% de *informalização* para as mulheres, quando são indicadas pelo prenome ou por um apelido, inclusive em primeira nomeação, e 0% para os homens. Conforme esses índices, o *estilo* utilizado para os homens permanece mais formal nesta edição da revista.

Essa *informalização* não discrimina o local ocupado na sociedade pelas mulheres assim referidas, ou se restringe a uma seção específica da revista, constituindo, logo, uma forma de nomeação relacionada ao gênero social. Outra explicação para a ocorrência reside no meio pelo qual jornalistas que escrevem para revistas de celebridades referem-se a estas. No caso, a opção pelo prenome visa indicar intimidade entre os escritores e o alvo da notícia, “Assim, o leitor pode se projetar no jornalista, sonhando estar em seu lugar, para ser requerido por elas [as celebridades]. Há uma criação dos jornalistas em personas (sic) [...]” (ADAMATTI, 2008, p.59). Nessa relação entre o corpo e o discurso, a instância subjetiva manifesta-se como “voz”, “corpo enunciante”, historicamente especificado e inscrito em uma

situação, que sua enunciação ao mesmo tempo pressupõe e valida progressivamente) [...]” (MAINGUENEAU, 2005, p.70). Em *Carta Capital*, ao escrever sobre mulheres, esse *fiador* incorpora esquemas que são familiares (cf. *ibid.*, p.72-73) a outras publicações, cujo *target* é justamente feminino. Novamente, há um gênero discursivo que não apenas *hibrida* as matérias da revista, mas que o faz segundo representações de gênero. Essa opção discursiva é altamente relevante considerando-se que a *nomeação* representa os atores em termos de uma identidade única, uns em relação aos outros, podendo inclusive confundir-se com a *categorização* para alguns (cf. VAN LEEUWEN, 1997, p.200-201), o que remete ao conceito de gênero enquanto uma categoria relacional. O esquema a seguir agrupa essas ocorrências, já registradas no Quadro 12.

### Mulheres

|                 |   |          |        |
|-----------------|---|----------|--------|
| Diana Krall     | → | Diana    | (CC18) |
| Dilma Rouseff   | → | Dilma    | (CC14) |
| Guita [Mindlin] | → | Guita    | (CC17) |
| Marina Silva    | → | Marina   | (CC14) |
| Michelle Obama  | → | Michelle | (CC16) |
| Tania Bacelar   | → | Tania    | (CC15) |

Quanto à *categorização*, aquela mais recorrente é a *funcionalização*, sendo de 28% para os homens e de 19,4% para as mulheres. O índice superior para os homens indica que eles são representados principalmente na esfera pública, o que não significa o mesmo para as mulheres, uma vez que as funcionalizações concentram-se em duas delas, Diana Krall (CC18) e Tania Bacelar (CC15), sendo esta super-representada. As *classificações* são bem semelhantes para homens (5,8%) e mulheres (6,4%), manifestas em informações sobre idade, naturalidade, nacionalidade ou filiação política, conforme referido para a edição de 2009 da revista. Igualmente, as percentagens de *identificação relacional* aproximam-se bastante. O que se destaca é a categorização de mulheres em termos de *identificação física* (3,3%) e *avaliação* (12,9%). Nestes casos, a categorização não se dá de acordo com o que os atores fazem, mas segundo características físicas que os distinguem em certo contexto, ou a partir de impressões interpessoais (cf. VAN LEEUWEN, 1997, p.206-207).

Embora tenha havido apenas uma ocorrência de *identificação física* para as mulheres, ela merece ser destacada, dados os elementos utilizados para essa categorização e a sua relevância neste trabalho. Na seção *Bravo!*, que traz “Dropes de cultura e entretenimento”, a resenha *Fora da redoma* indica que comentará o álbum *Glad Rag Doll*, da cantora Diana Krall, uma vez que essas informações seguem o título da matéria. De fato, há uma avaliação sobre as canções, acompanhada de referências aos parceiros artísticos e

sentimentais da cantora, além de considerações sobre as roupas que ela veste na fotografia que ilustra a capa do álbum. A resenha inicia informando sobre a trajetória artística de Krall, quando deixa de ser uma “**comportada** celebrante do pianista que moldou seu estilo”, para se tornar “protagonista de uma tentativa autoral de menor repercussão, em parcerias com **o marido**”, até voltar “**a correr riscos** em *Glad Rag Doll*. De corpete, cinta-liga e pose de *vamp*, nas fotos da capa e encarte ela encarna a **cantora de cabaré** [...] *Here Lies Love* convoca o lado rouco e **sensual** da cantora. Ela também **sussurra** a balada [...] A **diva** deixou sua redoma.” (CC18, p.71) (grifos meus).



Figura 14 – Fora da redoma.  
Fonte: *Carta Capital*, ano XVIII, n.738, p.71.

Pela leitura do texto, pode-se concluir que seu título referia-se à avaliação da mulher, não apenas da cantora ou do álbum, conforme poderia sugerir o gênero em que se enquadra o texto. As apreciações sobre o repertório da cantora confundem-se com a história de sua vida particular e com as mudanças que, supostamente, foram ocorrendo em sua personalidade ao longo da carreira. Essa estratégia, “[...] da novelização da vida mediática das estrelas e da surpresa contida no conteúdo incerto a partir da causalidade [...]” (ADAMATTI, 2008, p.38), integra a estrutura discursiva do gênero *fofoca*, no qual a vida amorosa das celebridades constitui principal foco, de preferência, sob o ângulo sensacionalista (cf. *ibid.*, p.39, 35). Esse sensacionalismo já se insinua por meio do título da resenha, de alto teor afetivo, à semelhança do que foi constatado anteriormente para a reportagem *Corpo atrai corpo*. Aqui, o inusitado é perseguido não somente pela exposição da vida pessoal da artista, mas também pela escolha vocabular utilizada para delinear Krall e suas ações, as quais

formam uma unidade semântica com a descrição de sua vestimenta, o que é dispensável, já que a resenha vem encabeçada por uma foto autoexplicativa.

Essa forma de *categorização* avaliativa e descritiva de características físicas desloca a atenção da artista para a mulher “sensual”, “cantora de cabaré”, que “sussurra a balada”. Semelhante ocorrência não foi encontrada nas resenhas que se sucedem, como em *Homens de ética*, filme no qual “amadores são testados em audição para a realização do filme”, em *Cortina de fumaça*, resenha sobre o filme *Minha Felicidade*, no qual “o caminhoneiro perambula pelo vilarejo miserável, ou em *A arte do anonimato*, sobre o ator Charles Duning, “O eterno coadjuvante, daqueles que, sem que se perceba, dão consistência e verossimilhança à trama de um filme”. O esquema a seguir organiza as formas de *avaliação* empregadas para homens e mulheres nos textos selecionados.

### Mulheres

|                   |   |                                                      |        |
|-------------------|---|------------------------------------------------------|--------|
| Diana Krall       | → | a diva; comportada celebrante; pose de <i>vamp</i> ; |        |
|                   |   | o lado rouco e sensual da cantora                    | (CC18) |
| Katherine Hepburn | → | voluptuosa submissão                                 | (CC16) |

### Homens

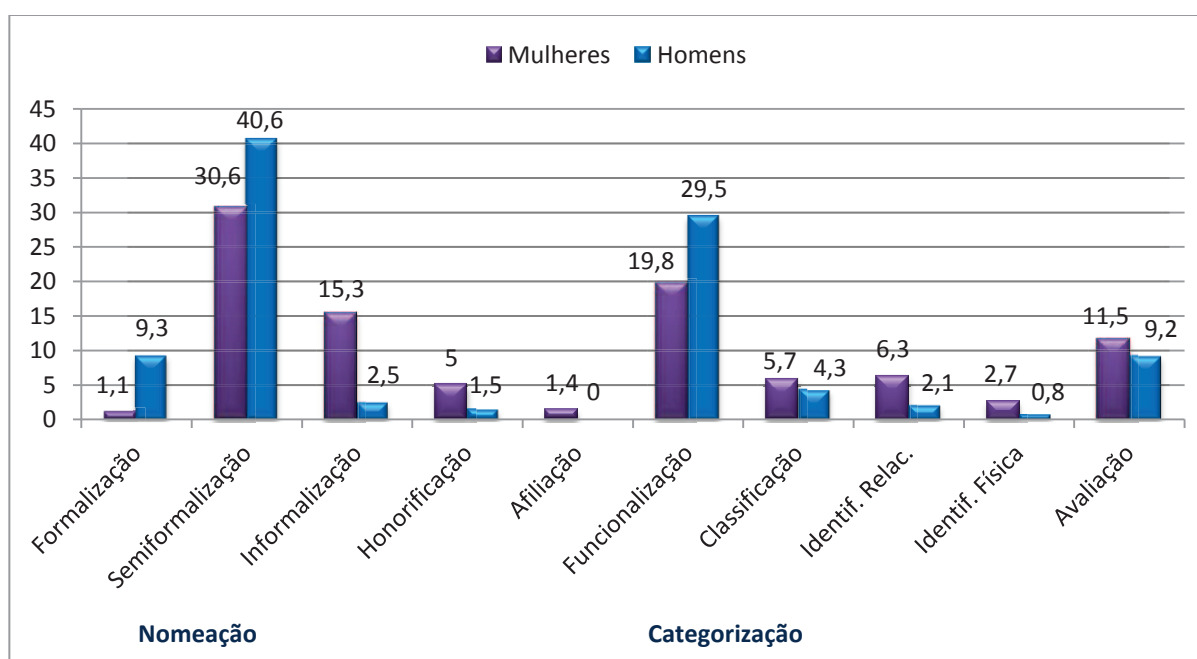
|                   |   |                                                          |        |
|-------------------|---|----------------------------------------------------------|--------|
| Aécio Neves       | → | virtual presidente do PSDB                               | (CC14) |
| Earl Hines        | → | lendário; o pai do piano no jazz                         | (CC14) |
| Eduardo Campos    | → | tem o sangue do avô nas veias; “cara nova” [na política] | (CC15) |
| Elvis Costello    | → | pós-punk                                                 | (CC18) |
| Fred Fischer      | → | obscuro                                                  | (CC16) |
| Karl Marx         | → | admirador [de Lincoln]                                   | (CC16) |
| Ken Taylor        | → | coadjuvante no filme de Affleck                          | (CC16) |
| Quentin Tarantino | → | cinéfilo                                                 | (CC16) |
| Ray Charles       | → | papa do soul                                             | (CC18) |
| T. Bone Burnett   | → | experiente                                               | (CC18) |

A avaliação consiste no modo mais subjetivo de categorização, pela qual os atores são referidos em termos interpessoais (cf. VAN LEEUWEN, 1997, p.207). Se retomarmos aqui a possibilidade de os jornalistas converterem-se em *persona*, a relação que estes estabelecem com as mulheres citadas (ambas celebridades, por coincidência) destaca principalmente a sensualidade das artistas. O mesmo não se dá quanto aos homens, cujas avaliações recaem, principalmente, sobre a atividade, tendências e preferências.

Os dados coletados na edição de 2013 de *Carta Capital* indicam não ter havido alterações significativas quanto à forma de representação dos atores sociais no discurso, em termos de gênero social, em comparação ao ano de 2009. Marcadamente com relação às mulheres, as matérias revelaram-se bastante avaliativas, o que parece não se alinhar à proposta de *Carta Capital*. Na Tabela 6, esses números são dispostos em percentuais, por sexo e por ano, os quais são representados no Gráfico 9.

Tabela 6 – Médias das formas de representação dos atores em *Carta Capital*, 2009 e 2013

| CATEGORIAS                           | Mulheres (%) |      |       | Homens (%) |      |       |
|--------------------------------------|--------------|------|-------|------------|------|-------|
|                                      | 2009         | 2013 | Média | 2009       | 2013 | Média |
| <b>1) Personalização (Determin.)</b> |              |      |       |            |      |       |
| <b>1.1) Nomeação</b>                 |              |      |       |            |      |       |
| a) Formalização                      | 2,2          | ---  | 1,1   | 9,4        | 9,3  | 9,3   |
| b) Semiformalização                  | 29,0         | 32,3 | 30,6  | 36,0       | 45,3 | 40,6  |
| c) Informalização                    | 8,0          | 22,6 | 15,3  | 5,0        | ---  | 2,5   |
| d) Titulação                         |              |      |       |            | ---  |       |
| Honorificação                        | 10,1         | ---  | 5,0   | 3,1        | ---  | 1,5   |
| Afiliação                            | 2,9          | ---  | 1,4   | ---        | ---  | ---   |
| <b>1.2) Categorização</b>            |              |      |       |            |      |       |
| a) Funcionalização                   | 20,3         | 19,4 | 19,8  | 31,0       | 28,0 | 29,5  |
| b) Identificação                     |              |      |       |            |      |       |
| Classificação                        | 5,1          | 6,4  | 5,7   | 2,8        | 5,8  | 4,3   |
| Identificação relacional             | 9,4          | 3,2  | 6,3   | 1,3        | 2,9  | 2,1   |
| Identificação física                 | 2,2          | 3,2  | 2,7   | 1,6        | ---  | 0,8   |
| c) Avaliação                         | 10,1         | 12,9 | 11,5  | 9,8        | 8,7  | 9,2   |
| <b>2) Impersonalização</b>           | 0,7          | ---  | 0,3   | ---        | ---  | ---   |

Gráfico 9 – Representação dos atores em *Carta Capital*, 2009 e 2013, mulheres e homens.

Fonte: Tabela 6; dados organizados pela autora.

De acordo com as médias percentuais, a nomeação empregada para homens é mais formal em *Carta Capital*, opostamente ao que se verifica quanto às mulheres, para as quais se observa o mais alto índice de *informalização*. A *funcionalização*, relacionada às atividades dos atores, também é mais elevada para os homens. Para as mulheres, a categorização aplica-se principalmente em termos de *classificação*, *identificação relacional*, *identificação física* e *avaliação*. No geral, as representações opõem-se em termos de público x privado, atividade x corpo. Na próxima seção, são analisadas essas representações na revista *Veja*.

## 4.2 Os atores em *Veja*

Os Quadros 14 e 15, a seguir, registram as escolhas lexicais para nomeação e categorização de homens e mulheres nos textos selecionados de *Veja*, março de 2009. Após os comentários gerais, os dados são consolidados na Tabela 7 e categorizados na Tabela 8. Essa categorização é ilustrada no Gráfico 10.

**Quadro 14 – Representação de mulheres em *Veja*, 2009**

| Primeira nomeação                     | Anáfora                                                                                                                                            | Representação                                                                                                                                                       | Código do texto |
|---------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------|
| a morena exuberante<br>Angelina Jolie | Thatiana Pagund                                                                                                                                    | multo parecida [com Michelle Obama]<br>33 [anos]; de cara fechada; parecia espectral em um longo preto; “Vampira Jolie”                                             | VJ05<br>VJ05    |
| Bruna Bianchi                         | mulher [de David Goldman]; Bruna; Bruna; a mãe brasileira; Bruna; [d]a mulher; Bruna; Bruna; Bruna; Bruna; mãe; Bruna; mãe<br>meia-irmã; meia-irmã | brasileira; bonita e culta; que estudava moda                                                                                                                       | VJ02            |
| Chiara<br>Elas                        |                                                                                                                                                    | sua única filha [de Bruna Bianchi]                                                                                                                                  | VJ02<br>VJ09    |
| Eliana Cardoso                        | Eliana Cardoso                                                                                                                                     | economista; professora da FGV; professora da FGV                                                                                                                    | VJ06            |
| Eunice Durham                         |                                                                                                                                                    | especialista em ensino superior                                                                                                                                     | VJ03            |
| Gisele Bündchen                       | Gisele                                                                                                                                             | 28 anos; vestido Dolce&Gabbana                                                                                                                                      | VJ05            |
| Hillary Clinton                       |                                                                                                                                                    | secretária de Estado                                                                                                                                                | VJ02            |
| Jade Goody                            | Jade                                                                                                                                               | inglesa; 27 anos; celebridade de segunda linha; ex-assistente de dentista; gordinha; suburbana                                                                      | VJ04            |
| Luma de Oliveira                      |                                                                                                                                                    | retornada; 44 anos; umas coisinhas a disfarçar; autoembrulhou-se num imenso laçarote                                                                                | VJ05            |
| Marília Ramos                         | Marília                                                                                                                                            | paulista; administradora de empresas; 26 anos                                                                                                                       | VJ08            |
| Marisa Lula da Silva                  | primeira-dama                                                                                                                                      | transbordante de entusiasmo                                                                                                                                         | VJ05            |
| Michelle Obama                        | Michelle; Michelle                                                                                                                                 | transbordante de entusiasmo; exibindo com classe um tomara-que-caia; colar poderosíssimo; qualificada para qualquer carnaval                                        | VJ05            |
| Neide Maia Gonzalez                   |                                                                                                                                                    | linguista; da Universidade de São Paulo                                                                                                                             | VJ08            |
| Pamela Cox                            |                                                                                                                                                    | vice-presidente do Banco Mundial para a América Latina e o Caribe                                                                                                   | VJ06            |
| Paola Oliveira                        |                                                                                                                                                    | atriz; 26 anos; da Grande Rio; dona da barriga mais tanque da Sapucaí                                                                                               | VJ05            |
| Patrícia                              |                                                                                                                                                    | irmã [de Gisele]; porta-voz de Gisele                                                                                                                               | VJ05            |
| Priscila Corrêa da Fonseca            | Priscila; Priscila                                                                                                                                 | advogada; conhecida especialista em direito de família                                                                                                              | VJ07            |
| Salma Hayek                           |                                                                                                                                                    | atriz mexicana; 42 [anos]; sozinha; vestindo um Balenciaga; cobria quase completamente os dotes que ela adora mostrar, tinha elástico nos joelhos [...]             | VJ05            |
| Sarah Jessica Parker                  |                                                                                                                                                    | 43 [anos]; rosto estranho, cabelo estranho, marido (Matt Broderick) estranho e vestido mais desconfortável do que biquini de passista; Semiasfixiada no modelo Dior | VJ05            |
| Uma Thurmann                          |                                                                                                                                                    | desacompanhada; 38 [anos]; rosto emaciado e poucos sorrisos                                                                                                         | VJ05            |
| Valesca Popozuda                      |                                                                                                                                                    | 30 anos; da Porto da Pedra; experiência de quem carrega 285 mililitros de silicone nos seios e outros 350 nos glúteos                                               | VJ05            |
| Viviane Araújo                        |                                                                                                                                                    | 33 [anos]; da vendedora Salgueiro                                                                                                                                   | VJ05            |
| Yvonne Maggie                         |                                                                                                                                                    | antropóloga                                                                                                                                                         | VJ03            |

Quadro 15 – Representação de homens em *Veja*, 2009

| Primeira nomeação              | Anáfora                                                                                                                                                     | Representação                                                                                                                                                                        | Código do texto |
|--------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------|
| Adriano Ryba                   | Adriano Ryba; Ryba                                                                                                                                          | 28 anos; da Abrafam                                                                                                                                                                  | VJ07            |
| Alexandre Schwartzman          |                                                                                                                                                             | economista-chefe do Santander; ex-diretor do BC                                                                                                                                      | VJ06            |
| Aluciano Ferreira dos Santos   | sem-terra                                                                                                                                                   | líder do MST na região; acusado; apontado como assassino; foragido                                                                                                                   | VJ01            |
| André Torretá                  |                                                                                                                                                             | diretor da Ponte Estratégica                                                                                                                                                         | VJ06            |
| Antony Beevor                  |                                                                                                                                                             | historiador inglês; autoridade em II Guerra Mundial                                                                                                                                  | VJ09            |
| Anthony Kennedy                |                                                                                                                                                             | juiz                                                                                                                                                                                 | VJ03            |
| Arl Pargendler                 |                                                                                                                                                             | ministro [do STJ]                                                                                                                                                                    | VJ02            |
| Augusto Carneiro               |                                                                                                                                                             | da firma carioca                                                                                                                                                                     | VJ08            |
| Barack Obama                   |                                                                                                                                                             |                                                                                                                                                                                      | VJ02            |
| Barack Obama                   |                                                                                                                                                             |                                                                                                                                                                                      | VJ03            |
| Brad Pitt                      |                                                                                                                                                             | [d]o negro                                                                                                                                                                           | VJ05            |
| Carlos Alberto Direito         | Direito                                                                                                                                                     | ministro [do STJ]                                                                                                                                                                    | VJ02            |
| Carlos Langoni                 | Carlos Langoni                                                                                                                                              | ex-presidente do Banco Central; diretor; da FGV                                                                                                                                      | VJ06            |
| Celso Amorim                   | Amorim                                                                                                                                                      | chanceler                                                                                                                                                                            | VJ02            |
| Claudio Haddad                 |                                                                                                                                                             | presidente da escola de negócios Ibmec                                                                                                                                               | VJ06            |
| David Goldman                  | Goldman; David Goldman; Goldman; [d]o pai Americano; Goldman; Goldman; pai; Goldman; Goldman; Goldman; Goldman; Goldman; Goldman; Goldman; Goldman; Goldman | o americano; pai biológico; ávido por dinheiro; É portador de uma doença degenerativa; não tem emprego ou renda fixa; não vive no ócio; faz bicos como modelo e corretor imobiliário | VJ02            |
| David Livingstone              |                                                                                                                                                             | missionário                                                                                                                                                                          | VJ09            |
| Demétrio Magnoli               |                                                                                                                                                             | sociólogo                                                                                                                                                                            | VJ03            |
| Denis Rosenfield               |                                                                                                                                                             | filósofo                                                                                                                                                                             | VJ01            |
| Donizete Souza                 | Donizete                                                                                                                                                    | 24 [anos]; agricultor                                                                                                                                                                | VJ01            |
| Edmar Bacha                    | Bacha                                                                                                                                                       | economista                                                                                                                                                                           | VJ06            |
| Edson Santos                   |                                                                                                                                                             | ministro; da Secretaria da Igualdade Racial (Seppir)                                                                                                                                 | VJ03            |
| Felipe Hentz                   |                                                                                                                                                             | gaúcho; 33 anos; técnico em informática em Porto Alegre                                                                                                                              | VJ08            |
| Fernando Haddad                |                                                                                                                                                             | ministro da Educação; defensor das cotas                                                                                                                                             | VJ03            |
| François-Henri Pinault         |                                                                                                                                                             | bilionário francês; dono de um conglomerado de marcas de luxo                                                                                                                        | VJ05            |
| Geraldo Carnevale Ney da Silva | juiz Carnevale                                                                                                                                              | juiz                                                                                                                                                                                 |                 |
| Getúlio Ost                    |                                                                                                                                                             | estudante gaúcho; 18 anos                                                                                                                                                            | VJ03            |
| Gilmar Mendes                  | o ministro                                                                                                                                                  | presidente do Supremo Tribunal Federal; ministro                                                                                                                                     | VJ01            |
| Gordno Brown                   |                                                                                                                                                             | primeiro-ministro                                                                                                                                                                    | VJ04            |
| Guido Mantega                  |                                                                                                                                                             | Ministro da Fazenda                                                                                                                                                                  | VJ06            |
| Gustavo Bassini                |                                                                                                                                                             | capixaba → em meio a tantos especialistas, referido apenas...                                                                                                                        | VJ07            |
| Gustavo Loyola                 |                                                                                                                                                             | economista; presidiu o Banco Central                                                                                                                                                 | VJ06            |
| Nenry Morton Stanley           |                                                                                                                                                             | explorador                                                                                                                                                                           | VJ09            |
| Hitler                         |                                                                                                                                                             |                                                                                                                                                                                      | VJ09            |
| Hugo Chávez                    |                                                                                                                                                             | que [foi quem] rasgou contratos e afugentou o capital externo                                                                                                                        | VJ06            |

| Primeira nomeação        | Anáfora                                                                                                                        | Representação                                                                                     | Código do texto |
|--------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------|
| Jack Straw               | Jack                                                                                                                           | rapaz de 21 anos; curtindo pena na cadeia                                                         | VJ04            |
| Jaime Amorim             | chefe do bando                                                                                                                 | coordenador nacional do movimento [MST]; declaração delinquente;                                  | VJ01            |
| João Arnaldo da Silva    | João; João; João                                                                                                               | 40 anos; segurança; profissional                                                                  | VJ01            |
| João Paulo Lins e Silva  | Lins e Silva; [alô padrasto; Lins e Silva; Lins e Silva; padrasto; Lins e Silva                                                | advogado; do clã                                                                                  | VJ02            |
| John                     |                                                                                                                                | filho de 1 ano e meio de Brady                                                                    | VJ05            |
| John Marshall Harlan     |                                                                                                                                | juiz                                                                                              | VJ03            |
| José Júlio Senna         | economista José Júlio Senna; Senna; José Júlio Senna                                                                           | economista; ex-diretor do Banco Central; sócio da MCM Consultores                                 | VJ06            |
| José Rainha              |                                                                                                                                | protegido das cabeças mais coroadas do petismo                                                    | VJ01            |
| José Roberto Pinto Góes  |                                                                                                                                | historiador                                                                                       | VJ03            |
| José Serra               |                                                                                                                                | tucano; presidencialável                                                                          | VJ01            |
| José Wedson da Silva     | Wedson; Wedson; Wedson; Wedson                                                                                                 | 20 [anos]; agricultor; morto como cão; morreu como quem pede clemência                            | VJ01            |
| Josh Bernstein           | o apresentador; Josh Bernstein; Josh Bernstein; Bernstein; Bernstein                                                           | é o Indiana Jones; historiador-galã; apresentador; formação em antropologia e psicologia; 38 anos | VJ09            |
| Leão Alves               |                                                                                                                                | do movimento Nação Mestiça                                                                        | VJ03            |
| libertador do Chile      |                                                                                                                                | general San Martin                                                                                | VJ09            |
| Luciano Francisco Soares |                                                                                                                                | delegado                                                                                          | VJ01            |
| Luiz Camier              |                                                                                                                                | professor do MBA                                                                                  | VJ08            |
| Luiz Kignel              | Kignel                                                                                                                         | advogado de família; de São Paulo                                                                 | VJ07            |
| Lula                     |                                                                                                                                | Presidente                                                                                        | VJ02            |
| Lula                     |                                                                                                                                |                                                                                                   | VJ06            |
| Mailson da Nóbrega       | Mailson da Nóbrega                                                                                                             | economista                                                                                        | VJ06            |
| Marcelo Neri             |                                                                                                                                | da Fundação Getúlio Vargas                                                                        | VJ06            |
| Mark Burnett             |                                                                                                                                | criador da gincana                                                                                | VJ09            |
| Paulo Alves              | sem-terra                                                                                                                      | participante do grupo; acusado; apontado como assassino; foragido                                 | VJ01            |
| Rafael Erasmo da Silva   | Rafael; Rafael                                                                                                                 | 20 [anos]; mototaxista                                                                            | VJ01            |
| Renato Pedrosa           |                                                                                                                                | matemático; um dos coordenadores do vestibular da Unicamp                                         | VJ03            |
| Ricardo Zamariola Junior |                                                                                                                                | advogado no Brasil                                                                                | VJ02            |
| Rodrigo dos Santos       | Santos                                                                                                                         | dentista mineiro; 35 anos                                                                         | VJ08            |
| Sean                     | Sean; Sean Bianchi Goldman; Sean; filho; criança; Sean; o filho; o menino; filho; garoto; criança; Sean; menino; Sean; criança | [alô filho [de David Goldman]                                                                     | VJ02            |
| Simon Schwartzman        |                                                                                                                                | sociólogo                                                                                         | VJ03            |
| Thomas Sowell            |                                                                                                                                | economista americano; da Universidade Sanford                                                     | VJ03            |
| Tom Brady                | Brady                                                                                                                          | astro do futebol americano                                                                        | VJ05            |
| Valdeci de Abreu Lopes   |                                                                                                                                | cabo                                                                                              | VJ01            |
| Wagner Luis da Silva     | Wagner; Wagner; Wagner; Wagner                                                                                                 | 25 [anos]; mototaxista; morto como cão                                                            | VJ01            |
| William Duncan           |                                                                                                                                | secretário-geral adjunto da Conferência de Haia                                                   | VJ02            |

Pode-se constatar que, assim como em *Carta Capital*, há muito mais homens mencionados nos textos selecionados de *Veja* em relação a mulheres, com uma diferença percentual de 46,8% em primeira referência, apenas 1% a mais que na revista anterior para o mesmo ano. Nada obstante, somadas a primeira referência e as anáforas, os percentuais diferenciam-se bastante, havendo 48,6% a mais de referências para homens em *Veja*, ao passo que, em *Carta Capital*, essa desigualdade era de 37,4%. Em *Veja*, a nomeação de mulheres novamente não se distribui por igual, mas concentra-se em uma reportagem sobre disputa de paternidade (VJ02) e em outra sobre celebridades (VJ05), totalizando cerca de 70% das ocorrências. Em VJ09, não houve nomeação de alguma mulher em específico, contudo, o texto foi incluído por haver uma referência exofórica (“Elas”). Essa forma indeterminada de nomear os atores (no caso, atrizes) é utilizada para destacar a importância do “galã” protagonista da reportagem.

Na Tabela 7, são quantificadas as referências listadas nos Quadros 14 e 15, em números e em percentuais. Após, na Tabela 8, as formas de nomeação registradas nesses quadros são classificadas segundo as categorias propostas por Theo van Leeuwen (1997). Na sequência, esses números são ilustrados no Gráfico 10.

**Tabela 7 – Total de referências a atores femininos e masculinos em *Veja*, 2009**

| Sexo         | 1ª Referência | Anáfora | Total | %     |
|--------------|---------------|---------|-------|-------|
| Feminino     | 25            | 26      | 51    | 25,7% |
| Masculino    | 69            | 78      | 147   | 74,3% |
| <b>TOTAL</b> | 94            | 104     | 198   | 100%  |

**Tabela 8 – Representação dos atores em *Veja*, 2009, mulheres e homens**

| CATEGORIAS                           | MULHERES      |           |               |     | TOTAL      | *<br>%      | HOMENS        |           |               |     | TOTAL      | *<br>%      |
|--------------------------------------|---------------|-----------|---------------|-----|------------|-------------|---------------|-----------|---------------|-----|------------|-------------|
|                                      | 1ª Referência | Anáfora   | Identificação |     |            |             | 1ª Referência | Anáfora   | Identificação |     |            |             |
| <b>1) Personalização (Determin.)</b> |               |           |               |     |            |             |               |           |               |     |            |             |
| <b>1.1) Nomeação</b>                 |               |           |               |     |            |             |               |           |               |     |            |             |
| a) Formalização                      | ---           | ---       | ---           | --- | ---        | ---         | 1             | 26        | ---           | --- | 27         | 10,1        |
| b) Semiformalização                  | 19            | 2         | ---           | --- | 21         | 18,4        | 63            | 9         | ---           | --- | 72         | 27,0        |
| c) Informalização                    | 3             | 15        | ---           | --- | 18         | 15,8        | 4             | 20        | ---           | --- | 24         | 9,0         |
| d) Titulação                         | ---           | ---       | 2             | --- | 2          | 1,8         | 1             | 1         | 5             | --- | 7          | 2,6         |
| Honorificação                        | ---           | ---       | 4             | --- | 4          | 3,5         | ---           | ---       | ---           | --- | ---        | ---         |
| Afiliação                            | ---           | ---       | ---           | --- | ---        | ---         | ---           | ---       | ---           | --- | ---        | ---         |
| <b>1.2) Categorização</b>            |               |           |               |     |            |             |               |           |               |     |            |             |
| a) Funcionalização                   | ---           | 1         | 14            | --- | 15         | 13,2        | ---           | 4         | 45            | --- | 49         | 18,3        |
| b) Identificação                     |               |           |               |     |            |             |               |           |               |     |            |             |
| Classificação                        | 1             | 2         | 13            | --- | 16         | 14,0        | ---           | 11        | 44            | --- | 55         | 20,7        |
| Identificação relacional             | ---           | 5         | 2             | --- | 7          | 6,1         | ---           | 7         | 3             | --- | 10         | 3,7         |
| Identificação física                 | ---           | ---       | 3             | --- | 3          | 2,6         | ---           | ---       | ---           | --- | ---        | ---         |
| c) Avaliação                         | 1             | ---       | 26            | --- | 27         | 23,7        | ---           | ---       | 23            | --- | 23         | 8,6         |
| <b>2) Indeterminação</b>             | 1             | ---       | ---           | --- | 1          | 0,9         | ---           | ---       | ---           | --- | ---        | ---         |
| <b>TOTAL</b>                         | <b>26</b>     | <b>25</b> | <b>63</b>     |     | <b>114</b> | <b>100%</b> | <b>69</b>     | <b>78</b> | <b>120</b>    |     | <b>267</b> | <b>100%</b> |

\* Percentual do número de ocorrências sobre o total, por sexo. Valores arredondados.

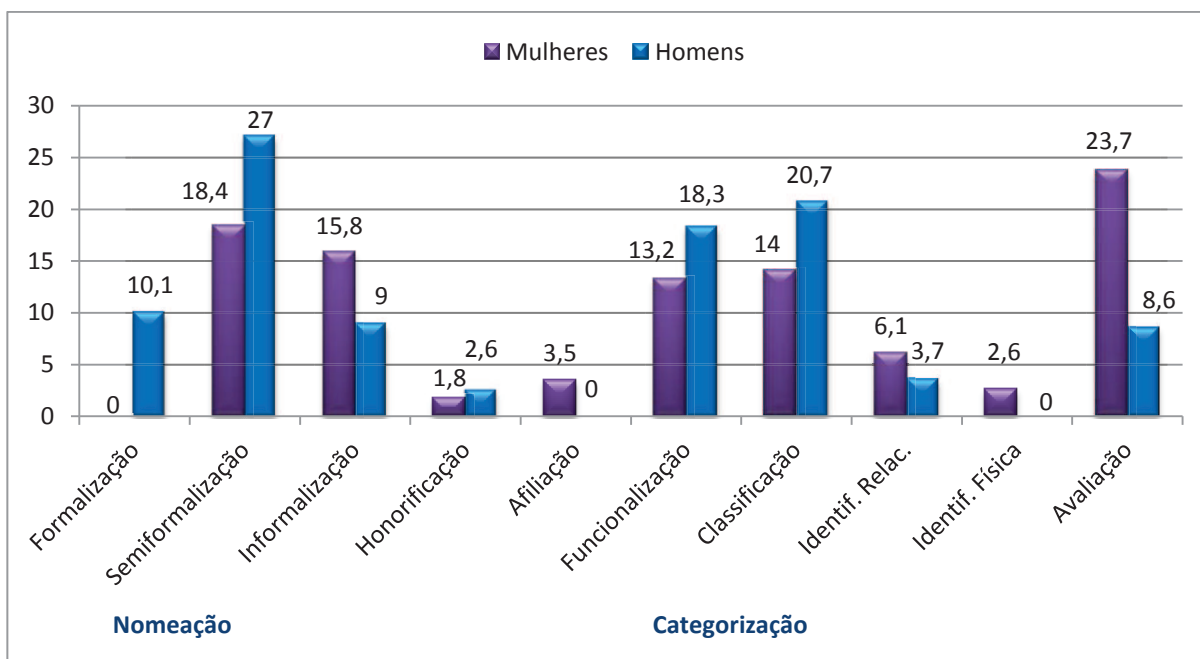


Gráfico 10 – Representação dos atores nos textos de *Veja*, 2009, mulheres e homens.

Fonte: Tabela 8; dados organizados pela autora.

Conforme os dados da Tabela 8 e do Gráfico 10, a *semiformalização*, ou a grafia completa do nome, totaliza o maior índice de nomeações para mulheres (18,4%) e homens (27%) em primeira ocorrência, com 8,6% a mais para estes. A maior diferença manifesta-se na referência anafórica, quando se constata um extremo: há 10,1% de *formalização* para os homens, sendo eles nomeados somente pelo sobrenome, e 0% para as mulheres. Observando-se que o percentual de *informalização* é bem mais alto para as mulheres (15,8%), no conjunto, a nomeação destas em *Veja* é bem menos formal em relação aos homens. Tal polarização acentua-se se comparados os contextos onde há *informalização* para mulheres e homens, ou onde os atores são *avaliados*, *classificados* ou mesmo alcunhados antes de serem nomeados.

Para os homens, a *informalização* em primeira ocorrência bem como a *informalização* ou *categorização* em posição anafórica aplicam-se a crianças (John e Sean), àqueles cujas profissões são menos prestigiadas socialmente (agricultor, segurança, mototaxista) ou àqueles avaliados negativamente pelos jornalistas (“curtindo pena na cadeia”, “chefão do bando”, “sem-terra”). No discurso, aqueles nomeados formalmente, semiformalmente ou honorificamente (“libertador do Chile”) são hierarquizados em um nível mais elevado, havendo, logo, uma lógica de classificação dos atores.

O método não se observa às mulheres, sendo a *informalização* utilizada independente da idade, profissão ou importância social atribuída a elas pelos jornalistas.

Considerando-se que esses parecem ter sido os critérios empregados para se hierarquizarem os homens, comparativamente, pode-se concluir que, no geral, as mulheres são discursivamente menos importantes que eles, lembrando-se ainda que a *nomeação* é, segundo van Leeuwen (1997, p.200), um modo relacional de representação dos atores, sobretudo quando ela é acompanhada de categorização. A disparidade é tamanha que, na mesma linha de um texto (VJ07), dois advogados são nomeados diversamente, o que pode ser interpretado como uma escolha relacionada ao gênero: [Luiz] Kignel e Priscila [Corrêa da Fonseca]. O esquema que segue resume as formas de nomeação informal ou classificações utilizadas para homens e mulheres nesta edição de *Veja*, onde elas possuem também caráter avaliativo.

### Mulheres

|                            |   |                 |   |                                    |        |
|----------------------------|---|-----------------|---|------------------------------------|--------|
| A morena exuberante        | → | Thatiana Pagund | → | muito parecida [com M. Obama]      | (VJ05) |
| Bruna Bianchi              | → | Bruna           | → | estudava moda                      | (VJ02) |
| Chiara [Bianchi]           |   |                 | → | sua única filha [de Bruna Bianchi] | (VJ02) |
| Gisele Bündchen            | → | Gisele          | → | 28 anos [modelo]                   | (VJ05) |
| Jade Goody                 | → | Jade            | → | inglesa; 27 anos; ex-assistente    | (VJ04) |
| Marília Ramos              | → | Marília         | → | administradora de empresas         | (VJ08) |
| Michele Obama              | → | Michele         | → | colar poderosíssimo                | (VJ05) |
| Patrícia                   |   |                 | → | porta-voz de Gisele (Bündchen)     | (VJ05) |
| Priscila Corrêa da Fonseca | → | Priscila        | → | especialista em direito de família | (VJ07) |
| Valesca Popozuda           |   |                 | → | da Porto da Pedra                  | (VJ05) |

### Homens

|                        |   |                 |   |                                |        |
|------------------------|---|-----------------|---|--------------------------------|--------|
| Donizete Souza         | → | Donizete        | → | agricultor                     | (VJ01) |
| Jack Straw             | → | Jack            | → | curtindo pena na cadeia        | (VJ04) |
| Jaime Amorim           | → | chefão do bando | → | coordenador nacional do MST    | (VJ01) |
| João Arnaldo da Silva  | → | João            | → | segurança                      | (VJ01) |
| John                   |   |                 | → | filho de 1 ano e meio de Brady | (VJ05) |
| José Wedson da Silva   | → | Wedson          | → | agricultor                     | (VJ01) |
| Paulo Alves            | → | sem-terra       | → | participante do grupo          | (VJ01) |
| Rafael Erasmo da Silva | → | Rafael          | → | mototaxista                    | (VJ01) |
| Sean                   | → | Sean            | → | o filho [de David Goldman]     | (VJ02) |
| Wagner Luís da Silva   | → | Wagner          | → | mototaxista                    | (VJ01) |

A *afiliação*, categoria de nomeação pela qual há adição de um termo de relação pessoal ou de parentesco a um nome, verificou-se somente para mulheres, em um percentual de 3,5%. Essa ocorrência concentrou-se na reportagem *Um menino e dois países* (VJ02), que informa sobre a disputa de guarda envolvendo uma criança de dupla nacionalidade. No texto, são *afiliados* o menino em disputa, sua meia-irmã e sua mãe, esta quase sempre referida pelo primeiro nome, ou como “mãe”, ou como “mulher” do pai da criança, o mesmo não ocorrendo para este.

No que respeita à *categorização*, houve menos informações quanto às atividades profissionais das mulheres (13,2%) em relação aos homens (18,3%), o que indica ser a *funcionalização* mais relevante para estes. Tal valoração é expressa não apenas em números, mas também em imagens. Na reportagem *O Brasil e a crise mundial* (VJ06), por exemplo, inserida na seção de economia, são mencionados doze homens, ao passo que são citadas apenas duas mulheres, Eliana Cardoso, economista e professora da FGV, e Pamela Cox, vice-presidente do Banco Mundial para a América Latina e o Caribe, ambas em única referência. O texto é bem extenso, ocupando oito páginas, sendo que, casualmente, as duas mulheres são nomeadas na mesma página, a sétima, onde não há qualquer menção aos homens anteriormente citados. Nada obstante, a página não é ilustrada por imagem de uma delas, ou de ambas, mas pela foto de uma modelo vestindo biquíni. A foto insere-se em um *boxe* na página, cujo título “Comércio prêt-à-porter” certamente evoca interpretações ao menos ambíguas nos RM dos leitores (qual é o “produto” comercializado?), as quais nada têm a ver com as declarações atribuídas às economistas cuja voz é reproduzida ao lado da imagem.



Figura 15 – A economista.

Fonte: *Veja*, ano 42, n.9, p.88, 4 mar. 2009.

Assim como a *categorização*, a *classificação* apresentou índices mais elevados para os homens (20,7%) comparativamente às mulheres (14%). Essa categoria abrange grande variedade de representações, sendo bem mais ampla que a *funcionalização*, pois é mediante ela que, basicamente, as sociedades diferenciam as pessoas (cf. LEEUWEN, 1997, p.202). O esquema a seguir organiza homens e mulheres segundo suas classificações, para melhor visualizá-las. O número de mulheres é bem inferior ao de homens porque, conforme referido, o índice de categorização para elas foi menor.

**Mulheres**

|                      |                                     |        |
|----------------------|-------------------------------------|--------|
| Angelina Jolie       | → 33 [anos]                         | (VJ05) |
| Bruna Bianchi        | → mãe brasileira; brasileira        | (VJ02) |
| Gisele Bündchen      | → 28 anos                           | (VJ05) |
| Jade Goody           | → inglesa, 27 anos                  |        |
| Luma de Oliveira     | → 44 anos                           | (VJ05) |
| Marília Ramos        | → paulista; 26 anos                 | (VJ08) |
| Neide Maia Gonçalves | → da Universidade de São Paulo      | (VJ08) |
| Paola Oliveira       | → 26 anos; da Grande Rio            | (VJ05) |
| Salma Hayek          | → mexicana; 42 anos                 | (VJ05) |
| Sarah Jessica Parker | → 43 [anos]                         | (VJ05) |
| Valesca Popozuda     | → 30 anos; da Porto da Pedra        | (VJ05) |
| Viviane Araújo       | → 33 [anos]; da vencedora Salgueiro | (VJ05) |

**Homens**

|                              |                                                  |        |
|------------------------------|--------------------------------------------------|--------|
| Adriano Ryba                 | → 28 anos; da Abrafam                            | (VJ07) |
| Aluciano Ferreira dos Santos | → líder do MST na região                         | (VJ01) |
| Antony Beevor                | → inglês                                         | (VJ09) |
| Augusto Carneiro             | → da firma carioca                               | (VJ08) |
| Barack Obama                 | → [d]o negro                                     | (VJ03) |
| Carlos Langoni               | → da FGV                                         | (VJ06) |
| David Goldman                | → pai biológico                                  | (VJ02) |
| Donizete Souza               | → 24 [anos]; agricultor                          | (VJ01) |
| Edson Santos                 | → da Secretaria da Igualdade Racial (Seppir)     | (VJ03) |
| Felipe Hentz                 | → gaúcho; 33 anos                                | (VJ08) |
| François-Henri Pinault       | → bilionário; francês; dono de um conglomerado   | (VJ05) |
| Gustavo Bassini              | → capixaba                                       | (VJ07) |
| Gustavo Loyola               | → presidiu o Banco Central                       | (VJ06) |
| Jack Straw                   | → rapaz; 21 anos                                 | (VJ04) |
| Jaime Amorim                 | → chefe do bando; coordenador nacional do MST    | (VJ01) |
| João Arnaldo da Silva        | → 40 anos                                        | (VJ01) |
| José Júlio Senna             | → sócio da MCM consultores                       | (VJ06) |
| José Serra                   | → tucano                                         | (VJ01) |
| José Wedson da Silva         | → 20 [anos]                                      | (VJ01) |
| Josh Bernstein               | → formação em antropologia e psicologia; 38 anos | (VJ09) |
| libertador do Chile          | → do movimento Nação Mestiça                     | (VJ03) |
| Marcelo Neri                 | → da Fundação Getúlio Vargas                     | (VJ06) |
| Paulo Alves                  | → sem-terra                                      | (VJ01) |
| Rafael Erasmo da Silva       | → 20 [anos]                                      | (VJ01) |
| Ricardo Zamariola Junior     | → advogado no Brasil                             | (VJ02) |
| Rodrigo dos Santos           | → mineiro; 35 anos                               | (VJ08) |
| Sean                         | → criança; garoto                                | (VJ02) |
| Thomas Sowell                | → americano; da Universidade Sanford             | (VJ03) |
| Wagner Luís da Silva         | → 25 anos                                        | (VJ01) |

Como se pode observar, é variada a natureza das classificações registradas, sobretudo para os homens. No geral, os adjetivos pátrios são utilizados para situar os atores em relação a outros de diferentes nacionalidades ou naturalidades, localizá-los em meio a grupos cujos membros tenham origens distintas ou ainda identificar sua produção cultural ou profissional com determinada região. A *classificação* aparece também para indicar afiliação a associações, universidades, empresas ou órgãos públicos, aproximando-se, em alguns casos, da *funcionalização*. Para as mulheres, há três ocorrências desse tipo vinculando-as a escolas de samba, portanto, conotando afiliações lúdicas, não profissionais. A classificação de relevo

para as mulheres é a que se dá pela idade, totalizando mais de 80% dos casos, o que parece ser menos importante quanto aos homens (28%).

Entre o total de ocorrências, a *categorização* das mulheres concentrou-se na *identificação física* (2,7%), o que inexistia para os homens, e na *avaliação*, que foi de 23,7% para elas e de 8,6% para eles. Esses contrastes indicam que informações sobre a profissão são consideradas mais notáveis para os homens, sendo mais relevantes, quando se trata de mulheres, as avaliações subjetivas e os atributos físicos, cujo objetivo é justamente atrair sobre elas “[...] a atenção do leitor ou do ouvinte” (VAN LEEUWEN, 1997, p.206). Verifica-se haver, nesses termos, uma oposição entre atividade e corpo, ou aparência. O esquema a seguir registra as *identificações físicas* utilizadas para as mulheres e as *avaliações* pelas quais foram representadas mulheres e homens.

### Mulheres

|                      |                                                                                                                                                            |        |
|----------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------|
| a morena exuberante  | → muito parecida [com Michelle Obama]                                                                                                                      | (VJ05) |
| Angelina Jolie       | → de cara fechada; parecia espectral em um longo preto; “Vampira Jolie”                                                                                    | (VJ05) |
| Bruna Bianchi        | → bonita e culta                                                                                                                                           | (VJ02) |
| Gisele Bündchen      | → vestido Dolce&Gabbana                                                                                                                                    | (VJ05) |
| Jade Goody           | → celebridade de segunda linha; gordinha; suburbana                                                                                                        | (VJ04) |
| Luma de Oliveira     | → retornada; umas coisinhas a disfarçar; embrulhou-se num imenso laçarote                                                                                  | (VJ05) |
| Marisa Lula da Silva | → transbordante de entusiasmo; jeans de cintura baixa, com cintinho                                                                                        | (VJ05) |
| Michelle Obama       | → transbordante de entusiasmo; exibindo com classe um tomara-que-caia; colar poderosíssimo; qualificada para qualquer carnaval                             | (VJ05) |
| Paola Oliveira       | → dona da barriga mais tanque da Sapucaí                                                                                                                   | (VJ05) |
| Salma Hayek          | → sozinha; vestindo um Balenciaga; cobria quase completamente os dotes que ela adora mostrar; tinha elástico nos joelhos                                   | (VJ05) |
| Sarah Jessica Parker | → rosto estranho, cabelo estranho, marido (Matt Broderick) estranho e vestido mais desconfortável do que biquíni de passista; semiasfixiada no modelo Dior | (VJ05) |
| Uma Thurmann         | → desacompanhada; rosto emaciado e poucos sorrisos                                                                                                         | (VJ05) |
| Valesca Popozuda     | → experiência de quem carrega 285 mililitros de silicone nos seios e outros 350 nos glúteos                                                                | (VJ05) |

### Homens

|                              |                                                                                                                                        |        |
|------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------|
| Aluciano Ferreira dos Santos | → acusado; apontado como assassino; foragido                                                                                           | (VJ01) |
| David Goldman                | → ávido por dinheiro; portador de uma doença degenerativa; não tem emprego ou renda fixa; faz bicos como modelo e corretor imobiliário | (VJ02) |
| Fernando Haddad              | → defensor das cotas                                                                                                                   | (VJ03) |
| Hugo Chávez                  | → [foi quem] rasgou contraltos e afugentou o capital externo                                                                           | (VJ06) |
| Jack Straw                   | → curtindo pena na cadeia                                                                                                              | (VJ04) |
| Jaime Amorim                 | → declaração delinquente                                                                                                               | (VJ01) |
| José Rainha                  | → protegido das cabeças coroadas do petismo                                                                                            | (VJ01) |
| José Serra                   | → presidencial                                                                                                                         | (VJ01) |
| José Wedson da Silva         | → morto como um cão; morreu como quem pede clemência                                                                                   | (VJ01) |
| Josh Bernstein               | → é o Indiana Jones; historiador-galã                                                                                                  | (VJ09) |
| Paulo Alves                  | → acusado; apontado como assassino; foragido                                                                                           | (VJ01) |
| Wagner Luís da Silva         | → morto como um cão                                                                                                                    | (VJ01) |

Outra peculiaridade quanto à descrição e avaliação de mulheres reside no fato de elas se concentrarem em VJ04 e VJ05, reportagens localizadas na seção *Geral* de *Veja*, onde

se agrupam as matérias cujos temas não são economia ou política. Na edição de *Veja* em análise, os assuntos contemplados são cotas raciais, sociedade, gente, família, educação, saúde, negócios (“soft”: “A indústria brasileira de games”) e psicologia. Todos poderiam, facilmente, ser transpostos a uma revista para o público feminino de classes econômicas A e B sem que houvesse qualquer estranheza, principalmente VJ04 – *Tudo na vida tem preço* –, sobre uma celebridade inglesa de *reality shows*, e VJ05 – *Separados, mas (quase) iguais* –, no qual são comparadas as “musas” do carnaval brasileiro com as estrelas do Oscar.

Em ambas, ressaltam-se as longas descrições sobre as roupas e os corpos das mulheres, o que não ocorre para os homens. Em comum para os dois grupos, há a oposição separando os “bons” dos “maus”. Entre as mulheres, há as bonitas, bem vestidas e saradas (“siliconadas”), de um lado, e as mal vestidas, “vampiras” e obesas de outro, avaliações que são reiteradas pelas imagens que ilustram as matérias. As roupas servem particularmente para se compararem duas mulheres “transbordantes de entusiasmo” (VJ05), uma “exibindo com classe um tomara-que-caia”, Michelle Obama, e outra com “jeans de cintura baixa, com cintinho”, Marisa Lula da Silva, cujo epíteto inserido no nome a associa ao então presidente do Brasil, também *persona non grata* na revista.

Nessas matérias, verifica-se que os “atributos corporais” e as roupas são considerados tão importantes quanto os outros elementos que constituem as práticas sociais representadas (cf. VAN LEEUWEN, 1997, p.172). Mesmo o discurso direto de algumas mulheres é utilizado para avaliá-las dessa forma. Luma de Oliveira, por exemplo, afirma que “Não me incomodo com o que dizem. O Carnaval é tão maior do que ter estrias ou não, ter celulite ou não, estar acima ou abaixo do peso,’ filósofa” (VJ05, p.79). A declaração, que se contrapõe às avaliações do jornalista, desqualifica-se ao ser *circunstanciada* por *filósofa*, verbo que, no excerto, exprime um processo simultâneo ao que é dito no discurso direto (cf. NEVES, 2000, p.48-49). Esse processo traduz-se por ironia ao situar a “filosofia” de Luma de Oliveira no nível elementar do próprio corpo.



Figura 16 – A bela.

Fonte: *Veja*, ano 42, n.9, p.78, 4 mar. 2009

Para os homens, a divisão polariza-se sob outros parâmetros, resumindo-se a heróis *versus* párias e vilões, estes os costumeiros desafetos de *Veja*, como Hugo Chávez e os integrantes do movimento dos sem-terra (VJ01). Por coincidência, os sem-terra e os agricultores são os mesmos referidos pelo prenome ou mera classificação – sem-terra [Aluciano Ferreira dos Santos]; chefão do bando [Jaime Amorim]; [José] Wedson [da Silva]; sem-terra [Paulo Alves]; e Wagner [Luís da Silva]. No grupo dos malfeitores, incluem-se ainda dois coadjuvantes: David Goldman, “ávido por dinheiro”, o pai norte-americano que disputava a guarda de Sean com a brasileira Bruna Bianchi, “bonita e culta”, substituída, após morrer, por João Paulo Lins e Silva, “do clã que há um século produz medalhões do direito” (VJ02); e Jack Straw, “curtindo pena na cadeia”, namorado de Jade [Goody], “gordinha e suburbana”. Essas ocorrências comprovam que a *nomeação* opera juntamente com a *categorização* dos atores, sendo as nomeações mais prestigiadas (*formalização* e *semiformalização*) atribuídas, comumente, às pessoas de estatuto tido como mais elevado (cf. VAN LEEUWEN, 1997, p.200).



Figura 17 – A feia.

Fonte: *Veja*, ano 42, n.9, p.78, 4 mar. 2009

Nessas reportagens, condensam-se as diversas marcas do subgênero *fofoca* constatadas anteriormente para *Carta Capital*. A linguagem é marcadamente coloquial (cf. CASALI, 2007), situando-se mesmo no nível da oralidade, para simular uma interação entre amigos, neste caso, amigas, como em “Ah, bom”, ou “Salvaram-na da maldade das inimiguinhas”, ou “Nada a ver então com esconder dobrinhas a mais?” (VJ05, p.78, 78). Aqui, a recorrência do emprego da formação sufixal dos substantivos por diminutivos recupera também, interdiscursivamente, as escolhas linguísticas peculiares aos textos midiáticos produzidos para o público feminino (cf. CARVALHO, 2001, p.70; SANDMANN, 2000, p.64). Se, entre os homens, as disputas separam-nos, principalmente, por eles se localizarem em campos opostos da política ou do Direito, as diferenças entre mulheres são textualizadas como brigas entre “inimiguinhas”. O foco das reportagens recai sobre as roupas, os percalços e a vida pessoal das celebridades, sendo elas julgadas em termos de vitimação,

acusação ou absolvição (cf. ADAMATTI, 2008, p.39-40), daí o estilo dos textos ser altamente avaliativo, como no seguinte excerto: “O que pode ser melhor, numa grande ocasião festiva, do que ver mulheres impecavelmente lindas? Observar que erraram feio, oras. E sempre as há.” (VJ05, p.78). Aí está o projeto do jornalista para a matéria, pois a fofoca caracteriza-se também pelo “[...] posicionamento do sujeito em relação ao conteúdo do enunciado” (WIESER, 2009, p.43). Essa opinião é sintetizada no título de VJ05 – *Separados, mas (quase) iguais* –, o qual sugere serem as mulheres todas iguais, ou “quase”, independente de seu país ou cultura, pois todas “erram feio”, o que o jornalista procura demonstrar ao longo do texto, no qual a modalização expressa pelo advérbio perde sua força. Há, nesses termos, uma representação de gênero social como imanência e universalidade.

Se, em VJ05, o objetivo principal é julgar a aparência das celebridades, em VJ04, a avaliação incide sobre sua moral. Esse é outro aspecto da fofoca, que, além “reproduzir” o que foi contado, observado ou presumido, recai ainda sobre “[...] comportamentos notáveis ou inconsistentes, falhas de caráter, discrepâncias entre o comportamento real e a pretensão moral, vícios e maus costumes, comportamentos socialmente não aceitados, pecados [...]” (WIESER, 2009, p.622). A esse respeito, escreve o jornalista sobre Jade Goody:

Jade garantiu seu lugar no congestionado mundo das celebridades de segunda linha. [...] Suas gafes viraram parte do patrimônio nacional de asneiras. [...] em 2007, fez comentário de teor racista sobre uma participante indiana [...] A falta de jeito e a exposição sem limites não mudaram, ao contrário, acentuaram-se em agosto passado, quando Jade descobriu, diante das câmeras, que tinha câncer cervical. [...] pretende batizar os filhos [...] com a mesma naturalidade com que as moças bonitas saem do Big Brother para posar nuas [...] Jade admite que está fazendo tudo por dinheiro. (VJ04, p.74-75, passim)

Até agora, viu-se como são avaliadas as boazinhas e as malvadas, as belas e as feias, mas a taxionomia de *Veja* – ou de Gilberto Freyre – não estaria completa se não se opusesse, à pecadora (“que pretende batizar os filhos...”), a madona que sofre. Na revista, esta é nomeada apenas via uma “categorização altamente generalizada” e relacional, possessivada, significando “pertença conjunta” (cf. VAN LEEUWEN, 1997, p.204): “A mulher e o filho de Wagner da Silva” (VJ01). Além disso, essa nomeação não se encontra no corpo do texto, mas na legenda que sintetiza a tragédia da família implicada em um confronto com sem-terras, materializada no sofrimento da mãe segurando a criança no colo.

Interdiscursivamente, a fotografia (Fig. 18) evoca o sofrimento materno, o qual faz parte da iconografia artística e, por associação, da representação de mães na imprensa ocidental. O sofrimento do “outro” tornou-se tema da fotografia em fins do século XIX e

início do século XX, quando os fotógrafos passaram a ter como projeto tornar visíveis, à “opinião pública”, as mazelas dos excluídos, como meio de integrá-los à sociedade. Com o desenvolvimento das sociedades, modifica-se a forma pela qual a dor integra o espaço público, e a finalidade inicial da fotografia, de representar uma situação coletiva, desloca-se para a vítima individual, que expressa seu próprio sofrimento. Nessa mudança de eixo, aquelas imagens que traduzem sofrimentos potencialmente coletivos tornam-se importantes porque podem mobilizar a opinião pública, ao transcenderem a representação de vítimas situadas em um momento histórico específico e revelarem “[...] uma maneira de olhar e se apropriar da experiência da dor.” (SÁ-CARVALHO; LISSOVKY, 2007, p.3).

A força da imagem da mãe sofredora reside no fato de ela não precisar ser justificada, pois seu mérito jamais é questionado. Na cadeia discursiva, ela se insere na tradição de mães universais, como a Madonna, “[...] o símbolo da abnegação, aquela que está ali pelo filho (menino Jesus) e, assim, pela humanidade inteira.” (ibid. p.3). Ao contemplá-la, somos solidários com seu sofrimento, abandonando a atitude de meros *voyeurs* diante da dor dos outros (cf. SONTAG, 2003, p.37-39).

Em *Veja*, a inserção da foto da mãe pode objetivar mobilizar a opinião dos leitores contra os “foragidos”, “assassinos”, “protegidos das cabeças coroadas do petismo”, que teriam assassinado seu marido, “morto como um cão”. Diferente daqueles ao redor dos quais se desenrola a ação – vítimas, supostos assassinos ou autoridades –, a mãe não tem voz, apenas está ali, pois seu corpo fala por si próprio. Na foto de perfil, essa mulher não encara o espectador, mas tem os olhos baixos, formando quase um vetor com as suas mãos, cruzadas sobre a criança que está em seu colo. Na relação imaginária estabelecida com o expectador, ela não é o sujeito da comunicação, mas o objeto de avaliação oferecido como parte da informação do texto. Os agentes da foto são a criança e o marido, que interpelam o expectador, ao olharem diretamente para ele (cf. KRESS; VAN LEEUWEN, 2010, p.116-119).

A reportagem seguinte (VJ02) narra a disputa judicial empreendida por David Goldman para obter a guarda do filho. Ao contrário do que se verificou acima, a imagem que ilustra este texto reitera o protagonismo do pai e desempenha função comunicativa diversa com o expectador. Nessa foto, em plano de conjunto, Goldman é contextualizado em um ambiente que parece ser o quarto de uma criança, cuja ausência sinaliza para aquele ator cuja posse encontra-se em jogo. Também devido a esse enquadramento, o pai distancia-se do expectador, o que é reforçado pela direção de seu braço, formando um vetor que aponta para os olhos. Igualmente estes se voltam para cima, em um movimento que indica reflexão, e não a oferta passiva ao exame do expectador.



Figura 18 – A mãe.  
Fonte: *Veja*, ano 42, n.9, p.57, 4 mar. 2009.



Figura 19 – O pai.  
Fonte: *Veja*, ano 42, n.9, p.60, 4 mar. 2009.

O universo dos personagens que supostamente representam as mulheres, ou que são de seu interesse, não estaria completo sem o “galã”. Em *História sem fim* (VJ09), Josh Bernstein é descrito como “o Indiana Jones dos documentários históricos”, o “historiador galã” cujo trabalho como apresentador da série *As Expedições de Josh* visa atrair o público feminino para esse tipo de produção televisiva. A menção ao herói cinematográfico não somente estabelece a relação interdiscursiva entre as aventuras de ambos, mas rememora um galã do passado e introduz seu substituto (cf. ADAMATTI, 2008, p.177). Esse papel é atestado pelas “preocupações” do “crescente contingente feminino” que assiste às palestras de Bernstein, resumidas por ele mesmo: “Elas sempre perguntam se pretendo casar e ter filhos” (VJ09, p.118).

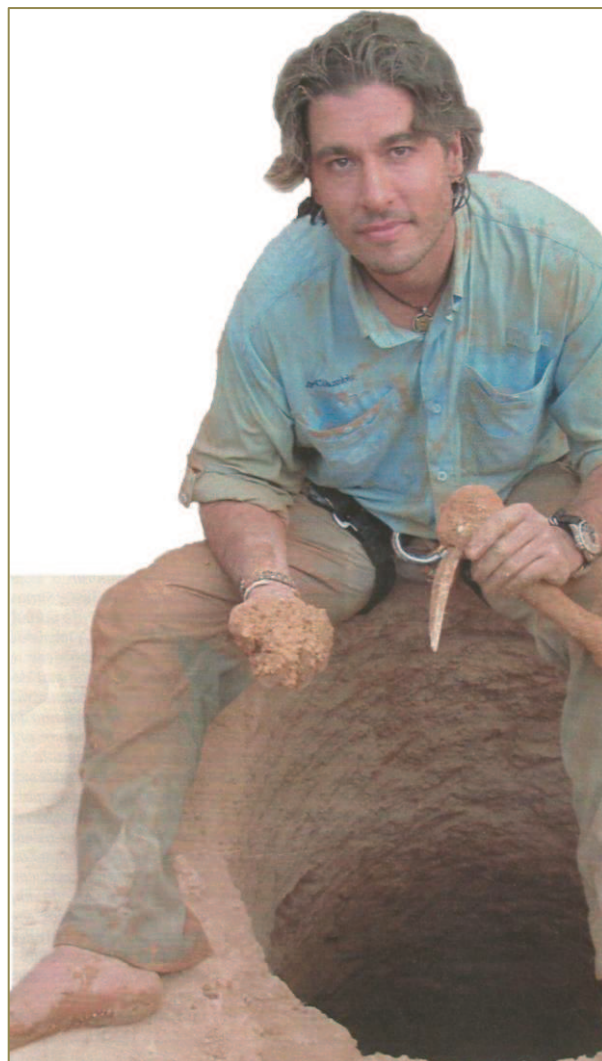


Figura 20 – O galã.

Fonte: *Veja*, ano 42, n.9, p.118, 4 mar. 2009.

A transcrição direta dessa declaração em particular reforça a importância que o casamento desempenha na relação imaginária entre as fãs e seus galãs, mais um tema assíduo nas revistas sobre celebridades (cf. ADAMATTI, op. cit.). A referência exofórica expressa no pronome *Elas* “anonimiza” quem sejam essas mulheres interessadas em casar com Bernstein, o que indica serem suas identidades particulares irrelevantes para o jornalista (cf. VAN LEEUWEN, 1997, p.199). Essa categorização altamente generalizada acaba por incluir todas as mulheres, traduzindo-se por uma representação de gênero na qual a busca por um suposto bom casamento supera o interesse científico feminino.

Na sequência, são analisadas as representações dos atores sociais na edição de março de 2013 de *Veja*. Os Quadros 16 e 17 registram as escolhas lexicais para nomeação e avaliação de mulheres e homens nos textos selecionados. Os dados são consolidados na Tabela 9 e categorizados na Tabela 10. Essa categorização é ilustrada no Gráfico 11.

**Quadro 16 – Representação de mulheres em *Veja*, 2013**

| Primeira nomeação      | Anáfora                                                                                                                                                                                                                                                                                       | Representação                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     | Código do texto |
|------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------|
| Alessandra Ambrósio    |                                                                                                                                                                                                                                                                                               | modelo; gaúcha                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    | VJ15            |
| Amanda Seyfried        |                                                                                                                                                                                                                                                                                               | atriz                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             | VJ15            |
| Amy Adams              | Amy                                                                                                                                                                                                                                                                                           |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   | VJ15            |
| Anne Hathaway          | Anne Hathaway; Anne                                                                                                                                                                                                                                                                           | premiada como melhor atriz coadjuvante; ar de boazinha                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            | VJ15            |
| cada atriz famosa      | as atrizes; as famosas; elas                                                                                                                                                                                                                                                                  | copinhos de água que ela vai beber; gueixas; gueixas; vestidas, enfeitadas, maquiadas; globalmente admiradas; peles perfeitas                                                                                                                                                                                                                                                                                     | VJ15            |
| Charlize Theron        | Charlize; Charlize; [d]a atriz                                                                                                                                                                                                                                                                | atriz                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             | VJ15            |
| Claudia Costin         |                                                                                                                                                                                                                                                                                               | secretária municipal de Educação do Rio de Janeiro                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                | VJ16            |
| Dilma                  |                                                                                                                                                                                                                                                                                               |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   | VJ12            |
| Dilma Rousseff         | ela; Dilma                                                                                                                                                                                                                                                                                    | então candidata do PT à Presidência da República; atacada; presidente                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             | VJ11            |
| Ela                    | Marissa Mayer; Marissa                                                                                                                                                                                                                                                                        | a mulher mais poderosa da internet; a mais odiada; 37 anos; a nova chefe do Yahoo; atacada por uma ala feminina                                                                                                                                                                                                                                                                                                   | VJ13            |
| Elba Gorrillo          | ela; Elba                                                                                                                                                                                                                                                                                     | presa; presidente do Sindicato Nacional de Trabalhadores da Educação do México; mulher mais poderosa do país; forte opositora; acusada                                                                                                                                                                                                                                                                            | VJ10            |
| Giovana Antonelli      | Giovana Antonelli                                                                                                                                                                                                                                                                             | Delegata; atriz                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   | VJ17            |
| Gloria Perez           | Glória Perez                                                                                                                                                                                                                                                                                  | afita; autora                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     | VJ17            |
| Ilona Beckschäzy       |                                                                                                                                                                                                                                                                                               | especialista                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      | VJ16            |
| Jennifer Garner        |                                                                                                                                                                                                                                                                                               | atriz                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             | VJ15            |
| Jennifer Lawrence      | Jennifer; Jennifer                                                                                                                                                                                                                                                                            | premiada; 22 anos; linda e desbocada atriz                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        | VJ15            |
| Jessica Chastain       | Jessica                                                                                                                                                                                                                                                                                       | atriz                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             | VJ15            |
| Leslie Fremar          |                                                                                                                                                                                                                                                                                               | stylist                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           | VJ15            |
| Maggie Smith           | Maggie; Maggie; Maggie; <i>dame</i><br>Maggie; Maggie; Maggie                                                                                                                                                                                                                                 | aplaudida pelo elenco; protagonista; a corrosiva; 78 anos; uma das mais aclamadas atrizes inglesas de sua geração; craque; melhor atriz                                                                                                                                                                                                                                                                           | VJ18            |
| Maria Helena Guimarães |                                                                                                                                                                                                                                                                                               | presidente da Fundação Seade                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      | VJ16            |
| Monique Vidal          | delegada; delegada Monique Vidal; Monique; Delegata; Monique Vidal; Monique; Monique; Monique; ex-mulher; Monique; Monique; Monique; a delegada; Monique; Monique; Delegata Natalia; a russa; Natalia; Natalia; Natalia; [d]a russa; Natalia; a artista; Natalia; Natalia; a artista; Natalia | titular da delegacia do Catete; cabelos cobertos por tinta louríssima; bijuterias que resplandecem a distância e uma inseparável pistola calibre 40 na cintura; consultora da trama das 9; 44 anos; entrou em cena batendo firme os saltos; estilo destemido e direto; “caçadora de pitboys”; fica bem à vontade entre celebridades e políticos; nascida e criada nas areias de Ipanema; educada em bons colégios | VJ17            |
| Natalia Tsarkova       | Natalia; a russa; Natalia; Natalia; Natalia; [d]a russa; Natalia; a artista; Natalia; Natalia; a artista; Natalia                                                                                                                                                                             | atual retratista dos papas; russa; declarados 45 anos bem tingidos de loiro; adepta do estilo “realismo socialite”; fiel ao Patriarca de Moscou; voz rouca; amizade com gente poderosa                                                                                                                                                                                                                            | VJ14            |
| Pauline Collins        |                                                                                                                                                                                                                                                                                               | protagonista                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      | VJ18            |
| Susanne Bier           | Susanne; Susanne                                                                                                                                                                                                                                                                              | diretora dinamarquesa; não é de sutilezas; não é sutil; sentimentos calorosos; uma das pioneiras do espartano movimento Dogma; das primeiras a abandoná-lo; vocação verdadeira é o melodrama; patina nos meios-tons e pinceladas breves da comédia romântica; confunde o uso liberal de tomadas fotogênicas; é salva                                                                                              | VJ19            |
| Trine Dyrholm          | Trine                                                                                                                                                                                                                                                                                         | atriz; irresistível                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               | VJ19            |

**Quadro 17 – Representação de homens em *Veja*, 2013**

| Primeira nomeação          | Anáfora                                                                                                        | Representação                                                             | Código do texto |
|----------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------|-----------------|
| Aloísio Mercadante         | Lins                                                                                                           | ministro da educação                                                      | VJ16            |
| Alvaro Lins                |                                                                                                                | então delegado de polícia; futuro chefe de polícia do Rio                 | VJ17            |
| Andrea Cordero Montezemolo |                                                                                                                | cardeal; 87 anos                                                          | VJ14            |
| Bento XVI                  | Bento XVI; Ratzinger; [d] pontífice; Bento XVI                                                                 | protagonista                                                              | VJ14            |
| Billy Connolly             |                                                                                                                | protagonista                                                              | VJ18            |
| Bin Laden                  |                                                                                                                |                                                                           | VJ15            |
| Chaim Zaher                | Zaher; Zaher                                                                                                   | empresário; dono do Sistema COC de Ensino                                 | VJ11            |
| Diego Velázquez            |                                                                                                                | um dos mais geniais artistas espanhóis                                    | VJ14            |
| Dustin Hoffman             |                                                                                                                | ator; hábil condutor de seus colegas                                      | VJ18            |
| Eduardo Paes               |                                                                                                                | prefeito                                                                  | VJ17            |
| Elmar Mader                |                                                                                                                | ex-comandante da Guarda Sulça                                             | VJ14            |
| Enrique Peña Neto          |                                                                                                                | presidente                                                                | VJ10            |
| Fábio de Melo              |                                                                                                                | padre-celebridade                                                         | VJ11            |
| Francis Bacon              |                                                                                                                | inglês                                                                    | VJ14            |
| Franz von Lobstein         | von Lobstein                                                                                                   | napolitano de origem alemã; Grão-Prior em Roma da Ordem de Malta; 78 anos | VJ14            |
| Gabriel Chalita            | Chalita; então secretário; Chalita; Chalita; Chalita; ex-secretário; Chalita; Chalita; o peemedebista; Chalita | deputado federal; imagem de bom moço                                      | VJ11            |
| Georg Gänswein             | Gänswein                                                                                                       | secretário particular do papa emérito                                     | VJ14            |
| Gustavo Ximu               | o lutador                                                                                                      | lutador de vale-tudo                                                      | VJ17            |
| Inocêncio X                |                                                                                                                | severo                                                                    | VJ14            |
| James Heckman              | Heckman                                                                                                        | americano; ganhador do Prêmio Nobel de Economia                           | VJ16            |
| Jean-Louis Tauran          |                                                                                                                | cardeal francês                                                           | VJ14            |
| João Paulo II              | João Paulo II; o papa; João Paulo II; João Paulo II                                                            | então papa; ligeiramente encurvado; marianista ardente                    | VJ14            |
| Julian Fellowes            |                                                                                                                | criador                                                                   | VJ18            |
| Júlio II                   |                                                                                                                | o grande papa do Renascimento                                             | VJ14            |
| Macallister                |                                                                                                                | filhinho; 5 meses                                                         | VJ13            |
| Marcelo Rossi              |                                                                                                                | padre-celebridade                                                         | VJ11            |
| Michael Gambon             |                                                                                                                | protagonista                                                              | VJ18            |
| Patriarca de Moscou        |                                                                                                                | chefe da Igreja Ortodoxa                                                  | VJ14            |
| Pierce Brosnan             | Brosnan; Brosnan                                                                                               | ator; irresistível; lindo de morrer                                       | VJ19            |
| Rafael Sanzio              |                                                                                                                |                                                                           | VJ14            |
| Roberto Grobman            | Grobman; Grobman; Grobman; Grobman; Grobman; ex-assessor; Grobman; Grobman; Grobman                            | ex-assessor                                                               | VJ11            |
| Ryan Gracie                |                                                                                                                | o mais eminente representante da turma [de <i>pitboys</i> ]               | VJ17            |
| Tom Courtenay              |                                                                                                                | protagonista                                                              | VJ18            |
| Zuhair Murad               |                                                                                                                | costureiro libanês                                                        | VJ15            |

Nesta edição de *Veja*, a inclusão de mulheres nos textos está mais distribuída ao longo da revista comparativamente aos exemplares anteriormente analisados, ainda que elas permaneçam sobretudo referidas nas seções *Geral* e *Artes & Espetáculos*. Também é maior o número de mulheres profissionais mencionadas nos textos, assim como há formas de representação da maternidade distintas daquela observada na edição de 2009 do periódico. Nada obstante, essa maior representatividade das mulheres é acompanhada de um grau avaliativo muito superior àquele observado nas edições precedentes das duas revistas, dado esse que merece ser examinado juntamente com as outras variáveis acima apontadas.

De acordo com os Quadros 16 e 17, esta é também a primeira vez quando, no total dos textos analisados, o número de referências a mulheres ultrapassa o de homens, aqui em 8%. Essa superioridade, porém, não se verifica em primeira referência, na qual há um percentual de 15,2% a mais para os homens. A diferença do percentual total em favor das mulheres deve-se aos diversos modos de recuperação anafórica da artista Natalia Tsarkova (VJ14) e de Monique Vidal, a “Delegata” (VJ17), abundantemente avaliada e caracterizada na reportagem sobre ela. Outra peculiaridade a ser registrada é a ocorrência de uma *personalização* dos atores sociais via *generalização* (“cada atriz famosa”, VJ15) (cf. VAN LEEUWEN, 1997, p.190-191), a qual foi incluída no Quadro 16 dada sua relevância para a representação das atrizes abrangidas nessa referência genérica.

Na Tabela 9, são quantificadas as referências listadas nos Quadros 16 e 17, em números e em percentuais. Após, na Tabela 10, as formas de nomeação registradas nos quadros são classificadas segundo as categorias propostas por Theo van Leeuwen (1997). Na sequência, esses números são ilustrados no Gráfico 11.

**Tabela 9 – Total de referências a atores masculinos e femininos em *Veja*, 2013**

| Sexo         | 1ª Referência | Anáfora | Total | %    |
|--------------|---------------|---------|-------|------|
| Feminino     | 25            | 57      | 82    | 54%  |
| Masculino    | 34            | 36      | 70    | 46%  |
| <b>TOTAL</b> | 59            | 93      | 152   | 100% |

**Tabela 10 – Representação dos atores em *Veja*, 2013, mulheres e homens**

| CATEGORIAS                           | MULHERES      |           |               | TOTAL      | *<br>%      | HOMENS        |           |               | TOTAL      | *<br>%      |
|--------------------------------------|---------------|-----------|---------------|------------|-------------|---------------|-----------|---------------|------------|-------------|
|                                      | 1ª Referência | Anáfora   | Identificação |            |             | 1ª Referência | Anáfora   | Identificação |            |             |
| <b>1) Personalização (Determin.)</b> |               |           |               |            |             |               |           |               |            |             |
| <b>1.1) Nomeação</b>                 |               |           |               |            |             |               |           |               |            |             |
| a) Formalização                      | ---           | ---       | ---           | ---        | ---         | 1             | 22        | ---           | 23         | 19,3        |
| b) Semiformalização                  | 22            | 5         | ---           | 27         | 17,0        | 27            | ---       | ---           | 27         | 22,7        |
| c) Informalização                    | 1             | 35        |               | 36         | 22,6        | 1             | ---       | ---           | 1          | 0,8         |
| d) Titulação                         |               |           |               |            |             |               |           |               |            |             |
| Honorificação                        | ---           | 2         | ---           | 2          | 1,2         | 6             | 4         | 6             | 16         | 13,5        |
| Afiliação                            | ---           | ---       | ---           | ---        | ---         | ---           | ---       | ---           | ---        | ---         |
| <b>1.2) Categorização</b>            |               |           |               |            |             |               |           |               |            |             |
| a) Funcionalização                   | ---           | 5         | 15            | 20         | 12,3        | ---           | 6         | 21            | 27         | 22,7        |
| b) Identificação                     |               |           |               |            |             |               |           |               |            |             |
| Classificação                        | ---           | 2         | 14            | 16         | 10,0        | ---           | 1         | 9             | 10         | 8,4         |
| Identificação relacional             | ---           | 1         | ---           | 1          | 0,6         | ---           | ---       | 1             | 1          | 0,8         |
| Identificação física                 | ---           | ---       | 3             | 3          | 1,9         | ---           | ---       | 1             | 1          | 0,8         |
| c) Avaliação                         | ---           | 2         | 44            | 46         | 28,9        | ---           | ---       | 13            | 13         | 11,0        |
| <b>2) Indeterminação</b>             | 1             | 3         | 1             | 5          | 3,1         | ---           | ---       | ---           | ---        | ---         |
| <b>3) Geração</b>                    | 1             | 2         | ---           | 3          | 1,9         | ---           | ---       | ---           | ---        | ---         |
| <b>TOTAL</b>                         | <b>25</b>     | <b>57</b> | <b>77</b>     | <b>159</b> | <b>100%</b> | <b>35</b>     | <b>33</b> | <b>51</b>     | <b>119</b> | <b>100%</b> |

\*Percentual do número de ocorrências sobre o total, por sexo. Valores arredondados.

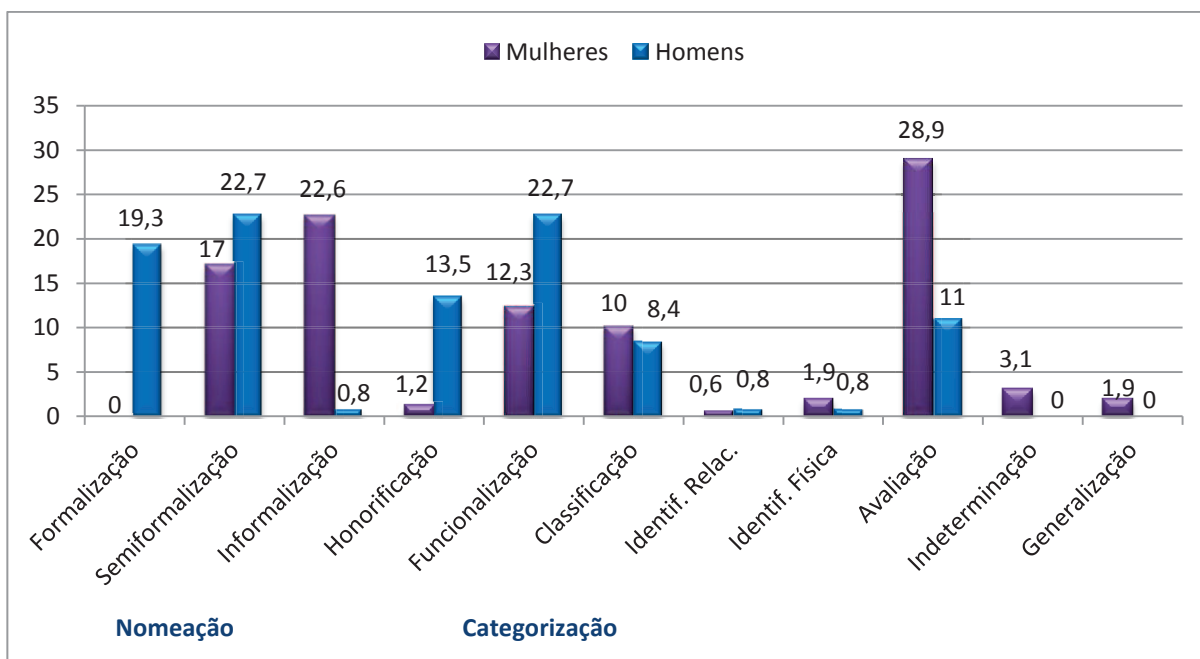


Gráfico 11 – Representação dos atores em *Veja*, 2013, mulheres e homens.

Fonte: Tabela 10; dados organizados pela autora.

Em relação ao ano de 2009, as representações dos atores apresentam-se ainda mais polarizadas em 2013, o que não se relaciona à superioridade numérica de mulheres incluídas nos textos. Neste ano, além de não ser dispensado qualquer tratamento formal às mulheres, o percentual de *semiformalização* decresceu, quase se igualando à *informalização* aplicada a elas, o que praticamente inexistia para a nomeação de homens. A única ocorrência deste tipo encontra-se na nomeação de um bebê de cinco meses, “Macallister”, em VJ13. Somando-se os índices de *formalização* e *semiformalização* para os homens, o total representa quase o dobro do percentual de *semiformalização* observado para mulheres. A julgar pela ocorrência acima mencionada, pode-se concluir que, em *Veja*, somente os homens são merecedores de receber distanciamento social entre os participantes do discurso, ao passo que as mulheres são tratadas mais intimamente, com semelhante *tenor* utilizado para uma criança. Dessa forma, além do bebê, são indicadas pelo prenome desde profissionais que desempenham funções auxiliares até a presidenta do Brasil. Aqui, mesmo a *honorificação*, que deveria ser um recurso distintivo, possui conotação diversa nos dois casos onde foi empregada: (a) para Monique Vidal, a “Delegata Monique”, que, formando um trocadilho, desloca a *funcionalização* para a *avaliação* dos atributos físicos da Delegada (VJ17); e (b) para Maggie Smith, “*dame* Maggie”, que, antecedendo apenas o prenome, subtrai a formalidade que o título nobiliárquico verdadeiro pressupõe (VJ18). No segundo caso, *Veja*

replica o modo como o jornal britânico *The Mirror* usualmente nomeia *Dame Maggie Smith*, também em referência anafórica.<sup>53</sup> Por coincidência, o tabloide é conhecido por suas publicações sensacionalistas acerca de celebridades. Essas modificações semânticas que podem ser operadas via *honorificação* não se observam em VJ14, onde todas aquelas que antecedem o nome das autoridades religiosas, ou o substituem, preservam seu sentido original.

As *categorizações* aplicadas a homens e mulheres concorrem para elucidar os motivos de haver forma tão distinta de nomeação segundo o sexo. Nessa lógica, por exemplo, o percentual de *funcionalização*, a qual indica a atividade dos atores, é muito superior para os homens, sendo as mulheres sobretudo avaliadas. Mesmo a categorização por *identificação física* merece ser analisada, ainda que os percentuais sejam semelhantes para homens e mulheres, pois, para estas, a descrição confunde-se com a *avaliação*. O esquema que segue resume as formas de *nomeação* para os atores identificados também por *classificação*.

### Mulheres

|                              |   |                                                           |        |
|------------------------------|---|-----------------------------------------------------------|--------|
| Alessandra Ambrósio          | → | gaúcha                                                    | (VJ15) |
| Dilma Rousseff (Dilma)       | → | então candidata do PT à Presidência da República          | (VJ11) |
| Ela (Marissa Mayer)          | → | 37 anos                                                   | (VJ13) |
| Elba Gordillo (Elba)         | → | presidente do Sind. Nacional dos Trab. em Educ. do México | (VJ10) |
| Jennifer Lawrence (Jennifer) | → | 22 anos                                                   | (VJ15) |
| Maggie Smith (Maggie)        | → | 78 anos                                                   | (VJ18) |
| Maria Helena Guimarães       | → | presidente da Fundação Seade                              | (VJ16) |
| Monique Vidal (Monique)      | → | 44 anos; nascida e criada nas areias de Ipanema           | (VJ17) |
| Natalia Tsarkova (Natalia)   | → | rusa; declarados 45 anos                                  |        |
| Susanne Bier (Susanne)       | → | dinamarquesa                                              |        |

### Homens

|                                   |   |                                     |        |
|-----------------------------------|---|-------------------------------------|--------|
| Andrea Cordero Montezemolo        | → | 87 anos                             | (VJ14) |
| Chaim Zaher (Zaher)               | → | dono do Sistema COC de Ensino       | (VJ11) |
| Francis Bacon                     | → | inglês                              | (VJ14) |
| Franz von Lobstein (von Lobstein) | → | napolitano de origem alemã; 78 anos | (VJ14) |
| James Heckman (Heckman)           | → | americano                           | (VJ16) |
| Jean-Louis Tauran                 | → | francês                             | (VJ14) |
| Macallister                       | → | 5 meses                             | (VJ13) |
| Zuhair Murad                      | → | libanês                             | (VJ15) |

<sup>53</sup> Um exemplo encontra-se em: “Dame Maggie’s agent yesterday confirmed that the Oscar-winning screen legend had yet to sign up or even enter negotiations for series four, but declined to comment further on her future on Downton.” Disponível em: <<http://www.mirror.co.uk/tv/tv-news/downton-abbey-stars-maggie-smith-752580>>. Acesso em: 13 out. 2013.

Conforme o esquema, a classificação por idade é predominante para as mulheres, com 50% das ocorrências, sendo que, para os homens, ela é de 24%. Entre estes, a idade é referida somente para os religiosos em idade avançada (VJ14) e para um bebê. Já quanto às mulheres, esse dado parece ser sempre relevante, abrangendo aquelas desde os 22 até os 78 anos de idade. Essa pertinência é indicada quando se registra a idade de Natalia Tsarkova, “declarados 45 anos”, dado que se expressa mediante uma avaliação, interdiscursivamente lembrando que mulheres não costumam declarar a idade. Para os homens, a naturalidade soma o maior percentual, de 62%, ficando em 40% para as mulheres. A exemplo do que ocorreu na categorização por idade, a origem de uma das mulheres não é meramente informada. Observe-se que Monique Vidal foi poeticamente “nascida e criada nas areias de Ipanema” (logo, simplesmente *carioca*), adjetivação que, somada aos demais atributos da “Delegata”, complementa as fotos da policial estampadas na reportagem. No RM dos leitores, é provável que essas referências conduzam à imagem da garota de Ipanema.

O esquema a seguir organiza as categorizações por *identificação física* e por *avaliação* para mulheres e homens. Ambas são informadas juntamente porque, conforme acima referido, elas se justapõem em muitos casos. Como se pode constatar por meio delas, a linguagem aqui é mais informal em relação à edição de *Veja* anteriormente analisada.

### Mulheres

|                     |   |                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |        |
|---------------------|---|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------|
| Anne Hathaway       | → | premiada como melhor atriz coadjuvante; ar de boazinha                                                                                                                                                                                                                                                | (VJ15) |
| cada atriz famosa   | → | copinhos de água que ela vai beber; gueixas; vestidas, enfeitadas, maquiadas, globalmente admiradas peles perfeitas                                                                                                                                                                                   | (VJ15) |
| Ela (Marissa Mayer) | → | a mulher mais poderosa da internet; a mais odiada; a nova chefona do Yahoo; atacada por uma ala feminina                                                                                                                                                                                              | (VJ13) |
| Elba Gordillo       | → | presa; a mulher mais poderosa do país; forte opositora; acusada                                                                                                                                                                                                                                       | (VJ10) |
| Giovana Antonelli   | → | Delegata                                                                                                                                                                                                                                                                                              | (VJ17) |
| Gloria Perez        | → | aflita                                                                                                                                                                                                                                                                                                | (VJ17) |
| Ilona Bacskeházy    | → | especialista                                                                                                                                                                                                                                                                                          | (VJ16) |
| Jennifer Lawrence   | → | premiada; linda e desbocada atriz                                                                                                                                                                                                                                                                     | (VJ15) |
| Maggie Smith        | → | aplaudida pelo elenco; protagonista; a corrosiva; uma das mais aclamadas atrizes inglesas de sua geração; craque; melhor atriz                                                                                                                                                                        | (VJ18) |
| Monique Vidal       | → | cabelos cobertos por tintura louríssima; bijuterias que resplandecem a distância e uma inseparável pistola calibre 40 na cintura; entrou na cena batendo firme os saltos; estilo destemido e direto; caçadora de pitboys; fica bem à vontade entre celebridades e políticos; educada em bons colégios | (VJ17) |
| Natalia Tsarkova    | → | declarados 45 anos bem tingidos de loiro; adepta do estilo “realismo socialite”; fiel ao Patriarca de Moscou; voz rouca; amizade com gente poderosa                                                                                                                                                   | (VJ14) |
| Susanne Bier        | → | não é de sutilezas; não é sutil; sentimentos calorosos; uma das pioneiras do espartano movimento Dogma; das primeira a abandoná-lo; vocação verdadeira é o melodrama; patina nos meios-tonos e pinceladas breves da comédia romântica; confunde o uso liberal de tomadas fotogênicas; é salva         | (VJ19) |
| Trine Dyrholm       | → | irresistível                                                                                                                                                                                                                                                                                          | (VJ19) |

## Homens

|                 |   |                                                             |        |
|-----------------|---|-------------------------------------------------------------|--------|
| Bento XVI       | → | protagonista                                                | (VJ14) |
| Billy Connolly  | → | protagonista                                                | (VJ18) |
| Diego Velázquez | → | um dos mais geniais artistas espanhóis                      | (VJ14) |
| Dustin Hoffman  | → | hábil condutor de seus colegas                              | (VJ18) |
| Fábio de Melo   | → | padre-celebridade                                           | (VJ11) |
| Gabriel Chalita | → | imagem de bom moço                                          | (VJ11) |
| Inocêncio X     | → | severo                                                      | (VJ14) |
| João Paulo II   | → | marianista ardente                                          | (VJ14) |
| Júlio II        | → | o grande papa do Renascimento                               | (VJ14) |
| Marcelo Rossi   | → | padre-celebridade                                           | (VJ11) |
| Pierce Brosnan  | → | irresistível; lindo de morrer                               | (VJ19) |
| Ryan Gracie     | → | o mais eminente representante da turma [de <i>pitboys</i> ] | (VJ17) |

Somente passando-se os olhos pelos dois esquemas, é possível constatar-se a superadjetivação das mulheres em comparação aos homens. Tal diferença não reside apenas na quantidade, mas principalmente no teor das avaliações dispensadas a cada grupo de atores segundo o sexo, bem como no tipo de linguagem utilizada. De um modo geral, as avaliações sobre mulheres concentram-se em roupas, comportamento e temperamento, ao passo que, para os homens, as considerações direcionam-se às habilidades. Mesmo quando destacam a beleza ou outro atributo, as apreciações são muito mais econômicas para eles.

Novamente, observa-se haver certa polarização, desta vez entre as “boazinhas”, as “gueixas”, de um lado, e as “desbocadas” e “odiadas” de outro. Inclusive a Delegada Monique Vidal, que “bate firme os saltos” (note-se que não são os sapatos), foi “educada em bons colégios”, informação que opera como atenuante de seu “estilão destemido e direto” e a perfila no grupo das mocinhas. Começemos, então, pelas “gueixas”.

Em *A Oitava Arte* (VJ15), a reportagem informa sobre a produção das atrizes para a noite da entrega do Oscar, sendo julgados seus acertos e erros, o que se constrói, discursivamente, como a “oitava arte” indicada pelo título da reportagem. O *lead* assim resume seu intento: “Por uma noite, elas levam a arte da interpretação para o mundo real – se é que pode ser chamado assim – e se tornam quase gueixas.” Aqui, embora o advérbio *quase* seja periférico no sintagma, ele incide tanto sobre seu núcleo, como sobre o verbo mutatório (cf. NEVES, 2000, p.234), relativizando a atuação das “gueixas” acerca das quais o texto discorrerá. Está lançada a dúvida característica ao subgênero que passará a colonizar a reportagem. De início, o uso do pronome *elas* “anonimiza” os atores sociais que serão representados no discurso, pois, nesse momento, sua identidade particular, no caso, das “gueixas”, é considerada como irrelevante para os leitores (cf. VAN LEEUWEN, 1997, p.199). O texto começa por uma exposição geral dessas personagens, para categorizá-las em seguida: “São vestidas, enfeitadas, maquiadas e penteadas [...] dar pequenos e estudados

passos [...] os vestidos e saltos quase não permitem que andem, tamanha a magnificência de volumes e alturas. As joias [...] deslizam pelas peles perfeitas [...]” (VJ15, p.91).

Descritas as vestimentas e rituais, o *tenor* converte-se ao significado ideacional (cf. FAIRCLOUGH, 2006, p.29) de conversa entre “amigas”, manifesto pelo emprego da formação sufixal dos substantivos por diminutivos (“copinhos de água”; “estatuazinha dourada”) e mediante as perguntas dirigidas às interlocutoras: “Qual mulher não sabe, a esta altura, que Jennifer Lawrence tropeçou [...]? Foi de verdade ou simulado?” (VJ15, p.91). Após as dúvidas, segue o julgamento, “Ou talvez tivesse tomado alguma coisa para os nervos” (id.), numa recorrência à nomeação popular genérica de “doença dos nervos” a qualquer comportamento feminino considerado desviante. A “linda e desbocada atriz” é quem confirma o veredicto: “Pensei numa palavra que começa com efe” (id.). Está exposta aquela que talvez não se encaixe perfeitamente no grupo das gueixas. O julgamento é reiterado pela reprodução da imagem que se tornou viral à época do incidente, enquadrando a atriz de costas, cobrindo os olhos, logo após a famosa queda.



Figura 21 – A desbocada.

Fonte: *Veja*, Ed. 2311, ano 46, n.10, p.90, 6 mar. 2013.

Na sequência, a jornalista passa a informar sobre as atrizes que acertaram na escolha de joias e roupas, comportando-se, assim, como “gueixas”. Para estas, o cachê é

“sussurrado”, a fim de projetarem uma “imagem de perfeição”, planejada por uma *stylist*, “a pessoa que monta o visual completo das famosas”, sendo a exclusão de homens desse grupo reforçada mediante a flexão de gênero do adjetivo substantivado. Reiterada a definição das personagens emolduradas pelo texto, este segue superadjetivado e modalizado, o que é também estranho ao gênero reportagem: “como disse, [Charlize Theron] nada modestamente”; “roupa deslumbrante”; “um suspiro de rosa [cor]”; “expondo a grife ao vexame”; “comunicado defasado”.

Mantendo a coerência quanto à escolha do nível da conversação – informal, entre “amigas” –, a jornalista passa a nomear as atrizes pelo prenome, desta vez ela mesma “simulando” familiaridade com as celebridades e instanciando-se como *persona* do discurso (cf. ADAMATTI, 2008, p.59). A proximidade é ratificada quando a repórter alude a Ben Affleck como o “maridão” de Alessandra Ambrósio, caso em que o grau aumentativo do substantivo exprime intimidade entre os interlocutores (cf. ROCHA LIMA, 2008, p.86). A ocorrência dessa forma de “corpo enunciante” (cf. MAINGUENEAU, 2005, p.70) já havia sido constatada para as edições de *Carta Capital* e para *Veja*, edição de 2009.

Estabelecidas as dúvidas e apresentados os julgamentos, o texto fecha com o veredicto, ou avaliação final (cf. ADAMANTTI, 2008, p.39-40), de acordo com a estrutura do subgênero sobre o qual o *paragênero* seguidamente se apoia: “Em noite de Oscar, as famosas viram mesmo gueixas.” (VJ15, p.93). Encerramento e estrutura similares encontram-se em outras matérias desta edição de *Veja*, da seguinte forma:

Elba [Gordillo] teria gasto o dinheiro em obras de arte, imóveis, roupas e cirurgias plásticas. (VJ10, p.38);

As palavras [de “Dilma”] soam como o reconhecimento de que a estratégia de usar o estado (sic) como indutor do crescimento colecionou apenas pibinhos. (VJ12, p.60);

O livro [de Natalia Tsarkova] foi publicado no ano passado, pela editora do Vaticano. Naturalmente. (VJ14, p.73);

[...] dispara a Delegata [Monique Vidal] (VJ17, p.99); e

Juntas, Lady Violet, Jean Brodie e Jean Horton são provas mais que suficientes de que, quando Maggie está em cena, o aplauso é inevitável. E o vinagre mais ainda. (VJ18, p.109).

Essa *colonização* dos textos em uma revista de informação, por um gênero característico de revistas segmentadas sob outros parâmetros, pode ser explicada como um meio para se aumentarem as vendas ou para se atraírem novos anunciantes (cf. SODRÉ, 1976, p.45; SCALZO, 2011, pos. 790). Em *Veja*, tal objetivo expressa-se já no título de algumas

reportagens ou resenhas, nas quais se adianta seu estilo sensacionalista, o qual se caracteriza pela exploração e exagero do conteúdo emotivo das notícias (cf. FARIA GUILHERME, 1996, p.114). Essa possibilidade resulta da própria função do título no texto jornalístico, de ser a entrada da matéria, explicando, apresentando e resumindo seu conteúdo (cf. *ibid.*, p.123; SCALZO, 2011, pos. 703). Em algumas das matérias em análise, além de serem sensacionalistas, os títulos apresentam diversas marcas de oralidade, o que também sinaliza para a linguagem utilizada nos textos que lhes seguem. No conjunto, essas ocorrências operam em sintonia para dar consistência ao subgênero seguidamente acionado nas páginas de *Veja*, como nos seguintes exemplos:

Gente, o PIB sumiu! (VJ12, p.60)

Ela é fogo na roupa (VJ17, p.98)

Talento Sulfúrico (VJ18, p.108)

Em todos os casos, esses títulos não somente indicam qual será o estilo da matéria, como também adiantam a avaliação ou julgamento dos atores que serão representados. Anteriormente, foi referido que, nesta edição de *Veja*, o número de mulheres profissionais mencionadas é superior ao verificado na edição de 2009 da revista. Ocorre que o aumento desse número foi acompanhado tanto por uma elevação do grau avaliativo, como por certa divisão na forma de representar as mulheres que atuam na esfera pública, o que é antecipado pelos títulos das matérias.

A notícia *Presa* (VJ10, p.38) divulga a acusação de Elba Gordillo (“Elba”) de estar envolvida no desvio de 200 milhões de dólares do Sindicato Nacional de Trabalhadores da Educação do México. A informação que fecha o texto é a de que a sindicalista teria gasto parte desse dinheiro em “roupas e cirurgias plásticas”. De acordo com outras matérias publicadas na mesma edição da revista, “sabe-se” que esses itens respeitam a interesses tipicamente femininos, incluindo-se os da sindicalista, mesmo sendo ela a “Mulher mais poderosa do país, forte opositora do presidente [...]”.

Na reportagem *Gente, o PIB sumiu* (VJ12), lê-se que a economia brasileira estaria se recuperando em índices inferiores aos projetados pelo governo e analistas econômicos. A esse respeito, a Presidenta Rousseff (“Dilma”) declarou, em um “evento com empresários” (não se sabe qual), que “Nenhuma das medidas que nós tomamos foi com a pretensão de achar que o estado (sic) resolve tudo”. Logo após essa transcrição direta da exposição, a reportagem encerra-se analisando que “[...] a estratégia de usar o estado (sic) como indutor do crescimento colecionou apenas pibinhos”. Aqui, a forma diminutiva do substantivo derivado

da sigla PIB não tem por função traduzir apreço, mas desprezo (cf. BECHARA, 2007, p.141), reiterando tanto a força negativa do título, como sua oralidade. Desse modo, marcas linguísticas empregadas para avaliar outras mulheres na revista são utilizadas também na representação da segunda mulher mais poderosa do planeta.<sup>54</sup>

A “notícia” *Xiii, a chefe chegou* (VJ13) informa sobre a proibição de os funcionários da Yahoo! trabalharem de casa para a empresa. A medida foi tomada por Marissa Mayer, a “nova chefona”, “a mulher mais poderosa da internet”, que “concorre à vaga de a mais odiada”. A medida “enfureceu a tribo tech” porque, “para quem é do ramo, o home office parece uma extensão natural do escritório”. De acordo com essa informação, a executiva adotou a medida impopular porque não é “do ramo”, caso contrário, teria agido conforme os preceitos da “tribo”.

“Marissa” é ainda “atacada por uma ala feminina desde que voltou ao trabalho **apenas** semanas depois de ter seu filhinho” (grifo meu). Nesse momento da notícia, a vida particular da executiva é evocada para indicar que, além de não ser boa profissional, ela supostamente não é boa mãe, por não ter dedicado tempo suficiente para ficar com o filho, ideia esta expressa pelo advérbio modalizador que incide sobre o sintagma que o sucede (cf. NEVES, 2000, p.234). Lexicalmente, o conflito entre os papéis materializa-se na oposição entre uma forma diminutiva do substantivo conotando apreço (“filhinho”) e uma forma aumentativa do substantivo traduzindo desprezo (“chefona”) (cf. BECHARA, 2007, p.140-141). Aqui, *Veja* representa outro tipo de mãe, que não é a madona que sofre, mas a “mulher poderosa” que negligencia suas obrigações em relação ao filho. Também nesta reportagem, a informalidade da linguagem articula-se com a oralidade do título, assim como a noção de contrariedade expressa pelo vocábulo onomatopeico (*Xiii*) reitera-se mediante as avaliações negativas acerca de Marissa Mayer.



Figura 22 – A odiada.

Fonte: *Veja*, Ed. 2311, ano 46, n.10, p.67, 6 mar. 2013.

<sup>54</sup> Segundo a revista *Forbes*, a Presidenta Dilma Rousseff era a terceira mulher mais poderosa do mundo em 2012, passando à segunda posição em 2013, atrás somente da chanceler alemã Angela Merkel. Disponível em: <<http://www.forbes.com/sites/carolinehoward/2012/08/22/the-worlds-100-most-powerful-women-2012-this-year-its-all-about-impact/>>; <<http://www.forbes.com/power-women/list/>>. Acesso em: 14 out. 2013.

A reportagem *A pintora dos papas* (VJ14) informa sobre outra profissional bem sucedida. Após discorrer sobre eminentes pintores que retrataram os papas, inclusive Diego Velázquez, “um dos mais geniais artistas espanhóis”, a jornalista apresenta Natalia Tsarkova, “A atual retratista dos papas [...], com declarados 45 anos bem tingidos de loiro”. Desse modo, a referência à idade e à cor dos cabelos, “tingidos”, precede as informações sobre o trabalho e a qualificação de “Natalia”, que se sabe em seguida, ser “adepta do estilo ‘realismo socialite’.” Elencados alguns de seus numerosos trabalhos, transcreve-se sua própria avaliação acerca de sua carreira: “Sou uma mulher de sorte”, diz Natalia, com sua voz rouca. A sorte de Natalia começou [...]”. O texto segue relatando que, após graduar-se em Moscou, a artista mudou-se para Roma, onde “aprofundou amizades com gente poderosa”, e sua carreira ganhou “sopro divino”. Desde então, tem sido chamada a realizar importantes trabalhos, até publicar um livro “pela editora do Vaticano. Naturalmente.” A reportagem não atribui, assim, o sucesso da pintora a seu talento, mas insinua que ele esteja ligado à aparência, à sorte e às amizades que Tsarkova tenha logrado estabelecer, sendo suas habilidades profissionais depreciadas. Igualmente, a suposta classificação de seu estilo, cujo sentido não se confirma mediante as imagens acadêmicas que ilustram a matéria, desloca-se para a figura da própria artista.



Figura 23 – O estilo realismo socialite.

Fonte: *Veja*, Ed. 2311, ano 46, n.10, p.72-73, 6 mar. 2013

Os atributos físicos de outra profissional são destacados novamente em *Ela é fogo na roupa* (VJ17), sobre Monique Vidal, titular da delegacia do Catete, no Rio de Janeiro. No início da reportagem, a jornalista informa ser o almoço da delegada interrompido pelo telefonema de Gloria Perez, autora de telenovelas, para se aconselhar acerca de um personagem de ficção. A partir de então, sobrepõem-se ficção e a atividade da policial, esta

descrita “com cabelos cobertos por tintura loiríssima, bijuterias que resplandecem a distância e uma inseparável pistola calibre 40 na cintura”. A “Delegata”, com “44 anos e com quinze de polícia”, não é somente a titular da delegacia, mas também consultora da novela das 8 e inspiração para uma personagem da mesma trama. A reportagem segue informando tanto sobre as prisões efetuadas por Monique Vidal, como sobre os casamentos, namoros, filhos e o romance que teve com o futuro chefe de polícia da cidade – Álvaro Lins –, chegando a um estilo bem familiar às matérias publicadas sobre mulheres em *Veja*: “Corre no meio policial que, em meio a um acesso de fúria, Monique teria arremessado contra Lins, um a um, todos os objetos que encontrou à frente”. Esse episódio da vida particular da delegada teria sido replicado na telenovela, pois “Também Helô já andou lançando objetos contra o ex-marido”, e “O resultado na ficção guarda familiaridade com a vida real nas dependências do Catete”. A delegada “fogo na roupa” converte-se em personagem de ficção, na qual sua contraparte Helô também “cobre-se de enfeites vistosos e faz um bailado parecido com cabeça e cabelos (que ambas, coincidência do destino, tratam no mesmíssimo salão)”.

A exemplo de outras profissionais, Maggie Smith não escapa ao julgamento de *Veja*, mesmo sendo ela “uma das mais aclamadas atrizes inglesas de sua geração”. Em *Talento Sulfúrico* (VJ18), após narrar os mais recentes sucessos da atriz, o jornalista finaliza avaliando que “quando Maggie está em cena, o aplauso é inevitável. E o vinagre mais ainda”. Aqui, o veredicto atualiza o substantivo “sulfúrico” do título, o qual passa também a qualificar a própria artista, pois “Maggie, a corrosiva, está lá para avinagrar o excesso de otimismo”.

Por fim, na resenha *A segunda chance é a melhor* (VJ19), lê-se que Susanne Bier, diretora de *Amor É tudo o que Você Precisa*, “não é de sutilezas”. Apesar de não ser “sutil”, “seus sentimentos são calorosos”, e o texto indica ter sido esse o motivo de a diretora ter abandonado o “espartano movimento Dogma”, pois “sua verdadeira vocação é o melodrama”. Pela resenha publicada ao lado desta, sabe-se apenas que o diretor Ken Loach, de *A Parte dos Anjos*, possui “quase cinco décadas de carreira, todas dedicadas ao exame sincero, repleto de empatia, da injustiça social”. Neste caso, a avaliação recai sobre a obra do diretor, não sobre seus próprios “sentimentos”, o que parece ser mais relevante quando se trata de Susanne Bier.

Nesta edição de *Veja*, acentuaram-se as diferenças entre as representações de mulheres e homens constatadas na edição de 2009. As principais *categorizações* concentram-se na descrição física e no grau de avaliação, sobretudo quando se trata de profissionais. A apreciação figura ser proporcional ao sucesso das mulheres, operando como forma de depreciação de suas qualificações, havendo ainda constante imbricação entre a vida particular e o trabalho. Essas reiterações manifestam-se tanto discursiva, como linguisticamente.

Na Tabela 11, os dados numéricos coletados nas edições de 2009 e 2013 de *Veja* são dispostos em percentuais, por sexo e por ano, sendo após representados no Gráfico 12. Na sequência, será descrito o *paragênero*, quando serão sistematizados os dados qualitativos já analisados para as duas revistas.

**Tabela 11 – Médias das formas de representação dos atores em *Veja*, 2009 e 2013**

| CATEGORIAS                           | Mulheres (%) |      |       | Homens (%) |      |       |
|--------------------------------------|--------------|------|-------|------------|------|-------|
|                                      | 2009         | 2013 | Média | 2009       | 2013 | Média |
| <b>1) Personalização (Determin.)</b> |              |      |       |            |      |       |
| <b>1.1) Nomeação</b>                 |              |      |       |            |      |       |
| a) Formalização                      | ---          | ---  | ---   | 10,1       | 19,3 | 14,6  |
| b) Semiformalização                  | 18,4         | 17,0 | 17,7  | 10,7       | 22,7 | 16,7  |
| c) Informalização                    | 15,8         | 22,6 | 19,2  | 9,0        | 0,8  | 4,9   |
| d) Titulação                         |              |      |       |            |      |       |
| Honorificação                        | 1,8          | 1,2  | 1,5   | 2,6        | 13,5 | 8,0   |
| Afiliação                            | 3,5          | ---  | 1,7   | ---        | ---  | ---   |
| <b>1.2) Categorização</b>            |              |      |       |            |      |       |
| a) Funcionalização                   | 13,2         | 12,3 | 25,5  | 18,3       | 22,7 | 41,0  |
| b) Identificação                     |              |      |       |            |      |       |
| Classificação                        | 14,0         | 10,0 | 12,0  | 20,7       | 8,4  | 14,5  |
| Identificação relacional             | 6,1          | 0,6  | 3,3   | 3,7        | 0,8  | 2,2   |
| Identificação física                 | 2,6          | 1,9  | 2,2   | ---        | 0,8  | 0,4   |
| c) Avaliação                         | 23,7         | 28,9 | 26,3  | 8,6        | 11,0 | 9,8   |
| <b>2) Indeterminação</b>             | 0,9          | 3,1  | 2,0   | ---        | ---  | ---   |
| <b>3) Generalização</b>              | ---          | 1,9  | 1     | ---        | ---  | ---   |

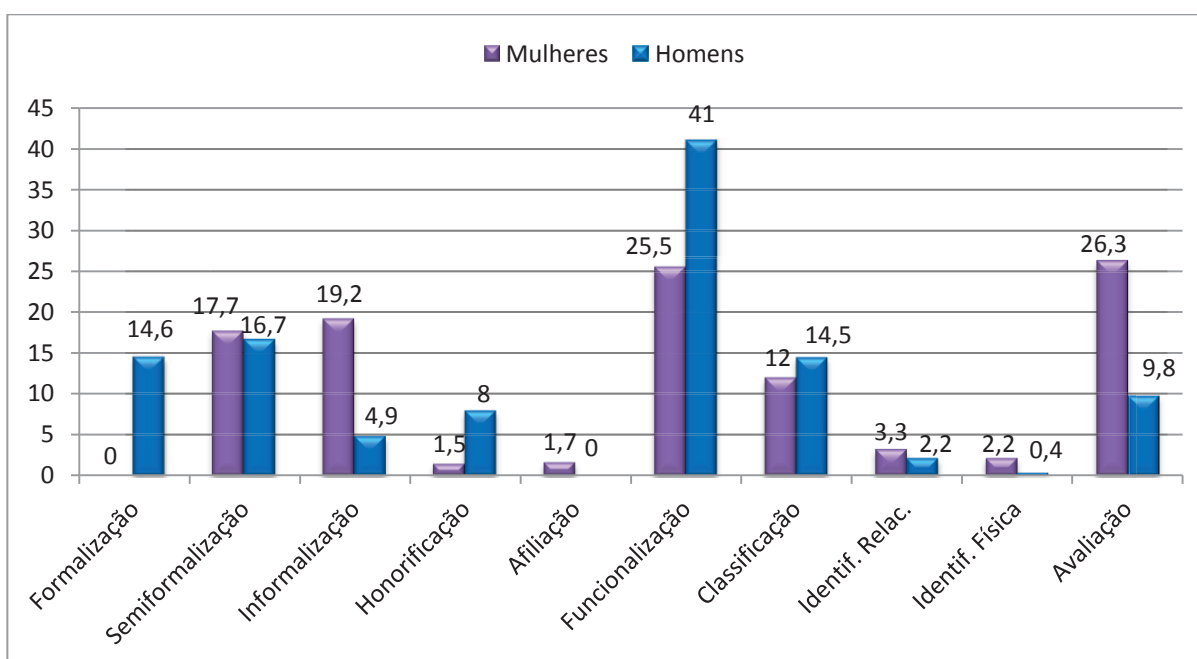


Gráfico 12 – Representação dos atores em *Veja*, 2009 e 2013, mulheres e homens.

Fonte: Tabela 11; dados organizados pela autora.

### 4.3 O parâmetro

Nas seções anteriores, foram organizados e analisados os dados relativos à representação dos atores sociais de acordo com o sexo, nas revistas *Carta Capital* e *Veja*, em suas primeiras edições de março de 2009 e março de 2013. Ao término de cada seção, foram comparados esses números de acordo com as formas de *nomeação* e *categorização* para os atores sociais propostas por Theo van Leeuwen (1997). A seguir, os percentuais são comparados para as duas revistas, segundo os resultados apurados somente para as mulheres. No Gráfico 13, são registradas as classificações que se mostraram mais relevantes durante a análise qualitativa, as quais são examinadas na sequência.

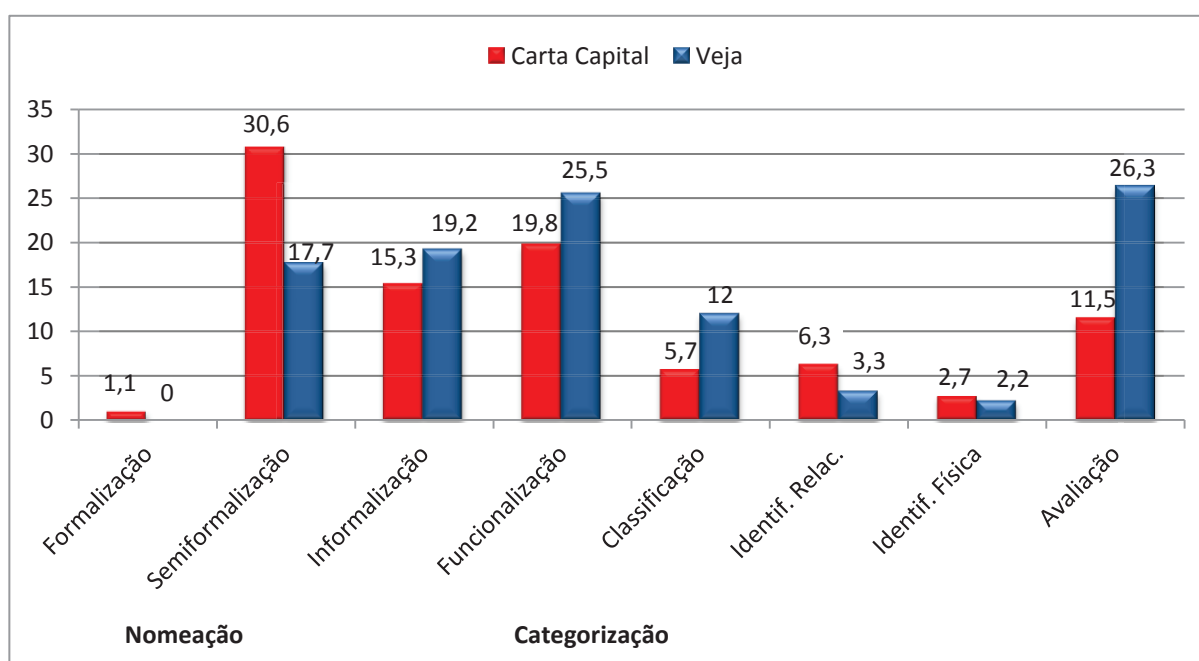


Gráfico 13 – Representação de mulheres em *Carta Capital* e *Veja*, 2009 e 2013 (média %).

Fonte: Gráficos 9 e 12.

De acordo com o Gráfico 13, apenas na revista *Carta Capital* houve nomeação de mulheres mediante a *formalização*, o que se dá pelo emprego do sobrenome. Ainda assim, o percentual foi muito baixo (1,1%), além de ele totalizar uma média, já que esse tipo de ocorrência não foi constatado para 2013. Também para a mesma revista, a média de nomeação via *semiformalização* foi mais elevada, ao passo que, em relação a *Veja*, foi menor a percentagem de *informalização*, quando as mulheres foram referidas pelo prenome somente ou por alcunhas. Esses números indicam que, em *Carta Capital*, os jornalistas estabelecem

um grau de distanciamento maior entre eles e as mulheres, o que se traduz em mais isenção avaliativa quando elas são representadas nas matérias.

A constatação de que os nomes das mulheres são socialmente menos importantes que os nomes dos homens encontra-se também na análise de Casey Miller e Kate Swift (1991, cap. 1) acerca do emprego dos nomes pessoais. Segundo as autoras, o nome próprio representa o senso de poder e de autodireção, sendo tal a relação que se estabeleceu entre prenome e sexo, que se tornou uma prática social no Ocidente referirem-se proeminentes figuras masculinas apenas pelo sobrenome, o que não ocorre no tocante às mulheres. Esse costume pode ser relacionado ao fato de pessoas que desempenham papéis considerados socialmente inferiores serem tratadas, de um modo geral, pelo prenome.

Em *Carta Capital* e em *Veja*, a escolha dessa forma de *nomeação* associa-se à *categorização*. Nesse sentido, o percentual de *funcionalização* para as mulheres foi sempre inferior ao dos homens, nas duas revistas. A atividade profissional apresenta-se, logo, mais relevante para eles, além de serem menos *avaliados* em ambas. Essa *avaliação* tende a depreciar as atividades profissionais das mulheres, mitigando sua importância, quando não ridicularizando, ou confundindo-as com “imanências” femininas. Sob tal perspectiva, o percentual de *identificação física* foi semelhante nas duas publicações. Mediante essas combinações, a *avaliação* acerca das profissionais inclina-se a ser negativa.

Outra categoria que se sobressai é a *identificação relacional*, cujos percentuais, em *Carta Capital*, foram quase o dobro do que se observou em *Veja*. Não foi possível detectar-se uma variável que explicasse a ocorrência, uma vez que essa *categorização* abrangeu mulheres das mais diversas profissões, idades e classes econômicas. Uma interpretação possível reside na conformação do público leitor da revista, composto por 36% de mulheres e 64% de homens, talvez sendo assim postulado pelos jornalistas. Os homens seriam, logo, os atores mais importantes do discurso, hierarquizando-se as mulheres em relação a eles.

De qualquer sorte, essa falta de padronização parece ser incompatível com a linha editorial do periódico ou com a preocupação de seu editor no tocante à “[...] melhor lida com o vernáculo, diariamente aviltado por quem não sabe entender que jornalismo é uma forma importante e desafiadora de literatura” (EDITORA CONFIANÇA, 2013, p.4). O que pode se apresentar como um paradoxo exemplifica a relação dialética pela qual se relacionam gêneros (modos de ação), discursos (modos de representação) e estilos (modos de identificação), delineando a forma pela qual os discursos apresentam-se nas práticas sociais (cf. FAIRCLOUGH, 2006, p.28).

No conjunto, as formas de *nomeação* e de *categorização* constatadas nas revistas localizam os atores em esferas distintas da sociedade de acordo com representações de gênero social, sendo os homens identificados com o mundo do trabalho, dos negócios, e as mulheres, com bens de consumo, maternidade e *performances* sociais, entre as quais se destacam a aparência e as roupas. A esse achado, pode-se associar o que escreve Theo Van Leeuwen (1997, p.172, 180) acerca das práticas sociais, as quais são representadas por outros elementos que também as constituem, como atividades, vestuário e “atributos corporais que as acompanham”. Essas representações são acrescidas pelas finalidades e as emoções que a elas se aliam, envolvendo conjuntos específicos de atores sociais. No caso das mulheres, mesmo aquelas consideradas “poderosas” não escapam a avaliações que derogam suas competências. A relação entre mulher e vida privada tem sido vista como a “espinha dorsal” desse tipo de estereótipo, pelo qual também se questiona a competência de as mulheres atuarem na vida pública (cf. BIROLI, 2010, p.45).

A hierarquização dos gêneros sociais na mídia não se restringe a produções brasileiras. Carmen Rosa Caldas-Coulthard (2009, 2010), por exemplo, estudou a representação de homens e mulheres no discurso da imprensa britânica, sendo uma de suas conclusões haver “rótulos” pelos quais se opera a categorização de relações de gênero. Essas ocorrências podem ser situadas como uma das manifestações de um “discurso global” de gênero (cf. FAIRCLOUGH, 2001, p.26), difundido pela operação integrada dos *mass media*.

Particularmente em *Veja*, as *avaliações* contribuem de modo determinante para a reiteração dessa forma de estereótipo, o que se confirma pelo alto índice de tal *categorização* presente na revista, de 26,3%. Mediante esse recurso, as mulheres são representadas, de um lado, como *divas*, *bem comportadas*, *voluptuosas*, *exuberantes*, *mães* e *bonitas* e, de outro, como *vampiras*, *odiadas*, *gordinhas*, *sozinhas* e *estranhas*, entre outros exemplos. Essa descrição dos atores sociais mediante o uso de predicados incorpora opiniões que também são controladas por ideologias (cf. VAN DIJK, 1997, p.125). Em *Veja*, a superadjetivação observada nas matérias vai ao encontro da ideologia característica à publicação, cuja falta de objetividade e a incredibilidade de suas fontes têm sido constantemente assinaladas:

As personagens de suas matérias são tratadas com pesos e medidas bem diferenciados, conforme a posição que possuem. Os muitos adversários da revista não se cansam de denunciar o “antijornalismo” que ela adota, muitas vezes apresentando evidências de contaminação do noticiário por interesses políticos, comerciais ou mesmo desavenças pessoais. (BIROLI; MIGUEL, 2012, p.26-27).

As avaliações são reiteradas pela escolha das imagens que ilustram as matérias, conforme analisado nas seções anteriores. O conceito de *semiose*, desta forma, mostrou-se útil ao exame das representações dos atores sociais, ao sinalizar para a importância de outros meios de significação para a análise do discurso. Entendendo-se que os gêneros discursivos integrem um dos principais suportes para a manifestação da *semiose* nas práticas societárias (cf. FAIRCLOUGH, 2003, p.11-12), as imagens apresentam-se como mais um elemento relevante à descrição do gênero aqui teorizado.

Há formas de representação que se reiteram nas duas publicações, havendo apenas algumas oscilações que podem ser relacionadas à linha editorial, alinhamento político ou ao modo pelo qual as revistas postulam seu público-alvo. Tais recorrências materializam-se nas linguagens verbal e visual, articulando-se para conectar discursos aparentemente *dispersos*, possibilidade indicada por Michel Foucault (1995, p.43) e Norman Fairclough (2006, p.144-145). Essas marcas não se restringem à superfície linguística, ao léxico, mas expressam-se igualmente sob alterações de estilo, tenor, organização sintática e disposição retórica dos textos. Desse modo, elas situam distintamente tipos de textos, atividades sociais, finalidades da comunicação, intenções e formas de organização dos sujeitos no discurso, o que define, no conjunto, o que seja um *gênero do discurso* (cf. PEDRO, 1997, p.33; FAIRCLOUGH, 2001, p.111, 161). Mesmo que esse não tenha sido o termo adotado no título desta tese, o que se deveu a razões meramente operacionais, ele se apresenta como o mais adequado para nomear o *paragênero*, considerando-se os indicadores pelos quais ele está sendo definido.

O *estilo* dos gêneros colonizados pelo *paragênero* tende a caracterizar-se por um *tenor* mais informal, simulando proximidade entre o produtor e os atores representados no discurso. Em textos cujo tema, supostamente, interesse sobretudo ao público feminino, seus produtores encarnam-se em uma instância subjetiva, exercendo o papel de *fiador*, pelo qual encenam intimidade também com as leitoras (cf. MAINGUENEAU, 2005). Essa informalidade pode ser relacionada a outro estereótipo de gênero social, pelo qual a oralidade é atribuída à linguagem feminina (cf. HEBERLE, 2000a, p.303). Nas revistas analisadas, essa oralidade expressa-se mediante a derivação gradativa do substantivo por processo sintético conotando desprezo ou apreço, por superlativos, vocábulos onomatopéicos, superadjetivação, trocadilhos, nomeação informal de mulheres e perguntas retóricas dirigidas às leitoras.

Alterações da configuração de um gênero estabilizado em função do público-alvo já foram constatadas por outros autores. Márcia Sipavicius Seide (2012, p.57-57), por exemplo, verificou que, no gênero *divulgação científica*, jornalistas são mais “cautelosos” ao empregar expressões metafóricas quando cientistas encontram-se entre seus possíveis leitores.

No *paragênero*, ao contrário, a *avaliação* **acentua-se**, desta vez não apenas devido a seus destinatários, mas também de acordo com os atores representados no discurso.

Essa informalidade acionada pelo *paragênero* sustenta-se, também, sobre uma organização retórica. Por ser um gênero que se localiza no alto da escala de abstração, o *paragênero* não possui estrutura própria, operando a partir de subgêneros. Nos casos, aqui analisados, ele se apoia sobre o subgênero *fofoca*, também relacionado a outro estereótipo de gênero social, pelo qual temas como “roupas, comida, casa, crianças e homens”, geralmente afeitos ao espaço doméstico, são aqueles presentes nas conversações observadas entre mulheres (cf. COULTHARD, 1991, p.53). A recorrência desse subgênero identifica-se ainda com o menor índice de *categorização* por *funcionalização* para as mulheres em relação aos homens, o que foi observado nas duas revistas. Interdiscursivamente, essa forma de representação evoca a tendência a associarem-se mulheres a “alimentação, maternidade, educação e relacionamento com outros”, localizando-as à parte da esfera pública (cf. FLAX, 1991, p.241).

O destaque à vida pessoal da “celebridade” sobre seu trabalho constitui a *finalidade* do gênero *fofoca*, tendo por *intenção* “novelizar” a vida, preferencialmente sob um ângulo sensacionalista (cf. ADAMATTI, 2008, p.35-39). A condição prévia para tanto é a de que o informante tenha acesso privilegiado à intimidade dos outros parceiros do discurso a fim de assim se posicionar em relação a eles (cf. WIESER, 2009, p.620, 43), o que é simulado mediante o emprego de recursos linguísticos característicos, alguns deles acima relacionados. Essa “interação” organiza-se de acordo com uma estrutura retórica característica aos textos assim construídos (cf. ADAMATTI, op. cit.):

- as manchetes destacam temas extraordinários, contendo alto teor afetivo;
- o *lead* apresenta uma dúvida a respeito de alguém para, após, vitimar, acusar ou absolver o alvo da dúvida;
- a relação entre conteúdo e causalidade dos fatos é incerta, o que resulta em surpresas, revelações inusitadas a respeito desse alvo;
- após o julgamento, o produtor do texto expede seu veredicto.

Mediante essas constatações quanto a sua forma e conteúdo, o *paragênero* caracteriza-se não apenas por ser **colonizador** de gêneros estabilizados, mas também por ser **parasitário** de subgêneros. Ele se movimenta à parte da hierarquização que possa haver entre um gênero principal e os subgêneros (cf. FAIRCLOUGH, 2006, p.69), emergindo em função dos atores envolvidos no texto, não de sua estrutura. Devido a essa propriedade, não se pode

afirmar que o *paragênero* possa apresentar sempre os mesmos “estágios recorrentes do discurso”, ou “padrões de padrões de registro” (cf. MARTIN; WHITE, 2005, p.32). É mais provável que ele replique a forma de organização do subgênero sobre o qual se apoie *ad hoc*, de acordo com uma de suas principais características, que é a interdiscursividade. A estrutura retórica acima descrita aplica-se, logo, ao que foi detectado mediante o exame do *corpus* selecionado para esta tese.

O conceito de *gênero desencaixado* proporciona mais uma alternativa explicativa ao *paragênero*. De acordo com Fairclough (2006, p.68), os gêneros desencaixados transcendem redes específicas de práticas sociais, sendo deslocados a outras esferas, sob forma de “tecnologia social”. Considerando-se que o *paragênero* apoia-se sobre um subgênero que foi parcialmente deslocado de *target*, mas não de prática social, o conceito não se aplica inteiramente. Ainda assim, a noção de *tecnologia social* pode ser preservada, já que o *paragênero* opera como tecnologia dessa natureza, a qual, por sua vez, contribui para a conformação do gênero social (cf. LAURETIS, 1994, p.220).

Uma das constantes pela qual se pode identificar o *paragênero* reside justamente na forma pela qual ele organiza os sujeitos no discurso, orientada, *a priori*, por representações de gênero, a partir da qual esses sujeitos são alinhados relacional ou hierarquicamente. Os objetivos do *paragênero* são *estratégicos*, uma vez que ele é acionado quando se visa obter resultados específicos via manipulação discursiva. Sua ação incide sobre gêneros identificados com a esfera pública, que podem ser os midiáticos, nos quais a autoridade concentra-se em um dos participantes do discurso, neste caso, os jornalistas (cf. FAIRCLOUGH, 2006, p.70-72).

O modo de articulação dos três aspectos do significado no interior desse gênero – a ação, a representação e a identificação – confirmam a proposição de que eles constituam formas de exercício do poder **sobre** o outro do discurso (cf. *ibid.*, p.28). Interdiscursivamente, o *paragênero* recupera representações de gênero social de uma cultura patriarcalista e coronelista, atualizada em textos dos *mass media*. Estes, por sua vez, legitimam suas “vontades de verdades” em obras ainda consideradas fundadoras do pensamento crítico brasileiro.

Estudos realizados com base em *corpora* linguísticos relacionados a outras práticas sociais indicam que o *paragênero* possa colonizar distintos gêneros discursivos produzidos na esfera pública. Débora de Carvalho Figueiredo (2006), por exemplo, ao estudar o discurso de decisões de apelação britânicas em julgamentos de estupro, observou que os mitos sobre sexualidade e relações de gênero foram incorporados “[...] à legislação e à

jurisprudência, assim como às práticas discursivas dos militantes do Direito (advogados, promotores, juízes, etc.).” (ibid., p.204). Segundo a autora, práticas sociais e ideologias relacionam-se dialeticamente com as práticas e os discursos judiciais, influenciando-os e neles se retroalimentando. Nesse caso, o *paragênero* seria um fenômeno linguístico-discursivo observado não apenas na mídia, um Aparelho Ideológico do Estado, mas também no interior do próprio Aparelho de Estado, o Judiciário, pelo qual o poder estatal é exercido mediante a repressão (cf. ALTHUSSER, 1985, p.45-49). Pode-se, ainda, indagar sobre a possibilidade de que o *paragênero* colonize textos em que se apresente qualquer outra forma de preconceito, como, por exemplo, de raça, nacionalidade ou mesmo de relações entre países ricos e pobres.

Quanto ao ensino nas escolas, talvez seja ainda cedo para se propor que a ele se aplique a elaboração teórica desenvolvida nesta tese. Estudos futuros poderão analisar o *paragênero* em outros contextos, ampliando sua descrição, sob diversos aspectos, conforme acima indicado. O que se mostra operacional para o trabalho em sala de aula são as análises de textos sob a perspectiva dos estudos de gênero social e da linguagem entendida como *semiose*. Essa forma de letramento vai ao encontro do que propõem os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998, 2000) acerca da articulação entre ensino de linguagens, gêneros discursivos e práticas sociais.